

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

**A estética da ruralidade
nas paisagens urbanas
e sua presença no Rio de Janeiro**

Orientador: Prof. Doutor Jorge Luís Barbosa

Autor: Jorge Baptista de Azevedo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Niterói, 14 de novembro de 2007.



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

A994 Azevedo, Jorge Baptista de
A estética da ruralidade nas paisagens urbanas e sua presença
no Rio de Janeiro / Jorge Baptista de Azevedo. -- Niterói : [s.n.],
2007.
245 f.
Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal
Fluminense, 2005.

1.Paisagem. 2.Paisagem Urbana. 3.Estética. 4.Ruralidade
5.Rio de Janeiro (RJ) – Região Metropolitana. 6.Rio de Janeiro -
Município. I.Título

CDD 918.153

**A RURALIDADE NAS PAISAGENS URBANAS
E SUA PRESENÇA NO RIO DE JANEIRO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Aprovada em dezembro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Luís Barbosa - Orientador
Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Ester Limonad
Universidade Federal Fluminense

Prof Dr Jacob Binsztok
Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Vera Regina Tângari
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profª Drª Catia Antonia da Silva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Niterói
2007

As raízes deste trabalho parecem entrecruzar três referências de vida que se confundem com minhas origens. Dedico o mesmo a três mulheres que estiveram muito próximas dos meus tempos de infância. As minhas avós:

Otília Lopes a avó materna, filha de índia caçada a laço, na fronteira gaúcha. Perdeu a mãe aos três anos, o pai aos seis e os irmãos guerrilheiros por emboscada. Xingava em tupi só quando realmente muito chateada. Cozinheira, rezadeira, conhecedora de chás e ervas, pobre e honrada, generosa e dedicada, sempre criou sozinha suas duas filhas. Dona de esplêndidas plantas em sua varandinha, plantadeira de árvores e flores. Seu quintal cheio de pequenas ruralidades: cabras, patos, marrecos e galinhas.

Alda, a avó paterna, vivia com dificuldades, mas sempre teve de tudo. Descendente de conselheiro do Imperador e fundador da Santa Casa de Misericórdia. Branca, culta, tocava violino e era professora. Viúva, moça, cedo foi obrigada a largar o ensino e a música para criar meu pai- seu único filho. Seu violino e sua saudade soavam nas noites da Baixada. Também plantou muito, inclusive para comer. Amava profundamente os animais – especialmente os cães como Tupi, Branquinha, Rex, Noike, Caci e Piná.

Maria Esteves, a avó negra e de coração, ama da avó Alda desde criança. Saiu de minha moralista família paterna para viver sua sexualidade e liberdade. Trabalhou na casa da cantora Dalva de Oliveira e teve um menino, o conhecido Wilson e uma menina, que diziam linda, filha de seu grande amor por um branco de olhos azuis. Quando a menina foi roubada, para nunca mais voltar, Maria reapareceu na casa de meus avôs paternos. O bisavô Lulu percorreu o Rio de Janeiro a cavalo por dias. Ninguém a viu mais, ninguém nunca a achou... Maria enlouqueceu antes de eu nascer e eu só a conheci com cinco anos quando fomos tirá-la do hospício de Japeri. Macumbeira, recebia a cabocla Jurema, sabia mandingas. Fugíamos para pegar doce. Maria sonhava com o bicho que ia dar e dava mesmo, mas pedia um frango assado como recompensa.

Agradecimentos:

Ao professor Jorge Luís Barbosa pela atenção, seu modo particular e profundo de envolver-se com o trabalho, pela delicadeza e eficiência da orientação e respeito para com a minha liberdade de expressão.

Ao meu amigo e irmão Valentim Tavares pelas fotos de Portugal e de São Gonçalo, pelo envolvimento e por todo o carinho e história que nos une.

À amiga e irmã emprestada Maria da Penha, pelos telefonemas, desabafos, e esperanças compartilhadas.

À Tia Dine e aos primos Enilson, Dilson, Dilma e tantos parentes e amigos queridos que tiveram a paciência de esperar para me demonstrar e trocar afetos e solidariedades.

Ao carinho e dedicação da revisora Dalva da Silva Gomes

Ao estudante de arquitetura e urbanismo Sigfriedo Scharws, por todo apoio técnico e amizade.

À Renata, por sua compreensão, aceitação e vôo para a luz.

Aos amigos Rita, Eduardo, Jorge Henrique que com suas risadas, fotos, falas, ajudas e carinhos foram indispensáveis para mim.

À Cristina Mello, amiga e madrinha de muitas idéias.

À minha irmã Tônia e ao meu sobrinho Eduardo pela presença e espera.

Ao amigo companheiro José Antônio Barbosa, nordestino de raízes rurais, que dedicou todo o seu tempo possível para o apoio.

Aos meus pais, Aldir e Delva, pela vida.

Aos meus guias espirituais, muito agradecido...

1.2 – RESUMO:

Esta pesquisa é uma investigação que, orientada por conceitos aprofundados pela Geografia, objetiva comprovar a presença estética da ruralidade nas paisagens urbanas, em especial do Rio de Janeiro. Para tanto são apresentados registros fotográficos e entrevistas obtidos em fragmentos espaciais urbanos do município e região metropolitana, com ênfase para os seus quintais. Na análise dessas paisagens são apresentadas questões relacionadas aos aspectos socioculturais e sua importância enquanto produção de espaços vividos, lugares característicos de um longo processo denominado por alguns autores de o ensaio civilizatório brasileiro. Observa-se seu comprometimento face ao fascínio e às determinações de uma urbanização de referências externas que se impõem de modo hegemônico, através de um modelo de racionalidade que dificilmente se coaduna com as interculturalidades resultantes das maiores e mais complexas imersões nas diversidades experimentadas por um povo. O estudo também verifica a falta de publicações, sensibilidades e intervenções mais adequadas às paisagens que se mesclam com aspectos da ruralidade. Apesar de verificada no Rio de Janeiro, a incidência de apropriações estéticas da ruralidade ocorre em diversas paisagens brasileiras, inclusive naquelas que atravessam processos acelerados e, por muitas vezes, precários de urbanização. O Brasil ainda preserva toda uma memória da ruralidade em soluções que precisam ser mais bem observadas nas suas realidades urbanas cheias de desigualdades, diferenças, conflitos e riquezas. Universos propícios e auspiciosos para conciliar o urbano, o rural e as velhas formas de gosto, criação e vida nos lugares em novos e surpreendentes desenhos, unindo de tal modo projeto e destino, vantagens do concebido e do vivido.

Abstract

This research is an investigation that, oriented by concepts which were deepened by Geography, aims to prove the aesthetic presence of rurality on urban landscapes, especially in Rio de Janeiro. In order to do so, photographic registers and interviews, obtained in urban spatial fragments in the municipal district and metropolitan region with emphasis to their yards, are presented. In the analysis of these landscapes, questions related to socio-cultural aspects and their importance while production of lived spaces, places that are characteristics of a long process called by some authors as the Brazilian civilized assay, are presented. We observe their compromise face the fascination and the impositions of an urbanization of external references that impose themselves in a hegemonic way, through a model of rationality which scarcely combine itself with the interculturality which result from the major and more complex immersion in the diversity experienced by a people. The study also verifies the lack of publications, sensibilities and interventions more adequate to the landscapes that mix themselves with some aspects of rurality. Though verified in Rio de Janeiro, the incidence of aesthetic appropriation of rurality occurs in various Brazilian landscapes, including in those which goes through accelerated processes of urbanization which, in some cases, are precarious. Brazil still preserves a memory of rurality in solutions that need to be better observed in their urban realities full of inequalities, differences, conflicts and wealth. Promising and auspicious universes to conciliate the rural, the urban and the old forms of pleasure, creation and life in the places in new and surprising designs, join, in such a way, project and destiny, advantages of the conceived and of the lived.

MAPAS

Mapa1- Região metropolitana do município do Rio de Janeiro.	24
---	----

DESENHOS

Des.Int.- Por um mundo desenhado por nós.	15
Des.2.1- Janelas ávidas de mundo se precipitavam junto às ruas (desenho do autor)	98
Des. 2.2- A casa que vê a rua e preserva suas intimidades (desenho do autor)	99
Des.2.3 - Casa de porão alto com afastamento lateral	100
Des. 2.4 - O luxo dos que podem trazer suas fazendas para os centros urbanos (desenho do autor)	101
Des. 2.5 - A casa moderna (desenho do autor).	102
Des. 3.7- Diversidade Cultural (ilustração do autor).	133
Des. 4.1 - Prestação de serviços – o borracheiro (desenho do autor).	209
Des.4.2 - Pequeno comércio – a birosca (desenho do autor).	210

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 1

Fig 1.1 – Representação da paisagem de um jardim em perspectiva (in BIERMANN et all. Teoria da Arquitectura . Itália: Taschen,2003:568)	39
Fig 1. 2 - O parque de Yosemite é uma das exemplificações de Schama para a força telúrica da paisagem (foto do arquivo Windows Vista 2007)	45
Fig.1.3. Bosch: jardim das delícias.Uma viagem pré-surrealista pelos jardins como espaço de fantasias e do onírico.	52
Fig. 1. 4. Neocaipiras em São Paulo: roupas, adereços e arquitetura. do velho oeste americano (Joel Silva/Folha Imagem).	67
Fig. 1.5, 1.6, 1.7, 1.8. Imagens da “urbanização” de Alcântara, São Gonçalo. Rio de Janeiro (fotos de Valentim Tavares).	69

Capítulo 2

Fig. 2.1. Foto obtida no bairro da Lapa, junto ao grande centro administrativo do Rio de Janeiro (foto do autor). _____	74
Fig. 2.2. foto de plantação de café do estado do Rio de Janeiro, retirado do CD ROM “a Mata Atlântica”. _____	92
Fig.2.3. Pintura de habitação de escravos, extraída do CD ROM “a Mata Atlântica”. _____	95
Fig. 2.4. Ainda hoje as rocinhas persistem no alto da Rocinha entre o pomar e o paredão de pedra(autor Jorge Henrique)._____	109
Fig. 2.5. Foto da lagoa Rodrigo de Freitas (foto de Jorge Henrique)._____	110
Fig. 2.6. Paisagem vista de uma laje na Rocinha. (foto de Jorge Henrique)._____	111

Capítulo 3

Fig. 3.1 - Mosaico de fotos. _____	115
Fig. 3.2- Foto de galinheiro improvisado em Maria Paula, São Gonçalo RJ e receita de Galinha ao molho Pardo (foto do autor)._____	124
Fig. 3.3 - Foto da exposição Imigrantes italianos: brinquedo - São Paulo 2007 _____	125
Fig. 3.4 - Foto da exposição Imigrantes italianos: rurais implantando a cidade. – São Paulo 2007. _____	125
Fig. 3.5 - Foto recente (Jorge Henrique, 2003) ilustrativa da proximidade entre urbano e a mata, entremeada de frutíferas típicas de pomares, obtida em topo da favela da Rocinha – Rio de Janeiro. _____	128
Fig. 3.6 - Foto obtida em frente a estação rodoviária municipal no centro de Petrópolis – RJ, onde a mata parece ladear a rua. (foto do autor). _____	128
Fig. 3.8 e 3.9- “Breve aqui um lugar que a natureza fez para você”, o cartaz vende paisagem de mata em rua urbanizada e de trânsito caótico – Rua Dr. Paulo César, Santa Rosa – Niterói-RJ. _____	134
Fig. 3.10 - Antiga sede de fazenda em Piraí- RJ (imagem digitalizada de encarte publicitário). _____	136
Fig. 3.11 - Racionalização do jardim no ambiente urbano. Iluminura extraída de <i>Le livre des proufitz champestres</i> , de <i>Pierre de Crescens</i> , século XV (<i>manuscrito 5064</i>). Paris, Biblioteca do Arsenal (in Le Goff, 1997:30). _____	137
Fig. 3.12 - Hortas operárias em Suresnes na periferia parisiense, fotografia de 1943 (in Le Goff, 1997:31)._____	137

Fig. 3.13 – As visões do <i>cottage</i> do <i>hameau</i> de Maria Antonieta apresentam a estética da ruralidade dentro do jardim, autoria e construção de Hubert Robert entre 1783 e 1785 (fotos in O Mundo dos Jardins de Schinz, 1988:34).	138
Fig. 3.14 – Vista do <i>cottage</i> (foto in O Mundo dos Jardins de Schinz 1988:35).	139
Fig. 3.15 - Vista de detalhe da horta utilizada como forração de canteiro e portão com caramanchão ao fundo (foto in O Mundo dos Jardins de Schinz 1988:35).	139
Fig. 3.16 - A metáfora dos três imãs.	141
Fig. 3. 17 - Diagrama da cidade-jardim.	142
Fig. 3.18 – Detalhe parcial do diagrama da cidade-jardim.	143
Fig. 3.19 – imagem de cidade jardim e sua relação com o campo.	143
Fig. 3.20 -Horta urbana na divisa de Queluz –Portugal.Agosto de 2007. (foto de Valentim Tavares).	147
Fig. 3.21 – Os conjuntos habitacionais nas franjas urbanas e o plantio para consumo (foto de Valentim Tavares).	148
Fig. 3.22 – Os novos e enfadonhos conjuntos habitacionais e a ruralidade tolerada dos mais necessitados (foto de Valentim Tavares).	148
Fig. 3.23 – Holanda: Rurais ou Jardins? (folder turístico)	149
Fig. 3.24 - O jardim-campo ou o campo jardim.	149
Fig. 3.25 - Português colhendo couve em sua horta urbana.	150
Fig. 3.26 - Rebanho clandestino desfilando sob viaduto da grande São Paulo, foto obtida diretamente de imagem de televisão, noticiário do jornal Nacional, Rede Globo, 19/10/2004.	153
Fig. 3.27 - transporte de cargas pesadas em carroça em São João de Meriti e curral na beira da linha do trem em Edson Passos Nova Iguaçu – RJ (foto do autor).	154
Fig. 3.28 - 29 - Cabras nos trilhos e nas Ruas de Éden. São João Meriti – RJ.	157
Fig. 3.30- Cavalo pastando em frente à praia de São Francisco – Niterói, RJ (foto do autor).	158
Fig. 3.31 e 32 - Porco na estrada Fróes - Niterói, RJ (foto do autor).	158
Fig. 3.33 - Porcos e galinhas nas ruas de Alcântara, São Gonçalo, RJ (fotos de Valentin Tavares).	158

Fig. 3. 34 e 35- Porcos e vacas nas ruas de Alcântara, São Gonçalo, RJ (fotos de Valentin Tavares).	159
Fig. 3.36, 37 e 38 - Srs. Paulo, Jorge Henrique e José Antônio – rurais no urbano (foto do autor).	159
Fig. 3.39 - Barranco com plantas tidas como mágicas e protetoras em Charitas, Niterói, RJ (foto do autor).	160
Fig. 3.40 - Condomínio de apartamentos e horta urbana no bairro da Penha RJ (foto do autor).	160
Fig. 3.41 - Fotografia de um canto de fundo de quintal em Nilópolis: a melhor leitura da aparente desordem paisagística revela um acervo de vegetais produtivos incluindo desde hortaliças, frutíferas e ervas medicinais. Rua Roberto Silveira 1402, Nilópolis RJ (foto do autor).	161
Fig. 3.42 - Fundo de quintal na periferia pobre – Município de Duque de Caxias – RJ (foto do autor).	161
Fig. 3.43 - Galinheiro feito com reciclagem de madeira de caixotes bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).	162
Fig. 3.44 - Plantio feito, com permissão oficial, sobre as redes de eletrificação bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).	162
Fig. 3.45 - A roça e a cidade bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).	163
Fig. 3.46 - Plantio em terreno baldio, foto obtida em Niterói – Bairro de Fátima (foto do autor).	163
Fig. 3.47 - Gaiola feita com reciclagem de materiais – bairro da Penha – Rio de Janeiro.	164
Fig. 3.48 - A varanda é onde toda a vida social acontece – bairro da Penha – Rio de Janeiro RJ (foto do autor).	165
Fig. 3.49 - O jardim rural de rua. Pendotiba – Niterói (foto do autor).	165
Fig. 3.50 - O jardim na calçada de rua: pés de cana de açúcar, boldo, erva-cidreira e alfavaca se misturam com flores em uma composição surpreendente. Pendotiba - Niterói (foto do autor).	166
Fig. 3.51 - Plantação de mandioca em área de agricultura urbana. Pendotiba-Niterói RJ.	166
Fig. 3.52 - Hortaliças em plantio comercial em Maria Paula, Niterói, RJ. (foto do autor).	167
Fig. 3.53 e 54 - Horta em jardineira de edifício residencial multifamiliar na rua Pereira da Silva – Icaraí - RJ (fotos de Maria Luísa).	168

Fig. 3.55 - Pintura de festa junina em estilo naif de autor desconhecido (imagem digitalizada). _____	169
Fig. 3.56 - Fogueira em festa de São João familiar em Nova Iguaçu – RJ (foto do autor). _____	169
Fig. 3. 56, 57,58 e 59 - Imagens do clube de Forró de Maria Paula na Rua Dalva Raposo– bairro do Município de São Gonçalo- RJ (fotos do autor). _____	170

Capítulo 4

Fig.4.1 e 4.2 – Prédios entre o mar e a montanha na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (fotos do autor)._____	177
Fig. 4.3, 4.4, 4.5 e 4.6 – Aproximações da paisagem sobre o Leme, obtidas do hotel Le Meridien, Av. Princesa Isabel– Rio de Janeiro (fotos do autor)._____	177
Fig.4.7- A mata, a faixa de forte presença da estética da ruralidade, incluindo pastos e a cidade na área plana, vertente do Gericinó obtida a partir da via Light em Nova Iguaçu - RJ (foto do autor)._____	178
Fig. 4.8 - Diagrama de Augusto dos Reis Alves para o conceito de lugar de Tuan (Reis-Alves, Arqtextos, 2007)._____	179
Fig. 4.9 - Fundo de quintal no bairro da Lapa – Centro do Rio de Janeiro (foto do autor)._____	183
Fig 4.10 - Fundo de quintal com cerca em madeira rústica – Xerém, RJ (foto do autor)._____	184
Fig.4.11 - Vicente com a filha mais nova ao colo vive de sua horta sob os fios da eletrificação na Penha e afirma as vantagens da ruralidade no meio urbano (foto do autor)._____	185
Fig.4.12 - Parreiras e bananeiras no jardim, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ (foto do autor)._____	187
Fig. 4.13 - Jardim de bananeiras e garagem, Pendotiba, Niterói, RJ (foto do autor). _____	187
Fig. 4.14 - Jardim de residência (padrão classe média) com frutíferas – Pendotiba, Niterói, RJ (foto do autor). _____	187
Fig. 4.15 - Hora do encontro, Bairro da Penha, Rio de Janeiro, RJ (foto do autor). _____	192
Fig. 4.16 - Embalagem do produto Sabores da Terra de inhame (imagem digitalizada obtida a partir da embalagem original)._____	197

Fig.4.17 - Churrasco familiar no quintal em Santa Cruz – RJ (foto do autor).	203
Fig. 4.18 - Quintal jardim rural de areia branca em Maria Paula, Niterói, RJ (foto do autor).	205
Fig. 4.19 - Frutos que chegam de outras regiões e são memórias da terra, Nilópolis, RJ (foto do autor).	207
Fig.4.20 - Estacionamento pago construído no quintal da Srª. Ruth em Nilópolis – RJ (foto do autor).	215
Fig.4.21 - Estacionamento pago no quintal da Srª. Ruth em Nilópolis – RJ (foto do autor).	215
Fig. 4.22 -Paisagem vista em uma janela do bairro de Charitas – Niterói. (foto do autor).	216
Fig. 4.23 - Foto obtida no bairro de Éden, continuidade da rua Antônio José Bittencourt que se esbarra na Av. presidente Dutra – Rio – São Paulo. São João de Meriti, RJ (foto do autor).	219

ÍNDICE

Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Mapas	
Listagem de desenhos	
Listagem de figuras	
Sumário	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
------------	----

CAPÍTULO I - PAISAGEM, PAISAGISMO E PAISAGISTAS

1. PAISAGEM, PAISAGISMO E PAISAGISTAS	34
1.1. DO CONCEITO DE PAISAGEM	35
1.2. DA HISTÓRIA DO CONCEITO DE PAISAGEM	37
1.3. O PAISAGISMO	46
1.3.1. A civilização como ordenação e contrário da natureza	47
1.3.2 A sedução e o aprisionamento dos Jardins	49
1.3.3. Espaços paisagísticos, arte e mudanças.	52

1.4. PAISAGISMO: O QUE SE FAZ OU O QUE SE PODE AINDA FAZER _____	54
1.4.1. O ensino do paisagismo _____	57
1.4.2. Projeto: como e quando defender _____	59
1.4.3. Das paisagens urbanas _____	62
1.4.4. O desenho que se transforma em representação da representação _____	64
1.5. POR NOVAS SENSIBILIDADES E SENSações _____	67

CAPÍTULO 2. DO URBANO, DO RURAL E SUAS RELAÇÕES.

2. DO URBANO, DO RURAL E SUAS RELAÇÕES _____	74
2.1. URBANO - Para pensar a cidade _____	75
2.2. O RURAL _____	82
2.3. PAISAGENS RURAIS NO TEMPO _____	85
2.3.1. A implantação do rural na colônia selvagem _____	85
2.3.2. O rural tradicional está fadado ao fim? _____	89
2.4. DA HISTÓRIA DOS RURAIS DO RIO DE JANEIRO _____	92
2.4.1. No caso da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro _____	93
2.4.2. O QUINTAL e suas relações com a casa e o jardim. _____	97
2.5. PAISAGENS DE UM RIO DE JANEIRO IGUAL A PARIS: ESTÉTICA OU ORDEM PÚBLICA? _____	103
2.5.1. Favelas e o rural _____	107

CAPÍTULO 3. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E SUA PRESENÇA NA PAISAGEM URBANA

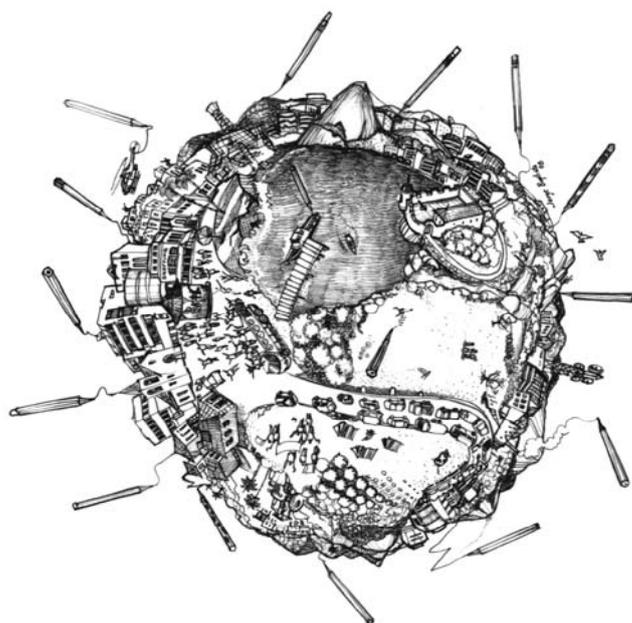
3. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E SUA PRESENÇA NA PAISAGEM URBANA _____	113
3.1 A ESTÉTICA DA RURALIDADE ESUA PRESENÇA NA PAISAGEM URBANA _____	114
3.2. ESTÉTICA _____	116
3.3. REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENTENDIMENTO SOBRE A ESTÉTICA DA RURALIDADE _____	119
3.3.1. Novos cursos da ruralidade _____	125

3.4. DA ESTÉTICA DA RURALIDADE _____	126
3.4.1. A mata e o rural: representações de proximidades e subjetividades que nos habitam _____	129
3.4.2. Paisagens e Representações da mata _____	130
3.5. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E O URBANO _____	134
3.5.1. Experiências estéticas com a ruralidade: _____	137
3.5.2. A cidade-jardim _____	140
3.5.2. A proposta do desurbanismo _____	144
3.6. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM OUTRAS CIDADES DO VELHO MUNDO – Alguns apontamentos. _____	146
3.7. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM OUTRAS CIDADES BRASILEIRAS _____	151
3.8. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM PAISAGENS DE DOR E MISÉRIA _____	153
3.9. APRESENTAÇÕES: APROPRIAÇÕES E PRESENÇAS – UMA PROPOSTA PARA ANÁLISE DE USOS _____	154

4. QUANDO A PAISAGEM REVELA A VIDA

4. QUANDO A PAISAGEM REVELA A VIDA _____	174
4.1. O CORPO QUE ADENTRA A PAISAGEM PARA SENTIR O LUGAR _____	176
4.1.1. O lugar como conceito e tempo-espaço da cultura _____	179
4.2. DA ANÁLISE ESPACIAL _____	185
4.2.1. Microcosmos – infinitos particulares e refúgios espaciais _____	188
4.2.2. Ordens e desordens em múltiplos convívios _____	190
4.2.3. Quando o nome do lugar é roça _____	191
4.3. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E SEUS TEMPOS LENTOS _____	193
4.3.1. O amor a terra, ao bicho, ao verde, ao outro... _____	194
4.3.2. Da pureza e da paz do campo... _____	198
4.3.3. Das estranhas relações entre trabalho e lazer estabelecidas nestes espaços _____	199

4.3.4. Cozinhando no calor das festas _____	201
4.3.5. Um aspecto cultural: quintal e jardim rural como espaços “da natureza”. _____	205
4.4. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E AS AMEAÇAS À SUA PERMANÊNCIA _____	208
4.4.1. Aspectos temporais _____	210
4.4.2. A produção subjetiva da indiferença e da inferioridade _____	213
4.5. IMPLICAÇÕES DA PERDA DA ESTÉTICA DA RURALIDADE NAS PAISAGENS URBANAS E NOVAS PAISAGENS QUE OCUPA O SEU LUGAR? _____	215
CONCLUSÕES _____	219
ANEXOS _____	224
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	235



Des. Int.1 – Por um mundo desenhado por nós (desenho do autor).

APRESENTAÇÃO & PROBLEMATIZAÇÃO

ANÁLISE DE IMPLICAÇÕES

Para o amadurecimento das questões que serão apresentadas, alguns momentos da experiência profissional e humana possuem particular importância para a gênese das inquietações que norteiam a pesquisa. Esses depoimentos podem ser considerados como uma análise das implicações. Para Coimbra (2002), o conceito de implicação em análise institucional surge da contratransferência que, opondo-se à posição neutro-positivista, vai nos falar do intelectual implicado, definido como aquele que analisa as implicações de suas pertencas e referências institucionais, analisando também o lugar que ocupa na divisão social do trabalho, da qual é legitimador. Portanto, tal conceito leva a uma análise do lugar que se ocupa nas relações sociais em geral e não apenas no âmbito da intervenção que se está realizando.

Sendo assim, são apresentados, a seguir, alguns exemplos que, dentre outros, tiveram tal importância:

O primeiro exemplo data de 1990, quando tive a oportunidade de trabalhar para o Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM como arquiteto e urbanista junto à equipe responsável para desenvolvimento do Plano Diretor para o município de Sertãozinho, no interior de São Paulo. Lá e em outros municípios de uma região então conhecida como a Califórnia brasileira, observava-se o início da verticalização de edifícios residenciais de padrão classe média. É verdade que muitas outras cidades brasileiras já adotavam a verticalização, por decorrência do adensamento e da valorização do solo urbano. Em Sertãozinho, a única justificativa possível era a busca de símbolos da modernidade. A classe média local estava acostumada a viver em bairros horizontais, de grandes lotes com ótimas moradias, jardins, piscinas e, até, pomares próprios. Tudo isso sem nenhum aspecto de violência ou falta de segurança. É notória, também, a grande existência de inúmeros

lotes vazios, relativamente baratos, em todas as zonas da cidade. Ainda assim, os apartamentos eram ocupados apesar de seu alto custo unitário. As pessoas que moravam diziam apenas que foram residir ali porque achavam moderno, muitos ainda sentiam falta das casas com seus quintais, jardins e criações de animais. Tratava-se de uma parcela da população que foi levada a acreditar e desejar o novo a todo o custo.

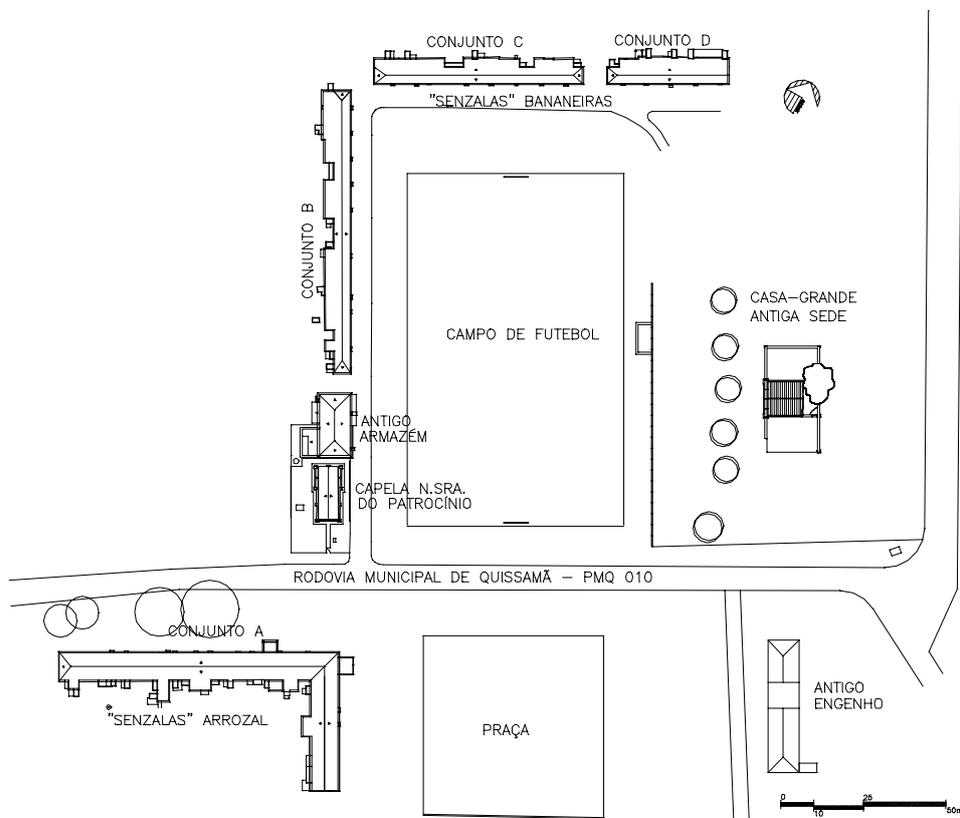


Figura Int.1 _ Verticalização na paisagem horizontal. Sertãozinho, 1990. (fotos do autor)

Também foi muito importante o segundo evento ocorrido na abertura do encontro da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura – ABEA, realizado na UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, em novembro de 2002. Em tal ocasião, apresentou-se um grupo de integrantes do movimento dos sem terra - MST que solicitavam ajuda para um problema que estavam enfrentando. O grupo, após uma longa batalha, conseguiu terra para assentamento e financiamento mínimo para a implantação de um núcleo urbano. Felizes e eufóricos com o obtido, chegaram a realizar desenhos simples, porém bastante explícitos, de toda uma proposta do lugar no qual desejavam viver. Desenvolveram, inclusive, uma interessante e rústica maquete com igreja, clube, sede da administração local, armazém e casario. A arquitetura desejada era esteticamente trabalhada com telhados de águas duplas, fachadas de frontões singelamente recortados. A implantação do conjunto criaria uma praça com ruas de terra, calçadas gramadas e

bastante arborização. A paisagem daí resultante possuía uma estética de simplicidade, rusticidade e singeleza nas cores e volumes obtidos; um urbano cheio de uma graciosidade própria da ruralidade e que possuiria todo um vínculo de estetização criado por sua própria gente. Porém, os técnicos das empreiteiras modificaram a proposta recebida, desprezando os esforços iniciais dos seus criadores e principais interessados e começaram a construir caixotes de alvenaria e laje, tão comuns na produção da paisagem urbana voltada para os pobres. Alegavam economia, falta de tecnologia construtiva e de mão-de-obra até que, após novas brigas, o processo de execução foi suspenso. O grupo compareceu ao encontro da ABEA para denunciar o que vinha acontecendo e solicitar apoio aos arquitetos urbanistas e paisagistas presentes.

E, por terceiro e mais recentemente, a experiência no município de Quissamã, no Estado do Rio de Janeiro, onde pude participar de um trabalho em equipe, coordenado pela professora e arquiteta Maria Cristina Fernandes de Mello, desenvolvendo um desenho de paisagismo capaz de associar uma estetização rural, com o conceito de sustentabilidade integrado a uma proposta de arquitetura ecológica. Tudo isso em zona de especial interesse para a preservação de patrimônio cultural na antiga sede da Fazenda Machadinha. Para ter uma simples idéia da riqueza das particularidades históricas e culturais do lugar, as paisagens do conjunto histórico Fazenda Machadinha impressionam não só pelo complexo construído, casa grande, igrejinha e senzala(s), mas principalmente pela vida que preserva. O fluxo histórico, diferente do que se percebe nas preservações de edificações abandonadas, flui em continuidade atualizada através da presença dos descendentes de escravos que preservam danças e musicalidades próprias.



Planta-baixa



FiguraInt. 2 - Vista geral do conjunto em 1922



Figura 3 - Visão geral do projeto (perspectiva: Jorge Baptista de Azevedo).

As senzalas, ainda inteiras, com adaptações esparsas, continuam sendo o lugar da vida seja a dos herdeiros dos escravos ou a de outros moradores que chegaram. Ali produzem um som chamado fado que, diferente do fado português, é uma música alegre, dançada com chapéus e mulheres de saia. O casarão senhorial, do tempo do Império, arruinado pelos anos de abandono e habitado apenas por marimbondos, cria na paisagem um contraste simbólico fantástico. As propostas de preservação e recuperação do conjunto das senzalas e seu paisagismo deveriam ser concomitantes com a preservação das ruínas do casarão, trazendo o fado para dentro de seus antigos salões, tornando esta relação simbólica ainda mais forte e única. Na mesma ocasião verifiquei a existência de outro trabalho de intervenção paisagística no mesmo local. Entretanto, dentro da área existe uma praça completamente cimentada e fortemente murada e gradeada em um local em que tudo é aberto e sem grades. O projeto construído apresenta todas as características de uma praça urbana moderna, com um desenho pesado e de grande contraste com as sutilezas estéticas da paisagem local. A evidente aceitação da proposta pela população local como algo novo e moderno é surpreendente na medida em que ninguém lamentava o que está sendo perdido.

Outras vivências, de caráter pessoal, sociais e familiares foram somadas ao longo deste processo de amadurecimento pessoal e profissional.

Nascido e criado em subúrbios da região metropolitana do Rio de Janeiro, sempre pude constatar a presença de dimensões ruralizantes e sua importância, não apenas como meio de subsistência, mas, principalmente, como suporte para vivências sociais. Apesar das hortas urbanas e das criações de animais voltadas para a produção comercial, resíduos de um rural propriamente dito, existiam os largos quintais e lotes abandonados. Neles, brincadeiras, festas, mutirões de trabalho, atividades de plantio e divisões de colheitas, entre tantas outras coisas que eram feitas nos quintais ou áreas livres das cidades justificavam os encontros. Ali éramos bons de briga, de cambalhota, de jogar gude, de bola e de beijo... No caso de Nilópolis, onde residi por mais de vinte anos, pude acompanhar o crescimento dos prédios e o desaparecimento de várias áreas livres e quintais, bem como o quanto se lamenta por isso. Mais do que isso, quem é atento percebe nas pessoas que vão morar nos apartamentos e casas tipo cortiços amontoados, apertados e sem quintais - muito medo, um esmaecimento e uma amargura que aqui não tenho como comprovar. Pessoas que foram induzidas a trocar o ser pelo ter e como nada têm, parecem até considerar que quase nada são....



Figura 4 - Rio das Ostras – RJ, Vivências familiares. Na casa de praia a roça improvisada (foto do autor).

Gênese do tema e hipótese de trabalho

As críticas e preocupações com as paisagens frias e desumanas das metrópoles e megalópoles contemporâneas despertam, em diversos pensadores, a procura por brechas e rupturas que apontem novas saídas para processos que se impõem como irreversíveis.

Na busca de paisagens urbanas que valorizem e estimulem o encanto pela vida, foi necessário observar os diversos modos de apropriações dos espaços, e gradativamente perceber determinadas correspondências entre estes e as pessoas. Quanto maior o nível de envolvimento e participação na produção e vivência dos lugares, mais se evidenciavam fatores como sentidos de pertencimento e sociabilidades marcados pela solidariedade. Locais onde a memória é participante na produção de sua tessitura física, seus arranjos e composições que transformam o mero espaço em lugar (Tuan, 1980).

É neste sentido que, a partir de experiências profissionais e vivências pessoais e interpessoais observa-se o que se define como a presença estética da ruralidade nas paisagens urbanas. A hipótese de sua existência é acrescida da sua importância social e, portanto, cultural e histórica.

É quase impossível apresentar uma definição de estética da ruralidade que a esgote, afinal este é o tema que norteia todo o texto, mas ao mesmo tempo, torna-se necessário apresentar uma conceituação inicial, facilitadora da leitura desta pesquisa.

É possível definir estética como a dimensão sensível do conhecimento, uma ciência da representação da sensibilidade determinada pela percepção e pela cultura. Para tanto, deve ser considerado o fato de que, desde que ampliada para além da contemplação da obra de arte, a estética funda-se como disciplina autônoma e o domínio da sensibilidade torna-se objeto de reflexão (Jimenez, 1999).

Sendo assim, a estética da ruralidade pode ser definida como a dimensão sensível que envolve o conhecimento dos universos rurais e seus elementos caracterizadores. Seu estudo investiga as formas, manifestações e símbolos do

universo rural, enfim, tudo o que envolve sua dimensão sensível observada através da percepção.

A estética da ruralidade não existe apenas em símbolos ou elementos isolados, ela é referência para obras artísticas (músicas, danças, artes plásticas etc), objetos do cotidiano e até imagens manipuladas pela mídia. Mais do que isso, em manifestações complexas de elementos, ela pode caracterizar ou remeter a paisagens e lugares, sistemas de vidas individuais e sociais, conjuntos que a caracterizam através de lógicas e evidências peculiares. Tais espaços, quando associados à estética da ruralidade, podem definir meios rurais, mas, também podem ser encontrados como dimensões surgidas e preservadas no urbano.

A estética da ruralidade que se encontra no urbano, em espaços não concebidos, guarda o segredo das coisas sem nome. Acaba existindo sem ser estudada e durante bastante tempo sua presença comum e abundante parecia eterna, própria mesmo do urbano, como aqui se ousa afirmar. Agora, na medida em que se torna mais rara, precisa ser vista e se, pertinente for, considerada, valorizada e potencializada. Nos locais mais insuspeitos, guardadas no fundo dos quintais e fragmentos residuais urbanos, as marcas da ruralidade se evidenciam como um caudal de possibilidades de compreensão da cultura do vivido e surgem como uma fascinante vertente do estudo no qual se mergulha a seguir.

A ESCOLHA DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro, em sua dimensão regional metropolitanaⁱ é escolhido como principal campo de investigação empírica. Tal escolha justifica-se pela observação de diversos exemplos da estética da ruralidade, fato que justificou a própria existência desta pesquisa. Tal presença resulta das complexas peculiaridades de sua formação, desde o sítio geográfico até as interculturalidades de sua formação histórica e social. Uma cidade que consegue, ainda hoje, simbolizar uma urbanidade que atrai e pertence a muitos brasileiros. Cidade cosmopolita que emana tendências e é forte referência urbana e cultural para o Brasil. Seu poder de atratividade não se limitou apenas às oportunidades de trabalho, mas a todo um simbolismo de bem

viver com que a cidade acena com seu ideário de prazer. Sua paisagem é um verdadeiro choque estético de combinações entre mar, praias, montanhas, matas, edificações e construções e, nesse sentido, única no mundo. Em suas ruas, por exemplo, corpos desnudos e suados desfilam ao lado de executivos engravatados, misturando procedências e culturas.

Por outro lado, também se trata de uma cidade cujas elites intelectuais dirigentes sempre seguiram soluções e discursos de ordens importados. Contrataram até gente de fora, que nunca tinha pisado aqui, mas que dominavam imposições e organizações espaciais características de novos tempos, que chegam impregnadas de ideologias que se projetam através do planejamento urbano (Rezende, 1982). O que é inovador e civilizado para alguns pode ser o tormento de outros tantos. Para o bem ou para o mal eles também fizeram a cidade.

Por outro lado, as visualidades desta cidade são fortes e resistentes no que têm de incomum e, nesse sentido, contam com a presença vegetal bem mais do que um qualificador estético. Somam-se em suas paisagens, o mar, as lagoas, os imensos penedos, os recortes e as montanhas em sínteses surpreendentes, estabelecendo diálogos simbólicos que aproximam as representações da cultura e da natureza. E entre tudo isso, bananeiras, mangueiras, jaqueiras, plantas e animais da ruralidade surgem para alimentar, sombrear, vicejar e contribuir para a análise do porquê que essa cidade se faz diferente. Se for possível falar de uma dimensão potencialmente política do espaço, essa cidade é recheada de espaços que contribuem para a transgressão dos discursos e mecanismos da ordem e da vigilância. É cheia de espaços celebrados, por serem capazes de contribuir para preservar a vontade de viver, mesmo para os mais pobres e pressionados, tornando-os mais fortes e resistentes às adversidades impostas por uma cidade grande e brutalmente desigual.

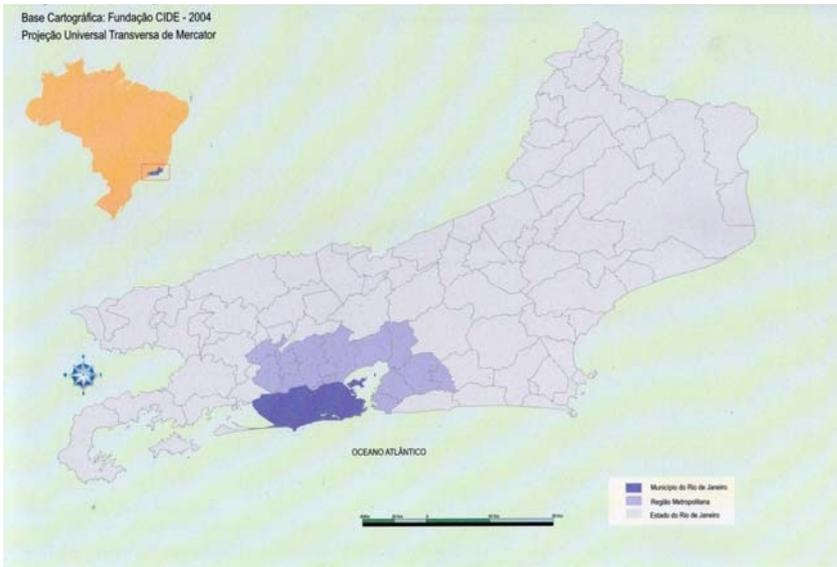


Figura 5- Situação da região metropolitana do Rio de Janeiro no Brasil.



Figura 6- Municípios que compõem a região metropolitana do Rio de Janeiro (fonte: Fundação Cide)

Um bom exemplo do que acontece no Rio de Janeiro é visível na frente de seu principal centro urbano - a obra de Paisagismo conhecida como Aterro do Flamengo. O esforço de Lota, Maria Carlota Macedo Soares e o trabalho de Affonso Eduardo Reidy possibilitaram as exuberantes composições paisagísticas de Burle Marx, que associam a tropicalidade da vegetação predominantemente adotada à própria imagem da cidade (Motta, 1986:20)¹.

O projeto concebido para ser o jardim da cidade é tomado, incorporado, vivido pela população como um grande quintal. Quintal, porque ali se faz de tudo um pouco: brincadeiras de crianças, jogos de adultos, churrasquinhos, bebedeiras, oferendas entre as árvores, encontros proibidos que deixam sua memória nos preservativos usados e largados entre as *ravenalas madagascarinensis*. Como no texto de João do Rio (in Segawa, 1996:225) que, escrito em 1908, surpreende por sua contemporaneidade, nas noites as árvores e as plantas são solidárias e cúmplices que escondem os corpos em seus rituais de desejo e carnalidades. O Aterro do Flamengo vira, então, o quintal maior de todos os quintais do Rio de Janeiro e a democracia se faz nos modos criativos e até ousados de seu uso.

“Os jardins para as grandes cidades são como escapadas da civilização. Entre duas árvores o homem é inteiramente diverso do homem entre duas vitrines. À beira de um lago artificial, na sombra das velhas árvores, o cidadão sente o estremecimento atávico, o acordar dos instintos. Onde houver muitas árvores, o ar livre, o céu azul visto através do rendado de folhas verdes, podeis ter a certeza de que aí as criaturas mais amarfanhadas pela nevrose urbana sente o desabrocho rubro do sexto sentido.(...) Por isso os jardins, nas grandes cidades, são como escapadas da civilização, e eu não entro num jardim, sem me sentir dominado pela Natureza brutal – de que com tanto custo, quando não está nos jardins, parece liberto o Homem da Cidade...”(João do Rio in Segawa, 1996:225)

¹ A vegetação e o jardim tropicais resultam na linguagem estética que um paisagista ousado como Burle Marx utilizou para a ruptura com as composições paisagísticas comuns em sua época. Tais composições em geral, eram utilizadoras de plantas estrangeiras características dos jardins românticos do século XIX (nota do autor).

Ainda que o texto trabalhe sobre um sentimento atávico que pertence a toda a humanidade (Schama, 1996), no caso do Rio de Janeiro somam-se o calor, a memória realimentada das renovadas imigrações e toda uma miscigenação de culturas. Gente que, independente das suas classes sociais humildes, da falta de acesso ao dinheiro e da exploração a que muitas vezes são submetidos, lutam por garantir seus modos coletivos de celebração da vida. Neste sentido, os espaços abertos e, ao mesmo tempo, ocultos das brechas, dos quintais, suas plantas e seus bichos se unem com suas crenças e valores herdados pela memória e constituem um papel importante nestes processos que, nada tendo de nostálgicos ou românticos, muito contribuem para o direito à dignidade que toda vida deveria poder resguardar.

O TEMA E SEUS OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

A inserção desta pesquisa na Geografia é justamente a de trazer aprofundamento teórico para a importância da estética da ruralidade e suas implicações políticas, a fim de justificar e defender novas sensibilidades, especialmente para os profissionais que atuam em intervenções diretas na paisagem, mas também, para suscitar novos estudos teóricos. O paisagismo, a arquitetura e o urbanismo são campos de atuação profissionais mais ocupados com a dimensão técnica e prática das intervenções diretas e, sendo assim, considera-se adequado desenvolver este trabalho junto a uma área que pudesse melhor contemplar a teoria da Paisagem. É necessária uma maior troca entre a prática e a análise em estudos que venham a ampliar e fortalecer a discussão teórica no intuito de possibilitar intervenções mais coerentes. Carlos Nelson (Santos, 1988:46) afirma a necessidade e a crença em teorias capazes de transformar a realidade.

Nesse sentido, defende-se o projeto e sua importância para o devir histórico de uma sociedade (Argan; 2000), embasado teoricamente e articulado socialmente, afinado com sensibilidade para perceber desejos e projetos de destinos traçados pelos encontros de acasos, amalgamados no caldeirão cultural da história. A cultura brasileira é assimilativa e incorporativa do que lhe é apresentado como novo, mas

difícilmente submissa à imposição de lógicas totalitárias. Entra nesse jogo à importância da intervenção estética, quando, como no exemplo de conjuntos habitacionais construídos à época da ditadura, mesmo sem o direito de intervir, revela-se na população a vontade e a necessidade de adaptações e incorporações, que através da criatividade improvisada transformam as paisagens e fundam lugares. Por outro lado, na cidade dita formal, autores diversos lamentam a falta de participação e envolvimento das pessoas nos novos traçados da cidade e defendem metodologias novas e participativas. Arquitetos e urbanistas realizam suas sínteses e intervenções esperando a aceitação popular de suas obras, mas poucas vezes aceitam ouvir esta mesma população com a atenção devida.

Assim, esta pesquisa pretende servir como material de referência para aqueles que se preocupam com tal discussão nos estudos e intervenções nas paisagens, além de vislumbrar outras possibilidades de produção dos espaços urbanos. Possibilidades capazes de aproximar os espaços concebidos dos espaços vividos, ou pelo menos, dos desejos de querer vivê-los.

METODOLOGIA

Na contramão de tantos estudos atuais sobre a urbanização dos espaços rurais, esta pesquisa investiga o rural, mesmo que manifestado apenas sob a vertente estética e com novas significações, porém, presente na dimensão urbana. Sendo assim, a complexidade imposta pela atualidade do tema, bem como a falta de uma bibliografia mais específica, torna necessária a adoção de um razoável número de autores, articulando suas reflexões a fim de atender satisfatoriamente à problematização enfrentada.

Este trabalho busca a compreensão do espaço geográfico e seus correspondentes lugares como categorias que possibilitam a análise e o desvendamento dos processos de reprodução e manutenção da estética da ruralidade nas paisagens urbanas.

É apresentada uma série de exemplos da estética da ruralidade no urbano a partir da criação de um banco de imagens, obtidas a partir de investigações de

caráter empírico. São selecionados alguns considerados de maior importância para o entendimento de aspectos conceituais e análises realizadas no desenvolvimento da pesquisa. A observação do conjunto é oportuna para a compreensão do seu universo de manifestações. Apesar de exigir equipamento adequado, apresenta-se em anexo um *cd rom*.ⁱⁱ

Durante a pesquisa de campo, fotos digitalizadas foram obtidas nos locais, além de entrevistas realizadas com usuários das áreas citadas. A busca de tais lugares também não seguiu roteiros pré-determinados. Alguns exemplos foram sugeridos por redes de contatos e outros foram sendo fotografados e descobertos. Caminhadas urbanas e busca permanente dessas paisagens são utilizadas para a construção inicial de um banco de imagens.

Nem todos os registros visuais puderam ser acompanhados de entrevistas. As entrevistas são semi-estruturadas em dois blocos: no primeiro são apresentadas algumas questões básicas em que os conceitos paisagem, urbano e rural formam o eixo principal (roteiro descrito no anexo I). No segundo bloco, as questões buscam uma maior elucidação sobre a percepção da importância desses lugares para as pessoas. As questões podiam ser respondidas com bastante abertura. Inicialmente, a partir da construção de uma rede de contatos, foram entrevistadas diversas pessoas que vivenciam, de algum modo, vínculos com a ruralidade, ainda que residindo na região metropolitana do Rio de Janeiro (desde sitiantes urbanos até aqueles que produzem uma horta em seu próprio apartamento). Depois, algumas entrevistas foram realizadas com jovens universitários de classe média, estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e inscritos na disciplina de Projeto de Paisagismo.

Buscaram-se tais dados para enriquecimento e atualidade da exposição. Especialmente no capítulo IV, alguns de seus trechos são citados literalmente, contribuindo significativamente para a análise. Do conjunto foram selecionadas as entrevistas consideradas como mais significativas. A leitura total das mesmas é importante para a compreensão de diversos aspectos desta pesquisa, na medida em que reafirmam e contextualizam muito do que é exposto. Por isso, foram transcritas na íntegra e apresentadas no anexo I.

SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo, o conceito de paisagem é apresentado através de um breve histórico de sua evolução, voltado para a vertente determinada pela Geografia Cultural que percebe a paisagem como sendo algo além de um simples inventário de objetos. A paisagem foi escolhida como principal campo de análise e referência para o estudo proposto como uma investigação estética, na medida em que registra formas e conteúdos simbólicos determinantes das relações humanas com o espaço. A seguir, discute-se o paisagismo enquanto estudo e competência oficial atribuída para a intervenção direta na paisagem. A proposta é um questionamento amplo sobre o papel dos arquitetos e urbanistas (definido aqui nas atuais condições como arquitetos, urbanistas e paisagistas) e dos paisagistas (de formação associada à Escola de Belas-Artes) em sua atuação prática nas paisagens. É como uma retomada da análise das implicações em um sentido mais amplo onde são acentuados aspectos da própria formação profissional,

No segundo capítulo apresenta-se um estudo sobre o urbano, o rural e a imbricação entre eles. São trazidos aspectos de sua geografia histórica a fim de melhor compreender sua formação e as possíveis relações nas quais se incluem, ainda, a presença do papel das matas sempre próximas dos campos e cidades brasileiras. Destaca-se a análise dos quintais e jardins nos processos brasileiros de urbanização.

No terceiro capítulo, a partir da apresentação do conceito de estética, defini-se o que se chama de estética da ruralidade e sua presença em outros tempos e lugares, propostas de novas sociedades e aspectos subjetivos da cultura que se produz com suas referências. Comprova-se sua presença e significados em diversas apropriações de usos espaciais registrados através de fotografias.

No quarto capítulo, utilizando referências obtidas nas entrevistas realizadas, a memória do rural, de outros tempos, de outros lugares e da mata se articulam em fluxos que ainda são atuais e que, imbricados com desejos de sentidos de

pertencimento, produzem e preservam lugares e identificações. A paisagem registra as sociabilizações, as celebrações da vida e da corporeidade que encontram lugar privilegiado nos quintais, em surpreendentes escalas de valores existenciais que se impõem e se afirmam contra valores veiculados pela mídia capitalista em políticas silenciosas de resistência. É realizada também uma análise dos fatores do comprometimento dessas ruralidades, observando a imposição dos modelos urbanos concentradores e das pressões da especulação imobiliária, seja pelo estímulo da mídia e políticas governamentais como pela vontade de implantação dos signos de progresso. Por fim, são estudadas as implicações de seu comprometimento, questionando a importância do rural como manifestação estética e apontam-se para as contribuições dessas paisagens para os processos culturais e para a urbanidade.

Ao final, são apresentadas as conclusões. Muitos desses apontamentos constituem sínteses reafirmadoras do que é defendido ao longo do texto. Outras conclusões apenas pontuam um assunto que ainda deve ser muito trabalhado na Geografia, no Urbanismo e Paisagismo.

ⁱ A **Região Metropolitana do Rio de Janeiro** também conhecida como **Grande Rio** foi criada pela Lei Complementar nº20, de 1º de julho de 1974, após a fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. É a 19ª maior área metropolitana do mundo. Seus limites sofreram alterações, em anos seguintes, com a exclusão dos municípios de Petrópolis (retirado em 1993), Itaguaí (retirado em julho de 2002), Mangaratiba (retirado em julho de 2002) e Maricá (retirado em outubro de 2001), que também faziam parte da RM conforme a primeira legislação. Atualmente é constituída pelos seguintes municípios: **Belford Roxo** - instalação do município 01.01.1993, **Duque de Caxias** - lei complementar 020 01.07.1974, **Guapimirim** - instalação do município 01.01.1993, **Itaboraí** - lei complementar 020 01.07.1974, **Japeri** - instalação do município 01.01.1993, **Magé** - lei complementar 020 01.07.1974, **Mesquita** - instalação do município 01.01.2001, **Nilópolis** - lei complementar 020 01.07.1974, **Niterói** - lei complementar 020 01.07.1974, **Nova Iguaçu** - lei complementar 020 01.07.1974, **Paracambi** - lei complementar 020 01.07.1974, **Queimados** - instalação do município 01.01.1993, **Rio de Janeiro** - lei complementar 020 01.07.1974, **São Gonçalo** - lei complementar 020 01.07.1974, **São João de Meriti** - lei complementar 020 01.07.1974, **Seropédica** - instalação do município 01.01.1997, **Tanguá** - instalação do município 01.01.1997

Características geográficas	
Área	4659 km ²
População	11.351.937 hab. (IBGE/2005)
PIB	R\$ 95.341.441 mil (IBGE/2002)

(Dados do Site wikipédia)

No CD-ROM (apresentado no verso da página 245), devido ao volume de informações estão incluídos os seguintes anexos:

Anexo III: Entrevistas digitadas

Anexo IV: Dicionário Sertanejo

Anexo V: Banco de Imagens da Estética da Ruralidade no urbano (fotos e legendas)



CAPÍTULO 1

PAISAGEM, PAISAGISMO E PAISAGISTAS

1. PAISAGEM, PAISAGISMO E PAISAGISTAS

A paisagem é o conceito mais utilizado ao longo desta pesquisa. Sua adoção justifica-se, principalmente, por ser, ela mesma, o grande campo de análise para uma proposta de investigação estética sobre determinadas formas de ocupações, usos e arranjos espaciais em que as pessoas vivem. Além de sua abordagem conceitual, este capítulo se amplia com uma análise do Paisagismo e dos paisagistas, que apresenta e desenvolve questões sobre o ensino, o estudo e a prática projetual e algumas de suas implicações com a Arquitetura e o Urbanismo.

A paisagem é um conceito próprio da Geografia e pode-se afirmar que possibilita seu entendimento simbólico na medida em que torna visíveis relações que tramam a complexidade do mundo¹. Na paisagem está o olhar dessa Geografia que estuda o viver, a cultura e a História, inclusive aquela que nos pertence, seja na paisagem mais homogênea e instituída ou em seus cenários mais heterogêneos. Na amplitude dessas paisagens, existe, então, possibilidade para o estudo das ruralidades, onde quer que se encontrem, e, mesmo quando essas possam corresponder aparentemente “a presenças na ausência”; como são, de certo modo, as manifestações de ruralidades urbanas encontradas no Rio de Janeiro.

1.1. DO CONCEITO DE PAISAGEM

Segundo Berque (2004:84), para a Geografia Cultural não é suficiente, ainda que também necessário, compreender a paisagem produzida intelectualmente como objeto. Para o autor a paisagem pode ser *marca* descrita e inventariada, mas também é *matriz* porque participa ativamente dos esquemas de percepção, de concepção e ação. Ativa-passiva-potencial ela é polissêmica e envolve, do mesmo modo, o sujeito:

¹ Tal visão pode ser ampliada com a leitura do texto “A morfologia da Paisagem” de Carl O. Sauer, trad. Por Gabrielle Corrêa e revisto por Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia, UFRJ,

A paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto-reproduz (e, portanto, se transforma, porque há sempre interferências com o exterior) pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos (Berque in Corrêa e Rosendahl, 2004:86).

Sua análise prossegue, explicando que a soma zero seria uma paisagem destituída de qualquer sentido, o que afirma nunca existir. Também conceitua a cultura², de modo oportuno para este trabalho, como sendo o jogo impregnado de sentido dos diversos modos que envolvem paisagem e sujeito, compreendendo os mesmos como uma sociedade dotada de uma história e um meio – aqui compreendido como o espaço.

A paisagem, como uma fotografia de um momento, como uma possibilidade de estetização do espaço, permite a leitura das tramas simbólicas estabelecidas pela cultura e, assim sendo, cria atalhos para outras dimensões conceituais da Geografia, como o espaço, seus habitantes, bem como seus hábitos, costumes, tradições e invenções. Também é um campo de entendimento mais aproximado da *práxis* de arquitetos, urbanistas e paisagistas, público ao qual essa pesquisa, em especial, procura sensibilizar.

A paisagem ao não renunciar aos demais sentidos da percepção humana, também revela texturas, cheiros, gostos, sonoridades próprias; é fortemente visual. Como afirma Arantes (2001), mais que nunca, vivemos um tempo em que “somos escravos do olhar”. A visualidade remete ao olhar e essa construção vem de longe – é no Renascimento que a visualidade da paisagem obtém, no vasto campo do desenho, a perspectiva – um processo gráfico que de alguma forma busca sua tradução. Uma nova consciência do olhar sobre o mundo e sobre o homem, antes imerso em um mundo vigiado pelo olhar divino que tudo via. O desenho é uma tradução da apreensão do olhar. Uma tradução criada por esforços acumulados no tempo, representados por técnicas, métodos e materiais que materializam e preservam um instante do olhar sobre a paisagem. Representação da própria necessidade humana de compartilhar o que é visto, o

² O termo cultura ainda será desdobrado no quarto capítulo desta pesquisa, em uma análise mais aprofundada de sua utilização (nota do autor).

como é visto e, ainda, o como deve ser visto – é uma longa relação, a do desenho com a paisagem.

A perspectiva é uma geometrização da paisagem e revolucionou a própria natureza do espaço humano, favorecendo o surgimento de um novo “sentido espacial” (Thuillier,1994:61). Enquanto os conjuntos de desenhos técnicos como plantas baixas, cortes, vistas e mesmo outras representações planares da realidade espacial são pouco compreendidos pelas pessoas, as perspectivas parecem traduzir fáceis e imediatamente as paisagens que representam.

Arquitetos e urbanistas produzem suas sínteses de intervenção espacial através do desenho (Azevedo, 1997). Os paisagistas também o fazem. Mesmo quando separam estilos que são trabalhados em plantas baixas ou planos pictóricos separam o jardim das técnicas e do desenho do jardim pictoresco, em seu tempo, o da arte pictórica em relação com a paisagem.³

As pessoas identificam os desenhos em perspectivas, os quadrinhos infantis utilizam as mesmas e todas as representações gráficas da realidade sempre a utilizam. Trabalham através de traços e manchas, delimitam, contornam, grafam as formas e as coisas e dão pesos diferenciados a elas.

Sendo assim, pensar a cidade em diálogos estabelecidos através das representações de sua paisagem é, no mínimo, uma metodologia mais democrática.

1.2. DA HISTÓRIA DO CONCEITO DE PAISAGEM

No processo de construção epistemológica da teoria das paisagens, múltiplos e complexos vieses são adotados. Para pensar as paisagens representativas do que se convencionou chamar de estética da ruralidade (conceito que será tratado de modo mais aprofundado adiante) e sua presença nos espaços urbanos, a paisagem é aqui enfocada e compreendida em sua

³ Na história do paisagismo os estilos de jardins renascentistas italianos e barrocos franceses são conhecidos como jardins do arquiteto e os estilos ingleses e românticos, projetados através de planos pictóricos, são jardins pitorescos, ou seja, dos pintores (nota do autor).

possibilidade de arsenal simbólico, produzida e produtora de significados relacionados à memória e à cultura do vivido. Porém, não se entenda aqui um arsenal estático, mas sim em processos de diálogos e rupturas de complexas dinâmicas. Esta apropriação conceitual não é totalmente nova e, ainda que recente, pode ser historizada em alguns de seus pontos relevantes para esta pesquisa.

Um pouco da história do conceito de Paisagem é aqui apresentada através de Cosgrove (2004:98), para quem o termo paisagem surge no Renascimento a fim de indicar uma nova relação ente os seres humanos e seu ambiente. Contemporâneo do surgimento da figura do Estado. O termo paisagem significa literalmente *visagem do pays* e *pays*, em francês pode ser tanto o país como um pequeno lugar.

A teorização da perspectiva no século XV (O Quatrocentos), contemporâneo ao Renascimento, lança um novo olhar sobre o mundo, que corresponde ao olhar do homem e que produz uma representação da natureza (Thuillier, 1994). Funda mesmo o espaço moderno, um espaço controlado, afinal o desenho tinha atingido seu domínio máximo de representação do espaço e "*um desenho completo é uma ordem*" (Y. Deforge, 1970:111).

Sendo assim, novos desenhos da cidade serão propiciados pela utilização da perspectiva. É o caso da cúpula de Santa Maria Del Fiore, os *Uffizi* e as *piazas* de Florença que constituem exemplos pontuais de intervenção cuja paisagem foi trabalhada através da perspectiva como método e finalidade. Os jardins renascentistas, celebrizados nos exemplos italianos, são fortemente marcados pelo eixo central perspectivado. No apogeu francês, no período barroco, os jardins de visualidades a se perderem no infinito, conforme ilustra a figura 1.1, utilizaram eixos monumentais de perspectivas que partiam do leito da realeza absolutista. O poder se expressa na paisagem através do seu ordenamento, da modelagem das copas, na simetria dos desenhos, no direcionamento das águas que se apaziguam nas *parterres d'eau* ou submissamente controladas explodem nos jorros d'água de suas fontes e chafarizes.



Fig 1.1 – Representação da paisagem de um jardim de recreio principesco atrás do palácio utilizando a técnica da perspectiva (in BIERMANN et all. **Teoria da Arquitectura**. Itália: Taschen,2003:568)

Durante os tempos imediatamente após a expansão do velho mundo predominam as descrições físicas da paisagem. Os relatos de geógrafos ou não geógrafos, quase sempre viajantes, em tempos de descobertas de novos mundos, estão impregnados de cargas subjetivas associadas, muitas vezes, a aspectos perceptivos, afetivos e culturais. Nos séculos XVIII e XIX, o termo também é

adotado para a definição de um tipo de pintura - a pintura de paisagens que no Romantismo tem grande importância e destaque.

Para Tuan, dentro da tradição chinesa o termo paisagem está fortemente relacionado com a pintura de gênero artístico “paisagem”, recebendo o nome *shan shui* que significa montanha e água (Tuan, 1980:146). Para o autor a palavra paisagem adquiriu o significado “valioso” de arte quando chegou à Inglaterra, durante o século XVI. Prosseguindo sua análise afirma que o termo paisagem chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto e depois, a representação artística desse panorama. Foi até mesmo o pano de fundo de retratos oficiais, cenário de uma “pose” e aí se integrou totalmente ao que chama “mundo do faz-de-conta” (Tuan, 1980:153).

Em termos de conceito geográfico, Paul Vidal de La Blache, um dos fundadores da geografia como disciplina acadêmica, afirmava ser a paisagem “*le que l’oeil embrasse du regard*” (o que o olho abraça ou alcance em uma mirada). Tal postulado da geografia clássica é reafirmado por autores vindouros, a exemplo de Pierre George, que define a paisagem como “a porção do espaço geográfico analisada visualmente”, e de O. Dolfuss, que afirma ser a paisagem o “aspecto imediatamente perceptível do espaço geográfico” (in Barbosa, 2002:9).

No início do século passado (1925), Sauer definia a paisagem:

“... uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas ao mesmo tempo físicas e culturais” (Sauer, 1983:23).

Tal apropriação já aponta para a possibilidade de cargas culturais, portanto subjetivas e capazes de agregar valores para além daqueles supostamente apreendidos por aspectos meramente descritivos e gerados sob a ótica de uma descrição física do território. Aliás, mesmo nas descrições dos primeiros viajantes é perceptível uma narrativa que transcende a descrição racional e evoca aspectos poéticos que envolvem suas próprias memórias. A paisagem como processo físico de formatação da terra (Sauer, 1983) já existia, e assim os europeus, por mais encantados que estivessem com as paisagens recém descobertas lançam mão

dos esforços mais variados para impor suas culturas e paisagens como modelos aos nativos.

A questão é que, ainda segundo Cosgrove (2004:101), a análise das questões culturais era pouco problematizada, gerando aquilo que os críticos chamam de determinismo cultural, ou seja, ainda era necessário buscar uma teoria cultural mais forte, principalmente considerando a complexidade das paisagens modernas e da cultura contemporânea. Nesse sentido, a obra de Cosgrove se volta para um aprofundamento do entendimento do termo cultura sob os aspectos da consciência, do poder e do simbólico. No quarto capítulo deste texto é aprofundado o conceito de cultura ao se discutir a questão do lugar.

Os registros das realizações e instituições de uma sociedade, contradições e conflitos deixam as marcas nas paisagens como testemunhos do que é criado, destruído ou transformado no espaço e no tempo. Em sua obra *A Natureza do Espaço* (1999), Milton Santos define a paisagem como o conjunto de formas que, num dado instante, inventaria as heranças das vivências entre os homens e a natureza.

Existe um jogo entre significados e significantes de relações espaço-temporais onde a paisagem funciona como em um tabuleiro de xadrez, ou seja, é sua superfície própria. A linguagem da paisagem revela a sociedade responsável por sua criação (Barbosa, 2002:9).

Paul Claval em sua obra “A Geografia Cultural” afirma ser a paisagem “a marca da atividade produtiva dos homens e seus esforços para habitar o mundo”, correspondendo às técnicas materiais que a sociedade domina e molda às suas convicções religiosas, ideológicas e estéticas (Claval *apud* Barbosa 2002:10).

Em termos arquitetônicos e urbanísticos, é Kalaora (Kalaora *apud* Roger, 1994) que utiliza o exemplo concreto da Paris de Haussman, na segunda metade do século XIX, com sua bela ordenança, seus eixos de simetria e sua harmonia arquitetônica para apresentar um novo objeto de contemplação: a paisagem urbana. É justamente na modernidade que são reforçadas as teorias sobre a paisagem que se detêm sobre o grande objeto cultural produzido pelo homem, que é a cidade. Um marco para a compreensão e análise da Paisagem urbana

moderna é a obra homônima de Gordon Cullen (1960) que influencia, ainda hoje, os arquitetos, urbanistas e paisagistas com seus conceitos de visão serial e seu uso articulado de conceitos escritos e desenhos.

Cullen, ao trabalhar a teoria da paisagem, com grande ênfase nos aspectos visuais, utiliza a metodologia apresentada na década de sessenta, na sua obra clássica “Paisagem Urbana”, onde a partir da criação do conceito de visão serial, uma visão obtida pelo caminhante na cidade⁴, define-se uma série de categorias de análise da paisagem, dando, assim, uma possibilidade maior de compreensão das lógicas da visualidade urbana. A maior riqueza de tais categorias é sua capacidade de transcender lógicas e conceitos da visualidade, incorporando de modo transdisciplinar, dimensões subjetivas e afetivas, derivadas da vivência e percepção da paisagem como seqüencialidade visual obtida na escala e observação humanas em seu ato de caminhar a pé.

A pesquisa de Lynch (1980), publicada inicialmente em 1959, estuda a importância da imagem da cidade enquanto fruto da percepção e construção que se produz com acúmulo de memórias e significações - a imaginabilidade que é capaz de produzir mapas mentais e criar um sistema de referências próprias a cada um. Tal teoria parece se juntar à sistematização proposta por Cullen e propiciar um entendimento da paisagem cada vez mais associado com o cultural, o psicológico, e até mesmo o imaginário, que se mistura, em diversas situações, com a própria paisagem vivida. Também para Relph (1987), que trabalha sobre as paisagens urbanas, a paisagem é um dos reflexos da cultura.

Outras contribuições contemporâneas voltadas para o esforço de ampliação e construção de uma teoria da paisagem, capaz de contemplar a sua dimensão estética, estão presentes no pensamento de diversos autores franceses apresentados na coletânea sob a direção de Alain Roger (1994), voltada para a construção de uma teoria da paisagem. Para Brunet, que abre a coletânea, a

⁴ Para Gordon Cullen (1960) a visão serial é a seqüência de visadas sobre a paisagem urbana, tais quais *flashes* que se unem formando seqüências visuais onde podem ser percebidos os recintos, pontos focais, siluetas, aberturas, estreitamentos, limites, escalas, desvios, detalhes, modos de vida etc. Sua obra é rica de imagens e desenhos que ilustram suas propostas de categorias para análise da paisagem. Consegue ir além da descrição dos objetos e abraçar aspectos culturais, subjetivos e até poéticos, como no exemplo do conceito de infinito capturado (nota do autor).

paisagem é mais que um arsenal simbólico. É, sim, a reflexão de *índices*. Tais índices são os resultados de uma impressionante composição que, de certo modo, refuta a já conhecida analogia do conceito de paisagem com o de *palimpsesto*. *Palimpsesto* é o nome dado aos antigos pergaminhos raspados e reaproveitados para novos escritos. Em um palimpsesto muitas vezes permanecem as marcas de escritos anteriores, porém, tais marcas nada dizem, uma vez que o que interessa é o novo escrito.

Porém, o espaço é uma acumulação desigual de tempos (Santos, 1999). Na paisagem, marcas antigas não são inertes, por vezes ainda são ativas, seja em diálogos ou mesmo como agente dos novos sistemas e, até mesmo, como obstáculos. Lefebvre (*A vida cotidiana no mundo moderno in* Barbosa, 2002:9) afirma que a paisagem é um campo semântico a nos oferecer um texto social, através do qual se reencontram a natureza e o homem: os símbolos de um e os símbolos do outro.

O homem, ao se apropriar do mundo o faz em fragmentos. O recorte que evidencia tal apropriação e o conjunto de relações sociais necessárias para sua produção é a paisagem. Ana Fani A. Carlos (*in A reprodução do espaço apud* Barbosa, 2002) alerta que é preciso compreender que as relações sociais são apresentadas e se apresentam, geralmente, como relação entre *coisas, portanto*, abstratas. A forma exerce, então, o papel de ocultar e revelar, ao mesmo tempo, o mundo em que vivemos. A leitura das formas espaciais não significa simplesmente a descrição de fenômenos, mas sim o modo de representar e produzir o espaço geográfico, através dos processos de construção e desconstrução das relações estabelecidas com o real (Barbosa, 2002).

Para Milton Santos (*O espaço como categoria filosófica apud* Barbosa, 2002), em cada forma não encontramos apenas uma fração do Ser. Ela é também um conjunto particular de determinação do Ser. Não se trata, portanto, da concepção culturalista da paisagem tipicamente pautada na relação forma-aparência, mas aquela que procura superar a visão formalística da forma e se assemelha ao sentido de uma intencionalidade que estabelece valorações,

tradições, usos e utopias através dos quais o Ser humano objetiva sua existência, tece os verdadeiros e longos fluxos de sua própria humanidade.

Barbosa, em sua pesquisa de análise/compreensão do curso tormentoso e contraditório da construção (e de desconstrução crítica) das metrópoles, trabalha com a leitura de filmes que retratam o que conceitua como *paisagens crepusculares*, justo por serem frutos de uma crise da racionalidade tecnológica dos tempos que as concebem. Para vencer tal dominância é preciso entender que:

“Re-buscar a marca-matriz do visível (do representado e do representante) significa adentrar na temática sartreana do ato de olhar, sobretudo em relação ao devir do objeto que, sob o primado do cálculo racionalista, converte o visível - e mais dramaticamente os sujeitos visíveis, em coisas. Superar esse olhar colonizado pela razão instrumental significa um desafio de (re) conhecer a metrópole para além da sua estrutura físico-funcional e (re) dimensioná-la no plano de investigação onde o *fantástico* e o *real se interpenetram* (Moreira, *O Real e o Simbólico na Geografia*, p. 9)” (Barbosa, 2002:10).

O real participa da criação da ficção, assim como o próprio fictício ou imaginário acabam por interferir no real de modo a transformá-lo. Para conseguir perceber a lógica dessas expressões de forma, é necessário romper com o olhar colonizado pela razão instrumental e encarar o desafio de compreender a metrópole além de seus suportes físicos e funcionais

Para estudar a preservação da paisagem e seu papel para a memória, em relação à natureza, é oportuno o pensamento de Schama (1996) de que a memória se mistura com a de uma cultura da natureza. Para ele, uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é anterior à cultura, os mitos da natureza estão em latência em toda pessoa e em qualquer história de cada povo e, vez ou outra, emergem violentamente. Não é somente a rusticidade, mas sim o seu vigor que interessa, como demonstrado na fig.1.2. onde se apresenta a força da relação entre a montanha, a água, a floresta, e a velha ponte de pedra no

parque *Yosemite*⁵. Memórias de lendas, mitos e ritos, constituídos naturalmente, segundo concepções válidas, mas que se desenvolveram com um rigor implacável. Toda a humanidade carrega esse vigor que vem mesmo das origens, talvez, de seu atavismo mais profundo, sua porção mais animal: “*a humanidade inteira reveste-se de traços bestiais*” (Baltrušaitis 1999:10). Para Mitchel W. J. T. (1994) a importância e força da paisagem justificariam sua utilização como verbo, ao invés do substantivo, algo na língua portuguesa como “paisagear”.

Hoje, o arsenal teórico-conceitual da paisagem transcende o entendimento da mesma como mera visualidade, uma vez que, consideradas sob seus aspectos sinestésicos, as paisagens guardam ou acessam aromas, sabores, sons e experimentações táteis, associadas, também, às heranças culturais.

Paisagens podem ser muito variadas, imaginárias até ontem, ficções materializadas, desejos concretizados, heterotopias de nuances complexas que o pensamento pode tornar reais. Paisagens também registram as limitações impostas ao espaço urbano, conseqüências diretas de uma lógica capitalista que insiste em submetê-lo à sua matriz ideológica de modo a lhe fazer funcionar como um dos mecanismos mais eficazes de sua própria reprodutividade.

Sendo assim, a paisagem é aqui entendida como experiência e expressão humana, solicitando o sentido subjetivo do espaço como dimensão social.



Fig 1. 2 - O parque de Yosemite é uma das exemplificações de Schama para a força telúrica da paisagem

(foto do arquivo Windows Vista 2007)

⁵ O **Parque Nacional de Yosemite** (*Yosemite National Park*¹¹) é um parque nacional norte-americano localizado nas montanhas de Serra Nevada, no estado da Califórnia, nos condados de Mariposa e Tuolumne (nota do autor).

1.3. O PAISAGISMO

O acúmulo de críticas sobre as realidades urbanas exige uma aproximação maior entre pensamento teórico e projetos de intervenção. Muitas das críticas às intervenções observadas nas paisagens resultariam melhores a partir de uma aproximação efetiva entre as contribuições da Geografia Cultural e as práticas da Arquitetura e Urbanismo.

As paisagens podem ser modificadas por diversos agentes e formas de trabalho humano (Lynch,1980:23); entretanto, o paisagismo é o estudo institucionalizado para a intervenção nas paisagens. Este item ao tratar do paisagismo não se afasta do urbanismo, mas reforça a importância do paisagismo para a melhoria da própria urbanidade.

É dito que arquitetos e urbanistas devem ser mais paisagistas. Afinal, se toda obra de arquitetura ou de urbanismo modifica a paisagem, ambos podem ser compreendidos, ao menos esteticamente, como trabalhos de paisagismo.

O conceito de paisagem é muito abrangente, mesmo quando reduzido apenas à sua dimensão estético-visual: engloba quantitativamente e qualitativamente tudo o que o olhar alcança - do micro ao sideral em escalas, do natural ao urbano ou rural em tipologias, códigos simbólicos e culturais, entre outras tantas proposições.

Contudo, com tamanha dimensão da paisagem, o paisagismo em sua representação social é confundido por muitos com um campo de conhecimento que se limita ao estudo e proposições de jardins e, mesmo estes, na atualidade, são cada vez mais circunscritos pelas determinações urbanísticas e arquitetônicas.

Como reforça Sílvio Soares Macedo:

“Paisagismo é o termo genérico no Brasil e costuma ser utilizado para designar as diversas escalas e formas de ação e estudo sobre a paisagem, que podem variar do simples procedimento de plantio de um jardim até o processo de concepção de projetos completos de arquitetura paisagística como parques e praças.” (Macedo, 1999:13)

E até mesmo praças estão associadas com jardins, como sugere a definição de Siegfried Gideon⁶ do correspondente *square* (praça) a partir do *Dictionary of Architecture* de 1887 a seguir:

“Um pedaço de terreno no centro do qual se encontra um jardim murado, contornado por uma rua que dá acesso às casas sobre os seus quatro lados”. (Gideon in Terra, 2004:43)

Por outro lado, para atender às demandas impostas pelos enfrentamentos a que todos estão expostos na realidade urbana estabelecida, o próprio paisagismo, juntamente com a arquitetura e o urbanismo, necessita rever posições e conceitos, ampliar campos de possibilidades, transversalidades e, especialmente, se libertar de reducionismos insistentes sobre suas responsabilidades e capacidade.

1.3.1. A civilização como ordenação e contrário da natureza

A paisagem urbana contraposta à idéia de paisagem natural, bem como o rural em contraposição ao urbano, ainda é uma visão muito comum, especialmente nas mentalidades que predominam nas áreas técnicas. No lastro dessa concepção, o paisagismo, em seu exercício histórico e de, relativamente poucos estilos (Caillois in Leenhardt, 1996:5), muitas vezes utilizou critérios de desenho e produção de paisagens cuja estética resultante tenta afirmar um domínio do homem sobre a natureza.

A geometrização observada nas topiárias, a equidistância dos eixos dos troncos das árvores nas aléias, a repetição dos tipos vegetais adotados, a poda a *La Rivieri*, especialmente nos jardins franceses, são claros exemplos dessas

⁶ GIDEON, Siegfried. *Espace, Temps, Architecture*. Bruxelles: la Connaissance, 1968.p.437.

supostas naturezas submissas e, principalmente, ordenadas. Os jardins de Versalhes, a obra monumental de Le Nôtre, são apresentados da seguinte maneira:

“Construído em meados do século XVII, o Jardim Luís XIV disciplinava linhas regulares de árvores, caminhos e espelhos-d’água, que recuavam para o ponto em que todas as paralelas parecem se encontrar: [simbolicamente] o rei comandava a natureza” (Sennett,1994:223).

A magnificência do traçado de seus eixos inspira Hausmann na reurbanização estratégica de Paris⁷. Até mesmo a pretensa naturalidade dos jardins ingleses trata-se de uma aparente desordem sabiamente calculada.

A natureza, justo por ser natureza, está em toda parte e também no resultado das operações que com ela se fazem. Ainda que tudo possua elementos encontrados na natureza, transformações introduzidas pelo homem visando ao seu próprio conforto podem gerar efeitos piores que o esperado. A produção de determinadas paisagens agravam as condições humanas de adaptação, sobrevivência e vida social. A cidade é um meio artificial, não no sentido de falseamento, mas sim de acúmulo de artifícios, ou seja, de meios capazes de facilitar essa união de pessoas, tempos e funções em um mesmo espaço. A ordenação geométrica é um artifício de planejamento ainda ligado aos paradigmas da simplificação:

“A ciência clássica baseava-se na idéia de que a complexidade do mundo dos fenômenos podia e devia resolver-se a partir de princípios simples e leis gerais. Assim a complexidade era a aparência do real; a simplicidade a sua natureza”(Morin,1998).

Todavia, a simplificação do desenho é bastante eficiente na disciplinação social, uma vez que as linhas retas e espaços amplos são mais vigiáveis e

⁷ “Por trás de seus *boulevards*, praças e das novas edificações residiam mais do que as preocupações médico-sanitaristas e o embelezamento. O novo desenho da cidade agora visava o melhor desempenho da vigilância, o controle, a ação das tropas de polícia e todo um espírito de disciplina pairavam sobre seus ares” (Azevedo, 1997:134). Sobre o Barão Georges-Eugène Haussmann (Paris, 1809-1891), administrador francês, foi prefeito do Sena, no período de 1853 a 1870, dirigindo as grandes obras que transformaram Paris (Koogan/Houaiss,1995:1240)

rapidamente decodificáveis por conta das forças de controle social (Foucault,1985).

Os projetos de paisagismo que se limitam a pensar os jardins, em apropriações de caráter ordenador e decorativo, geralmente acompanham arquiteturas e urbanismos em suas visões disciplinadoras e modismos inconsistentes. Estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento de uma crise sócio-ambiental urbana muito maior, comprometendo urbanidades diversas. Cidades redesenhadas que parecem frias e distantes; paisagens próprias para serem vistas pelas janelas do automóvel. Cidades frias, quase nada convidativas e com paisagens cenários - a produção de um não-lugar generalizado.

No caso brasileiro, a cidade ilegal, onde vive a maioria das pessoas, muitas vezes ainda guarda traçados realizados pela própria população; são os casos das favelizações, das periferias e até mesmo de cidades recentes, como na Amazônia. Tais traçados resultam aparentemente desordenados, mas guardam possibilidades estratégicas, como os antigos desenhos urbanos medievais, de sobrevivência e luta. A imposição do ordenamento quase sempre se oculta, inclusive, na gama de projetos e planos urbanos que se dizem sociais, mas se visibilizam em resultados de paisagens frias e pouco convidativas, espaços menos vivos que a aparente desordem sobre as quais se erguem.

1.3.2. A sedução e o aprisionamento dos Jardins

O paisagismo não pode ser inocentado quando se detém com exclusividade nas questões dos jardins. Entretanto, o jardim é um espaço de fascínio para diversas culturas humanas e parece um estar de bem bilateral com a natureza.

Associado à gênese e ao final dos tempos, em diferentes visões religiosas – caminha-se de um jardim paraíso para sempre perdido para um paraíso jardim que se conquista individualmente depois da morte. Por serem fontes de riquezas como flores raras, frutos e matrizes estéticas, medicinais e aromáticas, além de trabalhosos, efêmeros e custosos, são, ao longo da história, privilégios de poucos,

fechados e guardados como tesouros⁸. Paraísos particulares existentes desde as mais antigas civilizações, os jardins são murados desde o Egito, os jardins persas e os *giardinios secrettos* da Itália renascentista, entre outros (Jellicoe, Susan & Jellicoe, Geoffrey, 1995) .

Em tempos de dispersão do poder e medo, o jardim se encaixa no centro das construções, como nos *hortus conclusus* dos mosteiros e abadias da Idade Média. Por outro lado, se esparrama horizonte afora nas grandes propriedades, possibilitadas pela acumulação fabulosa de riqueza, prestígio e poder: desde faraós, imperadores romanos, mecenas italianos, atingindo seu ápice nos jardins franceses barrocos dos reis absolutistas. Todavia, toda a tirania de tais períodos não impede que os jardins sejam sempre cobiçados e admirados. Um exemplo de tal afirmativa ocorre durante a revolução francesa, quando a população invade os jardins de Versalhes para poder usufruir de seu encantamento, antes apanágio exclusivo da nobreza. Tempos em que a caça de uma simples lebre em seus bosques poderia custar a cabeça de um plebeu.

A partir da segunda metade do século XIX, percebe-se um processo de renovação conceitual e metodológica trazido por questionamentos dos médicos higienistas. As primeiras crises sócio-ambientais urbanas, decorrentes da primeira fase da revolução industrial, determinam o surgimento dos grandes jardins públicos na maioria das grandes cidades. É através do discurso médico que surgem os chamados *pulmões verdes* nas cidades, em busca da assepsia solar e do ar puro. Uma estratégia para a sobrevivência social é pensar o urbano.

" porque ele é, talvez, o meio mais perigoso para a população. A localização dos diferentes bairros, sua umidade, sua exposição, o arejamento total da cidade, seu sistema de esgotos e de evacuação das águas utilizadas, a localização dos cemitérios e dos matadouros, a densidade da população constituem fatores que desempenham um papel decisivo na mortalidade e morbidade dos habitantes" (Foucault, 1985:201).

⁸ O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um exemplo de reserva de riquezas vegetais e estudos botânicos estratégicos para a Coroa Portuguesa, aqui já residente; seu valor é tanto que em seu mesmo sítio abrigava a fábrica de pólvora e o paiol, demonstrando uma junção de interesses militares e econômicos (nota do autor).

Seguindo a reflexão do mesmo autor, é a partir de então que o urbanismo se impõe como método e como ciência:

“A cidade com suas principais variáveis espaciais aparece como um objeto a medicalizar. Enquanto que as topografias médicas das regiões analisam dados climáticos ou fatos geológicos que não controlam e só podem sugerir medidas de proteção ou de compensação, as topografias das cidades delineiam pelo menos negativamente, os princípios gerais de um urbanismo sistemático” (Foucault, 1985:201).

Jardins, parodiando o texto do ensaio de Jurgis Baltrusaitis (1959), são terras de ilusão, espaços onde a estética pode aludir às representações do onírico, da fantasia, de tempos sobrepostos. As vivências em seus espaços mergulham na força do simbolismo que contemplam, como, no jardim das delícias de Bosch (ver fig.1.3). São as heterotopias mais antigas:

“O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem realizar sua perfeição simbólica, e o tapete é uma espécie de jardim móvel através do espaço. O jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo. O jardim é, desde a mais longínqua Antiguidade, uma espécie de heterotopia feliz e universalizante - daí os nossos jardins zoológicos” (Foucault *in* Motta,2004:418).



Fig.1.3. Bosch: jardim das delícias (pintado em 1504, Museu do Prado, Madri, Espanha). Uma viagem pré-surrealista pelas já pensadas possibilidades do jardim como espaço de fantasias e do onírico (disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/O Jardim das Del%C3%ADcias Terrenas](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Jardim_das_Del%C3%ADcias_Terrenas), acessado em 12/09/2007)

Infinitos particulares, como algumas entrevistas afirmam com palavras diversas, os jardins permitem longas contemplações e absorções de tempo, no deleite do avistamento que não aponta apenas a estética estabelecida para o belo, o bom e o sublime. Os jardins podem ainda ser afirmadores da memória, educativos e culturais (Macedo,1992).

Jardins podem sugerir paraísos, mas também podem ser intencionalmente feios, lúgubres, grotescos, assustadores, ou ainda práticos, descuidados, trabalhosos etc. Jardins podem ser até proibidos e perseguidos como foram os jardins das “feiticeiras” medievais. Apesar de a sociedade associar que o belo é caro e rico e que o feio é barato e pobre, pessoas simples podem saber criar e ver belezas em suas modestas formas do habitar e também na percepção de seus jardins.

Ainda que Proust, citado em Rykwert (2003:4), tenha observado que paraísos devam ser necessariamente perdidos, vivencia-se um período em que paraísos de

diferentes tipologias são anunciados e vendidos. Atualmente o turismo elege e produz lugares que funcionam como “paraísos terrestres”, na medida em que ali o cotidiano se encontra em aparente suspensão (Alessandri, 1999:180). O consumo desses locais envolve questões que transcendem as carências existenciais das classes sociais mais abastadas. O cotidiano e seus tempos velozes, seus riscos e sua competitividade atinge a todos os que vivem e trabalham nas cidades.

No bojo da atual complexidade ambiental e do avanço tecnológico, podemos considerar que muitos dos lugares delimitados para fins de preservação, como praias, montanhas, áreas rurais, florestas e remanescentes de paisagens naturais são novos jardins que o homem cultiva e poupa de diversas das suas próprias ações. As contradições do capitalismo se renovam nesses novos jardins da sociedade urbana. Ali se cuida com esmero da natureza que é destruída em tantas outras partes.

Hoje, os jardins presentes nos cenários urbanos contemporâneos tentam amenizar as relações entre as pessoas e a paisagem urbana. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, os jardins dos bairros ricos são exuberantes e bem cuidados, e neles encontram-se, até mesmo, obras de paisagistas famosos. Já nos bairros pobres e distantes da periferia, os jardins inexistem ou são escassos, empobrecidos e, em geral, mal tratados.

1.3.3. Espaços paisagísticos, arte e mudanças

Hoje, quase todos, segundo Ana Angélica Albano Moreira, vivem em sociedades em que os objetos e as formas de seu cotidiano não são mais o produto de suas especulações estéticas. Consomem tudo pronto. A indústria abastece suas necessidades imediatas através de objetos muitas vezes criados por *designers* distantes. Principalmente em países conhecidos como periféricos ou de terceiro mundo, de natureza colonizada. Até mesmo a arte passa a ser objeto de consumo, refugiada que se encontra em museus, espaços e tempos próprios, assunto de profissionais bastante distanciados dos "mortais comuns".

" A arte é separada da vida e não mais manifestação da vida.O homem comum perde a possibilidade de criar suas manifestações e passa a consumir a manifestação alheia." (Moreira,1984:54)

Todo jardim é cenário quando limita suas possibilidades de uso por um projeto concebido para restringir e ordenar. A vida tem surpresas, a cenarização aponta para um mundo virtual não porque deixe de ser real, mas sim por ser um real previsível.

Os jardins também são realizados sem arquitetos paisagistas, sem desenhos pré-concebidos, de misturas de tempos, funções e lugares, como existem os jardins populares cariocas (Azevedo, 1998). Estes são obras abertas, permitindo inclusive a adoção de manifestações e co-participações da própria natureza e de outras pessoas, como plantas novas que surgem trazidas por vento ou pássaros, fruteiras e flores que são plantadas por conhecidos. Jardins que somam frutos e flores, que aprontam surpresas e nesse sentido não são cenários previsíveis.

Podem ser aparentemente tão desordenados e pouco previsíveis que nem pareçam jardins e, portanto, ainda que no caso brasileiro os jardins tenham nascido urbanos, podem ter características de pomares rurais e assim, por vezes, se confundirem com quintais e vice-versa.

1.4. PAISAGISMO: O QUE SE FAZ OU O QUE SE PODE AINDA FAZER

Junto ao movimento ecológico, ao crescimento demográfico e ao adensamento e expansão das metrópoles aumenta o reconhecimento da importância do paisagismo e sua visibilidade. Como contraponto ao crescimento da violência e das desigualdades sociais, o paisagismo, especialmente aquele que utiliza a vegetação, ameniza a frieza e a rigidez das paisagens urbanas, em suas escalas públicas e privadas, oferecendo ainda elementos para lazer. Entretanto, muitas vezes, tal amenização se limita na prática a um simples conforto do olhar.

Paralelo à consolidação da idéia generalizada da urbanização no Brasil, nas últimas décadas, foram notórios os avanços dos estudos paisagísticos das áreas urbanas. Deve-se destacar, nesse sentido, o trabalho pioneiro de profissionais

como Roberto Cardoso e Roberto Burle Marx, sendo este quem, de fato, cria o jardim tropical e notabiliza o Paisagismo brasileiro para todo o mundo. O trabalho de Burle Marx, inclusive, traz preocupações ecológicas, suas composições vegetais recriam associações naturais de um repertório botânico da flora brasileira até então renegado (Motta, 1983). Em todo esse esforço, também se faz necessário reconhecer o trabalho da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP, que sempre remete à figura de Rosa Gléna Kliass, verdadeira militante do paisagismo no Brasil. Em São Paulo o projeto Quapá, coordenado por Silvio Soares Macedo, faz um grande inventário do acervo de projetos paisagísticos brasileiros. No Rio de Janeiro existe atualmente o grupo de pesquisa “História do Paisagismo”, desenvolvendo um grande acervo de estudos e publicações.⁹

Tal valorização do paisagismo traz inúmeras publicações sobre desenho, representação e aplicações do paisagismo, em praças, parques, *water-fronts*, vazios urbanos, ao longo de rodovias, distribuindo conceituações, teorias, métodos de análise e intervenção para diversas cidades, metrópoles e, inclusive, investigações sobre sítios urbanos históricos. Porém, na maioria deles, a preocupação é de um paisagismo urbano com uma estética fortemente aliada aos conceitos de modernidade e, ainda que muitos desses conceitos sejam importados e apresentem bons e maus momentos de aplicação, constituem valiosas contribuições para o avanço e consolidação do estudo do paisagismo urbano no Brasil.

Em relação ao diálogo com a estética da ruralidade, especificamente nos espaços urbanos, vemos pouca coisa em termos de apropriação paisagística propriamente dita. Propostas de criação de pomares urbanos, que surgiram com mais força a partir dos anos oitenta, hoje são pouco anunciadas. Raramente se encontram pesquisas sobre os resultados obtidos nas experiências daquele período. Paradoxalmente, talvez por seu imediatismo temporal produtivo, hortas urbanas renascem em toda a parte, sejam como políticas urbanas municipais para melhora das condições alimentares de parte da população mais miserável ou

⁹ Ver site [HTTP://acd.ufrrj.br/historiadopaisagismo](http://acd.ufrrj.br/historiadopaisagismo)

mesmo como iniciativas autônomas para geração de víveres ou mesmo renda. Mas, nenhum desses trabalhos é considerado, na prática, sob a lógica do paisagismo.

O termo paisagismo ecológico, por vezes, é empregado em experiências que remontam da década de setenta. No Brasil, o trabalho mais divulgado e de consistência é a obra “Paisagismo e Ecogênese” de Fernando Chacel. Sua argumentação é que tendo o homem transformado a natureza em cultura através da técnica; possa agora, com os desenvolvimentos desta mesma técnica, trabalhar paisagisticamente com o que conceitua de *ecogênese*.¹⁰

As políticas de cunho neoliberal também utilizam maciçamente o paisagismo como um aliado poderoso para a promoção das reformas ‘fachadistas’ de áreas urbanas, estratégia capitalista avançada em que a própria cidade vira mercadoria. São exemplos de vitrines urbanas como o Pelourinho em Salvador – Bahia e Parati, no Rio de Janeiro, que fazem intervenções de caráter cenográfico e jogam para fora tudo o que incomoda, e como num eterno *ritornelo* histórico, o que incomoda são as classes sociais desfavorecidas.

O mercado do paisagismo se mantém aquecido com cursos, hortos, profissionais e toda uma série crescente de produtos e publicações voltados para o plantio de vegetação praticado pelas pessoas em geral nos seus jardins. A violência urbana, a dificuldade de locomoção e o estresse dos grandes centros urbanos impelem as pessoas de volta aos seus lares e nesse processo, evocações românticas e nostálgicas promovem mecanismos estéticos de compensação face ao estranhamento que a cidade impõe (Carlos, 2001).

É importante ressaltar a total falta de material conceitual e metodológico, voltado para estudos sobre a estética da ruralidade, capaz de lidar com a complexidade de suas dimensões.

¹⁰ Paisagismo e Ecogênese, segundo o autor Fernando Chacel seria a associação do paisagismo com a utilização de vegetação original dos locais que recebem intervenções (nota do autor)

1.4.1. O ensino do paisagismo

No rastro da lógica que a tradição aponta, o ensino de Paisagismo no Brasil inicia-se junto à profissão de Arquitetura e Urbanismo, onde é relevante a tarefa da ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas). O desenho e concepção dos chamados projetos de paisagismo são historicamente realizados por artistas e arquitetos e urbanistas, considerando a importância atribuída ao seu enfoque estético–visual.

A própria história do paisagismo divide os poucos estilos de jardins em dois grandes grupos: o do **arquiteto** (concebidos em plantas baixas e perspectivas) e jardins do **artista ou ‘pictoresco’** (concebidos em paisagens pictóricas, a partir do contato com as paisagens chinesas e praticados nos estilos inglês e romântico)

No âmbito do ensino da Arquitetura e Urbanismo, em 1994, com a publicação da portaria 1770, assinada pelo então ministro da Educação Murilo Hengel, o ensino do Paisagismo, em suas vertentes teóricas e práticas (projetuais) passa a ser obrigatório nas graduações existentes no país. Muitas das experiências de ensino do Paisagismo são descritas nos anais dos Encontros de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura, promovidos pela UFRJ – FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade federal do rio de janeiro) e ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas). A ABEA (Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura) também estimulou, evidenciou e discutiu a inserção do paisagismo nos currículos mínimos oficiais em seus congressos e publicações. A atual regulamentação do ensino da Arquitetura e Urbanismo¹¹ preserva o ensino

¹¹ As Diretrizes Curriculares para o Ensino de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, através da resolução de N° 6 de 6 de fevereiro de 2006 estabelece em seu artigo X:

X - concepção e composição das atividades complementares.

§ 1º A proposta pedagógica para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo deverá assegurar a formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, à organização e à construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação, o **paisagismo**, bem como a conservação e a valorização do patrimônio construído, a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis.

§ 2º O curso deverá estabelecer ações pedagógicas visando ao desenvolvimento de condutas e atitudes com responsabilidade técnica e social e terá por princípios:

a) a qualidade de vida dos habitantes dos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído e sua durabilidade;

de paisagismo do mesmo modo anterior. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, seu primeiro currículo integrava paisagismo e urbanismo em toda a grade na seqüência do ensino de projeto.

No Rio de Janeiro, a Escola de Belas Artes da UFRJ possui seu curso específico de Composição Paisagística, seus egressos encontram dificuldades de atuação, uma vez que as intervenções nas paisagens, quase sempre, implicam a necessidade do conhecimento e domínio de técnicas construtivas que os artistas não estudam em seus currículos. O ensino nas Belas Artes é limitado a uma visão de predomínio esteticizante e decorativista, o que tem faltado nos arquitetos que trabalham mais com esquematizações e plantas-baixas técnicas e funcionalistas.

Em um momento mais recente, as implicações ecológicas e ambientais determinam que o manejo e gestão dos projetos de vegetação, em projetos de paisagismo de porte considerável, sejam de responsabilidade de profissionais ligados à engenharia agrônoma ou florestal.

O ensino de paisagismo, mesmo com a atração que produz em muitos estudantes, dentro da fragmentação própria do sistema de créditos, fica como um apêndice dos cursos de arquitetura e urbanismo. O próprio urbanismo, muitas vezes, é visto em algumas disciplinas, desvinculado da arquitetura e do paisagismo. Sem reflexões mais aprofundadas e integradas sobre um todo que existe junto, pouco se pode esperar em contribuições mais eficazes para efetivas mudanças de nossas paisagens. A questão é mais ampla. Não trata somente da arte ou da técnica, mas da sensibilidade que deve se aguçar frente a uma realidade social extremamente preocupante.

A pesquisa que avança nas pós-graduações ainda tem pouco alcance sobre os profissionais que mergulham na prática logo após a graduação.

O urbanismo deve ser estudado em suas reais dimensões, que envolvem a paisagem e, portanto, o paisagismo. A cidade deveria ser a grande preocupação

b) o uso da tecnologia em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades;

c) o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente natural e construído;

d) a valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da **paisagem** como patrimônio e responsabilidade coletiva.(grifos do autor)

de todos e esse preparo para uma sensibilidade sobre os destinos urbanos não deve ser restrito aos cursos de formação de arquitetos e urbanistas, geógrafos ou de paisagistas: *em todos os seus níveis, em todos os seus ramos; e a escola, qualquer escola, deve educar para construir a cidade, como forma sensível da civilização* (ARGAN,1998:224).

Nos filmes, desenhos animados, jogos computadorizados interativos como o polêmico *GTA- Andreas*, comunidades da internet como a *Second life* onde cidades são concebidas, as paisagens são sempre cenarizações empobrecidas de fundo, ordenadas, limpas e quase sem vida. Além disso, toda a vida que se manifesta oscila entre a solidão, o medo e a violência.

1.4.2. Projeto: como e quando defender

Neste tópico, o pensamento de Argan, que defende o projeto como a construção consciente e sensível do devir histórico, é utilizado. Projeto que garanta a cidade como obra aberta e participe na luta contra a degradação que a ambição de alguns poucos determina para muitos.

O projeto, visto como ponto de partida de toda obra, na verdade é o momento final do esforço de síntese das intencionalidades que reserva. Projetos de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo são conjuntos de desenhos técnicos: normalmente plantas-baixas, cortes, detalhes, acompanhados de tabelas e especificações de cálculos e orçamentos. Também possui desenhos mais humanizados como vistas, fachadas e as já comentadas perspectivas, quase sempre voltados para a comercialização ou defesa direta de idéias que se apresentam como prontas e ideologicamente neutras. Para Argan, é a partir do Renascimento que o desenho delineia-se como projeto, quando:

O desenho, como técnica mental ou da ideação, princípio ideal ou teórico na origem das múltiplas espécies da prática. O desenho era já, institucionalmente, projeto (Argan, 2000:55).

A eficiência do desenho para a evolução de estratégias de disciplinação e ordenamento espacial pode ser comprovada em diversos estudos: Foucault (1985) descreve os mecanismos de vigilância e controle dos espaços urbanos como o sistema do pan ptico¹². Ferro (1982) faz uma análise do papel do desenho e sua evolução voltada para ser uma linguagem hermética de imposição e controle milimétrico do espaço. Bicca (1984) apresenta a discussão sobre o papel que arquitetos e urbanistas assumem como legitimadores de discursos defensores de interesses capitalistas na posição de intelectuais orgânicos do Estado, tal como define Gramsci (1991).

Não é costume o seu uso como ferramenta de diálogo, mas se a obrigação da gestão democrática dos espaços urbanos já   lei no país, a mesma forçá do desenho em produzir sínteses impositivas pode ser revertida para processos abertos   participação popular¹³. O emprego do desenho em metodologias projetuais coletivas, capazes de se articularem em processos analíticos, pode ser uma experiência de ampliar a participação na síntese que o projeto constitui.

A informática já está bastante avanç ada e sistematizada para servir como uma ferramenta poderosa de redução de gastos de tempo e participação livre. A cidade sempre foi e agora mais que nunca deve ser um sistema de informação, principalmente sobre si mesma, seus destinos, suas políticas (Argan, 1998:250). O desenho   uma linguagem e um ponto chave no processo para qualquer intervenção que pretenda ser democrática, a fim de garantir o direito à cidade para qualquer cidadão. Para o autor, projeto   política,   luta:

¹² é de Jeremy Bentham - que não era arquiteto - a proposta do desenho de um edifício-síntese "protótipo de todas as propostas da arquitetura e urbanismo que, ao longo dos séculos XIX e XX, consubstanciar o a modernidade." (Santos,1988:23) O panóptico   uma edificação em forma de torre, cujo grande pátio central abriga uma outra pequena torre. A torre maior é repleta de pequenas celas, abertas através de grades, para o pátio interno, nas quais ficam os presos, que por sua vez não se comunicam entre si e contemplam sempre a torre menor. Esta, porém, com suas seteiras, aloja os vigilantes, que podem olhar sem serem vistos - quem fica nas celas nunca sabe se está sendo vigiado. Na incerteza, os vigiados vigiam-se a si mesmos até mesmo na ausência de vigilantes. Atualmente é possível afirmar que o panoptismo se fortalece através das câmeras de vigilância digitais eletr nicas em redes urbanas. Estrategicamente alocadas em prédios, estabelecimentos comerciais, est dios, avenidas e elevadores, vigiam tudo, onde, em diversos casos, ainda nos pedem: "sorria, você está sendo filmado" (nota do autor).

¹³ Ler o Capítulo IV da Lei N  10.257, de 10 de julho de 2001, que regulamentam os arts. 182 e 183 (Estatuto da Cidade) da Constituição Federal Brasileira, intitulado DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DA CIDADE.

...é impossível considerar a metodologia e a técnica do projetista como zonas de imunidade ideológica. A ideologia não é abstrata imagem de um futuro-catarse, é a imagem do mundo que tentamos construir lutando: planejando não se planeja a vitória, mas o comportamento que nos propomos manter na luta. (Argan, 2000:55)

O projeto deve ser uma cartografia multidimensional dos desejos de todos os usuários envolvidos (Guattari, 1990). A imposição do que é anunciado como novo muitas vezes se faz de forma assustadora, convenientemente adequada à especulação financeira. Profissionais assinam os projetos, as revistas publicam, seminários os apresentam e todos se impressionam com a qualidade da análise. Difícil fica conviver com a pobreza da proposta. Perde a cultura brasileira, cresce o fracasso na tentativa de produção de uma cidadania participativa em paisagens que mais parecem concessões do que direitos. Cabe então elucidar e resgatar a importância do ensino e da importância do projeto como síntese de processos de diálogos que incluam todas as vozes de seus participantes (Santos, 1988).

É preciso desburocratizar a democracia, democratizar a democracia. Trazer a discussão da cidade e da cidadania para o ensino fundamental, a fim de formarmos uma massa crítica capaz de enfrentar manipulações impostas. Promover, na prática, as idéias de Carlos Nelson, Henri Lefebvre e tantos outros pensadores para defender a participação do “usador lefebvriano” nos projetos urbanísticos, paisagísticos e arquitetônicos.¹⁴

Ao invés de se encantar apenas com as idéias importadas de nomes exóticos, é preciso estudar e avaliar criticamente os hábitos e soluções desenvolvidos por nossos antepassados nas cidades, residências, jardins e quintais e, também no campo. Valorizar e entender a nossa História como uma ciência de remédios possíveis, como afirma a visão foucaultiana. Surpreendentemente, muitos desses processos habitam esconderijos de nossas

¹⁴ Os pensamentos de tais autores serão um pouco mais desenvolvidos no capítulo que segue (nota do autor). O trabalho Arquitetura da Harmonia de Wolf Von Eckardt para a construção do BancoING na Suíça tb foi muito interessante em sua proposta de participação dos usuários.

memórias e são extremamente coerentes em suas lógicas de implantação, execução, manutenção e funcionamento; tudo isto com grandes identificações estéticas e quase sempre afinadas com o que se pode chamar de uma economia da natureza. E não se trata de romantismo ou nostalgia, como querem discursadores reducionistas profissionais, mas sim a reativação de forças latentes, porém ainda vivas em nós.

Quando da adoção de novos projetos de urbanização e paisagismo há que se pensar na importância de como são realizadas as sínteses entre passado e futuro. Como afirma Fernando Chacel (2002), o projeto tem de se ligar ao processo local, inclusive o da própria naturalidade do lugar. Os diferenciados aspectos da paisagem são blocos de afeto e de percepções para importantes produções de subjetividades próprias e, portanto, singulares.

Se o projeto é a síntese do espaço concebido a questão é como aproximá-lo do vivido.

1.4.3. Das paisagens urbanas

O próprio Rio de Janeiro, como exemplo, ao ser analisado em suas paisagens resguardadas no acervo fotográfico de Marc Ferrez, produzido na virada do século XX (Ferrez, 1984), deixa ver uma cidade onde as paisagens são esteticamente muito mais agradáveis do que as atuais. Apesar dos prédios muito ornamentados, o conjunto possui uma escala mais próxima da escala humana, gerando um todo mais equilibrado e harmonioso. Mesmo nas vilas operárias e bairros mais humildes de trabalhadores, percebe-se uma preocupação com as visualidades resultantes, de resultados mais harmônicos¹⁵. Isso também se repete mesmo quando tomamos como referências outras cidades brasileiras, grandes médias e pequenas já existentes no século passado. A população paga para votar no *Big Brother*¹⁶, mas nunca foi chamada da mesma maneira para decidir

¹⁵ O conjunto residencial da Rua Salvador de Sá, primeira vila operária feita por Pereira Passos no início do século passado, é um bom exemplo disso, situa-se no bairro Cidade Nova e, infelizmente, se encontra em péssimo estado de preservação (nota do autor).

¹⁶ Programa apresentado pela maior rede de televisão do país, já tendo realizado 7 séries de apresentações diárias, com duração de cerca de três meses cada. Um grupo de pessoas,

quaisquer assuntos que digam respeito a efetivas melhorias de sua realidade. Os políticos mudam a cidade em reuniões, protocolos, assembléias, tudo supostamente democrático, porém pouco divulgado e realizado em horários de trabalho da maioria da população. Leis são burladas. Nossos representantes legais são proprietários de empreiteiras, construtoras, escolas, empresas de transporte e por aí vai.

Enquanto isso, a população tem que trabalhar pesado para garantir o pão de cada dia e mal consegue acompanhar nas notícias, as burocracias que determinam a venda de sua cidade, como o exemplo no em nota sobre o destino da cidade de Niterói.¹ Os problemas de devastação das paisagens admiráveis de Niterói não pararam nesse documento, nem ocorrem só nessa cidade. Dia após dia, a cidade está sendo destruída em nome da ganância de alguns poucos. Até mesmo leis de preservação ambiental, acordadas e assinadas por ministros, andam misteriosamente para trás, como no exemplo do Morro do Morcego, situado na enseada de Jurujuba – Niterói, RJ.

Em nome de uma suposta modernização e urbanização, que interessa a bem poucos, as pessoas que vivem nesses lugares perdem por diversos aspectos – desde os econômicos, culturais, sociais e ambientais até aspectos relacionados a uma cidadania capaz de promover ou preservar lugares a partir da criatividade e efetivas participações no desenho das paisagens locais.

A degradação das paisagens urbanas, motivada pelo descaso das políticas de gestão pública é também aquela que provoca e é provocada pela falta da valorização de referências culturais e afetivas. A cidade ainda é vista por muitos usuários, conforme utiliza Lefebvre¹⁷, como uma concessão e não um direito. Não se observa um real interesse em garantir a participação cidadã e, menos ainda, de implementar suas propostas. Esta talvez seja a pior degradação, uma vez que se infiltra e reflete na própria vida das pessoas, criando o não-lugar. Lugares dos

geralmente jovens, é obrigado a viver confinado em uma casa vigiada por um sistema de câmeras. A população assiste a tudo e, através de votos junto com disputas internas, promove a eliminação gradativa dos participantes. O último a permanecer recebe um grande prêmio, além da projeção na mídia (nota do autor).

¹⁷ O termo usador (em francês *usager*) é adotado na obra lefebvriana para designar as pessoas em suas vivências do urbano que, para o autor, transcendem às relações estabelecidas com o mundo das mercadorias (Lefebvre, 1999:178).

quais as pessoas se envergonham de estar e de pertencer, sonhando a cada dia com a possibilidade de fugir dali.

1.4.4. O desenho que se transforma em representação da representação

Observam-se agora algumas questões do desenho da Paisagem, onde os estudos das artes visuais podem trazer uma importante contribuição. Na observação de processos artísticos mais recentes, observa-se uma crise que também atinge o desenho paisagístico, mas que se trata de um processo maior de busca de sentido que, na verdade, é o pano de fundo de toda a tensão da humanidade, no esforço de resgatar seu direito ao sentido do presente e do futuro. Sentido é percepção, direção, significado, acepção, cuidado, meta, objetivo e sensação.

O desenho contemporâneo, submetido a tensões, conflitos, redimensiona-se em outras áreas, procurando e produzindo novas transversalidades e fluxos. Enquanto que na modernidade, tal linguagem pareceu buscar uma perspectiva auto-reflexiva a partir da limpeza do que era considerado desnecessário, culminando no binômio forma-função que, aliás, talvez até felizmente, nunca parece ter tido um correspondente eficaz no paisagismo¹⁸. Percebe-se hoje, especialmente nos domínios da arte, que as linguagens tradicionais buscam a ruptura de seus limites e a transversalidade com outras áreas, como que se libertando das próprias raízes e antigos pontos de vista. Tal ampliação, entretanto, não pode ser confundida com uma posição em que simplesmente tudo possa valer, ainda que facilmente, descambe para isso.

¹⁸ Talvez, pela própria exuberância estética das formas vegetais, especialmente as utilizadas nos jardins tropicais em composições livres e assimétricas. O filme francês **Mon oncle** (Meu tio) de Jacques Tati é uma irônica comédia satirizando o advento da modernidade e as adaptações das pessoas aos seus novos desenhos de programas arquitetônicos e objetos. Tio Hulot (o próprio Tati) faz o contraponto da casa moderna da família Arpel: ele vive numa confusa periferia em que a ordem é estabelecida pelos próprios moradores. Sempre que Hulot vai visitar a irmã, atravessa as ruínas de um muro que representa a ruptura da cidade tradicional com a cidade moderna. As cenas que mostram os usuários dos percursos do jardim, criados em placas de concreto, bem como a de um estranho chafariz automatizado são hilárias. O filme venceu o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e o prêmio Especial do Júri no Festival de Cinema de Cannes, em 1958. (nota do autor).

Para tanto, é importante a abordagem conceitual criteriosa e capaz de conduzir à construção de um novo paradigma estético que contemple a singularidade e a diversidade, de tal modo que estas possam estar providas de sentido próprio e não de um pluralismo de equivalências generalizadas. Na pós-modernidade, o risco do pluralismo nas artes denunciado por *Foster* (1996) também atinge os desenhos da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. Risco grave, pois “(...) o pluralismo é uma condição que tende a remover a arte, a cultura e a sociedade em geral das reivindicações de crítica e de mudança” (*Foster, 1996:50*) e, acrescenta ainda, de participação e criatividade. É aquilo que denuncia como *kitsch*, adotando este conceito para tudo o que seja a cópia pela cópia, desprovida de uma participação criadora e meramente, mais ou menos, pobres e/ou grotescas. São as representações das representações, distanciadas das coisas vividas.

As imagens deturpadas que se divulgam, especialmente através da cultura de massa, utilizam antigos referenciais simbólicos e culturais populares, e invadem o próprio tempo de lazer popular que antes, livre, era ocupado pelos seus costumes e modos, enquanto formas criativas de auto-expressão (Bosi in Trigueiro, 1983:162). A força desses universos estéticos vai sendo retirada na medida em que são devolvidas e absorvidas as deturpações. Assim, diversos locais e paisagens correspondentes, ao serem desprovidos dos elementos caracterizadores de suas memórias e referências próprias, passam a apelar para as representações grotescas de suas tradicionais referências estéticas. Lembra-se, então, o poder da representação como força ativa, como nos traz *Barbosa (1998)*, capaz de transformar e realizar transformações na realidade. As representações do urbanismo, da arquitetura e do paisagismo, apresentadas pela mídia, têm um poder bastante perverso sobre as tradicionais formas do morar e do viver quando são assimiladas apenas em suas dimensões esteticizantes.

Tomemos, por exemplo, os referenciais estéticos da ruralidade, importados e valorizados na mídia. Predominam elementos da estética denominada *country* (campo) seja na decoração de ambientes, da cultura americana dos rodeios, no trabalho com representações da ruralidade que até no próprio país de origem já

são um simulacro de si mesma (Moles, 2001). Os rodeios que crescem cada vez mais, no interior e mesmo nos grandes centros urbanos, envolvem cifras milionáriasⁱⁱ nas organizações de seus eventos; atraindo rapazes pobres para o uso de vestes que nada possuem das tradicionais roupas de boiadeiros e das antigas vaquejadas. Calças carregadas de tiras, apliques metálicos, enormes fivelas, até mesmo o chapéu é de estilo americano.

O nosso boiadeiro tradicional só tem valor estético em terreiro de umbanda, onde até sua saudação de chegada já enuncia uma consciência de classe social:

"Salve meus amigos!
Me chamam de Boiadeiro
Eu não sou Boiadeiro não
Sou laçador de gado
Boiadeiro é meu patrão" (autor desconhecido)

O mau trato dos animais se faz em lutas que representam a necessidade, em tantos aspectos já ultrapassados, de dominar a natureza. As mulheres dançam seminuas com músicas que também nada têm das canções rurais tradicionais. São prêmios de vitrine para aqueles que melhor se entregam ao jogo estabelecido para o lucro capitalista. E às fantasias de riqueza, que só serão privilégios de bem poucos, somam-se corpos femininos como objetos, a picape de último tipo que será oferecida para quem faz direito o papel de mocinho e doma o boi bandido¹⁹. Em São Paulo, os chamados neocaipiras (ver fig.1.4), jovens que adotam vestes americanas como se fossem um retorno às suas raízes rurais são exemplos de conseqüências da falta de valorização de nossas matrizes identitárias e da força de outros vetores ideológicos esteticizantes.

¹⁹ Referência à telenovela "América", exibida em 2005 pela rede Globo de Televisão, em que o enredo central se dividia entre o universo dos rodeios no centro-oeste brasileiro e a imigração clandestina de latinos americanos para os Estados Unidos (nota do autor).



Fig. 1. 4. Neocaipiras em São Paulo: roupas, adereços e arquitetura do velho oeste americano (Joel Silva/Folha Imagem).

O poder negativo dessas representações é a produção de subjetividades generalizadas do pluralismo, o *kitsch* da própria vida, uma sociedade do simulacro em que tudo pode valer tudo, mas que nada vale nada; que naturaliza a violência contra si e contra o outro.

1.5. POR NOVAS SENSIBILIDADES E SENSAÇÕES

A falta de sensibilidade estética em diversos lugares onde o paisagismo poderia atuar com delicadeza, até mesmo para não ser visto, soma-se ao ego de profissionais que precisam rever leituras, pensamentos, ações e, principalmente, seus projetos e desenhos abstraídos enquanto fatos e produções políticos.

Um dos sub-campus da Universidade Federal Fluminense – o do Gragoatá, criado sobre uma faixa de aterro da baía de Guanabara utiliza vegetais da mata Atlântica, mas, mesmo assim, não oferece uma única espécie frutífera. Como o aterro utiliza muitas pedras e restos de demolições, as plantas encontram adaptações difíceis. Muitas desenvolveram raízes superficiais e tombaram nas primeiras ventanias. Áreas vazias são utilizadas como estacionamentos. Os

pássaros remanescentes não encontram nada para se alimentarem. Um grupo de estudantes, representantes dos Diretórios dos cursos de graduações em Psicologia e História, chegou a lançar um projeto de arborização com frutíferas. O mesmo não foi para a frente, pois tudo fere a sensibilidade de pessoas que se adonam das coisas públicas e defendem um projeto que é equivocado porque se pauta em paradigmas de um paisagismo decorativista e alheio aos desejos e necessidades de tantos outros.

Tudo neste país tem dono e cuidado ao mexer com eles, os que mais defendem a democracia, ao galgarem qualquer poder tomam medidas tão ou mais autoritárias e arrogantes que a de seus precedentes.

O Brasil é um país repleto de possibilidades de experimentações que são, infelizmente, por diversos motivos incoerentes, muitas vezes, desperdiçadas. Municípios diversos estão atravessando processos acelerados de urbanização que avançam sobre antigos meios rurais. As velozes transformações de suas paisagens implicam sérias perdas de suas matrizes identitárias, construídas em processos, por vezes, seculares. Não se trata da mera transformação acelerada de uma estética rural em uma estética urbana. As urbanizações a que se têm assistido na quase total maioria das vezes, são as de pior qualidade possível, resultando em precarização simultânea da cidade que se amplia e do campo que se acaba, empobrecimento cultural apavorante e total degradação da paisagem. Como as paisagens urbanas do centro do bairro de Alcântara em São Gonçalo, registradas nas fotos a seguir, que conseguem somar a feiúra, a ignorância e a maldade, produzindo misérias e violências a serem vividas e reproduzidas, pois toda paisagem, por pior que seja, é matriz identitária e ideológica.



Fig. 1.5.6.7.8. Imagens da “urbanização” da zona central do Bairro de Alcântara – Município de São Gonçalo. Região metropolitana do Rio de Janeiro em 2006 (fotos de Valentim Tavares).

A ruptura que a modernidade e algumas revoluções não conseguiram estabelecer para a produção de um mundo onde a vida tenha mais sentido, talvez passe pelos vieses estéticos e éticos da ruralidade. E esta afirmação parece não valer só aqui. Enquanto esta pesquisa defende a presença e a possibilidade de novas formas de permanência da Estética da Ruralidade nas paisagens urbanas, inicia-se em outro canto do mundo um trabalho que enuncia e afirma o conceito de *rururbano*. São os jovens do projeto, auto intitulado, revolucionário *Okupar* (ver anexo ao final da tese) que em Barcelona estão propondo um novo modelo de vida social ao ocuparem espaços abandonados na cidade e organizarem uma vida física mais saudável, menos individualista e mais comunitária, agricultura local e

artesanato próprio, a fim de minimizar e combater as doenças e dores das realidades urbanas que só podem ser acessadas por meio do dinheiro.

Para esclarecer melhor sobre a importância desses lugares é preciso entender a cidade brasileira, a ruralidade e suas imbricações campo-cidade ao longo da História, em sua diversidade e complexidade, como se tenta demonstrar no próximo capítulo.

É preciso lançar o olhar curioso de si mesmo, de nós mesmos, sobre os diversos lugares que se escondem em nossas cidades e perceber por que tanta gente consegue sobreviver nela. Se a força dos pobres é seu tempo lento (Santos, 1997), por onde flui esse tempo? Qual a geografia que esconde lugares de suas gargalhadas, churrascadas, encontros, rodas, namoros, macumbas etc.?

Onde os velhos renovam suas esperanças, reencontram a natureza, relembram histórias e plantam suas mezinhas? Recontam suas vidas para os mais moços a fim de que ela se renove em sentido, falam de seus saberes e de suas façanhas de juventude. Por que tantas afirmações de carinho e respeito por esses espaços e paisagens? O material mais rico e belo, se é que se pode afirmar assim, da cultura de resistência, está fora dos quadros doutrinários de quaisquer movimentos políticos, está no dia a dia daqueles que conseguem viver sem separar o corpo da alma (Bosi in Trigueiro, 1981:158).

ANEXOS:

1-AOS DEFENSORES DE NITERÓI.

Já dizíamos aos nossos amigos moradores tradicionais da Serra da Tiririca e das Andorinhas, contrários aos novos limites do Parque: -"Formou-se um grande lobbie empresarial em defesa dos novos limites do Parque". Sabíamos que nada seria capaz de deter o conjunto de forças, aliado ao mercado especulativo de terras para a aprovação da lei atual.

Por outro lado este grande lobbie soube jogar e muito bem com a opinião pública, quando afirmava: "Essas pessoas são contra a criação do Parque". Parecia junto a opinião pública que aqueles que defendiam os limites originais, agregando uma área muito maior ao parque, eram meros criadores de caso.

O mercado se organizou e ofereceu a sociedade um parque, sabíamos que esta luta era extremamente difícil, com a liberação criminoso de extensas áreas de mata atlântica para a especulação imobiliária.

O CCOB esteve no dia em que o projeto foi sancionado, junto com os moradores tradicionais da Serra da Tiririca e Andorinhas, que são os responsáveis diretamente pelo estado de preservação atual da Serra e das Andorinhas.

Grandes áreas serão devastadas, sem que nenhum órgão ligado ao meio ambiente mova uma palha. Ouvimos um representante do IEF afirmar que essas áreas serão protegidas o que não acreditamos, até porque o IEF admitiu publicamente que não tem veículos, não tem combustível e tão pouco pessoal para fazer frente às suas atribuições.

As conseqüências do que foi aprovado serão sentidas em pouco tempo, como estamos sentindo hoje, com a aprovação do PUR de 2002, com a cidade aos poucos tornando-se inviável.

A Diretoria do CCOB

2- AOS DEFENSORES DE NITERÓI.

> REPASSANDO P/CONHECIMENTO.

> Este PUR, não pode ser votado na Câmara, por estar descumprindo os artigos 36 e 37 do Estatuto da Cidade - Lei Federal no.10.257/01 e o artigo 8 - alíneas l, m da Lei Municipal no. 2123/04, que obriga o Executivo a executar os Estudos Prévios de Impacto Ambiental (EIA) e de Vizinhança (EIV). O CCOB já denunciou esta irregularidade ao MPE através do Ofício CCOB 093/05 em 12/05/05 e na Ouvidoria do MP/RJ através do Ofício CCOB 094/05 em 11/05/05. Estamos aguardando que o MPE entre com uma Ação Cível Pública contra a votação do PUR na Câmara e que retorne ao Executivo para cumprir as leis vigentes, por ser Órgão competente para fazê-lo, por ser o fiscal da lei. Informamos que o CCOB, por ser uma Entidade legalizada, também tem prerrogativa para impetrar uma ACP. ISTO É URGENTE. O CCOB, na Audiência Pública da Câmara, entregou os Ofícios CCOB 091 e 092/05, ao Presidente da Comissão de Urbanismo, vereador Paulo Bagueira, informando da obrigatoriedade dos estudos científicos a ser apresentados pelo Executivo, e até a presente data não tivemos respostas, e pelo que estamos vendo, irá colocar em votação o referido PUR, e iremos entrar com uma Ação, impedindo esta irregularidade. Esperamos que não FECEM A CÂMARA, mais uma vez, como fez o ditador Comte Bittencourt em 03/04/02. No o jornal O Globo Niterói do dia 12/06/05, o vereador Bagueira afirma: " No Fonseca, a proposta é concentrar as construções nas vias principais, como Alameda, onde os gabaritos chegarão a 12 pavimentos. O objetivo é preservar ruas menores e com menos estruturas" Eu acho que o nobre vereador, que votou a favor do PUR da Orla da Baía em 2002 (que hoje se encontra SUB-JUDICE, por uma Ação da OAB/CCOB/CCRON), comete o mesmo equívoco, NÃO LEU a proposta, pois não foi só na Alameda que o gabarito aumentou de 08 (ao longo da via) para 12 (entorno) pav.+ garagem + cobertura, mas 80% das ruas secundárias foram bastante AUMENTADAS, então

> vejamos:

> - Lei vigente 659/87:

> * 08 pav. para 12 pav. + garagem + cobertura: Alameda.

> * 06 pav. para 12 pav. + garagem + cobertura: Noronha Torreção, João Brasil,

> Des. Lima de Castro e Mário Viana.

> * 06 pav. para 08 pav. + garagem + cobertura: Rua Riodade (que foi criada uma

> Sec. Regional ?) e Teixeira de Freitas.

> * O afastamentos laterais, fundo e frontal também foram reduzidos, ou seja:

> - Afast. laterais/fundo: de 8 pav. de 4m para 3,50m.

> - Afast. laterais/fundo de 6 pav. p/ 12 pav. de 3,00m p/ 4,00m

> - Afast. frontal: do meio fio 10,00m e agora passa para divisa 5,00m., ou

-
- > seja, se o meio fio tiver 1,00m de largura a testada do prédio ao meio fio
 - > terá 6,00m de afastamento pela proposta, enquanto na lei vigente permanece > 10,00m.
 - > Pelo exposto acima, mostramos que o vereador não leu a proposta ou não entendeu nada, só que desta vez êle tem a obrigação de ler, pois é o Pres. da Comissão de Urbanismo.
 - > Esta Audiência é como tantas outras, não serve para nada, pois não atendem a população e nem as entidades, só serve para formalizar o Estatuto da Cidade e dizer que ouviu. Na 2a. Audiência não teve mais de 20 pessoas e uns 03 vereadores e nesta 3a. deve ter mais ainda, pois ninguém acredita nos vereadores. O PACOTÃO ESTÁ PRONTO, para mais uma vez beneficiar a especulação e imobiliária, e acabar de vez com a qualidade de vida dos moradores, como está acontecendo hoje nos locais: Santa Rosa, São Francisco, Charitas e Morro do Gragoatá, Morro do Morcego, Região Oceânica.,etc.
 - > Hoje o trânsito está CAÓTICO, imaginem quando toda estas construções estiverem prontas, a cidade vai parar, ficará mais quente, sem ventilação, sem luz natural, sem florestas e sem lagoas. Niterói não tem alternativas de vias para escoar todos estes veículos e nem infraestrutura para absorver este mega-crescimento, onde até hoje não fizeram um estudo científico para avaliar os impactos negativos que irá ocorrer daqui a 10 anos. Na verdade a cidade não comporta este super adensamento desordenado, ela já está inchada e vai IMPLODIR, e daqui a 06 anos ou menos ficará inviável para se morar e quem comprar imóvel aqui, está sendo ENGANADO, pois irão morar num verdadeiro INFERNO.
 - > * ADEUS NITERÓI, O DESENVOLVIMENTO URBANO PLANEJADO POR ROBERTO SILVEIRA E
 - > GODOFREDO PINTO, SERÃO OS RESPONSÁVEIS PELO DESASTRE, CRIMES AMBIENTAIS E
 - > SEM QUALIDADE DE VIDA EM NITERÓI.*

ii Alguns sites foram destacados para fins de consulta (pesquisa realizada em 20 de março de 2008):

[::: CountryNight.com.br::: O Melhor site country do Centro Oeste!](http://www.countrynight.com.br)

Diferentemente do **rodeio** americano onde se visa o **lucro**, aqui no **Brasil** o **rodeio** tem uma conotação mais social e é a festa das pessoas que fazem parte do ...

www.countrynight.com.br/novela_america2.html - 42k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)
[CMI Brasil - Coca-cola patrocina touradas, rodeios e corrida de cães!](#)

Coca-cola patrocina touradas, **rodeios** e corrida de cães! ... Apenas a quebra de **lucros** poderá levar a Coca-Cola a reavaliar estes patrocínios. ...

www.midiaindependente.org/pt/blue/2001/09/5947.shtml - 28k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[PPT]

[Slide 1](#)

Formato do arquivo: Microsoft Powerpoint - [Ver em HTML](#)

São cerca de 1.200 festas de **rodeio** realizadas anualmente no **Brasil**, ... Preciosos de fato, são os **lucros** obtidos à custa do sofrimento desses animais e da ...

www.sopeq.com.br/Tortura_nos_Rodeios_SOM.pps - [Páginas Semelhantes](#)
[Yahoo! Respostas - Por que o rodeio faz tanto sucesso e ainda não ...](#)

E no **brasil**, não há **rodeios** e a farra do boi? ... Porque dá muito **lucro** aos empresários que patrocinam este tipo de evento. 1 ano atrás. 0% 0 Votos ...

br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060906083136AAcDmFY - 72k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

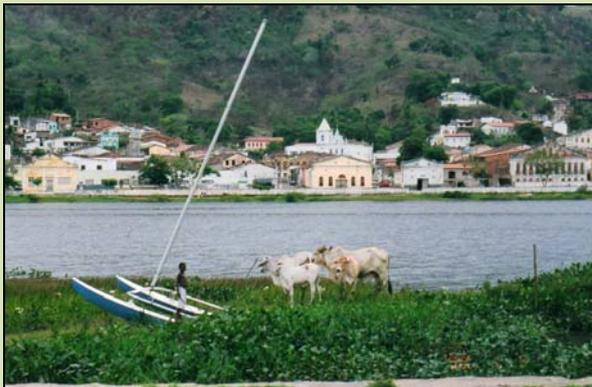
[CMI Brasil - Manifestação Contra O Rodeio "Liberdade FM" ...](#)

rodeios. Mais uma vez a covardia em nome da "diversão" e do **lucro**, move milhares de pessoas para um evento regado a sangue e desrespeito com os animais. Se ...

brasil.indymedia.org/eo/blue/2005/07/322497.shtml - 27k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)



2. DO URBANO, DO RURAL E SUAS RELAÇÕES



2. DO URBANO, DO RURAL E SUAS RELAÇÕES

O objetivo deste capítulo é discutir o urbano, o rural e a relação urbano-rural, a partir da adoção de uma definição para ambos. É apresentada uma distinção entre rural e ruralidade, uma vez que, enquanto o rural está mais relacionado com a noção de um espaço próprio; a ruralidade pode ser um aspecto, um conjunto de características, enfim, uma manifestação estética, inclusive quando em apropriações e usos diferenciados do modelo hegemônico.

A seguir, são observados aspectos da história que partem da implantação do rural no país e suas escalas atuais; aspectos da produção de espaços urbanos e chega-se à presença e manutenção das manifestações da ruralidade. Uma parte especial deste capítulo é dedicada à compreensão e análise do processo de formação dos jardins e quintais urbanos, a fim de defender sua importância para a preservação de manifestações estéticas da ruralidade em áreas urbanas.



Fig 2.1- Foto obtida no bairro da Lapa, alto da escadaria de Santa Teresa, próximo ao grande centro administrativo do Rio de Janeiro (foto do autor).

2.1. URBANO - Para pensar a cidade

O autor Henri Lefébvre, por sua atualidade, vigor conceitual e preocupação em definir a produção dos espaços urbanos, é adotado como principal referência para pensar a cidade. Pode parecer contraditório em um trabalho que defende a preocupação com a ruralidade, a adoção de um autor que, em determinado momento de sua produção intelectual, lançou a hipótese da completa urbanização da sociedade (Lefébvre, 1970). É fato que a sociedade urbana, enquanto problemática espaço-social tenha passado ao primeiro plano, mas isso não suprimiu questões como produção de alimentos, preservação ambiental, geração de energia e produção mineral, dentre outras, como comprovam diversos estudos, inclusive, sobre a urbanização no meio rural e outros que tratam do fim do mundo rural tradicional e da emergência de novas ruralidades. Como cita Veiga (2004:03), o próprio Lefébvre, na mesma obra que para muitos soa como o anúncio de um mundo-cidade, adverte que “o desenvolvimento do conceito de sociedade urbana, antecipado na primeira página a título de hipótese, não poderia ser entendido como acabado”.

Veiga, na seqüência de sua análise, também comenta (2004:03) que Lefébvre, na evolução de sua trajetória intelectual, continua fiel ao estudo do urbano, principalmente da produção de seus espaços caracterizadores. Observa, porém, que o autor abandona, de certo modo, sua hipótese inicial. Sendo assim, a questão da completa urbanização já não seduziria tanto o seu próprio formulador, mas sim aquilo que conceitua como revolução do espaço. Todavia, ainda que com certa ironia, Veiga (2004:03) observa que muitos dos admiradores de Lefébvre ainda estão fixados em sua idéia inicial de uma sociedade completamente urbanizada.

Retornando e renovando as inquietações atualizadas sobre a produção do espaço urbano, são importantes os novos e nem tão novos escritos sobre a cidade de Ana Fani Alessandri Carlos, Carlos Nelson Ferreira dos Santos e Otilia

Arantes. Suas contribuições elucidam questões que surgem no estudo das realidades urbanas brasileiras. Também são citados Giulio Carlo Argan e Félix Guattari. Em comum, todos reforçam a idéia de que as cidades devem ser feitas para e pelas pessoas que nelas vivem. A participação dos atores, dos usuários, dos moradores, dos cidadãos, enfim, das pessoas, nos destinos da cidade, precisa estar articulada a um desejo de transformação da mesma. Para transformar a cidade em uma obra feita por todos é preciso ouvir suas vozes. Também é preciso conhecer, distinguir partes, defender o que pode e deve permanecer na cidade e reconhecer o que necessita ser transformado.

O espaço urbano resulta do trabalho com fins de assegurar a existência e continuidade das sociedades humanas em sua complexidade crescente e ao mesmo tempo, em sua morfologia atual, reflete e reforça o estabelecimento das lógicas da divisão social e territorial do trabalho que, entre tantas outras coisas, também o produz. Pode-se pensar o urbano como uma adjetivação que deriva do termo latino *urbano*, designando algo próprio à cidade. Os dicionários também apontam para seu sentido figurativo como cortês, civilizado, culto ou polido e quase sempre como sendo oposto ao rural, que por sua vez se associa ao rústico, ignorante e ao incivilizado.

O fenômeno urbano, para Lefévre (1999:53), se apresenta como uma realidade global de difícil apreensão. Para o mesmo autor, a 'sociedade urbana' é uma realidade da 'sociedade pós-industrial', e quanto ao urbano ele apresenta a seguinte definição:

“O urbano é um conceito teórico originado e liberado por um processo tal como ele se apresenta a nós e como o analisamos. Não se trata de uma essência na acepção habitual do termo entre os filósofos; não se trata de uma substância como tenderia a fazê-lo acreditar este ou aquele termo ainda utilizado de forma laudatória, como, por exemplo, a urbanidade; trata-se, antes, de uma forma, a do encontro e da reunião de todos os elementos da vida social, desde os frutos da terra (trivialmente: os produtos agrícolas) até os símbolos e as obras ditas culturais.”
(Lefévre, 1999:53)

Observa ainda, como que, de modo por vezes aparentemente contraditório, o urbano contempla a centralidade – talvez, o fator que mais o caracterize:

“No próprio seio do processo negativo da dispersão, da segregação, o urbano se manifesta como exigência de encontro, de reunião, de informação.”(Lefebvre, 1999:53)

A sociedade urbana, tal como hoje se apresenta, reflete as incoerências do sistema capitalista. Tem seu processo de expansão, acúmulo e concentração de riquezas, baseado na exploração do homem sobre toda a natureza e, portanto, também sobre outros homens, culminando com um controle global da produção e sua distribuição geográfica. Enfim, uma *mercadificação* do mundo.

Para Lefévre (1999:15), o urbano está presente na formação mais primitiva da cidade; porém, é depois da revolução industrial, ou mais precisamente, durante o século XIX, que se explicita como uma realidade social. Cidades sempre foram locais de troca, mas também e principalmente, de concentração de riquezas. Nas protocidades e em sociedades primitivas, toda a produção econômica de excedentes é consumida em festas e rituais e dependendo do grau de fartura convidam-se grupos sociais próximos ou até mesmo rivais.

Ao longo da História, o urbano, desde seu estado embrionário nas protocidades fundadas pelas mulheres do neolítico, passa pelas antigas cidades de impérios carregados de mitologias, aldeias medievais, cidades estado, cidades capitais, as novas cidades do novo mundo e atinge a escala das megalópoles e, pela cornurbação destas, forma atualmente imensos espaços urbanos.¹ Ao aumento quantitativo também corresponde um incrível aumento qualitativo, o que aqui não implica apenas boas qualidades, mas sim a imensa e cada vez mais intrincada pluralidade de papéis, conteúdos e relações espaciais. Hoje, as

¹ Tais processos não foram necessariamente crescentes, a Roma Imperial da Antiguidade Clássica atingiu a incrível marca de um milhão de habitantes, decaindo na Idade Média para cerca de 50.000 habitantes. (Mumford)

geografias urbanas resultantes podem guardar tempos e culturas extremamente diferenciadas em um simples virar de esquina.

Para Souza² (1995:65), o urbano difere da cidade. O urbano é o geral, o abstrato, ultrapassa inclusive as fronteiras físicas da cidade. A cidade é uma realidade concreta, é o lugar dos lugares, do público e do privado, do externo e dos internos. Nela está o transporte, a especulação imobiliária, a habitação e todos os seus universos simbólicos.

O espaço urbano se torna disciplinador quando, através do simbolismo escancarado de suas formas percebidas na paisagem impõe ordenações intencionadas a todos os seus conhecedores. Paralelo a sua evolução histórica, desenvolveu-se nele, uma linguagem poderosa das ordens e regras de utilização de seus espaços, a fim de estabelecer e controlar a lógica funcional das existências cotidianas, desde às necessidades físicas básicas até os lugares que as coisas devem ocupar para garantia da organização das grandes redes que possibilitam o conjunto das relações sociais.

Contrariando o senso comum, o urbano não se opõe à natureza, mas, através de artifícios recombina elementos naturais para tentar encontrar uma dimensão mais confortável para a existência humana. A questão dessa nova versão, que parece dominar o mundo social contemporâneo, submetido à lógica capitalista, vai além das incomensuráveis perdas advindas da modelagem da natureza. Trata-se de questionar sobre qual realidade ou quais realidades ela poderá engendrar para além daquilo que as técnicas e saberes humanos a condenam atualmente. Instigante *continuum* de expansão para novas possibilidades socioculturais ou, em sua versão empobrecida, algo que teremos de cuidar e segregar cada vez mais e usufruir cada vez menos. O urbano contemporâneo parece se revelar como um espaço antívida, ou, como afirma Arantes (2001:129), “um modelo que prometia desenvolvimento produz a mais implacável exclusão”. Compreende-se aqui a exclusão como cruéis desigualdades de acessos aos bens e serviços fundamentais.

² in Gonçalves, Maria Flora (org), **O novo Brasil Urbano**, porto Alegre, Mercado Aberto, 1995.306p. Esta obra resulta de workshop promovido pela ANPUR (Associação Nacional de pesquisa e Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) 35ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

A cidade desenhada pelo capitalismo em sua evolução que culminou com as atuais formas de globalização e criação de um mercado global é tecnicista e fragmentada, fria e distante, cobrando por tudo o que se pode fazer nela. Na “nova ordem mundial”, a tiranização de uma economia tecnológica de acesso altamente restrito impõe às vidas uma realidade redutora sempre mediada pelo dinheiro, segregando países inteiros; pessoas que chegam, na ordem de milhões, à condição de nem mesmo terem direito à infelicidade de serem exploradas (Arantes; 2001:129).

Até mesmo o solo urbano se transforma em mercadoria. Em determinados sítios urbanos o seu valor chega a índices astronômicos. Como consequência tudo neles se encarece e, a partir do próprio aumento dos impostos e aluguéis, dentre outros, pessoas que sempre viveram e caracterizavam o lugar são obrigadas a sair. Quem fica pode assistir a destruição de seus próprios lugares em nome do progresso, da limpeza e das novas soluções urbanas, que quase sempre chegam com nomes pomposos e defensores fervorosos.

“Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constituiu a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto.” (Lefévre.1972:63)

Para os que não possuem meios de acessar o dinheiro, resta o empobrecimento que atinge a dimensão da miséria, a falta de perspectivas de trabalho, estudo e lazer e do próprio sentido da existência. Tudo isso acompanhado de perto pela feiúra urbana, falta crônica de moradia, criação de subcidades, violência e marginalidade urbana em proporções nunca vistas. Por outro lado, nos trechos onde o solo urbano atinge valores milionários, as elites se entrincheiram em bairros que passam a funcionar como vitrines onde toda uma estética, em paisagens de ordem e encantamento, sustenta um discurso falacioso de sua possibilidade para todos os que *dão certo na vida*³. No fundo, cidades infelizes para todos, de medos e de solidões entrincheiradas mergulhadas no anonimato das multidões urbanas.

³ Expressão popular que designa os bem sucedidos em termos sociais (nota do autor)

Em diversos bairros, as imposições das transformações urbanas sobre os espaços urbanos tradicionais negam as soluções culturalmente produzidas pelas parcelas sociais mais pobres. E assim, as populações vão buscando onde e como podem ficar, mudam-se de um local para outro, perdem referências e investimentos que muitas vezes não contam nas lógicas capitalistas: relações de vizinhança, amizades, lembranças e mesmo bens materiais como plantas, construções e arranjos espaciais que constituíam lugares impregnados de propriedades, memórias e singularidades.

Apesar de tudo isso, a cidade é anterior ao capitalismo e se as suas atuais formas parecem opressivas e pouco compensatórias, por isso mesmo, talvez possa fazer valer o trabalho de se transmutar ou se reinventar. Por diversas vezes, nas áreas consideradas mais degradadas, sob o ponto de vista das análises dos urbanistas, encontramos a vida em sua expressão mais forte, como revelam diversos exemplos, até fundadores da cultura carioca, como no caso da “Pequena África” no Rio de Janeiro⁴. É preciso compreender a produção do espaço urbano, suas lógicas e determinações a fim de se pensar que novos urbanos são possíveis, bem como ainda, os mecanismos e estratégias capazes de levá-lo a uma transformação.

O urbano possui referências científicas, sociológicas, políticas, históricas e estéticas – estudadas no urbanismo. Para pensar o urbano, como diria Argan, temos de superar a distinção ou oposição entre arte e ciência, uma vez que: “o urbanismo é uma disciplina nova que pressupõe a superação desse esquematismo; para ser mais preciso, ele colocou-o e superou-o por conta própria, no seu próprio processo de formação” (ARGAN, 1988:211). Para Carlos Nelson F. dos Santos é preciso ir mais além das sínteses simplistas e separadoras de análises sobre representações artificialmente separadas. Ao estudar o urbano é preciso conhecer sua própria realidade em escala 1/1, o que talvez explique muitas incoerências nas ações de planejadores, arquitetos e urbanistas:

⁴ No Rio de Janeiro, as principais características da cultura carioca, que são o samba, os desfiles das grandes escolas de samba, a umbanda, a feijoada e até mesmo o chorinho, são provenientes das camadas mais pobres da população e originadas na área urbana conhecida como “A pequena África”, correspondente à atual Praça Onze, que concentrava os ex-escravos recém libertos, vindo daí a origem do nome (nota do autor).

“A menos que se queira tomar como real um metafísico conceito de estrutura, é preciso admitir que, se existe algo parecido com isso, resulta de atuações muito vivas e conjunturais. A referência é o espaço em si, que, a par de material, é também a representação mais acabada de como é esta materialidade.” (Santos, 1988:45)

Sendo assim, a percepção da paisagem é um método privilegiado para contato e compreensão dessa realidade em escala 1/1, onde a visualidade em somatório com os demais sentidos humanos alimenta a análise estética. Em termos estéticos, o urbano possui todo um universo simbólico próprio que se manifesta em seu desenho urbano, tratamento paisagístico, arquitetura. É tão rico que é capaz de expressar épocas, estilos, culturas e funções muito distintas. Capaz mesmo de admitir aparentes contradições dentro de si mesmo. A própria estética da ruralidade observada nas paisagens cariocas não é rural, é completamente urbana.

Existe um jogo na produção dos espaços urbanos como observou Santos (1988). Compreender esse jogo é importante para os que estiverem dispostos a mudar certas regras que só reproduzem determinados vencedores. É o jogo dos interesses dos espaços da representação em disputa com os das práticas espaciais. Atualmente este jogo é um jogo de ganhar ou perder, onde quase sempre os perdedores são as pessoas comuns que vêm sendo reduzidas as possibilidades de suas práticas espaciais, sociais e culturais tradicionais. No dia em que todos ganharem no jogo, a cidade terá mais cooperação e vida.

Mais uma vez cabe destacar a contribuição de Lefébvre e seu pensamento de forte influência marxista, naquilo que sua obra revela de melhor que é a importância da humanidade se repensar e se refazer, buscando construir novos futuros. Seu entendimento de reprodução social no espaço urbano é bastante esclarecedor, considerando-se os três momentos de análise propostos: a **representação do espaço**, os **espaços de representação** e a própria **prática dos espaços**.

Para o autor citado, a **representação dos espaços** surge das esferas de poder e autoridade, como os planos e modelos urbanísticos e arquitetônicos, a

legislação, a tecnocracia dominante, o Estado e o mercado. Já **o espaço da representação** é aquele que resulta da ação da representação do espaço sobre o espaço real existente, onde, enfim, temos **a prática espacial**: as pessoas, suas vivências, as intervenções recentes e as marcas de outros tempos e as lembranças da natureza, símbolos, códigos e linguagens em convívio e disputa.

Barbosa (2002) fala o quanto é importante procurar, cavoucar a *sucata de utopias* perdidas nas cidades contemporâneas. As utopias urbanas aparecem em diversos momentos de crise ou de transformação na história. Algumas quase não surgem com proposições espaciais delineadas, sobre uma espacialidade difusa, geografias indefinidas. Podem ser sonhos que nos instiguem na crença de sua possibilidade ou delírios impraticáveis e imobilizadores. Em alguns momentos propostas de futuro surgem bem desenhadas e previsíveis para o aqui e o agora. No próximo capítulo veremos as cidades jardins de Ebenezer Howard e as propostas dos desurbanistas soviéticos. Ambos, em diferentes visões políticas, defendiam o convívio da cidade com o campo para a produção de novas sociedades.

Lefébvre argumenta no início de sua obra que o pensamento de esquerda é o que não se acomoda em conformismos ou nostalgias e persegue novas possibilidades para a cidade. Alerta para uma cidade em que somos cada vez mais restringidos e menos participantes dos seus traçados para o futuro imediato ou distante. O que será o urbano ainda não está estabelecido (Lefébvre, 1999:108). Nesse sentido, é importante a observação das dimensões do vivido como resistências e potencialidades a serem estudadas pela Geografia interessada na pesquisa urbana.

2.2. O RURAL

O termo rural aparece quase sempre ligado à questão da produção agropecuária, mas aqui o conceito de rural adotado busca transcender os aspectos meramente produtivistas ou tecnológicos. O rural geográfico tradicional, além de espaço destinado à produção agrícola ou pecuária, também constitui

lugares que abrigam pessoas e seus hábitos. Desse modo, o rural toma um sentido estético em manifestações produzidas por culturas que lhe são próprias, as quais se denominam ruralidades. As ruralidades, compreendidas enquanto forças subjetivas constituem modos de ser, de agir, de estar no mundo e produzir coisas e lugares, formas, materializações, visualidades e, sendo assim, todo um universo estético lhe é próprio. Para tanto, é preciso compreender a ruralidade como se produziu no caso brasileiro, onde diferenças geográficas, ambientais, socioculturais determinam não uma única modalidade, mas sim diversos rurais e correspondentes ruralidades em complexidades diferenciadas.

Apesar da complexidade do rural brasileiro, duas modalidades dominantes de rurais distintos se perpetuam desde sua implantação até hoje, que são, de modo geral, um rural destinado para o mercado externo que é marcado pelas **plantations** e um rural de **subsistência**, próprio ao consumo interno. Em um país cujo destino de celeiro do mundo é citado até em evangelhos religiosos, o rural parece definitivo, porém não imutável.

O rural social e histórico para Moreira pode ter os seguintes aspectos:

“... é culturalmente associado com sociedades agrárias tradicionais e com comunidades locais, bem como temporal e simbolicamente associado ao passado e à tradição. E ainda considerado como oposto às relações sociais oriundas das instituições de mercado e do Estado e da civilização burguesa, simbolicamente associadas à cidade.” (Moreira,2006:08)

Moreira (2002) tece narrativas para o rural: a primeira sobre o rural contemporâneo, a das imagens do rural da modernidade dos países centrais, principalmente da Europa. A do rural e de suas modernizações incompletas da periferia latino-americana e, especialmente da ruralidade brasileira, onde destaca seu aspecto gerador de seres e geografias híbridas.

Para José Eli da Veiga Martins, pode-se argumentar que o rural não é apenas o rural territorial, da mesma forma que o urbano não é apenas o urbano territorial. Os vetores simbólicos do rural e do urbano transversalizam um com o outro: “Há um índice de urbanização no Brasil rural. O telefone celular, por exemplo, já chegou a áreas inesperadas neste país” (Veiga, 2002).

O autor francês Bernard Kayser em seu livro “*La Renaissance Rurale*”, com certa radicalidade, propõe um renascimento da ruralidade em diversos cenários mundiais, a partir do início da década de 90. Entre as diversas questões, que não comportam aqui a sua análise, uma parece ser muito importante – aquela em que o seu projeto *Novo Rural* identifica perdas de diferenças entre o rural e o urbano no Brasil, por conta de características percebidas em ambos. Mas, o autor conclui que se preservam diferenças entre os dois meios, mesmo nos países desenvolvidos. Para Bernard, há um renascimento do meio rural pela sua transformação num espaço mais complexo, o que não significa o fim das diferenças entre o rural e o urbano. Porém, segundo ele, poderíamos manter essas duas categorias da realidade social, espaciais e analíticas.

Visões semelhantes de autores nacionais observam a tendência do desaparecimento da divisão tradicional entre cidade e campo, entendendo o campo como o domínio do rural. Em substituição, estariam dando vez às novas interações que João Rua denomina “urbanidades no rural” e que seriam ainda, em sua análise, o que poderia ser chamado de espaços híbridos. Essas novas ruralidades são estudadas por autores como Maria José Carneiro, João Rua e José Roberto Moreira (ver in Moreira, 2002) e entre diversos aspectos confluentes seus estudos admitem o convívio da cultura rural com a cultura urbana.

Porém, ao argumentar sobre possíveis vantagens da aproximação de ambos e quando se detêm mais especificamente na análise do rural advertem contra a visão nostálgica onde predominam paisagens idílicas, utópicas e impraticáveis.

Com todo o desenvolvimento observado nas cidades brasileiras, há quem também questione o quanto o Brasil é urbano nos seus meios urbanos, uma vez que existem locais com poucos habitantes, ínfimas densidades populacionais, mas considerados sob a lógica da urbanização e que seriam o que Veiga (2002) chama de sociedades rurais. Seu livro **Cidades Imaginárias** desmente os números da urbanização no Brasil e critica os atuais critérios de classificação utilizados para a afirmação do que é urbano ou rural.

Somente na Idade Média, enquanto as cidades tiveram muralhas, era possível realmente fazer uma separação cidade-campo. O que Veiga afirma é que:

“... ninguém tem o direito de desconhecer a imensa desigualdade entre o Brasil urbano e o Brasil rural. Uma desigualdade que se manifesta principalmente nas oportunidades, nas escolhas, nas opções e, sobretudo, nos direitos que podem ser efetivamente exercidos por essas duas partes da população” (Veiga, 2002:44).

2.3. PAISAGENS RURAIS NO TEMPO

As transformações no tempo têm peculiar interesse para a Geografia histórica. Seus diferentes métodos e abordagens metodológicas e conceituais estão registrados sinteticamente no artigo publicado por Silva (2007). Seu estudo possibilita a compreensão da dinâmica da cultura em sua dimensão temporal e para Cosgrove (1984) a paisagem é o conceito capaz de abarcar essa dimensão (Silva in Bezerra *et all*, 2007:81). Sendo assim, os aspectos históricos destacados a seguir objetivam ressaltar algumas considerações sobre os processos de implantação dos rurais brasileiros, suas singularidades e diferenças compreendidas nas lógicas de suas paisagens. Como em uma genealogia, são ressaltadas considerações importantes para a compreensão da implantação e preservação de sua presença nos espaços urbanos.

2.3.1. A implantação do rural na colônia selvagem

Desde os seus primórdios, ao contrário da Europa onde a divisão paisagem urbana e rural era bastante nítida, a paisagem rural brasileira em seu processo de implantação e expansão encontrou características bastante diversas. Fez sua história, inclusive, da qual se pode mesmo afirmar uma reinvenção do processo de ocupação sobre as paisagens naturais. A saga dessa história é tão complexa que deveria ser contada sob distintas lógicas: dos índios, africanos e europeus, bem

como da própria natureza dos ecossistemas sobre a qual aconteceu⁵, considerando-se, ainda, as diferenças regionais, culturais, climáticas e geográficas correspondentes.

Sobre o que parecia ser uma sociedade edênica (Ribeiro, 1995:40), vivendo na inocência da nudez e da fartura, chegaram os assombrados portugueses. Encantados com a fartura e a beleza, como atestam suas primeiras cartas, logo puderam perceber o potencial de enriquecimento que tanta terra representava e dela trataram de tirar proveito. A sedução de uma cultura em tal estado de natureza foi tanta que alguns chegaram mesmo a se render e ficaram por aqui, dançaram nus, tiveram muitas mulheres e até mesmo, desertores e degredados chegaram a participar de rituais canibalescos (Dean, 1995:86).

Porém, entre tanta riqueza, a cobiça prevalece e a nova terra, para muitos, só acenaria como possibilidade de enriquecimento fácil. A adoração e a saudade da cultura européia, associadas à desvalorização das paisagens brasileiras são uma constante durante a colonização e atravessa os tempos vindouros:

“As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre” (Nabuco in Sodré.2000:22).

A exploração predatória de riquezas como o pau-brasil e o ouro, dentre outros, são ciclos diferentes, mas que implicam devastação da paisagem natural. No caso do ouro, mudam-se até topografias e cursos d'água. Uma cultura de subsistência é necessária para alimentar as levas envolvidas na exploração dos garimpos em todas as novas cidades que vão surgindo e ocupando as 'Geraes' e outros trechos do interior do país, várias delas chegaram a enfrentar sérias crises de fome. Uma alimentação nova é introduzida, misturando sabores indígenas, africanos e europeus e rapidamente assimilada, seja pelo seu valor nutricional bem como pelo seu sabor, aromas e cores:

⁵ Warren Dean fez este tipo de trabalho em sua obra *A Ferro e a fogo* sobre a história da devastação da mata Atlântica, sob o ponto de vista da própria natureza (1995)

“Para as necessidades de alimentação foram-se cultivando de norte a sul, através dos primeiros séculos coloniais, quase que as mesmas plantas indígenas ou importadas. Na farinha de mandioca fixou-se a base do nosso sistema de alimentação. Além da farinha cultivou-se o milho.” (Ribeiro, 1995)

Logo a agricultura surge como possibilidade de riqueza, uma vez que a Europa começa a carecer de produtos naturais dos climas quentes. Até mesmo para a implantação do rural, a natureza selvagem da colônia impôs movimentos de retrocessos que, segundo Holanda, chegam a ser milenares, face às resistências da natureza:

“O escasso emprego do arado, por exemplo, em nossa lavoura de feição tradicional, tem sua explicação, em grande parte, nas dificuldades que ofereciam freqüentemente ao seu manejo os resíduos da pujante vegetação florestal.” (Holanda, 1978:19)

A inércia e passividade dos primeiros colonos, comentada por Holanda, fazem com que as aventuras marítimas e as glórias de guerra e conquistas sejam bem mais atraentes do que o labor agrícola. A solução foi a utilização do braço escravo. Logo, o grande numerário de escravos para manejo de uma *plantation* implicava sempre algum tipo de cultura de subsistência em suas proximidades imediatas. Também nas cidades encontramos, mais ou menos acentuadas, as culturas de subsistência em diversos períodos, que no caso específico do Rio de Janeiro ainda será tratada neste capítulo.

Durante a colonização, a velocidade da expansão das fronteiras rurais, muitas vezes, só foi menor que a da ganância dos colonizadores ou a do crescimento da colônia (Dean, 1995). A queimada, já praticada pelos índios antes do descobrimento, em escala reduzida, virou prática em todo o país. Mapas pioneiros chegaram a ser desenhados com rolos de fumaça demonstrando esta prática. Quando um trecho de solo agricultável se esgotava, bastava queimar a mata logo ao lado que a terra resultante era ótima para qualquer plantio (Dean; 1996). Os grandes rolos de fumaça sobre a mata também eram uma estetização da presença do dominador e de um rural que se implantava em surpreendentes velocidades.

Para o colonizador, o maior interesse era “domesticar a *“natureza selvagem”*, convertendo-a num recurso natural. É essa vontade única de domesticar que torna a distinção entre recursos naturais e recursos humanos tão ambígua e frágil no século XVI como hoje”.⁶ A domesticação da natureza selvagem e a gradativa, porém veloz, transformação da paisagem não se deu somente pelas mãos humanas. Até os animais e plantas importados contribuem para fazer nas colônias aquilo que Crosby chama uma *neo-Europa*, pois, para o autor citado “compreender o sucesso da biota portátil é a chave para entender o enigma da ascensão das Neo-Europas”. E assim os imigrantes não chegam isolados, mas sim, “*como parte de uma avalanche que grunhe, muge, relincha, grasna, chilreia, rosna, zumba, uma avalanche que se reproduz a si própria e é capaz de transformar o mundo*” (Crosby,2000:174). Entretanto, a existência de tanta naturalidade na paisagem fez com que, por mais devastada, sempre sobrasse alguma para fazer contraponto, explicando essa insistente presença da mata em proximidade com o rural. Em termos de relação cidade e campo, a preferência dos senhores latifundiários era pela vida nas propriedades rurais, explicado pelo “*desequilíbrio entre o esplendor rural e a miséria urbana*” (Holanda,1978:73).

No Império, a vocação agrícola do país prossegue ainda mais forte, com base escravocrata. É o grande sustentáculo do poder. Nas paisagens do Brasil Imperial, especialmente em seu fim, a classe dominante agrária brasileira enfrenta uma crise promovida por fatores como a transformação da economia agrícola, pautada na mão de obra-escrava, a monocultura e o latifúndio, a própria urbanização e os primeiros passos da industrialização. Tal crise acompanha a primeira República e inicia uma politização da economia brasileira, onde o ruralismo se fortalece na defesa da vocação e destino agrário do país (Mendonça, 1993:24).

Mesmo na atualidade, mecanizada e até informatizada, a monocultura continua existindo de forma predatória, especialmente em suas fronteiras

⁶

.O Fim das Descobertas Imperiais, Boaventura de Sousa Santos*As Descobertas dos Lugares. Publicado em *Notícias do Milénio*. Biblioteca das Alternativas Fórum Social Mundial Edição Especial do *Diário de Notícias* de 8 de Julho de 1999.

agrícolas de expansão. É o ocaso da soja plantada na região do cerrado, rasgando novas fronteiras para atendimento dos interesses relacionados a uma economia neoliberal e globalizada, pouco preocupada com os modos de vida e as populações locais. Contudo, recentes leis de proteção das margens de rios e faixas de florestas, ainda que nem sempre seguidas, reeditam em novas visualidades essa mesma aproximação com as paisagens da mata⁷. No caso especial da cultura cacaueteira, praticada no recôncavo baiano, poderíamos falar de uma sobreposição real das duas paisagens, uma vez que o cacau é uma cultura sombreira.

Outras vertentes históricas das paisagens rurais brasileiras são aquelas voltadas para a criação de animais, especialmente bovinos. Nos vastos pampas do sul, nos cerrados, nas montanhas de Minas, no sistema de gado livre e semi-selvagem praticado no pantanal, nas pequenas propriedades onde é criado estabulado, muitas são as paisagens rurais resultantes. Diversas delas são exploradas em imagens que retratam a estética do rural brasileiro.

2.3.2. O rural tradicional está fadado ao fim?

Hoje temos uma estética da ruralidade das grandes *plantations* que habita imensos espaços. De avião, sobrevoando imensas e infinitas paisagens de recortes que parecem telas do cubismo órfico, seus recortes, manchas e cores diferentes onde ela se evidencia. Suas implicações que desembocam na cidade, vão além da *plantation*. Poderia se inventar uma “*criation*” e toda uma “*industriation*” que lhes acompanha em novos universos de técnicas e manejos onde o elemento humano e a própria natureza são cada vez mais suprimidos.

A tecnosfera de Milton Santos já de muito se preocupa com o abastecimento das superpopulações. Agora, também o bio-combustível, como é chamado o etanol produzido das culturas do milho e da cana-de-açúcar, dentre

⁷ Como a Lei 4771 de 15 de setembro de 1965 que contempla a criação das Áreas de Preservação Permanente (APP) onde é obrigatória a manutenção da cobertura vegetal permitindo que ela possa exercer suas funções ambientais. Para as áreas urbanizadas pode-se citar a Lei 6766 de 19/12/1979 que dispõe sobre o uso e parcelamento do solo urbano observa a preservação de faixas de proteção de matas ciliares (nota do autor).

outros vegetais, irá consumir mais ainda nossos campos e matas, possivelmente em detrimento da alimentação e a favor dos estoques estratégicos de petróleo, ou mesmo porque o ciclo do combustível fóssil mais dia menos dia chegará ao seu término. Para a produção do biocombustível o que importa é a biomassa produzida como, onde e quanto mais puder, preferencialmente o mais barato possível. A produção da biomassa pode ser mesmo um novo vetor de introdução da estética da ruralidade, agora de alta tecnologia, nos meios urbanos⁸.

Como registra o filme *Baraka*⁹, a produção alimentar é cada vez mais mecanicista e automatizada, além de empregar cada vez menos pessoas. Fria e distante com a própria vida que manipula; na cena da separação de sexo e vacinação os pequenos pintos são lançados às centenas como cargas em enormes dutos. No mesmo instante a cena é cortada e a seguir surgem *flashes* de multidões despejando-se por grandes vias da cidade contemporânea. Tudo é veloz e falta tempo para contemplar a vida.

Nos antigos territórios do rural tradicional o cenário de velocidades só se diferencia pelo que se move rápido e para onde: populações inteiras são demitidas de suas funções e de seus lugares. Socialmente e rapidamente, a responsabilidade do homem para com outros homens diminui: da responsabilidade do senhor de escravos com seus homens-máquinas de trabalho, passando pelo rural das vilas de camponeses assalariados explorados nas vendas, a fase dos terceirizados temporários que ainda eram empregados em

⁸ Na Baixada Fluminense existe o projeto aprovado pela Light de criação de uma imensa plantação de girassóis ao longo da via homônima que corta diversos municípios da região (Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis e São João de Meriti). O plantio se iniciaria no trecho que atravessa Nilópolis e se irradiaria para os demais. Além do paisagismo, propiciaria atividades e geração de rendas para famílias que são oriundas do rural e, além disso, seria mais uma frente de produção de biomassa. É outro tipo de estética da ruralidade, neste caso mais vinculado ao sistema de *plantation*, que invade o meio urbano (nota do autor).

⁹ **Baraka** (1992) é um filme documentário experimental, dirigido por Ron Fricke, cinematografista de *Koyaanisqatsi*, o primeiro da trilogia Qatsi, de Godfrey Reggio. Frequentemente comparado a *Koyaanisqatsi*, o assunto principal de *Baraka* é, de fato, similar, incluindo filmagens de várias paisagens, igrejas, ruínas, cerimônias religiosas e cidades, misturando com vida, numa busca para que cada quadro consiga capturar a grande pulsação da humanidade nas atividades diárias. O documentário foi filmado em 70mm colorido, em 23 países: [Argentina](#), [Brasil](#), [Camboja](#), [China](#), [Equador](#), [Egito](#), [França](#), [Hong Kong](#), [Índia](#), [Indonésia](#), [Irã](#), [Israel](#), [Itália](#), [Japão](#), [Quênia](#), [Kuweit](#), [Nepal](#), [Polônia](#), [Arábia Saudita](#), [Tanzânia](#), [Tailândia](#), [Turquia](#) e [EUA](#). Ele não contém diálogos ou cenas coesas, mas apenas imagens e som ambiente, conversas ou cantos, seres humanos e animais que podem ser considerados os narradores latentes de uma intenção universal espiritual. Consultado no site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Baraka_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baraka_(filme)) em 12/08/2007.

grandes números e por qualquer quantia. Todas são fases que vão se extinguindo mesmo que ainda possam ser encontradas eventualmente. O rural já não emprega mais, ou melhor, emprega muito pouco; exigindo gradativamente não mais os segredos da mão que acaricia a terra, mas sim conhecimentos mecânicos e computacionais para operação das grandes máquinas de manejo agrícola.

Os resultados disso tudo são as grandes hordas de famintos e abandonados e sem terras, em meio à própria fartura das grandes propriedades. Apesar das migrações rurais para o meio urbano não terem acabado, motivos diversos mantêm essas pessoas no próprio campo. O trabalho pesado e mais raro, a baixa remuneração, a falta de observação das leis trabalhistas trazem o conseqüente aumento da violência, prostituição, inclusive de menores, uso de drogas, alcoolismo e transtornos mentais que representam alguns dos danos da perda da possibilidade de exercer suas identificações com a sua maior dimensão para a vida no mundo - a terra.¹⁰

A organização de movimentos sociais do campesinato, no Brasil bastante integrados através do MST (Movimento dos Sem Terra), com suas grandes marchas e os assentamentos das famílias dos sem terras também são estetizações da ruralidade nos tempo atuais.

As questões ecológicas contemporâneas trazem problemas ao esquecer que o homem também existe e habita áreas que são subitamente decretadas para fins de proteção ambiental, desconhecendo quem estava ali, como no exemplo enfrentado pela população caiçara de Camburi (Simone in Giacarra & Levy, 2004:119).

Hoje, segundo inúmeras pesquisas, toda a América Latina se convulsiona em lutas sociais que ocorrem mais nos meios rurais do que nas cidades.

O rural tradicional, retratado nas velhas histórias das fazendas, no Sítio do Pica-pau amarelo de Monteiro Lobato, está cada vez mais distante disso tudo, um mundo rural de uma poética e uma estética que se amarela em antigas fotografias

¹⁰ As migrações que chegaram a participar com cifras de 84% no aumento de populações urbanas nas décadas de 1940 e 1950 (Durhan, 1978:25), ainda existem mas diminuem na medida em que os grandes centros urbanos estão mais saturados e exigentes em relação a formação da mão-de-obra, também são observados os movimentos contrários (nota do autor) Sobre violência no campo ver www.rel-uita.org/internacional/ddhh/contag-violencia-campo.htm - 61k.

e que parece mesmo fadado ao desaparecimento. O tempo lento do rural retratado no filme *Lavoura Arcaica*¹¹ de Luiz Fernando Carvalho, dos processos naturais que se afinava esteticamente com os seus tempos cíclicos e processos manuais de aragem, sementeira, colheita.

Visões nostálgicas lamentam esse passado perdido, excessivamente romantizado e de uma poética e estetizações próprias que não se repetem jamais.

2.4. DA HISTÓRIA DOS RURAIS DO RIO DE JANEIRO

No caso específico das paisagens rurais do Estado do Rio de Janeiro, destacam-se duas grandes fases de *plantations*: a primeira fase é a do café, praticada no Vale do Paraíba durante o século XIX e praticamente extinta.

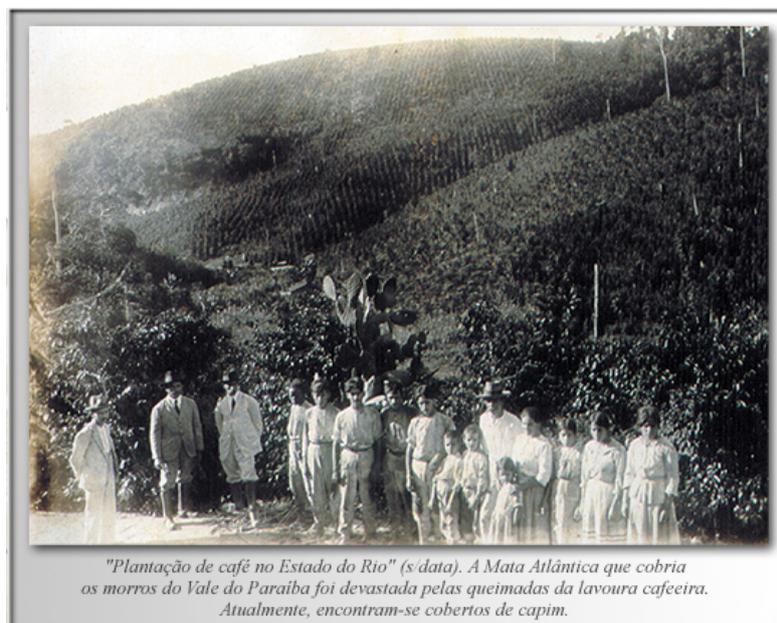


Fig 2. 2. Plantação de café no Estado do Rio (arquivo CD ROM "Mata Atlântica")

Até as montanhas do Maciço da Floresta da Tijuca, imersas nas atuais áreas da centralidade metropolitana carioca, já foram ocupadas pela cafeicultura

¹¹

Título Original: Lavoura Arcaica. Direção de Luiz Fernando Carvalho e duração de 163 minutos. Brasil: 200.
Ver Site Oficial: www.lavouraarcaica.com.br

antes de seu reflorestamento, considerado como a primeira grande intervenção de recuperação ecológica em área urbanizada. Depois os cafezais ganham os altiplanos paulistas onde a terra roxa e as imigrações, inicialmente italiana e depois japonesa, já na fase da República, darão novos ritmos à produção.¹²

Outra vertente exploratória, ainda existente em grandes áreas de municípios como Campos e Quissamã, trata da cultura dos canaviais, antes só voltados para a produção açucareira e alguma quantidade de cachaça e, atualmente, bastante voltada para produção do álcool para veículos automotores.

Nas paisagens dos canaviais são, ainda hoje, bastante marcantes as palmeiras imperiais (*roystonea oleracea*) como marcação vertical das aléias que conduzem às casas senhoriais, tornando-se símbolo de *status* para todo o país. Também existem propriedades, ou áreas de propriedades rurais, voltadas para a criação de animais, bovinos, eqüinos, suínos e aves, determinando paisagens específicas da ruralidade.

Na Arquitetura e Urbanismo ainda marcam as paisagens os complexos das grandes sedes das fazendas, os arruamentos, as casas grandes, as senzalas, os engenhos, as fábricas de farinha, os alambiques, os depósitos, os currais e toda uma série de edificações, inclusive religiosas, voltadas para a produção e vida rural. A influência do Paisagismo Inglês, com o conceito de granja ornamental definido por Horace Walpole¹³, valorizando as propriedades rurais da aristocracia inglesa e seu desdobramento através do romantismo no século XIX (Macedo;1999), requalifica jardins frontais, também nas propriedades rurais brasileiras, e, além disso, hortas e pomares caracterizam visualidades de proximidades com as casas grandes.

¹² Ver site sobre migração no Brasil http://www.diasmarques.adv.br/pt/historico_imigracao_brasil.htm.

¹³ **Horace Walpole** (24 de setembro de 1717 – 2 de março de 1797), aristocrata e romancista inglês, inaugurou um novo gênero literário de ficção, o chamado romance gótico, com a publicação da obra “O Castelo de Otranto” (*The Castle of Otranto*, 1764) e fez diversas observações de teóricas a cerca do paisagismo inglês (nota do autor)

2.4.1. No caso da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

O Estado do Rio de Janeiro não ficou de fora de um dos traços mais marcantes da economia brasileira que foram as grandes unidades dedicadas à monocultura para fins de exportação. Porém, tanto para a alimentação dos trabalhadores e habitantes rurais quanto dos moradores dos primeiros núcleos urbanos tornam-se necessários os programas de subsistência. E considerando a importância da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o caso não poderia ser diferente. Nas grandes, médias e até mesmo pequenas propriedades, desde meados do séc. XVII buscavam-se a auto-suficiência e um auto-abastecimento que em geral resulta precário.

“Os proprietários rurais, possuindo melhores aviamentos, casas mais espaçosas e mobílias menos sumárias, prosseguiram na lavoura aleatória de drogas de luxo para o estrangeiro, esbanjando as riquezas naturais, indiferentes às culturas dos gêneros de primeira necessidade e à formação de mercados internos. (...) As crises agrícolas repetiam-se(...)” (Abreu,1976:204).

A instabilidade de preços e as ofertas do mercado urbano determinam que alguns grupos da população urbana instalem em seus lotes e quintais urbanos, a produção rural. Sendo assim, comerciantes, funcionários civis, militares e profissionais liberais procuram imitar, ao menos em parte, o comportamento dos proprietários rurais, fugindo das instabilidades do mercado local e buscando o auto-abastecimento:

“Os quintais das chácaras de periferia e mesmo as residências mais centrais tinham seus pomares, suas criações de animais domésticos e suas hortas. Crônicas e documentos mencionam com frequência as vantagens dos pomares urbanos, em especial dos conventos, que se espalhavam em torno dos núcleos principais. Alguns seriam registrados com detalhes em plantas e vistas mais antigas. Notáveis foram no Rio de Janeiro as hortas dos Beneditinos e Franciscanos e na Bahia chegaram a conferir seu nome a bairros da cidade” (Goulart,2000:35).

Tais conjuntos de jardins, hortas e pomares, com criadouros de pequenos animais, inseridas em contextos urbanos, podem ser associados à figura das “*quintas*” de origem portuguesa.

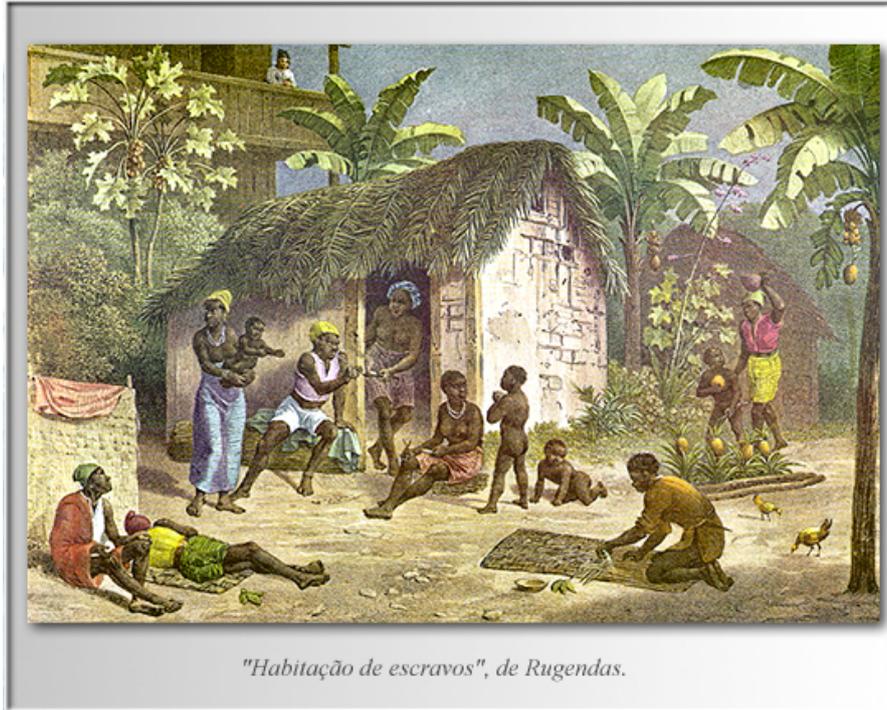


Fig.2.3. Pintura de habitação de escravos, extraída do CD ROM “A Mata Atlântica”.

É muito provável que tais quintas tenham impressionado, em sua diversidade, os afro-descendentes e mestiços pobres que talvez aí encontrassem reminiscências de seus sistemas de organização espaciais, lógicas de criação animal e plantio, enfim, de relação com o universo vegetal doméstico.

“Caracteristicamente uma criação portuguesa quase sempre une, dentro de seus muros ou cercas, pomares, talhões de cereais e forragens e jardim em redor da habitação. Jardim que além de decorativo, serve de abrigo às culturas úteis, fazendo que a velha instituição lusitana seja, como nenhuma outra do mesmo gênero encontrada noutros países, “simultaneamente de recreio e de exploração” ou obra, ao mesmo tempo, de “arte e de técnica agrícola”, como sugere SERTÓRIO DO MONTE PEREIRA em sua excelente página sobre a **quinta** no estudo “A produção Agrícola” (portuguesa) em **Notas sobre Portugal**, Lisboa, 1908, vol.I, pág. 133” (Freyre, 1984:270).

No próximo parágrafo, o autor comenta a influência das quintas:

“No Brasil, a **quinta** manifestou desde o início da colonização portuguesa do país seu poder muito lusitano de adaptação conservando seus característicos essenciais nos **sítios**, nas **chácaras**, em alguns casos, nas próprias **lavouras**, junto às casas –grandes de engenho ou ancilares desse tipo feudal-tropical de exploração agrícola” (Freyre, 1984:270).

As chácaras e quintais urbanos com hortas chegaram a ser alvo de registro como segue:

“Segundo os registros contidos nos livros da Décima Urbana, a cidade do Rio de Janeiro em 1808-9, apresentava grande variedade de tipologias de edificações, numa fértil combinação de número de pavimentos, uso do imóvel e de sistemas construtivos.(...)Também foram registradas **as casas com horta ou quintal e as chácaras** (grifo nosso). O imóvel rotulado como chácara possuía testada que ultrapassava a de um terreno urbano e via de regra, além da “casa da vivenda”, possuía outros prédios para senzala, cocheira, estrebaria, telheiro, depósito e outras construções – ligadas á atividade específica nelas desenvolvidas - , como o curral, a olaria, o engenho de fazer farinha, a fábrica de anil etc.” (CAVALCANTI, 2004:264)

As quintas seriam então essa referência de uma mistura de belezas e utilidades, doces e amargos, temperos e remédios que vão ganhando suas adaptações e re-leituras. Até a grande residência urbana do primeiro Imperador D. Pedro I seria no Rio de Janeiro e localizada em uma quinta: “A quinta da Boa Vista”, situada no atual bairro de São Cristóvão. A necessidade de referências do mundo civilizado também reforça as quintas e chácaras, urbanas ou em suas periferias imediatas, como modelos bem sucedidos de modos de viver burgueses.

Das quintas surge seu diminutivo: os quintais. Sutilmente, ou não, chegam as plantas das macumbarias, contra mal olhados e para feitiços. Muitas são adotadas até mesmo pelos portugueses e seus descendentes como o Comigo-ninguém-pode estrategicamente colocado em vasos nas entradas dos comércios, a fim de “segurar as cargas pesadas”.

Espaço que logo vira lugar como obra aberta para se juntar com o lazer ao ar livres, como danças, jogos e reuniões que caracterizam o intenso convívio social a que sempre estiveram acostumados, desde a socialização africana até as senzalas por obrigação, os negros somados a todos os cúmplices de pobreza como os mestiços e indígenas deserdados. O Rio de Janeiro foi e ainda é um pólo de atração social que recebeu levas de libertos pela abolição da escravatura e na modernização da agricultura e o empobrecimento de seu interior determinou o êxodo rural que trouxe novas hordas de migrantes, tanto daqui como do Nordeste, Minas etc. O mesmo fenômeno foi sentido em outras grandes cidades brasileiras. Hoje, muito do que aqui é tratado como manifestações estéticas da ruralidade que se preservam nos quintais urbanos ou suburbanos e favelas cariocas é, de certo modo, o resultado paisagístico cultural dessa mistura.

2.4.2. O QUINTAL e suas relações com a casa, o corpo e o jardim.

O papel dos quintais é de grande importância para a estética da ruralidade no urbano. Na urbanização brasileira, de modo geral, o quintal é anterior ao jardim. E enquanto o jardim se articula, desde seu surgimento, com a evolução urbana e os processos de separação da casa da rua e valorização da intimidade burguesa, o quintal tem suas origens no rural.

O termo quintal tem sua origem derivada do termo quinta, sendo um substantivo diminutivo que designa uma pequena quinta, ou seja, uma pequena propriedade rural. São espaços descobertos em sua totalidade ou em grande parte e que possibilitam relações diretas com a escala cósmica, visão dos astros e a percepção do tempo natural. Estão desprotegidos das intempéries climatológicas, como sol, chuvas e geadas, constituindo o espaço que mais se aproxima de um convívio maior com a natureza local.

Os quintais geralmente são anexos a uma ou a mais residências, sendo então quintais comunais. No caso brasileiro, desde as primeiras urbanizações, os quintais se prestam para as atividades de serviços mais sujos e pesados como lavagens e secagens de roupas, criação ou guarda de animais, plantio de vegetais

de diferentes escalas, desde as plantas medicinais, temperos e hortaliças, até grandes árvores frutíferas. Tudo o que é para esconder, se resolve no quintal.

Tudo o que é considerado sujo fica no quintal. O próprio problema dos dejetos humanos, por exemplo, é em parte solucionado nos quintais. Nos fundos das casas urbanas eram guardados os barris que acumulavam os dejetos oriundos dos urinóis, levados pelos escravos tigrés¹⁴ e despejados no caís ou em algum desterro da cidade (Baptista, 1999).

Nos quintais maiores se encontram muitas vezes os quartinhos de latrinas. Ainda hoje tal solução se verifica em muitos locais e os atuais banheiros de serviços, destinados aos empregados, descendem dos banheiros de quintais. Nos casos de maior atualização tecnológica, as fossas sépticas, os filtros e até biodigestores são ainda alocados nos quintais.

Durante a escravidão os quintais urbanos também serviam para a localização dos aposentos dos negros. Portanto, muitas das suas manifestações culturais como festejos, danças, lutas corporais, rituais etc eram praticadas nesses espaços, reforçando, assim, uma dimensão lúdica. Segundo Capistrano de Abreu (1976:208), as mulheres brancas do período colonial, quase sempre presas em suas casas, comunicavam-se com as vizinhas através dos quintais.

Os quintais urbanos se localizavam, geralmente, nos fundos dos estreitos lotes coloniais em que as construções com suas janelas e portas de entrada são erguidas rentes às ruas. Essa organização forma a paisagem urbana colonial em que as caixas das ruas são criadas com as próprias fachadas, como na ilustração a seguir.



Des. 2.1 – Janelas ávidas de mundo se precipitavam junto às ruas (desenho do autor).

¹⁴ Escravos tigrés eram os responsáveis pela coleta, carregamento e despejo dos barris de esgoto – geralmente negros grandes e fortes. O apelido tigre é oriundo do fato de terem a pele negra coberta de manchas provocadas pelo vazamento dos excrementos em excesso nas barricas. As mães costumavam ameaçar os filhos desobedientes de entregá-los aos “tigrés” (nota do autor).

A rua era o canal das redes de comunicação. Pelas janelas da sala de estar o mundo chegava com suas notícias e assim foi-se construindo uma realidade comum. Nos quintais ficavam os animais e suas casinhas (galinheiros, chiqueiros, viveiros, currais), as plantas medicinais, os temperos, as hortas, os cômodos para os escravos, o quartinho onde se fazem as necessidades. Lugar dos bichos defecarem e das ferramentas pesadas, móveis quebrados, coisas para consertar e cacarecos; enfim, tudo o que não era para ser visto ficava nesta área. Os quintais dos estreitos lotes coloniais se juntavam nos miolos das grandes quadras.

De um modo geral, os jardins são para serem vistos, deliciamento do olhar e ornamentação afirmativa de prestígio e poder. Abrem-se para as casas, mas também para a rua e seus passantes, quase sempre por meio de gradeamentos que permitem transparências necessárias para a sua contemplação. Os jardins podem permitir alguns usos, mas de modo geral são usos controlados, vigiados e que, portanto, exigem o melhor do refinamento social e civilizatório. Nos quintais, ocorre o contrário, são os espaços do corpo, para se soltar, fazer o que bem se entende sem preocupação com a vigilância e o controle. O jardim é exibicionista por excelência enquanto o quintal é intimista e íntimo do corpo.

CASAS DE PORÃO ALTO



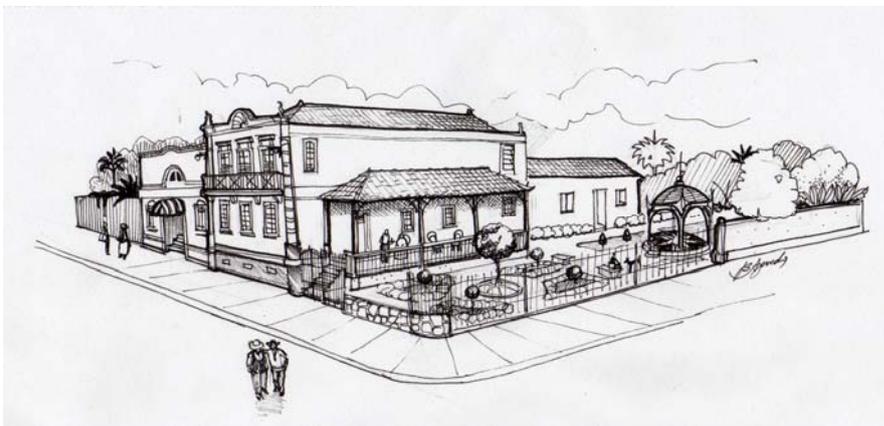
Desenho 2.2- A casa que vê a rua e preserva suas intimidades (desenho do autor)

Para Goulart (1970:40), é por volta do período de 1800-1850 que surge a casa de porão alto. É quando começa a surgir uma preocupação burguesa de

distanciamento da rua e preservação da intimidade familiar. Observa-se toda uma valorização dos interiores com maior riqueza de mobiliário. Algumas características como platibandas e telhas francesas, vidros e mobiliário mais rico, escadas de acesso que ultrapassam o porão, que por sua vez serve como elemento de separação do nível da rua. Na casa de porão alto o habitante olha a rua do alto, vê sem que sejam vistas suas intimidades familiares.

Entretanto, o quintal continua com características de fundos e locais para os escravos dormirem.

CASAS DE PORÃO ALTO COM AFASTAMENTO LATERAL



Des.2.3 - Casa de porão alto com afastamento lateral

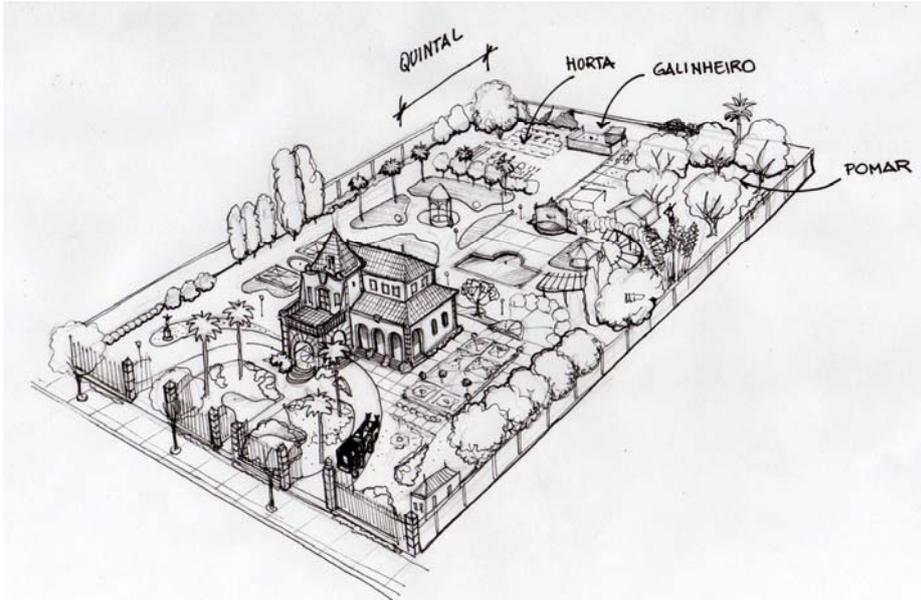
No período de 1850-1900 surgem as casas de porão alto com afastamento lateral. São casas urbanas com novo sistema de implantação e afastamentos laterais, onde é comum encontrarmos varandas laterais, geralmente construídas com estruturas metálicas importadas (Goulart, 1970:44).

Com a decadência do trabalho escravo, a vinda de imigrantes europeus desenvolve o sistema de trabalho remunerado e aperfeiçoam-se as técnicas construtivas e os padrões de acabamento.

O discurso médico teve sua influência neste caso. Somem gradualmente as mansardas e o afastamento lateral permite novas aberturas de janelas dando maior ventilação e iluminação aos cômodos e, em alguns exemplos, surgem os compartimentos sanitários, por vezes destacados do corpo principal da edificação.

O interior é cada vez mais refinado: assoalhos de tábuas finas e aparelhadas, substituindo as antigas tábuas largas e imperfeitas. Surgem os jardins laterais e varandas laterais de acesso com escadas. O quintal, ao fundo, continua a existir como área destinada a afazeres domésticos e plantios utilitários.

CASARÕES URBANOS



Des. 2.4. O luxo dos que podem trazer suas fazendas para os centros urbanos (desenho do autor)

Também são notórios os casarões urbanos que se erguem no período de 1900 a 1940. Diversas inovações tecnológicas, como as derivadas do domínio da eletricidade e da mecanização final do período anterior, já se encontram em alguns tipos, com jardins frontais e mais libertos das laterais, podendo, inclusive, adotar duas águas, como nos chalés, fundindo, assim, as tradições das chácaras e dos sobrados urbanos conforme ilustra o desenho acima (des.2.4).

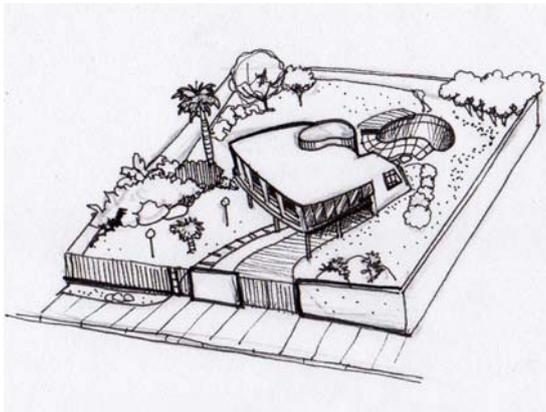
Surgem os automóveis e a necessidade de acesso e garagens. Nas cidades surgem os arranha-céus. A influência das propostas de Ebenezer Howard, elucidadas mais adiante, vão propiciar a criação de bairros jardins (Goulart, 1970:71).

As casas se afastam definitivamente das laterais, mas ainda mantêm o paralelismo com as divisas.

Os fundos continuam confinando os serviços e usos considerados pouco nobres, como galinheiros, quartos de empregadas (continuando a tradição escravocrata), hortas, quaradouros, varais, pomares, lavanderias.

De modo geral, ainda existe nas residências mais abastadas a presença de seus quintais tradicionalmente posicionados nos fundos dos lotes.

CASA MODERNA



Des.2.5 – A casa moderna (desenho do autor)

A casa moderna irá trabalhar sua volumetria de acordo com os novos padrões estéticos defendidos pela Arquitetura modernista.

Sua implantação seja orientada pelo sol ou por um determinado partido formalista e funcional, não obriga a preservar relações de paralelismo com as divisas dos lotes. Muitas vezes se utiliza pilotis, liberando todo o terreno ao descortinamento visual, fato que determina novos desafios para o Paisagismo, uma vez que as áreas livres de construções não mais se adequam aos tradicionais espaços de jardins frontais, laterais e fundos (ver desenho acima). Cercas vivas e vedações vegetais serão utilizadas para a separação de áreas e atividades consideradas menos nobres como secagem de roupas e canis.

Na verdade, pode-se afirmar que a modernidade vinha impregnada de um sentimento de ruptura. A casa moderna em seu exterior tenta ser um jardim no seu todo, suprimindo o quintal de origem rural e mais de acordo com um meio urbano em definitivo. Este também é mais um dos diversos outros aspectos da arquitetura modernista que não vingam entre nós. Hoje, mesmo em residências

burguesas, são retomados os pomares, hortas, herbários e até abrigos para criação de animais. O paisagismo se vê na obrigação de embelezar tudo isso e ocultar o que desagrada aos olhos e os quintais ficam cada vez mais sofisticados, ordenados e com aspecto de jardim, nas casas burguesas. Aos antigos usos somam-se novos itens na programação dos quintais como piscina, saunas, ofurô, área para prática de meditação e namoro, sem que se esqueça do item mais cobiçado no Brasil de norte a sul: a churrasqueira, que de tempos para cá já vem se juntando ao fogão e forno de lenha, todos típicos de uma memória rural.

2.5. PAISAGENS DE UM RIO DE JANEIRO IGUAL À PARIS: ESTÉTICA OU ORDEM PÚBLICA?

Ao final do século XIX, Pereira Passos¹⁵, conhecido como o "Hausmann Tropical", em alusão ao célebre urbanista que redesenhou Paris, é o prefeito responsável pela ordenação do Rio de Janeiro. Ampliou várias avenidas do centro urbano, criando também a Avenida Central, e fez criar todo um tratamento paisagístico afrancesado aos jardins públicos e aos *boulevards* cariocas. Como capital de uma república recente, as feições da cidade precisam ser transformadas; os prédios não passam incólumes, muitas fachadas coloniais receberão platibandas, pequenas mansardas e toda uma maquiagem para ocultar a sua antiga origem. O redesenho das coisas não pára por aí. Surgem leis que tentam alterar hábitos estabelecidos. As pessoas são obrigadas a andarem calçadas e de paletó em alguns logradouros públicos, assim como se cobram multas para quem cuspa no chão ou realize qualquer ato que se supõe indecoroso. Mais uma vez trata-se de tentar "trazer a civilização para os trópicos", através de modelos importados europeus, mais especificamente os da cultura francesa em sua fase de apogeu e força econômica. É o capitalismo chegando em

¹⁵ Francisco Pereira Passos, engenheiro e político brasileiro (São João Marcos, RJ, 1836 - 1913). Participou da construção das estradas de ferro Santos-Jundiaí e Paranaguá- Curitiba. Projetou e construiu a estrada de ferro para o Corcovado (RJ). "Como prefeito do Rio de Janeiro (1903-1906), realizou um plano urbanístico de envergadura, que modificou por completo a paisagem da cidade (avenidas Mem de Sá, Beira-Mar, túnel do Leme)." (Koogan/Houaiss,1995:1443)

doses nada homeopáticas como demonstram, inclusive, a presença de novas escalas de publicidade na paisagem urbana. E mais uma vez ainda, é reforçada a idéia da cidade e da civilização como lugares da ordem e da civilidade, oposta a do universo rural e seus trabalhadores, quase sempre negros e mestiços, irracionais, incivilizados e rústicos, representando a desordem e o atraso .

Convém frisar que muito mais do que embelezadoras e higiênicas, as intervenções executadas por Haussmann na capital francesa possuíam fortes interesses estratégicos. As tropas de polícia, mantenedoras da ordem pública, não poderiam continuar malogrando seus esforços frente aos "revoltosos" que, quais "ratazanas", esgueiravam-se pelas vielas e becos, criando barricadas e tendo grande domínio da intrincada malha urbana, cujo traçado por vezes possuía grandes trechos que remontavam à Idade Média. Os novos desenhos dos largos e retilíneos boulevares permitem, então, deslocamentos militares mais rápidos e maior controle da ordem social.

É no rasto de tal processo que a cidade do Rio amplia suas avenidas, se higieniza e cria os seus subúrbios. As novas distâncias possibilitadas pela ferrovia levarão para longe todos aqueles que não podem arcar com os custos da civilização, ou, como também se pode afirmar, os que ameaçam a ordem, que exibem suas mazelas e misérias pelas vias públicas, tudo o que incomoda e fede - o lixo urbano em sua porção humana (Baptista, 1993). A ferrovia leva para bem longe a população incômoda. Nos grandes loteamentos que surgem pela periferia, só mesmo a terra é vendida, sem quaisquer elementos de infra-estrutura. Tradição que se perpetuou durante décadas nos municípios brasileiros, criando recortes espaciais de ocupações urbanas fragmentadas e de alto custo em termos de implantação da infra-estrutura urbana (Malta, 1989).

Sem dinheiro para pagar as prestações do lote, muitos moradores das periferias honram suas dívidas com pequenos animais e frutos criados nas próprias terras adquiridas. Isto foi comum em municípios da Baixada Fluminense, por exemplo. Aliás, esse tem sido o modelo dominante: as periferias sem nenhuma estruturação urbana são ocupadas pelos mais pobres; com o tempo e o trabalho continuado, a terra vai sendo urbanizada e valorizada, tendendo a repetir

o fenômeno após algum tempo. Os expulsos pelas assepsias urbanistas do centro juntam-se com todo um contingente de imigrantes de várias regiões do país, que viriam em levas sucessivas, por muitas décadas ainda, todos com a sabedoria de que a posse da terra - o endereço - é o primeiro passo para o reconhecimento social oficial.

Desde o século XIX, muitas outras cidades brasileiras também aceleraram seu crescimento. Bondes e trens, bem como o navio a vapor, encurtam as distâncias e ampliam as redes urbanas. Continuam surgindo novas cidades, que são desenhadas de acordo com a sua importância. Para as capitais e cidades de maior porte e riqueza e/ou estratégicas, são convocados os arquitetos e urbanistas, abrindo suas plantas e impondo seus modelos.

Nas pequenas cidades, "os pobres que se virem", abram suas ruas e equipem o que puderem. Muitas vezes os planejadores só aparecem depois, junto com outros interesses. No século XX, o termo "cidade artificial" se populariza para as grandes cidades projetadas. Assim, foram criadas, por motivos fortemente estratégicos e políticos, Belo Horizonte, Goiânia, Volta Redonda e Brasília em especial, dentre outras. No caso do Rio de Janeiro, a ferrovia ao longo de suas paradas concentra os novos centros suburbanos, em meio a áreas que antes constituíam faixas rurais periféricas ao núcleo consolidado.

É natural que em tais áreas as fronteiras rurais se diluam lentamente, ao mesmo tempo em que se reeditam com as hordas de migrantes que chegam, trazendo em seus embornais e malas surradas, sementes que recriam as memórias das terras e paisagens perdidas.

Na virada para o século XX, aviões trazem um novo item para o planejamento dos grandes centros urbanos e, assim, as cidades ganham novas portas: os aeroportos. No Brasil, automóveis importados ainda são um artigo de muito luxo, porém, sua aceitação determina, em meados do século XX, o início de sua produção em escala industrial, impondo uma nova dinâmica às cidades. O cenário urbano muda para melhor receber a modernidade e comemorar o ingresso brasileiro na civilização urbana das megalópoles. A Arquitetura moderna começou timidamente seus ensaios no Brasil, na cidade de São Paulo. Alguns arquitetos

iniciaram suas propostas em projetos de pequeno porte, como a casa de Flávio de Carvalho e a de Victor Dubugras, que chocaram a população local. Tais casas, na verdade, podiam possuir uma aparência moderna, mas sua implantação e métodos construtivos ainda eram tradicionais. Nem mesmo o concreto armado ainda era empregado em residências individuais. O que se fazia era uma arquitetura proto-racionalista:

"Até 1937, os esforços do movimento modernista para romper aquelas limitações tiveram resultados apenas superficiais. Um tratamento arquitetônico externo de inspiração cubista, distribuído com equilíbrio pelas quatro elevações, ocultava, muitas vezes, uma estrutura de paredes de tijolos, e uma distribuição geral tradicional" (Goulart, 1973:76).

O grande marco inicial dessas transformações seria considerado o projeto do edifício-sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro.¹⁶ A partir de então, as obras mais representativas da arquitetura brasileira aderem ao desenho modernista, que teria seu grande ápice com a inauguração de Brasília.

Brasília seduziu e encantou todo o país. Propagada como a Capital do País do Futuro, estava mais do que imbuída para simbolizar a nova era de desenvolvimento tecnológico do país; seu desenho começa na centralidade que ocupa em relação à territorialidade continental brasileira em mitos de uma capital do futuro e da riqueza, quando na verdade estava se afastando de uma realidade urbana de proximidades espaciais perigosas.

Brasília, a nova capital modernista, irá influenciar casas populares que fazem seus telhados em borboleta, mas em lotes tradicionais e de quintais antigos que só se inovam quando chega a tão sonhada piscina. No urbano, antigas cidades rasgam novas avenidas e erguem prédios modernistas. No centro do Rio de Janeiro, Carlos Nelson (1988) afirma que a abertura Avenida Chile representava um esforço da cidade para mostrar que pode ser igual a Brasília.

¹⁶ Até mesmo Le Corbusier veio ao Rio de Janeiro para "garantir o resultado da obra, seu significado modernizador tão necessário à conjuntura da Revolução de 30 nas alturas de 1937. (ABEA, 1978:34)

2.5.1. Favelas e o rural

A chegada da civilização e o progresso em paraísos tropicais não conseguem impedir o crescimento de nova pobreza, agora urbana e que irá marcar significativamente as paisagens da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

As favelas não são um problema, mas sim a solução que a população pobre criou para estar próximo das oportunidades de trabalho, lazer etc. Assim Carlos Nelson (1988) elucidava a proximidade espacial entre as favelas e a cidade, que no caso do Rio de Janeiro, por uma questão geográfica, torna-se ainda maior.

A partir do advento da primeira República, as cidades brasileiras sofrem uma grande sacudidela. O espaço urbano, desde a expansão burguesa européia, passa a simbolizar as metas do progresso. Vir para as cidades representa, para os pobres, a possibilidade de ingressar na marcha da civilização, de estar perto do que há supostamente de melhor ou, pelo menos, de arranjar algum trabalho remunerado. Inicia-se uma grande reversão da distribuição demográfica e desde então cidades de grande porte como Rio de Janeiro e Salvador, no caso brasileiro, desempenham um papel de proximidade com o progresso e a civilização:

"Para os pobres do fim do século passado, como para os de agora, a vinda para a cidade representa a possibilidade de entrar, de repente, em outro mundo. Em quase um século de migrações, a situação demográfica se inverteu: hoje é a minoria que não está em grandes cidades" (Santos, 1988:41).

A questão da periculosidade representada pelos novos tipos urbanos também toma proporções maiores nas cidades tropicais, especialmente Rio e Salvador; inicialmente, após a libertação dos escravos, prosseguindo com o êxodo de contingentes de pessoas vindas de regiões pobres e longínquas:

"Os escravos libertos pela Lei Áurea vêm para o Rio. Os ex-combatentes de Canudos também. Ilustres precursores dos milhares de favelados que virão depois. Gente sem alternativas, é verdade. Mas gente que estava convicta de que essa era sua

grande chance. A atitude preconceituosa dos cronistas da época que chegaram a prestar atenção ao fenômeno deve ter marcado todo o pensamento que se desenvolveu depois. Os habitantes das primeiras "áreas urbanas desviantes" eram assustadores. Chusmas de ociosos, malandros e desordeiros, focos patológicos de contaminação física e moral. Não diferiam em nada, aliás, dos que moravam nos casarões decadentes ou nos cortiços do centro. Ninguém estava interessado em vê-los para além da superfície" (Santos, 1988:41).

Não tardará a existir alguém que tente dar uma solução para a questão. A cidade se orna de luzes e de novas e largas avenidas, disposta a jogar para longe tudo aquilo que incomode ou pareça sujo. Os cortiços são postos abaixo sob alegações das pestilências, dos miasmas e das contaminações da febre amarela.

É bem verdade que a exuberância do sítio natural em que o Rio de Janeiro se assenta é um fenômeno que merece todo um estudo à parte. A topografia acidentada obriga a cidade a ocupar os espaços planos espremidos entre mar e montanhas. Nessa altura, os bairros ricos já se distinguem dos mais pobres, com as melhores posições em termos de estruturação urbana. Os morros onde os bondes não podiam chegar, nem tampouco a água e que ainda cansavam as pernas na subida vão sendo gradativamente ocupados por essa gente pobre, mas necessária. As elites, escravocratas até bem pouco, ainda estavam muito acostumadas com as comodidades que os serviços afro-descendentes, abundantes e baratos, ofereciam. Tais serviços eram necessários especialmente dentro das cidades, afinal, era preciso ter gente para fazer todo o mecanismo urbano funcionar. Até mesmo para atravessar a rua, homens já maduros são carregados nas costas de fortes negros para não sujarem seus pés na lama.

Tudo isso levou à tolerância com alguns barracos que foram se implantando. E isso sem falar nas micropolíticas, nos laços de afetos que a história oficial não conta. É a partir daí que surgem as favelas que até hoje caracterizam a paisagem urbana carioca. Nas áreas favelizadas desde os seus primórdios começa a surgir a estética da ruralidade – memórias das fazendas somadas à escassez e ao gosto de criar e plantar..

A Rocinha, inicialmente um loteamento, hoje famosa favela de dimensões atuais de um bairro, teve seu nome e início devido ao hábito de cultivo típico das

roças nas encostas, praticadas pelos seus primeiros moradores, cada qual com sua “Rocinha”. Plantar, cavoucar a terra lamacenta sempre foi coisa de pobre e isso não representou problema algum. Outra favela tradicional é a famosa Mangueira, estação primeira dos ramais ferroviários e um dos berços do samba. Seu nome está atrelado a uma árvore que, apesar da origem indiana (*manguifera indica*), era muito comum no morro onde atualmente se implanta e em outros morros das chácaras que envolviam o Rio antigo. As mangueiras, enfim, fazem parte do imaginário carioca e ainda hoje permanecem nos morros e quintais reais e imaginários existentes.

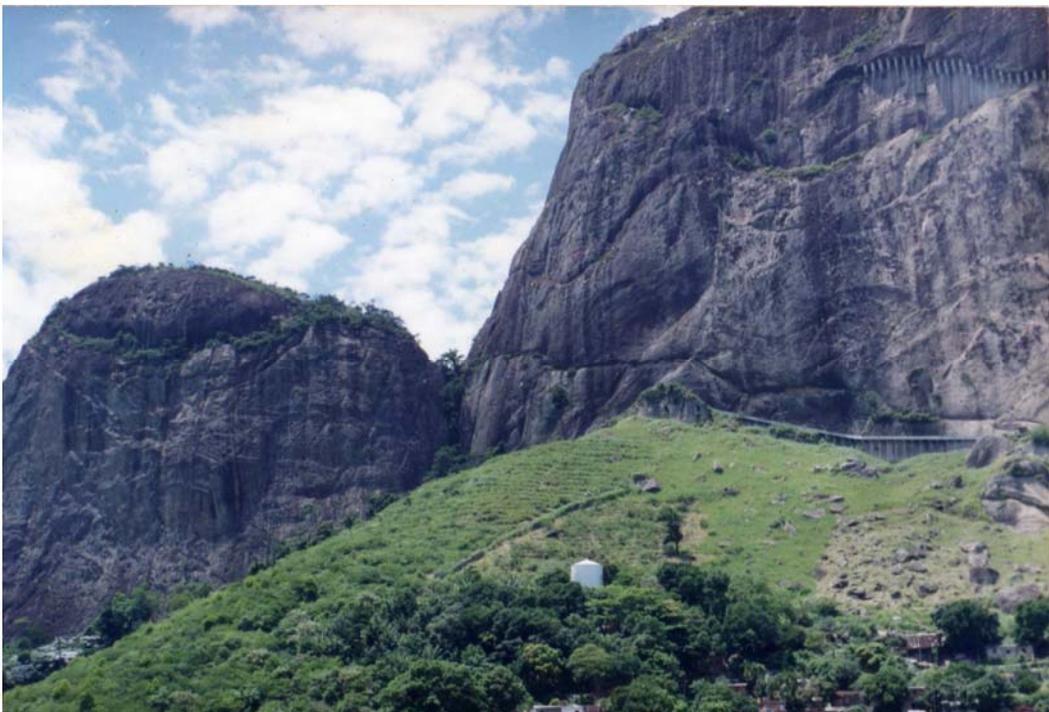


Fig.2.4. Ainda hoje as rocinhas persistem no alto da Rocinha entre o pomar e o paredão de pedra (foto Jorge Henrique).



Fig.2.5. Foto da Lagoa vista do alto, obtida em 2004. (autor Jorge Henrique).

Durante os anos da ditadura militar as expulsões urbanas dos mais pobres são retomadas, dessa vez são os favelados que farão seus pequenos roçados e criações de fundo de quintal em periferias distantes como a Vila Kennedy e Cidade de Deus. Suas refavelas serão constantes nos blocos uniformes e sem identidade que o extinto BNH (Banco Nacional da Habitação) lhes oferecia (Solari, 2003). Mesmo nesses, em meio à frieza dos projetos padronizados, nos vazios que não chegaram a receber os paisagismos projetados, surgem bananeiras e frutas, campos de pelada e o capim até vira pasto, disputados com garagens e puxadinhos que funcionam como birosacas, quitandas etc.

Hoje, as favelas se adensam e os quintais, de certo modo, “mudam-se” para suas lajes. Espaço onde se fazem festas, churrascos e, dentre outros usos, se pega sol para manter o “bronzado”. E, quase sempre, a paisagem é linda (ver fig.2.6).



Fig. 2.6. Paisagem vista de uma laje na Rocinha em 2004 (autor Jorge Henrique).

Os grandes centros são redimensionados na enorme velocidade com que as coisas surgem ou desaparecem: os “tempos efêmeros” e os “espaços amnésicos” de que nos fala Carlos (2004). No Rio de Janeiro, como em muitas outras metrópoles, os bairros são seccionados, isolados, segregados, perdem-se importantes elementos de uma memória afetiva, destroem-se referências e vivências, produzindo o estranhamento e o isolamento que, juntos com outras mazelas da sociedade capitalista, promovem a violência. O medo e a violência, por sua vez, promovem desconfianças, gradeamentos, a não-solidariedade nos guetos, nas ruas fechadas e condomínios exclusivos.

A violência aparece também nos tempos diferenciados que as próprias formas arquitetônicas evidenciam com o total aniquilamento da escala humana no contraste desrespeitoso das escalas e dos estilos que, junto com os automóveis disputam cada palmo de espaço. Paisagens de miséria e desolamento em tons cinzentos, imundas por todos os tipos de dejetos, rodeiam áreas “nobres e limpas” entrincheiradas. Nas áreas valorizadas as fachadas se enchem de citações descontextualizadas para uma afirmação de pós-modernidade. Edificações ostentosas exibem mecanismos panópticos de controle informatizado.

Relph discute a paisagem urbana da pós-modernidade, quando tudo se torna possível ao ponto de corrermos o riscos de que num futuro próximo encontremos *“paisagens urbanas que sejam um contraste de fragmentos cada vez mais vibrantes, desconexos e sem finalidade, uma pós-moderna e tardo moderna monotonia da variedade”* (Relph, 1987:209).

Cidade que parece expulsar o humano até mesmo no tratamento de suas novas formas e superfícies, realizadas com materiais que não deixam nem mesmo as marcas das mãos dos seus trabalhadores construtores que ali também nunca vão entrar, como afirma Sérgio Ferro (1982).

Fica a cidade vazia dos finais de noite e de semana, a violência, a não pertença, uma cidade que como um pêndulo oscila entre a euforia insuportável de buzinas e engarrafamentos e a solidão que reflete a alma de tantos que nela habitam (Hillman, 1993). Para um entendimento ampliado da dimensão estética das paisagens contemporâneas, é necessário compreender os processos de transformações da paisagem urbana trazidos pelas diversas ordens do progresso e do império da racionalidade.

Logo ali, entretanto, ficam escondidas, registradas as resistências dos resquícios, valores que se refugiam em pequenos interstícios espaciais, com suas bananeiras e mangueiras que espreitam e que possuem a capacidade de influenciarem na produção da articulação entre o cotidiano, o lugar e a identidade. (Carlos, 2004:86),



CAPITULO III

A ESTÉTICA DA RURALIDADE E SUA PRESENÇA NA PAISAGEM URBANA

Abacateiro acataremos teu ato

Nós também

somos do ma

Aguardaremos

Até que nos tr

Abacateiro te

...

Neste capítulo se conceitua a estética da ruralidade a partir de uma investigação do conceito de estética considerada como dimensão sensível do conhecimento.

Dando continuidade ao capítulo anterior, onde o urbano e o rural brasileiro são compreendidos em sua complexidade de relações, o estudo da estética dessas ruralidades é apresentado e desenvolvido sobre considerações de peculiaridades das referências rurais brasileiras, suas proximidades com a mata e sua capacidade de manifestação para além dos tradicionais limites que caracterizam a divisão cidade e campo, quando consideradas enquanto modos de apropriação do mundo. É o que demonstram os exemplos apontados, dentre os quais se destacam os quintais nas paisagens da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde esta pesquisa concentrou suas investigações, ainda que tal fenômeno, como se observa, também ocorra em outras cidades brasileiras.

Manifestações estéticas da ruralidade nas paisagens de outros tempos e lugares, que de algum modo nos são próximos, seja em aspectos culturais ou como experiências que continuam promovendo estudos, também são apresentadas. Assim, além de alguns aspectos da ruralidade em outras cidades brasileiras densamente urbanizadas, observam-se alguns exemplos de países do velho mundo, especialmente Portugal, seja por sua força enquanto matriz cultural dominante na fundamentação de nosso processo histórico bem como pela importância da ruralidade para a exploração colonial.

São apresentadas duas propostas históricas revolucionárias do pensamento urbanístico, com diferentes inspirações políticas, mas que compartilham suas ações transformadoras na produção de propostas centradas na relação cidade e campo – as cidades jardins e o desurbanismo que surge no bojo da própria revolução socialista.

Enfim, a ruralidade é apontada como possibilidade estética, logo, cultural, matriz para diversas criações de objetos, nomes, versos e até de lugares. A ruralidade, enquanto manifestação estética, pode estar desvinculada de um

espaço propriamente rural, ainda que referendada por ele ou pelos desdobramentos de uma memória de algo que possa até nem existir mais. É quando se analisa a presença e a importância dos quintais e suas diferenças e semelhanças com os jardins. Enfim, a estética da ruralidade pode estar na cidade, sobrevivendo de forma mais visível em suas periferias, franjas e recantos propícios, como também pode fazer surpreendentes aparições em suas centralidades mais agitadas.

Tais reflexões pretendem contribuir para a argumentação de que novas realidades urbanas ainda sejam possíveis e da necessidade de um paisagismo capaz de contemplar tais perspectivas e co-participar de tais processos de mudança.



Lanterna de festa junina industrializada (foto do autor)



Menino pegando porco (escultura no Parque do Ibirapuera – São Paulo)



"CowParade"¹ São Paulo e Rio



Horta na zona norte do Rio de Janeiro (foto do autor)

¹ A "CowParade", desta vez com um "rebanho" de 150 vacas, já passou por mais de 20 cidades no mundo todo. Ela foi realizada pela primeira vez em 1998, em Zurique (Suíça). "Vim de São Caetano do Sul [ABC] só para ver as vacas", disse a analista de sistemas Mônica Frioli, 37, que olhava, juntamente com o filho e o marido, a vaca "Comendo Arte", obra do artista plástico Rodolpho Tamanini, posta no vão livre do Masp na avenida Paulista. (Folha Ilustrada, 5/09/2005) A vaca sentada tomando coco faz parte da Cow-parade que invadiu o Rio em outubro de 2007, situada em frente ao hotel Capocabana Palace (foto do autor).

Fig.3.1 - Mosaico

Assim, este capítulo demonstra a estética da ruralidade, de forma empírica e em pesquisa, percebida e registrada em diversos modos e funciona como um elo para o debate a ser desenvolvido no próximo capítulo. É quando se debate sobre a importância política dos diversos aspectos socioculturais implícitos em tais paisagens. Assim, no capítulo IV é observado como o amálgama dessas ruralidades ainda funciona como sustento parcial, encantamento, sociabilidade e, principalmente, identificações que se manifestam nas lembranças, nas palavras e nas coisas. Quais são esses lugares e seus papéis, mesmo quando fragmentares e em minúsculas escalas, que atravessam o tempo e como compreender a importância destas manifestações para a vida e suas possibilidades de contribuição para o paisagismo e urbanismo.

3.2. ESTÉTICA

O conceito de estética a ser adotado é desenvolvido sobre referências que lhe tornam possível a articulação com uma teoria da paisagem, como já demonstrado no capítulo I. Tal abordagem conceitual deve possibilitar a apreensão e a análise das dimensões esteticizantes das paisagens urbanas brasileiras, em conformidade com a sua complexidade, capaz de englobar aspectos há bem pouco tempo tidos como opostos.

O entendimento do conceito de estética é evidenciado em seus fortes componentes políticos. Torna-se, assim, especialmente oportuno para a reflexão sobre os embates da cultura dominante que, pretensamente se apropria de discursos da racionalidade com a cultura do vivido, mais apoiada no “sentir”, que muitas vezes lhe orienta o pensar.

Torna-se necessário transcender o entendimento de passividade no ato de contemplação da obra de arte ou da beleza natural de um ser ou paisagem. A busca, a descoberta e o encantamento daquilo que se percebe, que pode até

incluir o bom, o belo e o sublime; instrui e revela um olhar não-ingênuo, vivido, que recebe, filtra e analisa, se alimenta e atua criticamente, sendo um mecanismo poderoso de cognição e até mesmo de redimensionamento das *Geografias* do mundo.

Tratada em especial pela Filosofia, é interessante observar que a estética sempre se relaciona com uma experiência que poderia ser aqui considerada como uma experimentação do sensível. Por muito tempo a própria ciência sobrevaloriza o pensamento conceitual e reduz a sensação. Hoje, na transição para um mundo de paradigmas da complexidade, como lembra Morin (1988), pode-se afirmar que “a sensação não é menos cérebro do que o conceito” (Deleuze e Guattari, 1993:271)

No final do século XVIII, Edmund Burke (1993 sobre obra de 1757) lança seu estudo sobre o sublime e o belo. Sua obra aborda as escalas finitas do espaço geométrico e as incomensuráveis dimensões do ser e da natureza, como a fronteira para o transcendental, morada dos gênios do bem e dos gênios do mal. Deus cria a natureza e os homens fazem as cidades.

Ao longo da construção/desconstrução de seu corpo teórico, a Estética, desde o Iluminismo, se redimensiona. Na visão *Kantiana* ela guarda uma promessa de conciliação entre a humanidade e a Natureza. Em sua “Crítica de julgar Estética” Kant demonstra certo fascínio ao julgar “surpreendente” que o julgamento sobre o belo, inicialmente próprio de cada um, subjetivo e particular, possa ser ao mesmo tempo um julgamento universal e objetivo.

Em Hegel, a arte, ainda que possua grande importância em sua análise, talvez não seja o maior estatuto de sua Estética, uma vez que pretende dissolver a idéia da mesma como uma forma privilegiada de “manifestação” do espírito. Seu tratado sobre a estética começa a ceder espaço para a história. Para Hegel a arte é parte de uma história maior, a da própria consciência e, por isso mesmo, não admite qualquer volta no tempo, “nem mesmo o da antiguidade clássica grega – a única vez na história em que se teria realizado plenamente o ideal de beleza”. (Arantes, 2001:40).

Kierkegaard acredita que a estética deva recuar diante das verdades mais elevadas da ética e da fé religiosa, mas se preocupa bastante com a sua discussão. Em Schopenhauer e Nietzsche, quase que em contraste, a experiência estética é um fim em si mesma, constituída como uma forma suprema do valor. Marx se apropria da literatura mundial em alusões fantásticas como quando afirma o corpo e diz que o próprio pensamento, que possui a linguagem como elemento de expressão vital, “é natureza sensível”.² Para o filósofo alemão Baumgarten, o termo não é ligado aprioristicamente à arte, “mas, como o grego **aisthesis**, a toda região da percepção e sensação humanas” (Baumgarten apud Eagleton, 1993). Esse entendimento da Estética não deixa de ter uma dimensão política que, segundo o autor, está centrada no corpo e produz uma rebelião deste contra a tirania do teórico. Para Lefèbvre, de acordo com Lencioni:

“a sociedade atual consegue ser conjunta e disjunta ao mesmo tempo, associada e dissociada e os os fragmentos funcionais do espaço são unificados pelo estetismo, com sua doutrina baseada no estudo racional do belo, capaz de amalgamar os fragmentos espaciais.” (Sandra Lencioni in Carlos, 2001)

A incapacidade da racionalidade dirigente em considerar tais aspectos pode levar a terríveis custos políticos já que a Estética pode ser lida como a mais forte e palpável dimensão do humano, conforme o texto abaixo alude, metaforicamente, ao território estético:

“...Este território é nada mais que a totalidade de nossa vida sensível – o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo” (EAGLETON, 1993:17)

É interessante, na citação acima, o papel do olhar e das vísceras como porta-membrana da percepção estética e dimensão de profundidade da sensibilidade nas apropriações sensíveis que os seres humanos fazem do mundo.

² *Karl Marx, Economic and Philosophal Manuscripts, in Early Writings*, introdução de Lucio Colletti (Harmondsworth, 1975), apud Eagleton, 1993:336.

Já perto da virada do terceiro milênio, Félix Guattari, por sua vez, afirma a urgência de novos paradigmas éticos, estéticos e políticos a fim de que a humanidade possa retomar seu interesse por si mesma, tendo dedicado toda a obra *Caosmose*, por um novo paradigma estético (Guattari,1992), para a importância do pensamento estético e seus desdobramentos no real. A relação entre espaço e corporeidade, possibilitada pela contemplação da paisagem, aponta para a construção de novas cartografias da cidade, múltiplas em seus aspectos de conhecimento dos desejos, “afetos e perceptos” de todos, a fim de que se possa construir a cidade subjetiva de modo coletivo.

Lefebvre também é categórico ao afirmar que o urbano é forma em concepção plástica, onde tudo significa, ainda que os significantes “flutuem” (1999:112), o que implica a importância da estética para sua melhor compreensão.

Assim sendo, tal embasamento teórico pretende afirmar como se pretende trabalhar a experiência estética da vivência da paisagem, com toda a complexidade de sua carga de desejos, perceptos e afetos.

O estudo dessa Estética da Paisagem e suas implicações éticas e políticas, pode conduzir, dentre outras questões, ao estudo da própria ruralidade enquanto manifestação cultural e histórica. Trata-se, portanto, de possibilidade e recurso, seja para a produção de utopias ou até para os processos de criação de lugares e universos de sensações.

3.3. REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENTENDIMENTO SOBRE A ESTÉTICA DA RURALIDADE

O primeiro passo na fundamentação teórica para a execução deste tópico foi encontrar autores que pensem as manifestações caracterizadoras de dimensões estéticas da ruralidade. A dificuldade de encontrar autores que abordem a temática específica, mais ainda, do Rio de Janeiro, não impediu uma seleção de pensamentos diversos e épocas diferentes que trabalham com a ruralidade.

Observa-se que tais obras sempre passam por vieses descritivos, uma vez que a estética da ruralidade, compreendida como um aspecto cultural, opera fortemente com a memória e com a percepção. Observa-se que, tanto as obras sociológicas, como as que enfatizam a memória ou mesmo a descrição poética estão fortemente impregnadas de um profundo sentido estetizante. Esta etapa da pesquisa visa a contribuir para sua compreensão e análise, afim de que se possa constatar a presença da estética da ruralidade nas paisagens urbanas.

Nesse sentido, entre os autores que trabalham a ruralidade brasileira podem ser somados os que, na visão de seus tempos, pensem a mesma em termos de seus espaços tradicionais através da divisão clássica entre o campo e a cidade.

Na construção de uma memória da ruralidade brasileira, por exemplo, cita-se a influência da obra voltada para o público infantil de Monteiro Lobato, com a turma do “Sítio do Pica Pau Amarelo”, que já influenciou e continua influenciando gerações por décadas. Antes lido, depois televisado em seriado por diversas gerações de artistas, é sempre sucesso. Sua produção televisiva inicial uniu investimentos governamentais, através da TV Educativa e da iniciativa privada, a Rede Globo de Televisão, não por acaso a maior do país e que desempenha um forte papel na cultura de massa e na formação de opinião pública nacional.

Seria a ruralidade, romantizada e calcada no rural tradicional, um forte componente de semióticas de subjetivação - algo que se busca utilizar na sempre sedutora e oportuna tentativa de produção de uma identidade nacional? Ou seria pela sua força alusiva à “natureza”, em uma apropriação cultural por excelência, do tipo que se associa aquilo que Lefevre chama de “o espaço do prazer”?

O fato é que, seja por romantismo ou por novas enunciações, os aspectos ligados à ruralidade dessa obra se reeditam: hoje o Saci vira o duende brasileiro, vindo da mata, após perturbar nas fazendas, já perambula pelas cidades, cada vez mais vivo nas paisagens do imaginário das novas gerações.³

³ A moda de magia que assola a indústria do cinema e da literatura no mundo acelera a disputa judicial para publicação em grande estilo do seu clássico infantil: Pedrinho e o Saci (Monteiro Lobato). Outros autores trabalham com o tema: Um saci urbano aparece na obra **Pererêêê Pororóóó** (DCL), de Lenice Gomes, escritora de livros que resgatam o aspecto folclórico com roupagem contemporânea, é uma prosa poética cheia de adivinhas. Em versos livres, é contada a história do encontro de Raul e Diva, duas crianças, e três sacis que rodopiam feito “piões enlouquecidos” em um casarão abandonado na cidade. É também na cidade, em sua periferia, que o enredo de **O caso do saci** (Cosac Naify), do ilustrador e escritor Nelson Cruz, se desenrola. Os irmãos Manfredinho e Andréa desconfiam que é o duende que anda escondendo o dinheiro

A estética das ruralidades brasileiras observada em clássicos como “Grande Sertão, Veredas” de Guimarães Rosa; “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, e, também, autores como Antônio Cândido de “Os Parceiros do Rio Bonito”⁴, Muniz Sodré de “Claros e Escuros”⁵, Célia Tolentino com o seu “O rural no cinema brasileiro”⁶ auxiliam a compreensão dos papéis da ruralidade nos processos de formação sociocultural das gentes brasileiras. Mas também mostram como a gente brasileira produz ou preserva suas ruralidades **com os meios disponíveis**, o que inclui o espaço e as suas técnicas.

Também não podem ser esquecidos os trabalhos musicais que são apresentados em citações reforçadoras de expressões, gírias, apelidos, esperanças, simpatias, crenças etc, de autores como Luís Gonzaga, Gilberto Gil, Bezerra da Silva e tantas outras vozes que cantam ruralidades dentro e fora das cidades. Como no trecho abaixo, em que a importância das relações sociais e familiares, típicas do nordeste rural, ficam evidentes:

Luiz, respeita Januário
 Luiz, respeita Januário
 Luiz, tu pode ser famoso
 Mas teu pai é mais tinhoso
 E com ele ninguém vai
 Luiz, respeita os oito baixos do teu pai
 ("Respeita Januário" de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

do pai, vítima de malandros do bairro. Depois de roubar o gorro vermelho do Saci, o que deixa o duende sem força, os dois acompanham o negrinho até o vale onde estão os objetos escondidos pelo moleque que migrou das zonas rurais para os centros urbanos – pelo menos na literatura infantil (nota do autor).

⁴ Esta obra clássica, publicada em 1964, é um marco para a Sociologia brasileira. Trata-se de um estudo profundo e detalhado dos meios de vida do caipira paulista, sua luta pela subsistência, sua cultura e inserção econômica (nota do autor).

⁵ Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil” estabelecem as posições constantes no jogo identitário da questão nacional e a influência da mídia a serviço dos interesses capitalistas (nota do autor)..

⁶ Neste livro, Célia Tolentino discute os aspectos rurais da cultura brasileira de acordo com a abordagem realizada pelo cinema nacional durante as décadas de 1950 e 1960. São estudados filmes como Candinho (1953) e Jeca Tatu (1959), com Mazaropi, Vidas secas (1963), de Nelson Pereira dos Santos, e Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), de Glauber Rocha (nota do autor)..

Mesmo grupos musicais mais recentes como o Mamonas Assassinas (letra ao término do capítulo), ou de pagodes como o Fundo de Quintal (que em uma de suas letras chega a associar o fundo do quintal com o fundo do coração) utilizam fortes referências à ruralidade.

Na poesia, Ferreira Gullar com seu “Poema Sujo” (1975) traz o tempo lento das árvores, dos cheiros, dos cachorros, matos, plantas, bananeiras, galinhas nos quintais, mamoeiro rente ao muro, sapos nos jardins e galos que desandam a jorrar manhãs, entre outras recordações da infância; reconstruindo no exílio a sua cidade de São Luís do Maranhão. Memórias urbanas cheias de referências estéticas da ruralidade, fazendo com que essa poesia, de certo modo, remeta a tantas cidades que acompanharam, e ainda acompanham, tempos e espaços da vida de tantos brasileiros. A força desta sua obra e a comoção que ainda causa levou Otto Maria Carpeaux (no prefácio da 5ª Ed. de 1983) a afirmar que “Poema Sujo” deveria se chamar “Poema Nacional”:

O corpo que busca o corpo
No capinzal escondido
Naquele capim que era abrigo e afeto
Feito cavalo sentindo
O cheiro da terra o cheiro
Verde do mato o travo do cheiro novo
Do mato novo da vida
Viva das coisas verdes vivendo (...)
Ali
Bebendo a saúde da terra e das plantas,
Buscando
Em mim mesmo a fonte de uma alegria
Ainda que suja e secreta...

(Gullar, 1983:80)

Na visão sociológica de José de Souza Martins, em rico processo dialético inspirado em Lefébvre e Marx, é defendida a importância do rural, para a compreensão de contradições existentes no capitalismo brasileiro. No rural o autor também identifica a produção de relações não-capitalistas e toda uma base de análise para compreensão do nosso processo histórico de formação social e da desigualdade do desenvolvimento da sociedade brasileira.

As leituras dessas obras apontam que diversas ruralidades se produzem na complexidade sociocultural-ambiental brasileira, e assim baseia-se a análise desta pesquisa para a identificação das dimensões estéticas das ruralidades observadas nas paisagens urbanas.

São fragmentos de ruralidades em situações especiais, com usos espaciais específicos detectadas no urbano e comprovados, não só nas fotos destacadas que acompanham o texto, mas também no acervo maior que segue no *Cd ROM* em anexo ao final desta tese. Afinal, como podemos conceituar a estética retratada nas paisagens dos quintais, rocinhas, quintas e até de alguns jardins populares? E os pastos, os barrancos, currais súbitos, canções, apelidos etc.? E a dimensão subjetiva dos festejos, comidas, apelidos, canções, brinquedos (ver fig. 3.2 e 3.3), vestes etc.? Todas remetem ao rural como referência e se reafirmam como contradições vivas às isotopias urbanas de que nos escreve Lefébvre (1972:66).

Como veremos mais adiante, em diversos registros fotográficos e em pesquisa iconográfica, é difícil enquadrar em uma ou outra classificação, dado à variedade de suas manifestações e à singularidade de cada caso. Tenta-se distinguir alguns dos usos que se fazem de sua apropriação. O estudo dessa estética da ruralidade e suas implicações éticas e políticas, conduz, dentre outras questões, ao estudo da própria ruralidade enquanto manifestação cultural e seu poder de permanência entre nós; enfim, sua capacidade de produzir lugares e identificações.



Fig 3.2- Foto de galinheiro improvisado em Maria Paula, São Gonçalo RJ e receita de Galinha ao molho Pardo do entrevistado Antônio Barbosa (foto do autor)

Galinha ao molho pardo
 Mate a galinha, reserve o sangue com um copo de vinagre misturado. Corte a galinha em pedaços, refogue na panela de barro com bastante alho frito, pique pimentão, tomate e um pouco de pimenta do reino, coloque sal a gosto. Quando estiver bem cozida ponha água e inicie o cozimento, acrescente batatas cortadas e só quando estiver tudo cozinho coloque o sangue e deixe ferver mais um pouco pondo coentro

A complexidade de tal estudo o torna ainda mais amplo com a contribuição dos movimentos migratórios internos, onde caudais de intersubjetividades foram processadas durante a História, misturando culturas diversas de brancos, negros, índios e mulatos. Somam-se ainda, as imigrações do século XIX (Ribeiro, 2006:221)⁷, justificando tantas crenças, ritos e mitos das matas e campos rurais brasileiros, ainda hoje ouvidos e praticados nas cidades. As fotos a seguir (fig.3.3 e 3.4) mostram aspectos da imigração italiana.⁸

⁷ “o contingente imigratório europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes das quais entraram no país no último século (sobre o papel da imigração no Brasil ver Ávila 1956; Carneiro 1950; Martins 1955; Cortes 1954; Saito 1961; Waibel 1949; Willems 1946; Laytano 1952; Diegues Jr. 1964; Ianni 1966). É composto, principalmente, por 1,7 milhão de imigrantes portugueses, que se vieram juntar aos povoadores dos primeiros séculos, tornados dominantes pela multiplicação operada através do caldeamento com índios e negros. Seguem-se os italianos, com 1,6 milhão; os espanhóis, com 700 mil; os alemães, com mais de 250 mil; os japoneses, com cerca de 230 mil e outros contingentes menores, principalmente eslavos, introduzidos no Brasil sobretudo entre 1886 e 1930.” (Ribeiro; 2006:221)

⁸ Exposição conta o sofrimento dos imigrantes italianos, criada pelo Memorial da Imigração, de São Paulo, exposição "Viagem do Imigrante", conta parte do sofrimento dos italianos da saída a chegada ao Brasil Claudio Rostellato (23/06/2005) Consultado em 20/09/08 no site <http://www.associb.org.br/cibnotizie/vedi.php3?Lpg=PT&edarch=350&prov=arch>.



Fig.3.3- Foto da exposição Imigrantes italianos: brinquedo – Memorial da Imigração São Paulo 2007



Fig.3.4- Foto da exposição Imigrantes italianos: rurais implantando a cidade. Memorial da Imigração – São Paulo 2007

3.3.1. Novos cursos da ruralidade

Na obra de Moreira (2002) encontramos a dimensão política que o rural ocupou em diversos momentos históricos nos diferentes projetos nacionais das sociedades capitalistas periféricas, estudando principalmente o caso brasileiro. Afirma ainda que uma nova visão da ruralidade esteja em curso, diferente dos

modos como era vista na modernidade, representada pelo urbano e suas luzes e onde o rural se associava ao atraso.

No Brasil existem mais elos com uma memória da ruralidade do que poderíamos supor, visto que muitos dos hábitos, musicalidades, comidas, festejos, danças e expressões estão vinculados a aspectos da ruralidade, que se fazem insistentes e surpreendentes em suas formas de se reeditarem – tais quais poderosas máquinas autopoéticas. Com a atual mecanização do campo e a transformação das paisagens rurais promovidas pelos agronegócios, parece até que hoje determinadas paisagens da ruralidade, enquanto fenômenos estéticos se preservem apenas na memória e até mesmo, ainda que de modo fragmentar, nos espaços das grandes urbes.

Entretanto, a questão de uma ruralidade que está morrendo ou renascendo, defendida de um modo ou de outro por alguns autores, deve levar em conta o ponto de vista sob o qual se faz a análise. Para Veiga, o que estamos assistindo é um fenômeno novo; ainda que observado em sociedades mais avançadas, quando o mais completo triunfo da urbanidade engendra a valorização de uma ruralidade que não está renascendo. Está, sim, em **mutação** (2004:11).

Em meio a tudo isso se pergunta onde fica a preocupação com os fragmentos de ruralidades e suas articulações com o urbano. Sua própria permanência é um testemunho de sua importância para a cultura, para a socialização e, portanto, para o próprio paisagismo que busca referências populares em sua autenticidade a fim de promover espaços que não sejam coercitivos para a necessidade vital da liberdade inventiva e afetiva.

3.4. DA ESTÉTICA DA RURALIDADE

Para a construção de um pensamento sobre a ruralidade no Brasil, sob o ponto de vista estético, encontramos contribuições relevantes para sua análise. Uma delas é a abordagem das possibilidades de utilização da geografia histórica ambiental centrada na investigação das modificações da paisagem. Desse modo,

na maioria das vezes, desde a aceleração do processo de colonização – as visualidades das cidades, campos e matas estão em suas origens paisagisticamente juntos ou muito próximos, privilegiando, em muitos casos, matas e rurais como predominâncias paisagísticas.

Entende-se aqui a mata como a apropriação cultural da floresta, conforme defende Célia Dias (2008) e, assim, o rural brasileiro em seu processo de ocupação se impõe, em diferentes momentos, desde seus primórdios até os dias atuais, sobre a natureza intocada dos ecossistemas originais. Esse fator nos diferencia de todo o processo de ocupação espacial e ordenamento territorial que era praticado no mundo europeu, onde rurais e urbanos conviviam, em geral e no máximo, com matas domesticadas e exploradas por diversas gerações e onde a diversidade, quando muito, gravitava em torno de uma dúzia de espécies arbóreas (Dean, 1996).

Nossas matas, no caso do Rio de Janeiro, são remanescentes da vegetação da floresta Atlântica, caracterizada por profusos vergeis de diferentes estratos arbóreos, onde os números de espécies somam centenas.

Sua presença, ladeando algumas perspectivas urbanas, são visualidades como no exemplo da foto 3.5, que mostra um dos veios da favela da Rocinha penetrando a mata ruralizada em suas bordas, fazendo parecer que a cidade acaba ali e, logo depois, mergulha em imensos domínios verdes. Outras são cenografias que devem ser preservadas como no caso da foto 3.6 que mostra um trecho do entorno da Estação Rodoviária de Petrópolis – RJ. Essas visualidades mobilizam turistas, principalmente estrangeiros, que entre o encanto e os sustos, inventam histórias de jacarés e onças passeando pelas ruas, nem sempre de todo inverossímeis.⁹

E até hoje, no Brasil, e em especial no Rio de Janeiro, se preservam urbanos que guardam relações de proximidade com a mata, entendida principalmente sob seu aspecto estético e cultural. Bem como, existem ruralidades, no sentido de estetizações referenciadas no universo rural, que já nascem urbanas.

⁹ Em 16/11/2007 um jacaré de papo amarelo –espécie ameaçada de extinção- assustou banhistas na Barra da Tijuca. Ver site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u346067.shtml>.



3.5 - Foto recente ilustrativa da proximidade entre urbano e a mata, entremeada de frutíferas típicas de pomares, obtida em topo da favela da Rocinha – Rio de Janeiro (foto de Jorge Henrique-2003).



3.6 - Fotos obtidas em frente à antiga Estação Rodoviária Municipal no centro de Petrópolis – RJ, onde a mata parece ladear a rua 2006 (foto do autor).

3.4.1. A mata e o rural: representações de proximidades e subjetividades que nos habitam

A imensidão geográfica e a multiterritorialidade exacerbam possibilidades de vivências sócio-espaciais (Haesbaert, 2006). A memória da mata e do rural, mesmo nos meios urbanos, ainda é forte nas diversas gerações que recordam ou vivem contatos diretos e/ou que conhecem suas histórias através de seus antepassados.

As gerações mais novas, mesmo as nascidas e criadas no meio urbano, por sua vez, crescem sob a influência da mídia pseudo-ecológica e de programas televisivos que misturam representações e conceitos de natureza, ruralidade e matas reproduzidos de outros tantos registros. A mata e o rural também viram experiências supervalorizadas para a infância, ainda que vivenciadas em cenários como parques temáticos, zoológicos especiais, sítios de festas e quintais de amigos ou parentes, endossadas pelo estímulo da cultura de massas ou pelos discursos nostálgicos elaborados.

A mata, enquanto representação da natureza tem um papel muito forte em um processo que nos diferencia do europeu. Em seu primeiro capítulo da História Colonial do Brasil, Capistrano de Abreu observa:

“Por toda a parte transparece o segredo do brasileiro: a diferenciação paulatina do reino, inconsciente e tímida ao princípio, consciente, resoluta e irresistível mais tarde, pela integração com a natureza, com suas árvores, seus bichos e o próprio indígena.” (Abreu, 1976:163)

Ao longo de sua história, a população brasileira cresce e se urbaniza sendo levada desde o início, a conviver com a exuberância da diversidade em todas as suas manifestações possíveis: geográficas e climáticas pela continentalidade do país; naturais e biológicas pela biodiversidade ainda hoje surpreendente e, acima de tudo, cultural, pois diversos são os povos do lugar, os que chegam e fundam a colônia e os que são importados para o trabalho braçal. Índios, portugueses, negros, judeus, japoneses, franceses, polacos, italianos, alemães, árabes e tantos outros. Solidários pela compaixão de enfrentar, juntos, o desconhecido de um novo e atemorizante mundo, a força que reside na capacidade de conviver com a multiplicidade, ainda é subestimada. Capacidade que se transforma em gosto

pela diversidade de situações e universos estéticos, por vezes, passíveis de serem lidos como desordenados ou desvalorizados por racionalidades mais simplistas e arrogantes.

3.4.2. Paisagens e Representações da mata

A paisagem, como já afirmado anteriormente, pode ser compreendida como um inventário de representações (Berque, 2004) que se soma com a inventariação de outros aspectos como o eco-geográfico, os conceitos e valores, as políticas.

O conceito de representação para Guimburg (2001:85) associa-se com o termo italiano *representatio* que fazia menção a antigos bonecos de madeira, cera ou couro confeccionados por ocasião da morte dos reis franceses ou ingleses com o objetivo de propiciar seu velório simultâneo em diversos locais. O que por um lado pode parecer falseamento ou disjunção, por outro produz uma alegoria de significação efetiva. Evoca-se a ausência, porém ao mesmo tempo torna visível, até mesmo palpável, a realidade representada. Lefebvre, por sua vez, afirma que as representações não são falsas nem verdadeiras, embora sejam as duas coisas ao mesmo tempo: falsas por, de algum modo, dissimularem a realidade e verdadeiras na medida em que se apresentam como soluções para as respostas de problemas reais.

Lembra-se, então, o poder da representação como força ativa, como nos traz Barbosa (1998), capaz de transformar e realizar operações na realidade. Entre diversos exemplos, temos no caso brasileiro uma série de representações de paisagens rurais, quase sempre próximas às naturais. Serge Moscovici (1993), por sua vez, afirma que as representações são compartilhadas e construídas socialmente.

Corroboram para tal afirmação o imaginário social, antes povoado pelas descrições orais e, nas novas gerações seja pela literatura ou televisão, seja através daquilo que ainda é contato pelos avós, como no exemplo já citado das descrições de Monteiro Lobato sobre o Sítio do Pica-pau Amarelo e sua proximidade com as diferentes escalas das matas.

Nas matas profundas, como afirmam seus personagens característicos do meio rural tradicional brasileiro, habitam as feras, as terríveis criaturas e os seus maiores mistérios. Tanto que muitos dos mitos e lendas ligados à ruralidade brasileira, como a cuca, o saci-pererê, o curupira, são entidades relacionadas à existência e proximidade, ou mesmo profundidades das matas¹⁰. Outros elementos existentes na mata Atlântica ao longo do litoral brasileiro, na qual se concentram os processos iniciais de colonização, estão relacionados com sua geografia montanhosa: penedos, grutas, animais e vegetais estranhos, rios, cascatas, abismos e o escaldante calor úmido (Dean, 1996:29).

Ao tratar das representações da ruralidade, símbolos e culturas da mata se fazem presentes. Tal fato parece ser lógico, uma vez que a cada avanço das fronteiras rurais mais se penetrava naquilo que antes era mata, ou ainda pelo fato de que, na tradicional divisão campo-cidade, o campo era o que, quase sempre, permeava, dividia e filtrava a cidade da mata.

O caso da memória da biodiversidade brasileira, gigantescamente maior que a europeia, faz com que nossas paisagens da flora e fauna nativas sejam assustadoramente surpreendentes, também, por suas formas de vidas, algumas bastante bizarras para os padrões europeus. As subjetividades se transmitem em percursos temporais e em práticas espaciais, por vezes muito longos e possantes, através dos modos de trabalho, falas, arranjos, ações, escritos, canções e crenças preservados pela memória e cultura.

A mata era o lugar do desconhecido, o lugar do diabo e do mal, justificando, desse modo, a sua destruição e desvalorização... Por outro lado parecia acenar com promessas de paraísos, terras quentes e fartas, tanto em comida como em sexo, contrastantes com as frias, moralistas e já cansadas terras europeias. Na

¹⁰ Pode-se afirmar, segundo as lendas, que o saci transita até nas franjas urbanas, o curupira, transita na mata abordando caçadores e a cuca se encontra em grotas nas profundidades da mata virgem. Ao término deste trabalho existe um anexo com uma sinopse caracterizadora de cada uma dessas entidades presentes nos mitos rurais e típicas do folclore brasileiro.

terra mitológica da Cocanha, antevista na literatura popular medieval, profana e proibida, surpreendentemente eram narrados lugares quentes todo o ano, onde todos andavam nus e a fartura era desmedida:

Não é preciso saia nem saiote
 Lá, nem calça ou camisa em tempo algum,
 Andam nus todos, homens e mulheres.
 Não faz frio nem calor, de dia ou noite,
 Vê-se cada um e toca-se à vontade:
 Oh que vida feliz, oh que bom tempo...
 Lá não se importa ter-se muitos filhos
 A criar, como aqui entre nós;
 Pois quando chove, chovem raviólis.
 Ninguém se preocupa em casar as filhas,
 Que são posse comum e cada qual
 Satisfaz os seus próprios apetites.
 (Guimsburg, 1976 :166)

A mata representa o mal em diversas manifestações: os perigos das peçonhas e feras, o risco de se perder, os abismos súbitos, o caos e a morte iminente (Dean, 1996:29). Também incita e mexe com a sexualidade, permite o ocultamento dos corpos na paisagem. A força de uma memória nativa junto com o calor tropical induz à nudez e aos banhos de rios, cachoeiras ou praias. Para os pais e religiosos, impregnados de moralidades convenientes para a manutenção e aumento da riqueza familiar, a mata levava ao temor de encontros proibidos, gestações indesejadas, incestos, homossexualismo, enfim, da própria emergência dos demônios interiores.

A mata parece endemonizar até mesmo os animais domésticos que, muitos deles, ao desembarcarem por aqui se enfurnaram nas brenhas, procriaram sem predadores e ficaram bravios feito feras. Isto aconteceu com porcos, bois e cavalos. As plantas, ao seu modo, fizeram o mesmo e se tornaram, em solos e climas tão propícios, assustadoramente maiores em escala e mais competitivas (Crosby, 1986).

Mas a mata também oferece os remédios, os frutos exóticos, flores, aves, caças, espaços para rituais e sensações que só suas paisagens e elementos possibilitam como: oferendas em cachoeiras, árvores, banhos no meio da floresta e experiências de transcendência da realidade. Hoje, o Santo Daime, a União

com o vegetal e a Igreja da Barquinha são seitas que utilizam vegetais específicos das matas para preparo de chás que levam a transe místicos. Nesses rituais do Santo Daime a presença da mata se associa com a cultura dos povos da floresta. Sua unidade sede é no Acre. Em tais rituais, guias espirituais da mata como o Juramidam, assim como o caminho do Tucum somam-se às visualidades dos rituais da umbanda com referenciais estéticos da ruralidade. Misturam-se aí, pretos-velhos ex-escravos e caboclos, inclusive, boiadeiros.

O rural e o urbano, no caso brasileiro, aproximam e mesclam as culturas dos índios com as dos negros e dos europeus, também pela proximidade com as matas brasileiras e a necessidade de seu domínio, afinal, somente os indígenas sabiam todos os seus mistérios, os negros muitos deles e os brancos eram totalmente leigos.

Desse caldeirão cultural muita coisa fica em termos de representações sociais, e essas representações são automaticamente acionadas em tempos de valorização da natureza como nova raridade (Damiani, Carlos *et all.*, 1999). Distinguir as subjetividades que preservam o inventário de tradições autênticas, no sentido de um passado do qual ainda somos feitos, é uma estratégia de combate ao humano que o capitalismo tardio tenta impor: “incapaz tanto de morrer quanto de voltar à vida” (Eagleton, 1993:272).

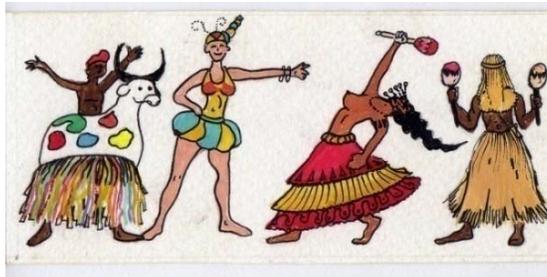


Fig 3.7- Diversidade Cultural (ilustração do autor)

Hoje, enquanto as matas se extinguem, migram para a TV e cinema os monstros como a mula-sem-cabeça, os lobisomens e cucas, dentre outros seres que habitam as suas geografias imaginárias. A mata agora acalma e é, em muitas cidades, uma nova raridade (Damiani, Carlos & Seabra org.,2001). Torna-se motivo de valorização dos novos investimentos imobiliários. Vistas e proximidades

com as matas são vendidas, geralmente veiculadas como o *verde*, como pano de fundo até em *outdoors* de anúncio de prédios inseridos em consolidados espaços urbanos (ver fig. 3.8. e 3.9) – propagandas enganosas e matas fictícias que se promovem em nome do desejo.

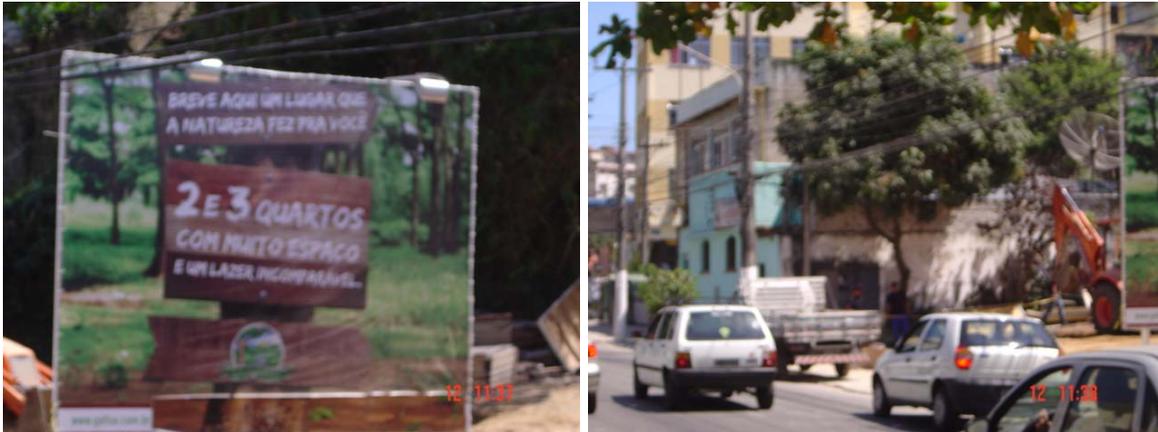


Fig.3.8 e 3.9- “Breve aqui um lugar que a natureza fez para você”- o cartaz vende paisagem de mata em ruas urbanizadas e de trânsito caótico – Rua Dr. Paulo César, Santa Rosa – Niterói-RJ

3.5. A ESTÉTICA DA RURALIDADE E O URBANO

No caso específico do rural, suas representações visuais não se esgotam em poucas descrições. Seus símbolos geralmente estão vinculados à memória ou manifestações reais de criações de animais, plantios, objetos, técnicas, sítios, fazendas, proximidades de matas; mesmo pessoas podem incorporar tal estética. É o caso dos personagens Tio Barnabé ou Jeca Tatu, indiscutivelmente rurais, das obras já citadas de Monteiro Lobato. O homem do campo era considerado um empecilho ao desenvolvimento econômico e social - um bugre que só queria sal, fumo, carne seca e cachaça nas vendas e para o resto se virava com o que achava na mata. Indolentes e parasitários, fruto da falta de saneamento e de todo abandono político.

Esse é o rural que desagrada, que é visto como atraso, sujeira, pobreza. Os reflexos dessas visões estão em toda a parte, mesmo na cultura literária onde o Jeca Tatu trazia uma representação, ainda que generalista e um tanto ou quanto caricata do homem rural brasileiro. Por certo tempo, na própria literatura, ser

caipira era ser o tipo nacional. E esse mesmo Jeca, sabe “dar o pulo do gato” quando enriquece, se cura e ganha a dimensão de símbolo nacional:

“Percebe-se em textos de Lobato e de outros intelectuais a auto-identificação com o personagem, que passa a ser visto como expressão de autenticidade e representação simbólica da nação” (Lima, 1998:150).

A estética da ruralidade pode estar presente, inclusive, em objetos e símbolos ligados ao urbanismo. Uma rua pode ser estético-funcional urbana em um trecho e em outro pode ser rural.¹¹ Um rural idílico e romantizado habita com frequência os sonhos de pessoas de diversas classes sociais. A demanda para essa carga de desejos é tanta que se encontram uma infinidade de estetizações, até mesmo falseadas, de ruralidades que são vendidas ou alugadas nos condomínios de chácaras, antigas sedes de fazendas que se transformam em pousadas que incluem até empregados vestidos de escravos ou nos sítios de finais de semana.



Fig 3.10 - Antiga sede de fazenda em Pirai- RJ (imagem digitalizada de encarte publicitário)

¹¹ O premiado longa metragem " UMA AVENIDA CHAMADA BRASIL " que trata da avenida que de um lado cruza o rural (Campo Grande, Santa Cruz) e de outro ao urbano e no meio passa pela periferia suja, pobre e violenta do Rio de Janeiro. Dentre os prêmios, recebeu: 1º Coral Documentário, Prêmio OCLAE, Prêmio SAUL YELIN, no 11º Festival del Nuevo Cine Latino Americano – Havana 1990. Além de ter participado de diversos Festivais Internacionais, foi exibido e distribuído em 50 países.

Título Original: Uma Avenida Chamada Brasil

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1989

Direção: Octávio Bezerra in

<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/avenida-chamada-brasil/avenida-chamada-brasil.asp>

O certo é que a estética da ruralidade, inclusive esta que parece se reeditar nas evocações urbanas que se fazem de sua memória, é impregnada pela *rusticidade*. Uma rusticidade que emana das formas através de articulações entre o singelo, aparentemente ingênuo, o funcional tosco, o “natural”, o durável, o autêntico (ainda que esse autêntico seja muitas vezes questionável). À tal simplicidade, se une uma idéia de pureza como valores contrastantes com a cidade, complexa, cheia de pecados e seduções que suas luzes acenam.

Mundo digitalizado, computadores, pequeninos botões e máquinas de todos os tipos e que poucos sabem como funcionam por dentro crescem em números e tipos no cotidiano dos lugares em que o dinheiro circula. Acima de tudo máquinas de controle, de imposição de ordens, que parecem se distanciar do humano e que exigem manipulações cada vez mais sutis, inteligentes e delicadas. A tecnologia avançada impõe uma tirania de domínio e a eterna ameaça do pane, do curto-circuito, da catástrofe; que em certas situações pode ser desde o cartão engolido, o sumiço do dinheiro no caixa eletrônico até o botão vermelho da explosão planetária.¹²

Por outro lado, a simplicidade de manejo, o vigor das coisas simples diferem dos mecanismos exigentes e frágeis que se impõem ao homem contemporâneo e podem funcionar como mecanismos compensatórios. Discursos médicos que apontam para a importância de exercícios, ar livre, jardinagem, ainda reforçam o desejo, que muitas vezes não é divulgado, de uma vida mais próxima das representações culturais da mata e da ruralidade com sua rusticidade e respostas mais previsíveis.

A presença da estética da ruralidade dentro de áreas urbanizadas não é um fato novo. Para Le Goff (1997:32), as criações de animais e a agricultura em áreas urbanas persistem até o século XIX, quando o advento da cidade industrial e a legislação preocupada com a saúde pública iniciam o que chama de “desruralização”.

¹² Sobre estas afirmativas da evolução maquínica vale ler o item 2. Máquinas semióticas e Heterogênese ou a Heterogênese Maquínica in Guattari(1993:45)

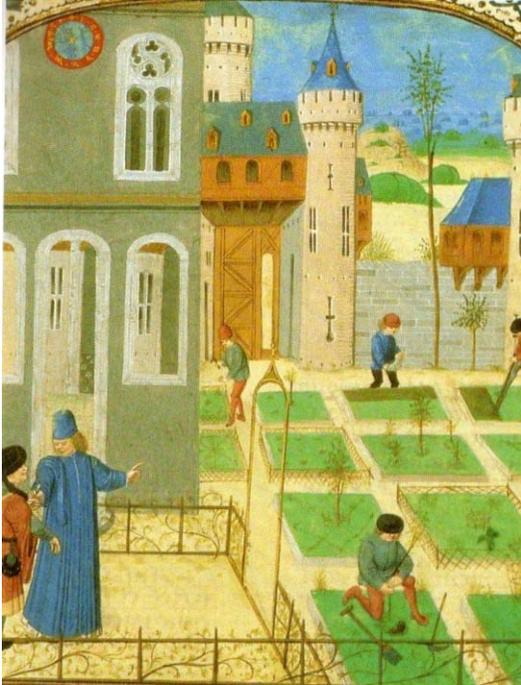


Fig. 3.11.

Fig.3.11 - Racionalização do jardim no ambiente urbano. Iluminura extraída de *Le livre des proufitz champestres*, de Pierre de Crescens, século XV (*manuscrito 5064*). Paris, Biblioteca do Arsenal (in Le Goff, 1997:30).



Fig.3.12.

Fig. 3.12 - Hortas operárias em Suresnes na periferia parisiense, fotografia de 1943 (in Le Goff, 1997:31).

3.5.1. Experiências estéticas com a ruralidade.

Em termos paisagísticos centrados na questão meramente estética, vale a pena ressaltar aqui a proposta dos *hameau* ou *ferme ornée*, do período barroco francês que designa um pequeno conjunto de construções rurais, localizado na área de um jardim e usado pela aristocracia para experimentar o cotidiano da vida do campo. O mais famoso exemplo é o *hameau* construído nos jardins de Versalhes para a rainha Maria Antonieta (1755-1793), esposa de Luís XVI (1754-1793), rei da França no período de 1774 a 1792 (Cunha, 2005:293).

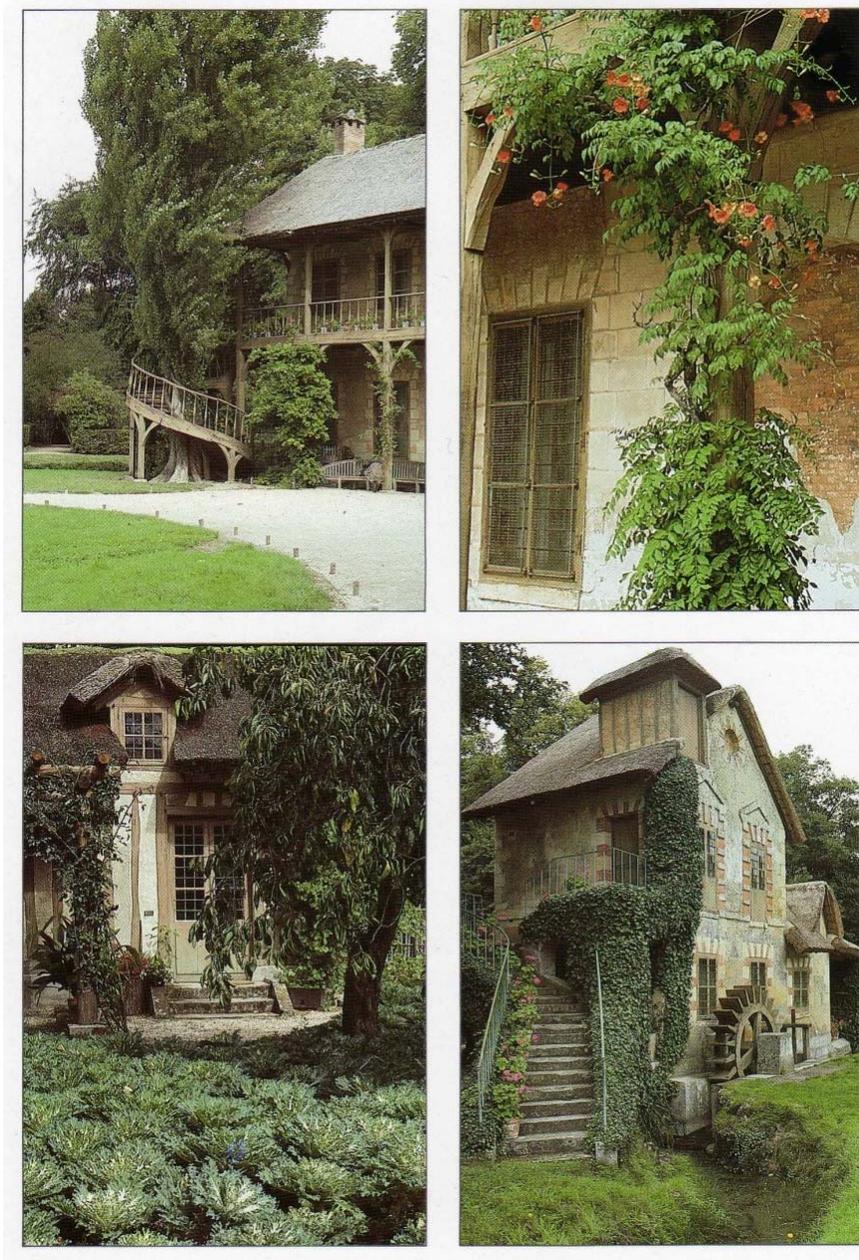
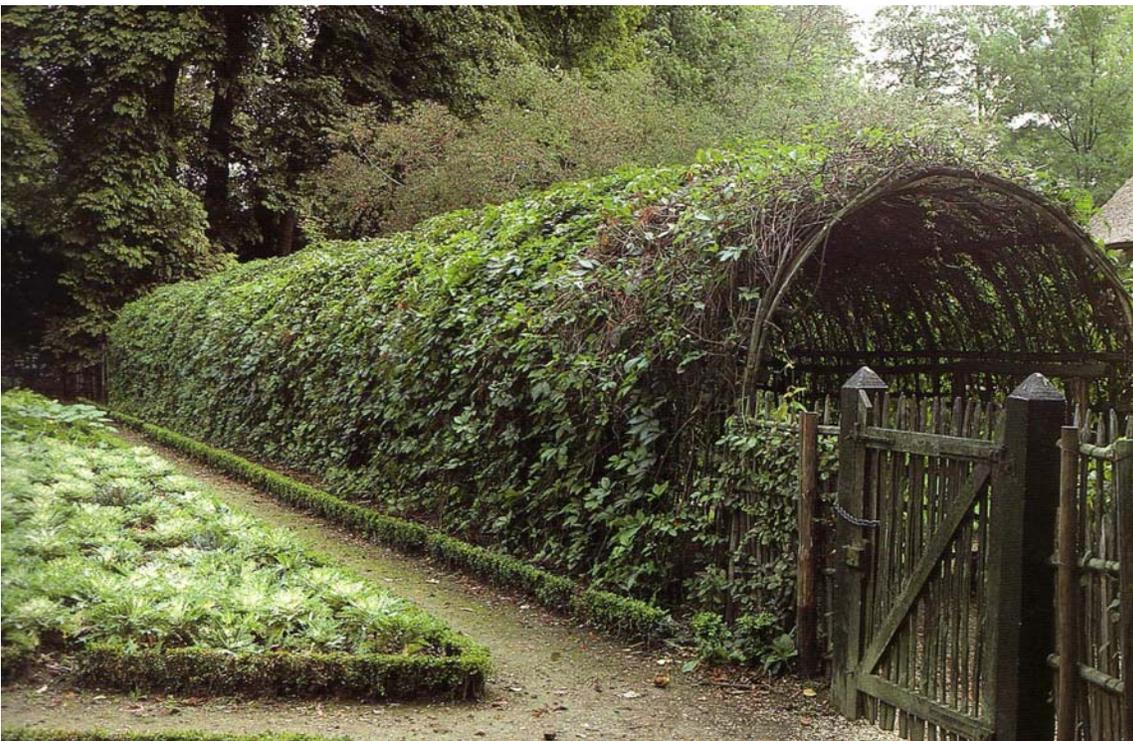


Fig 3.13 – As visões do *cottage* do *hameau* de Maria Antonieta apresentam a estética da ruralidade dentro do jardim, autoria e construção de Hubert Robert entre 1783 e 1785 (fotos in O Mundo dos Jardins de Schinz 1988:34).



Fig.3.14 – Vista do *cottage* (foto in O Mundo dos Jardins de Schinz 1988:35).



Figs. 3.15 - Vista de detalhe da horta utilizada como forração de canteiro e portão com caramanchão ao fundo (foto in O Mundo dos Jardins de Schinz 1988:35).

As experiências destacadas a seguir têm uma preocupação de utilizar a ruralidade não apenas com o sentido estético, mas principalmente ético e política. Tais propostas buscam, em seu tempo, transcender a separação “cidade-campo” e conciliar atividades urbanas, rurais e industriais, a fim de produzir uma vida social livre dos males da miséria. E cada qual ao seu modo, são revolucionárias.

O frescor dos pensamentos socialistas e uma série de inovações tecnológicas, com destaque para a eletricidade, fazem do final do século XIX um tempo para se voltar para o futuro. Aliás, em termos de questões sociais, o século XIX não deixa nada de bom para se lembrar de seu passado e suas atrocidades urbanas. A influência dos pensamentos socialistas de Edward Bellamy, autor de *Looking Backward* (“Olhando para trás” de 1888) e de William Morris com *News from nowhere* (“Notícias de lugar nenhum” de 1890) é notória nas propostas abordadas a seguir, diferentemente de utopistas anteriores que imaginam suas sociedades ideais no alhures das terras distantes.

3.5.2. A cidade-jardim

Diretamente influenciadas pelas idéias de Bellamy, conhecidas e historicizadas pelo nome de cidades-jardins¹³, são modelos traçados e sua influência se perpetua no tempo, apesar de terem perdido os seus diferenciadores sociais. A proposta de Ebenezer Howard defendia fortemente o direito ao espaço¹⁴ e tenta resolver os problemas de insalubridade, pobreza e poluição nas cidades por meio de desenho de novas cidades que tinham uma estreita relação com o campo. Sua

¹³ Sobre cidades jardins é muito interessante o artigo publicado no site Vitruvius (nº 42 – 042.02): **O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis** de Liza Maria Souza de Andrade.

¹⁴ Ebenezer Howard buscava defender o cooperativismo, onde as terras agrícolas adquiridas para a instalação da cidade seriam registradas em nome de industriais de posição responsável e honra indubitável que arrendariam para os futuros moradores. O lucro comumente obtido pelo empresário loteador serviria para amortizar a dívida do empréstimo e seria revertido para a comunidade, em forma de infra-estrutura e edifícios públicos como patrimônio coletivo. O comércio e a indústria seriam incentivados por meio de baixas taxas e longos prazos de arrendamento para possibilitar a fixação de novos moradores. (trecho do mesmo artigo da nota 10)

metáfora dos três ímãs busca uma nova estrutura capaz de fazer desaparecer o antagonismo cidade-campo.

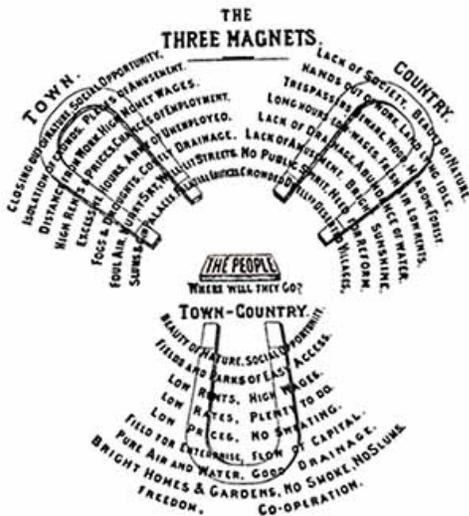


Fig.3.16 - A metáfora dos três ímãs

Sua intenção não era criar um subúrbio jardim como o nome sugere, mas uma entidade cidade-campo em combinação permanente. Ele apostava nesse casamento cidade-campo como forma de assegurar uma combinação perfeita com todas as vantagens de uma vida urbana cheia de oportunidades e entretenimento juntamente com a beleza e os prazeres do campo:

“... cidade e campo devem estar casados, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização”. (5)

Dessa união, o movimento das pessoas de cidades congestionadas se daria naturalmente como um ímã para uma cidade próxima da natureza que ele considerava ser fonte de vida, riqueza e felicidade. Além disso, a indústria se deslocaria para o campo como estratégia de desenvolvimento econômico. Simultaneamente, a produção agrícola teria mercados prontos na cidade próxima ao núcleo rural.

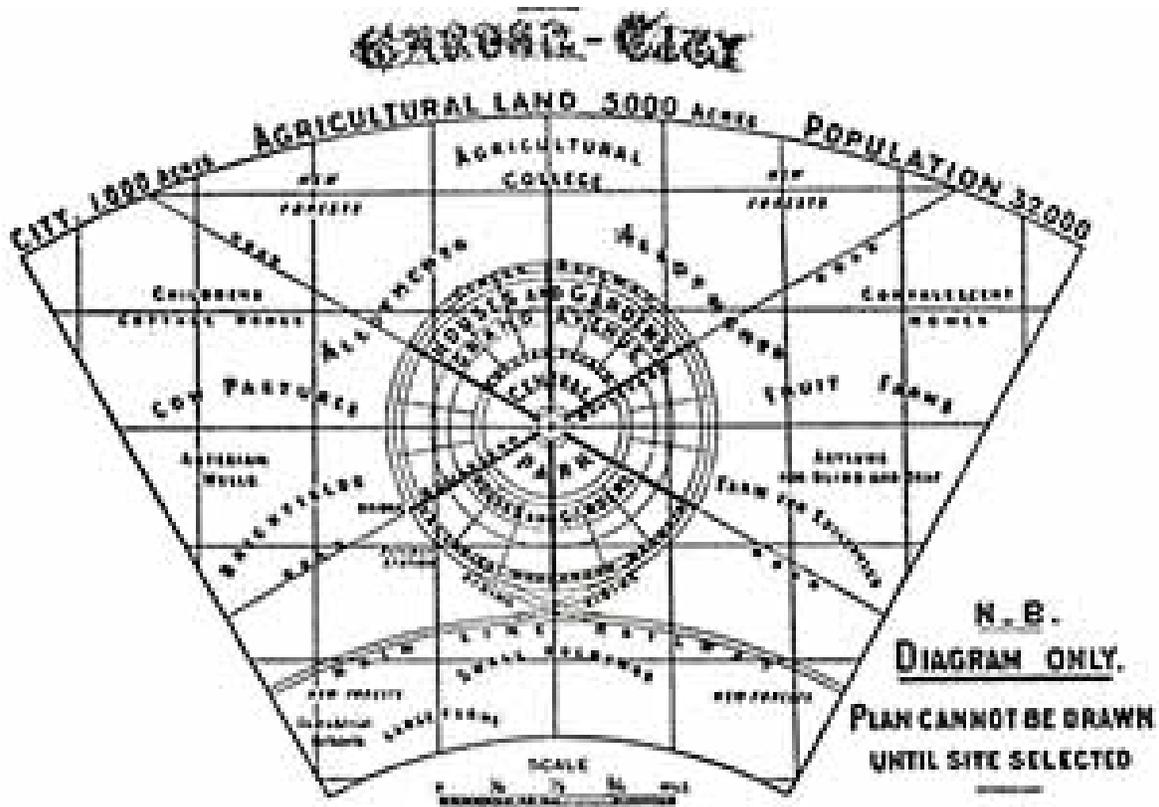


Fig. 3.17 - Diagrama da cidade-jardim

A zona agrícola agiria como um amortecedor contra o crescimento incontrolável do centro populacional. As cidades teriam um planejamento que previa um controle de seus limites populacionais. Uma cidade central limitada a 58.000 habitantes passaria a funcionar como pólo de novas cidades-jardins vizinhas, separadas por cinturões verdes e ligadas por ferrovias e rodovias. Os números do projeto de Howard com dimensões controladas de 2.400 hectares para 32.000 pessoas, sendo 2.000 hectares para a área rural de 2.000 habitantes e 400 hectares para a parte urbana de 30.000 habitantes divididas em 6 partes ou bairros com 5.000 habitantes. O complexo aglomerado de cidades-jardins não poderia passar de 250.000 habitantes. Suas inspirações seguem o modelo da cidade ideal renascentista (Lupfer et al, 2003:669) e também as utopias de Robert Owen (1771-1858) e de Fourier (1772-1837).

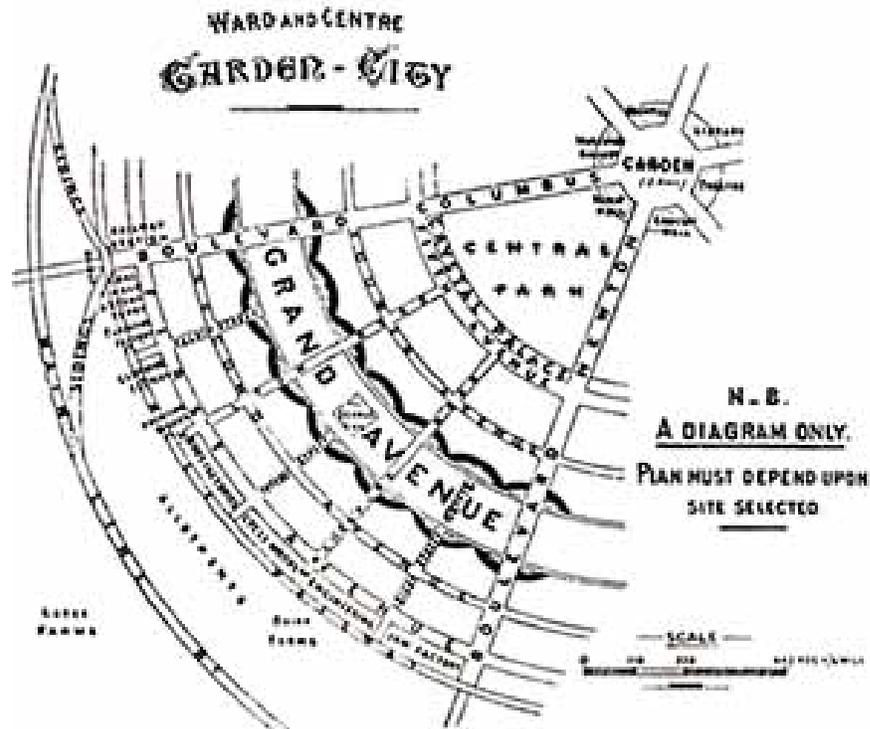


Fig.3.18 – detalhe parcial do diagrama

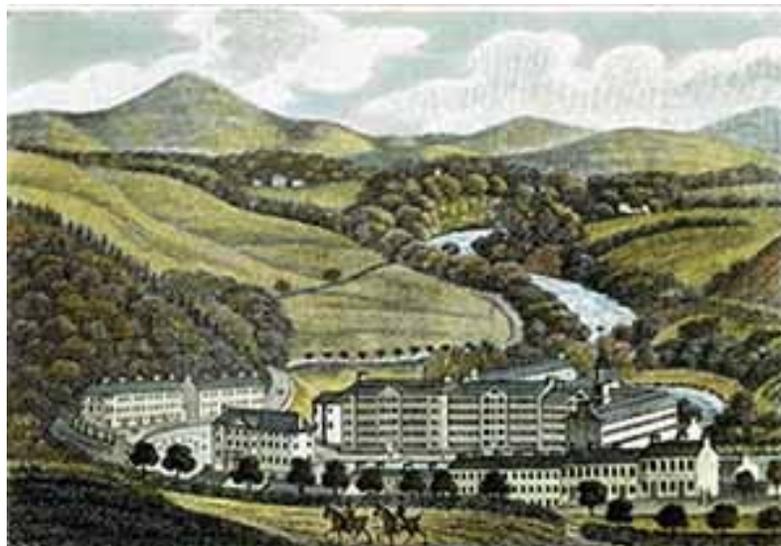


Fig.3.19 – imagem de cidade jardim e sua relação com o campo

Letchworth, Unwin e Parker foram traçadas dentro da maior parte das premissas estabelecidas por Howard. Segundo Relph “é certo que existem duas cidades jardins inglesas e algumas variantes na América (Forest Hills e três

idades de cinturões verde, construídas nos anos trinta), França e Holanda” (1987:60). Tais cidades atraíram todo o tipo de excentricidades, naturalistas, pessoas que plantavam e comiam coisas cruas e foram alvo de chacotas, mas nunca deixaram de exercer um certo fascínio.

Pelo mundo a fora, milhares de “subúrbios-jardins”, identificados apenas pelo tratamento paisagístico, existem e continuam sendo desenhados. Nada, entretanto, que inclua as idéias originais de autonomia e vida comunal. São Paulo, no Brasil, tem um bairro homônimo e vários inspirados no seu conceito. No Rio de Janeiro destaca-se o desenho das ruas, calçadas e praças do bairro do Grajaú e, atualmente, mais um mega empreendimento na Barra da Tijuca, no melhor estilo de condomínio fechado, está sendo lançado. Até o diagrama (ver figs. 3.17 e 3.18) virou inspiração para a logomarca.

Na prática, parece que as cidades-jardins que se mantiveram, continuaram fiéis apenas ao nome, procurando embelezamentos e amenidades verdes e jardinísticas. Para as cidades cada vez mais fachadistas, o jardim que sempre é o cenário perfeito das vaidades, seduz mais do que o quintal.

3.5.2. A proposta do desurbanismo

Uma proposta inovadora sobre a relação urbano/rural é o estudo conhecido como “desurbanismo” surgido nos anos 1920 da antiga URSS. O livro de Jacinto Rodrigues, intitulado *Urbanismo e Revolução* inicia-se com a citação abaixo:

“A libertação total da humanidade das cadeias forjadas pelo passado histórico só se pode realizar com a supressão da oposição entre a cidade e o campo” (Engels, capa do n° 3 de “sovremenaia arkitectūra”, 1930 in Rodrigues, 1973:7).

Os grupos de vanguarda artística que se formaram a favor de uma revolução cultural queriam romper com as tradições da velha sociedade capitalista e mudar completamente os padrões da vida social. Mayakovsky, por exemplo, em seus poemas, exortava pelas quedas do regime, da religião, da arte e mesmo do amor burgueses.

Foi nesse contexto, realmente revolucionário, que fermentaram as idéias dos desurbanistas que buscavam, ao invés do urbano, uma organização espacial que favorecesse a divisão da responsabilidade coletiva entre os múltiplos centros, onde a agricultura e a indústria pudessem desenvolver-se numa relação dialética. Para eles a cidade é a forma, a condição mesma das relações capitalistas e culmina com a desigualdade que valoriza o urbano e reduz o campo.

A velha acusação de romantismo utópico que parece dissimular toda uma ideologia optante pelo tecnicismo e mecanicismo (Rodrigues, 1973:70) iria se abater duramente contra tais propostas.

Foram criticados e tiveram suas teses deformadas. Até Le Corbusier não perdeu a oportunidade de ridicularizar os pensamentos desurbanistas.

Lefebvre comenta os seguintes aspectos sobre os desdobramentos do movimento dos urbanistas antiurbanos, iniciado pouco tempo após a Revolução de Outubro:

“Se ele engendrou tentativas arquiteturalmente notáveis, malogrou como projeto urbanístico. O crescimento das cidades soviéticas em tamanho, em importância na produção, em peso político não cessou. Dito de outro modo, em que pese os esforços de pessoas extremamente utopistas, no exato momento em que elas se consideravam demasiado realistas e racionais, a revolução urbana continua nos países ditos socialistas sem que, por isso, neles exista um pensamento urbanístico diferente daquele que grassa nos países capitalistas” (Lefebvre, 1999:106).

3.6. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM OUTRAS CIDADES DO VELHO MUNDO – Alguns apontamentos.

Seria muita pretensão dar um panorama da situação urbano-rural européia em um simples tópico. Trata-se de alguns apontamentos e observações sobre a possibilidade e o reconhecimento da presença de tal estetização nos meios

urbanos do velho mundo que sempre foram as mais valorizadas e reconhecidas matrizes culturais para as instituições brasileiras.

O rural, especialmente o de subsistência, nem sempre esteve fora dos muros das cidades. Hortas e criações de animais eram comuns e marcaram muitas paisagens urbanas européias. Hoje, a presença da ruralidade no urbano ocorre em países considerados avançados, seja pela questão turística, econômica ou mesmo estratégica de ocupação espacial.

Portugal teve um papel de matriz cultural dominante e dentre as marcas que nos puseram pode-se afirmar que:

“se conforme opinião sustentada no capítulo anterior, não foi a rigor uma civilização agrícola o que os portugueses instauraram no Brasil, foi, sem dúvida, uma civilização de raízes rurais” (Holanda,1978:41).

Em Portugal a agricultura urbana e mesmo a pecuária, como no caso da vaca turina, descendente da holandesa, habita as cidades até meados do século XX . Ainda hoje é apontada como uma vaca urbana e cosmopolita no artigo de Maria Carlos Radich, publicado na revista *Ler História* (2007:95).

Na palestra proferida pelo Heder Marques (realizada neste Programa de pós-graduação em 29 de abril de 2007), é comentada a valorização da ruralidade que se observa em Portugal. Os vales e planícies que ladeiam o Rio Douro são tratados através de programas especiais. Segundo o mesmo, a matança de porcos e o preparo de “enchidos” (nossos “embutidos” como paios, lingüiças, salames, chouriços etc), atraem expectadores que chegam a milhares de pessoas.

Em sua argumentação teórica defende a **valorização da espessura histórica** e a **promoção da polifuncionalidade** nas áreas que caracterizam o antigo rural tradicional. Observa, também, que a retomada do uso rural nos espaços residuais do avanço urbano ainda é a melhor alternativa de ocupação. A opção pela ação pura da natureza não consegue retomar o estado de natureza original, gerando paisagens de vegetação invasiva e degradadas. Em Portugal, hoje, imigrantes pobres como angolanos e mulçumanos ocupam os espaços intraurbanos livres de construções e criam hortas e pequenos animais como meios de assegurar melhores condições alimentares (ver figs. 2.20 e 3.21).

Para Valentim Tavares (entrevistado), o mercado comum europeu enriquece os filhos de portugueses que buscam opções de emprego em países vizinhos. Tão logo podem, retornam e constroem mansões nos antigos sítios e chácaras paternos, voltando a desenvolver a atividade agrícola, muitas vezes apenas por prazer e para fins de consumo particular da produção. Nas cidades, os mais pobres conseguem adquirir apartamentos em longos financiamentos, demonstrando entretanto um certo descontentamento e rejeição aos novos padrões de vida impostos, que culminam com alcoolismo e depressões psicológicas.



Fig 3.20 -Horta urbana na divisa de Queluz –Portugal obtida em Agosto de 2007. (foto de Valentim Tavares)



Fig.3.21 – os conjuntos habitacionais nas franjas urbanas e o plantio para consumo (foto de Valentim Tavares).



Fig.3.22 – Os novos e enfadonhos conjunto habitacionais e a ruralidade tolerada dos mais necessitados (foto de Valentim Tavares).

Na Itália, o grupo Ruralia estuda e preserva as manifestações rurais como forma de manutenção de tradições culturais e de atração turística.¹⁵

A Holanda atual é um exemplo de uma grande metrópole urbana apenas recortada por corredores verdes onde se misturam espaços recreativos e terrenos de uso agrícola (Veiga, 2003:85). Ainda segundo o autor a pluratividade cada vez mais caracteriza o rural que incorpora cada vez mais o setor terciário, aproximando-se por esse vetor de análise de características do urbano.



Fig.3.23 – Holanda Rurais ou Jardins? (folder turístico)

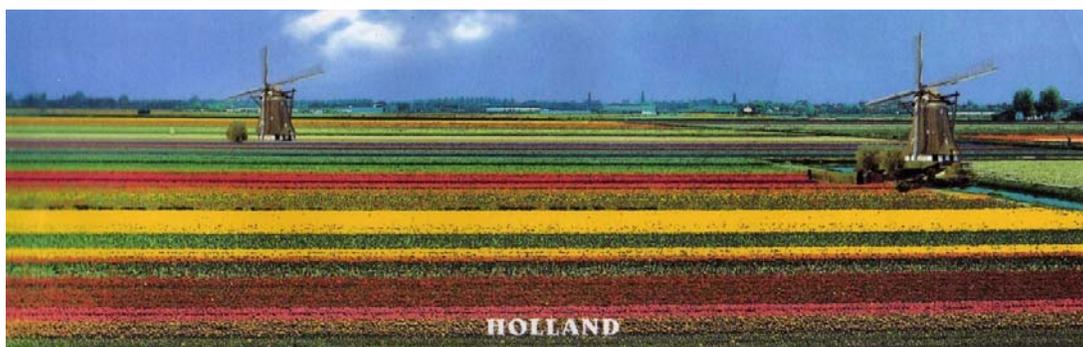


Fig.3.24 - O jardim-campo ou o campo jardim.

¹⁵ Ver Ruralia - Associazione Italiana per el recupero Unitário delle Realtá Agricole e dei Luoghi, consultado no site <http://www.catpaisatge.net/eng/directori.php?idcat1=36&idcat2=0&idcat3=0>. (em 20/03/2008)

Nas periferias de populosas cidades chinesas, a agricultura urbana é estimulada e financiada pelo governo, criando pequenas hortas em estufas baratas a fim de melhorar as condições de sustento de famílias pobres:

“Vi isso recentemente na China: a casa da família, com o quintalzinho para os legumes, os frutos necessários ao consumo familiar e que são trocados com os vizinhos. Encontram-se assim campos e, principalmente, terrenos onde podem pastar os rebanhos. A cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta” (Le Goff, 1993:33).

Segundo o autor acima a função agrícola das cidades tem sido esquecida, porém não deixa de ser praticada. Cita cidades da África como Bangui, Brazzaville, Kinshasa. Comenta, ainda, as criações de cabra de Bamako, praticadas pelos peúles e observa que cerca de um quinto da população do Cairo pratica a agricultura urbana (Le Goff, 1993).

Hoje, na Europa, existe uma propensão forte de articular as ofertas de comodidade e lazer da cidade, com aspectos de qualidade de vida do campo: ar puro, água limpa, belas paisagens, presença verde e...silêncio. Existe uma forte valorização do ambiente natural. Sendo assim, diversas áreas rurais desenvolvem-se, seja por residentes temporários como turistas, participantes de festas e eventos específicos ou ainda por residentes permanentes como aposentados. Veiga(2003) comenta até mesmo a dificuldade de aplicação dos antigos critérios demográficos tradicionais e cita o uso do termo *relativamente rural* para diversos municípios.



Fig.3.25 – Português colhendo couve em sua horta urbana(imagem Google-internet)

3.7. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM OUTRAS CIDADES BRASILEIRAS

É observado que outras cidades brasileiras também preservam manifestações estéticas da ruralidade. É o caso das mangueiras de Belém do Pará, dos quintais urbanos de Salvador.¹⁶ Seja pela política cultural ou pela falta dela, pelo crescimento da pobreza e da necessidade, por modismos etc., Veiga também afirma que regiões altamente urbanizadas podem apresentar índices subjetivos de ruralidade que, inclusive, parecem se acentuar com o passar do tempo:

“Eu diria que a cidade de São Paulo, que é tida como umbigo da urbanização brasileira, é rural em muitos sentidos. Ela é muito menos urbana do que era há 50 anos porque há nichos de ruralidade muito fortes na cidade que são consequência do seu crescimento não organizado que criou enormes quistos de miséria, mas também de tradicionalismos, preservação da identidade” (Veiga, 2002).

Apesar de seu estudo não se aprofundar na dimensão estética do fenômeno, aponta aspectos culturais da ruralidade que marcam hoje a paisagem da grande urbe:

“A verdade é que a cidade não tem muita coisa a oferecer à população que se refugia em valores e concepções que trouxe de um passado rural. Nos últimos 20 anos, reapareceram em São Paulo Folias do Divino e Folias de Reis. São práticas folclóricas que já estavam banidas há 50 anos e, no entanto, voltaram em função do tipo de urbanização que tivemos” (Veiga, 2002).

A pesquisa também detectou propostas recentes que implicam a presença da estética da ruralidade em diversos projetos a serem implementados nas cidades brasileiras. O interesse maior é social e busca contribuir na solução de

¹⁶ Ver www.pos.arquitetura.ufba.br

Título: Quintais Urbanos de Salvador – Realidades, Usos e Vivências no Século XIX

Autor: Jan Maurício Oliveira Van Holthe

Data: 30/07/02. Área de Concentração: Conservação e Restauro

problemas alimentares e geração de renda para pequenas famílias de, por exemplo, Curitiba (semelhante ao das hortas cariocas sob a eletrificação), Salvador (pomares urbanos, recuperação paisagística e treinamento da população)¹⁷ e Belo Horizonte. Aliás, o estado de Minas Gerais parece preservar as tradições mais fortes, dir-se-ia quase uma mística da ruralidade; no centro urbano de Belo Horizonte, seu velho mercado é um coração rural que pulsa. A ruralidade em Minas é uma instituição bem ao modo mineiro de ser e Milton Nascimento¹⁸, seu grande poeta e cantor.

A análise dos desdobramentos subjetivos resultantes da presença da estética da ruralidade nas paisagens urbanas é apresentada no próximo capítulo. São manifestações que podem ser compreendidas como aspectos culturais e afetivos, e como tais, operam fortemente com as sensações da memória. Também vivemos das lembranças das coisas:

“Não creio que seja fácil estabelecer os limites entre o agreste e o cultivado ou entre o passado e o presente. Quer escalemos as encostas, quer perambulamos pelas matas, nossa sensibilidade ocidental carrega um fardo de mito e lembrança” (Schama, 1995: 569).



Fig.3.26 - Rebanho clandestino desfilando sob viaduto da grande São Paulo, foto obtida diretamente de imagem de televisão, noticiário do jornal Nacional, Rede Globo, 19/10/2004.

¹⁷ A Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e a Prefeitura de Salvador firmaram uma parceria para a implantação do Projeto Pomar na capital baiana, com o objetivo de promover a recuperação ambiental e paisagística de áreas degradadas dentro do perímetro urbano..O acordo prevê o apoio técnico da Secretaria do Meio Ambiente na elaboração de projetos de recuperação de áreas próximas a rios e córregos e em encostas entre as cidades Alta e Baixa. "Os projetos serão elaborados com base na experiência do Pomar, em São Paulo, propondo modelos que serão adaptados a cada local", explicou Roberto Fernandez., diretor do projeto (nota do autor).

¹⁸ Milton nascimento, famoso compositor da música popular brasileira, que nascido e criado em Minas Gerais, tem diversas obras associadas com suas ruralidades. Ver o álbum duplo Minas e Geraes. (nota do autor)

3.8. A ESTÉTICA DA RURALIDADE EM PAISAGENS DE DOR E MISÉRIA

A estética da ruralidade não pode ser vista como algo relacionado apenas com o belo e o sublime. A estética está em toda a parte, inclusive no grotesco e no hediondo. Por vezes ela corresponde a paisagens ou formas da degradação ambiental, exploração da vida, abandono animal e humano.

Em muitas cidades brasileiras, bem como no Rio de Janeiro, essas são paisagens da precarização resultante de um modelo econômico concentrador, mas, também, da falta de educação, de sensibilidade, além da irresponsabilidade política e da informalidade em sua dimensão mais perversa.

Sem meios de garantir o sustento familiar, tendo as referências do trabalho rural em sua memória, homens e mulheres recorrem às tentativas de obterem algum ganho na informalidade de atividades associadas ao rural.

São as carroças sobrecarregadas tracionadas por animais estressados em meio ao caos urbano e que podem promover sérios acidentes. Criação de animais soltos que atacam pessoas e se lançam sobre veículos.

Produtos como carnes, leite e derivados criados em condições precárias e clandestinas, são vendidos em feiras e barracas isoladas, que também efetivam manifestações estéticas na paisagem. Tal comércio de produtos não fiscalizados promove riscos de contaminação e de doenças para a população que busca economia na compra dos mesmos.

As rinhas de galo de briga, o aprisionamento de aves canoras, o treinamento e isolamento de cães feras são tristes constatações de hábitos que remontam tradições rurais, embora, já estejam muito tempo arraigados nas cidades.



Fig.3.27 - transporte de cargas pesadas em carroça em São João de Meriti e curral na beira da linha do trem em Edson Passos Nova Iguaçu – RJ (foto do autor).

Existem relatos de casos tristes de aflições e sofrimentos demonstrados por animais e até plantas. Um exemplo citado em entrevista foi o caso do cavalo Garapê que acompanhou toda a trajetória da adolescência do estudante de arquitetura paraguaio Sigfriedo (entrevista), levando-o para casa de madrugada, embriagado e dormindo sobre seu lombo. Quando o seu dono o trocou por uma reluzente motocicleta, Garapê entristeceu, adoeceu e morreu. A moto, sózinha, nunca o levou para casa

Pessoas literalmente desterritorializadas do meio rural, desesperadas e solitárias em uma realidade urbana hostil, são as piores manifestações estéticas da ruralidade no urbano, abandonadas e mergulhadas no sentimento de nada valer, como seres obsoletos de tempos que já não existem e que já não contam nas cidades dos sábios (Baptista, 1994).

3.9. APRESENTAÇÕES: APROPRIAÇÕES E PRESENCAS - UMA PROPOSTA PARA ANÁLISE DE USOS

O fato é, considerando as peculiaridades do processo de urbanização brasileiro, especialmente até o século XIX, que se produzem no Rio de Janeiro paisagens urbanas fortemente marcadas pelo que aqui se chama estética da ruralidade. Muitos de seus aspectos conseguem sobreviver até hoje. Autênticas em seu processo de formação cultural, tais paisagens resultam singulares e

esteticamente inconfundíveis. Dentro de concepções forçosamente condicionadas tendo a natureza como forte referência, muitas de suas soluções estabelecem lugares que merecem ser estudados.

Em sua relação com a urbanidade, percebe-se tal estética da ruralidade desde os locais que estão imersos e tomados de signos rurais e que, por vezes, insistem em serem vistos como realidades urbanas, até as manifestações que surgem em resquícios diminutos, indícios, lembranças de outros tempos, dentro de espaços fortemente urbanizados. Por vezes em espaços privados, outras invadindo áreas públicas.

Outras vezes são manifestações culturais efêmeras que recolorem as paisagens cinzentas das urbes. São as memórias de uma população insistente na ruralidade que habita suas raízes culturais e, muitas vezes, forçadas a aceitar o novo, como se este fosse o seu único desejo (Santos, 1999).

No caso do Rio de Janeiro, a pesquisa detectou as tipologias de pequenas e médias propriedades periféricas, imediatas ou até mesmo inseridas nas áreas metropolitanas que ainda podem ser encontradas. Sítios e chácaras, ou até mesmo fazendolas, antigamente voltados para o abastecimento de verduras e frutos frescos, ovos e pequenos animais para a cidade, em tempo de transportes menos velozes, subsistem em alguns casos em uma agricultura urbana persistente. Apontam-se também as glebas onde eram criados e tratados cavalos e burros de cargas necessários como força motriz do transporte, até pouco menos de um século atrás. De muitas dessas propriedades, alguns vestígios podem ser encontrados nas periferias urbanas do Rio de Janeiro, por vezes, apenas lembranças de suas sedes, através de casarões que quedam arruinados ou se transformam em cortiços.

Os sítios de lazer e veraneio, mais paisagem do que produção efetiva, ainda resistem nas periferias e municípios inseridos na região metropolitana. É interessante observar que, em tais propriedades, predominam os meios de produção pouco mecanizados e as antigas relações entre homens, plantas e animais, típicos do que se conceitua como o rural tradicional. Tais locais produzem, desta forma, uma estética bastante apropriada pela romantização

nostálgica que se faz da ruralidade como modo de vida alternativo ao imposto pelas grandes urbes.

A violência urbana também tem produzido um apelo para a busca de tais lugares, ainda que na maioria das vezes também alcance os mesmos. A mídia se apropria de tal discurso ao vender novos condomínios de casas com quintais e até de sítios exclusivos e fechados, muitas vezes subtraídos de áreas remanescentes de florestas nativas ou mesmo rurais.

Atualmente, a estética da ruralidade que esta pesquisa aponta existir na cidade, encontra-se, na maior parte das vezes, reeditada nas paisagens dos morros, nos topos das favelas, nos terrenos baldios e nas encostas desocupadas da região metropolitana do Rio de Janeiro. Nos grandes lotes suburbanos, nos fundos de quintais, nos topos de favelas, ainda são encontrados pomares, galinheiros, porcos, cabras e até cavalos e vacas. Na maior parte das vezes tais animais são criados soltos, descendo morros e invadindo asfaltos famosos da cidade.

É uma estética da ruralidade produzida com pouco dinheiro e por muitas vezes, até mesmo com pouco ou nenhum trabalho. A goiabeira e o mamoeiro plantados pelos passarinhos¹⁹, a batata doce largada na terra que dissemina suas ramas e em pouco tempo apresenta uma surpreendente produção. Árvores que crescem e frutificam sozinhas. As galinhas criadas soltas vão ciscando o que podem e pouco recebem a não ser alguns punhados de ração. Suas manifestações culturais estão nas lendas, na culinária, nos apelidos, nas festas juninas e na resistência das danças e outras manifestações folclóricas. Ao contrário dos padrões capitalistas, de exclusão, mais-valia e arrochos salariais, a natureza da ruralidade é farta.

Nesta parte da tese pretende-se apresentar alguns registros selecionados, dos usos espaciais que se fazem e reafirmam a estética da ruralidade na paisagem urbana do Rio de Janeiro Metropolitano. Trabalha-se com usos do espaço, do corpo e de tudo que guarda a existência. “O cachimbo entorta a boca de quem o usa” é um ditado popular e como afirma Odete Seabra, o uso é “está

¹⁹ É comum a observação de que a goiaba e o mamão, entre outras frutas, mais doces são plantados pelos pássaros que disseminam as sementes através de suas fezes (sabedoria popular).

sempre *guardado no costume, fundando modos de ser*”, ainda que a imposição da racionalidade possa alterar formas específicas de usos (Seabra apud Maia Damiani, Carlos et all, 1999:215). A observação dos registros de seus usos gerou uma divisão em três grupos: usos espaciais com **elementos móveis ou transitórios**, usos espaciais através de **elementos fixos** e usos **subjetivos** da estética da ruralidade

a) No grupo de **usos espaciais com elementos móveis** encontramos a estética da ruralidade em objetos e seres em aparições súbitas com diferentes tempos de permanência:

Em geral animais e veículos especiais enunciam tal estética.

Em termos de transportes: carroças, charretes, cavalos selados, burros carregados ou jumentos com cestos, rústicos carrinhos de mão dependendo do que carregam e até mesmo alguns tipos de tratores agrícolas.

Animais soltos como porcos, cavalos, galinhas, patos, cabras, cães, que enfrentam as ruas da cidade contemporânea e nelas buscam inscrever suas espacialidades.



Fig.3.28 – 29 - Cabras nos trilhos e nas Ruas de Éden. São João Meriti - RJ

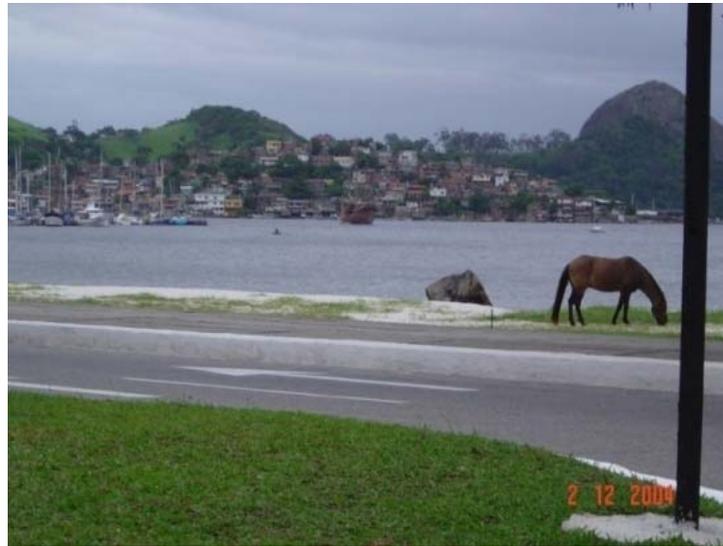


Fig.3.30 - Cavalo pastando em frente à praia de São Francisco - Niterói, RJ (foto do autor)



Fig.3.31 e 32 - Porco na estrada Fróes - Niterói, RJ (foto do autor)



Fig.3.33 – Porcos e galinhas nas ruas de Alcântara, São gonçalo, RJ (fotos de Valetim Tavares).



Fig.3. 34 e 35 – Porcos e vacas nas ruas de Alcântara, São gonçalo, RJ (fotos de Valetim Tavares)

Os apetrechos e instrumentos como foices, enxadas, ancinhos, juntos com cestos e hortaliças, vestimentas cuja pátina de terra (e não do cimento dos canteiros de obras) evidenciam o manejo do solo cru e do trato de bichos. Tais atividades remetem também aos rostos da ruralidade.



Fig.3.36, 37 e 38 – Srs. Paulo, Jorge Henrique e José Antônio – rostos rurais no urbano (foto do autor).

- b) Como usos espaciais através de **elementos fixos**, no sentido de estarem mais permanentes no espaço, ainda que tal estética em termos de suas manifestações materializadas não seja, no geral, das mais sólidas e duráveis, tem-se todo um conjunto de edificações e estruturas caracterizadoras do rural: Plantios, casinholas, construções de estábulos, cocheiras, divisões de pastos, galinheiros, pocilgas, cercas vivas, hortas etc. os locais podem ser topos de morros, terrenos baldios, fundos de quintais, terrenos sob as linhas de eletrificação, mesmo praças e calçadas de ruas e até jardineiras de edifícios verticalizados em áreas centrais da cidade (ver fig. 3.53 e 3.54).



Fig.3.39 - Barranco com plantas tidas como mágicas e protetoras por seus jardineiros e moradores em Charitas, Niteroi, RJ (foto do autor).



Fig.3.40 - Condomínio de apartamentos e horta urbana no bairro da Penha RJ (foto do autor)



Fig.3.41 - Fotografia de um canto de fundo de quintal em Nilópolis: a melhor leitura da aparente desordem paisagística revela um acervo de vegetais produtivos incluindo desde hortaliças, frutíferas e ervas medicinais. Rua Roberto Silveira 1402, Nilópolis RJ (foto do autor).



Fig.3.42 - Fundo de quintal na periferia pobre – Município de Duque de Caxias –RJ (foto do autor).



Fig.3.43 - Galinheiro feito com reciclagem de madeira de caixotes - bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).



Fig.3.44 - Plantio feito, com permissão oficial, sob as redes de eletrificação - bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).



Fig.3.45 - A roça e a cidade - bairro da Penha – Rio de Janeiro (foto do autor).



Fig.3.46 –Plantio em terreno baldio,foto obtida em Niterói – Bairro de Fátima (foto do autor).

A prática de utilização de terrenos abandonados para plantio é comum na cidade. Enquanto as construções não chegam planta-se sem muito cuidado coisas que não dão trabalho (ver figs. 3.42 e 3.46).

O mesmo ocorre com as construções de gaiolas, criadouros, currais, feitos de material reutilizado e que sobressaem por seu aspecto de rusticidade e imprevisto (ver fig.3.47.).



Fig.3.47 - Gaiola feita com reciclagem de materiais - bairro da Penha – Rio de Janeiro.

As apropriações dos espaços públicos podem trazer usos muito interessantes, como o jardim de rua que mistura elementos de plantações rurais e ervas medicinais (ver fig. 3.49 e 3.50).



Fig.3.48 - A varanda é onde toda a vida social acontece – bairro da Penha – Rio de Janeiro RJ (foto do autor).



Fig.3.49 - O jardim(?) rural de rua. Pendotiba- Niterói (foto do autor).



Fig.3.50 - O mesmo jardim (?) na calçada de rua - pés de cana de açúcar, boldo, erva-cidreira e alfavaca se misturam com flores em uma composição surpreendente. Pendotiba- Niterói (foto do autor).



Fig.3.51 - Plantação de mandioca em área de agricultura urbana. Pendotiba - Niterói RJ.



Fig. 3.52 – Hortaliças em plantio comercial em Maria Paula, Niterói, RJ. (foto do autor).

Os usos rurais e de produção de alimentos sem preocupação estética (como demonstram as figuras 3.51 e 3.52), continuam ocorrendo de modo fragmentar, porém reduzido. Sua inserção no urbano também garante a venda rápida da produção. Somam-se as vantagens da inexistência de intermediários e de uma boa cotação de preços.



Fig.3.53 e 54 - Horta em jardineira de edifício residencial multifamiliar na rua Pereira da Silva – Icarai – RJ (fotos de Maria Luísa obtidas em março de 2007)

- c) Existem também os **usos subjetivos** que estão ligados às manifestações artísticas, artesanais, técnicas e de expressões. Geralmente são usos espaciais efêmeros como as procissões, as comidas, danças, bumba-meu-boi, reisados, festas dos santos como São João, Santo Antonio, São Pedro e tantos(as) outros (as) e outros mais subjetivos e pessoais como as falas, imitações de bichos (que ainda fazem sucesso em programas de calouros de abrangência nacional), apelidos, anedotas, canções, simpatias, encantamentos e crenças que são acompanhados por múltiplas manifestações especiais de tais datas. Para estes, é dedicado um glossário no anexo final, que, também conta com a descrição dos personagens mitológicos do folclore.



Fig.3.55 - Pintura de festa junina em estilo naif de autor desconhecido (imagem digitalizada).



Fig.3.56 – Fogueira em festa de São João familiar em Nova Iguaçu – RJ (foto do autor)

Dentro de usos subjetivos, lançam mão de tradições culturais com o claro intuito de apropriação. A apropriação de tal estética é algo extremamente criterioso que pode vir a dar bons resultados quando se fazem releituras, composições inteiras, citações, integradas em um contexto onde se reveste de uma preocupação sociocultural e de preservação de identidades locais, individuais ou coletivas. Um exemplo está nas fotos abaixo que retratam o pequeno clube de forró, o bar do Carlinhos no bairro Maria Paula, no município de São Gonçalo, onde foi criado um pequeno jardim interno com bananeiras, mamoeiros e pés de cana-de-açúcar. Também, no mesmo bairro, a casa de espetáculos chamada Candongueiro, famosa por eventos de samba de raiz, tem o seu nome derivado do instrumento musical que era utilizado para avisar os escravos que fugiam das fazendas e da opressão de seus senhores, quando da aproximação dos capitães do mato.



Fig.3.56,57,58 e 59 - Imagens do clube de Forró de Maria Paula na Rua Dalva Raposo– bairro do Município de São Gonçalo- RJ (fotos do autor).

Em termos subjetivos vemos momentos ou obras inteiras de autores que se apropriam de tal estética e fazem verdadeiras obras de arte, utilizando a sensibilidade que lhe é devida. Músicos, escritores e até arquitetos, urbanistas e paisagistas poderiam se inserir neste elenco. Um exemplo de letra de canção popular produzida assumidamente dentro de um contexto urbano, mas com referências para a estética da ruralidade em sua porção mais irônica, está registrada no primeiro e único trabalho musical lançado pelos prematuramente falecidos integrantes do grupo Mamonas Assassinas.

Tava ruim lá na Bahia, profissão de bóia-fria,
trabalhando noite e dia, não era isso que eu queria,
eu vim-me embora prá São Paulo.

Eu vim no lombo dum jumento,
com pouco conhecimento
enfrentando chuva e vento,
dando uns peido fedorento,
até na bunda fez um calo

Chegando na capital,
uns puta predição legal.
As mina pagando um pau,
mas meu jumento tava mal
precisando reformar

Fiz a pintura,
importei quatro ferradura,
troquei até dentadura
e prá completar a beleza
eu instalei um roadstar!

Descendo com o jumento na maior vula
ultrapassei farol vermelho
dei de frente com uma mula
Saí avuando, parecia um foguete
só não estourei meu coco pois tava de capacete

Me alevantei o dono da mula gritando
o povo em volta tudo olhando
e ninguém prá me socorrer
Fugi mancando e a multidão se amontoando
em coro tudo gritando:
Baiano, cê vai morrer!

Depois desse sofrimento, a maior desilusão
prá aumentar meu lamento
foi-se embora meu jumento
e me deixou com as prestação

Hoje eu tô arrependido de ter feito migração
volto pra casa fudido, com um monte de apelido
O mais bonito é cabeção!

Outras vezes tal apropriação tende a ser apenas para os fins do lucro e do dinheiro, típicos do capitalismo. Nesses casos é comum a venda da estética do rural com um forte componente de nostalgia e romantismo, como terra que se consome e não se ama (GONÇALVES, 1984), como mais uma possibilidade do *kitsch* descartável e efêmero. São os condomínios para sítios e mansões burguesas de fim de semana que muitas vezes se criam sobre áreas de proteção ambiental, ou remanescentes rurais. São os sítios de aluguel e o turismo cenográfico que se fazem com visões deturpadas da estética da ruralidade,

utilizando, inclusive, elementos de uma suposta cultura rural americana. É o exemplo dos rodeios que estão assolando todo o país (já observado no capítulo I).

Observa-se que suas configurações espaciais mais empobrecidas, junto ou no meio das favelas, dos loteamentos irregulares etc., se mesclam com os outros elementos e geram paisagens de uma autenticidade e poética particulares. São construídas por sua gente que, para com as mesmas, independente do aparente desmazelo, do grau de pobreza que revelam, sempre demonstram fortes cargas afetivas.

No capítulo seguinte são evidenciados conceitos que frisam a importância dessas paisagens como lugares e sua dimensão de resistência aos modelos impostos pela mídia capitalista. As questões políticas e as implicações de novos valores e usos serão abordadas no intuito de demonstrar a estética da ruralidade como possibilidade de referência teórico-projetual paisagística.



CAPÍTULO 4

QUANDO A PAISAGEM REVELA A VIDA



CAPÍTULO IV – QUANDO A PAISAGEM REVELA A VIDA

Nesta etapa final da pesquisa é realizada uma análise dos lugares que correspondem às paisagens observadas no capítulo anterior. Principalmente aquelas que revelam visualidades de manifestações estéticas da ruralidade, fixadas no espaço, produzindo caracterizações como pequenas glebas apropriadas em usos como pastos, plantações, campos abertos de jogo de bola, festas eventuais e brincadeiras diversas e, especialmente, quintais. É também uma reflexão política na medida em que suas espacialidades ainda preservam lugares próprios, culturais e que produzem identificações, reforçam identidades e diferenças, como no caso do Rio de Janeiro. São capazes mesmo de marcar muitas das suas paisagens.

Neste estudo sobre o Rio de Janeiro, cidade paradoxal e múltipla, metrópole por seu tamanho e população, a manifestação de tal estética contribui para afirmar a existência de uma política de resistência, pois seus lugares correspondentes incorporam aspectos subjetivos e usos que determinam a importância dos mesmos como espaços de vivências e sociabilidades, resistentes ao que Lefebvre chama de captura pela práxis dominante (1986:121). Uma política que se faz com o corpo.

Estar no mundo já é um ato político, o viver implica imprevistos e decisões, ainda que o mundo da racionalidade possa tentar prever tudo o que deva ser feito. Espaços vividos são em sua maioria absoluta mais complexos que espaços concebidos. Como aponta Lefebvre (1986), as relações sociais fazem suas inscrições e realizações no espaço, afirmando-se como existência concreta de durações e ações próprias, produzindo lugares determinados. Espaços onde as corporeidades fazem suas inscrições e experimentações do sensível.

Existe um caráter de inseparabilidade entre corpo e espaço, como diz Guattari em seu artigo Espaço e Corporeidade (1993:153). O corpo é vivo e quer vida. Quer ter identidade cultural, portanto social e histórica, pertencer ao

Lebenswelt ou “mundo vital”¹. O corpo é nossa medida do espaço, o próprio espaço do sensível; no corpo se fazem ou são feitas as primeiras marcações que produzem a memória. O corpo produz e celebra a cultura, defende e ataca até a morte identidades, diferenças e identificações.

Para Tuan (1980) percebemos o mundo com o corpo e através de todos os seus sentidos ainda que a sociedade moderna privilegie imensamente a visão. O corpo vem sendo limitado em seus demais sentidos pela cultura ocidental.

Mas os órgãos dos sentidos podem ser estimulados de modo variado de acordo com a sua cultura. No meio do espaço dinâmico que parece juntar céus e terras, na brancura sem perspectiva, delineamentos ou planos pictóricos, os esquimós Aivilik da ilha Southampton orientam-se com todos os sentidos:

“A direção e o cheiro do vento são um guia, junto com o sentir do gelo e da neve sob os seus pés. O vento invisível desempenha um papel importante na vida dos esquimós Aivilik. Sua língua inclui pelo menos doze termos independentes para os vários ventos. Ele aprende a orientar-se por eles. Nos dias sem horizonte, ele vive um espaço acústico-olfativo” (Tuan, 1980:14).

Tuan cita também o *musak* que é o som audível, mas não ouvido (Tuan, 1980:14), como nos ruídos dos arranha-céus e das cidades grandes, no intuito de exemplificar como, em certas circunstâncias, algumas culturas reduzem a capacidade e até mesmo a necessidade dos sentidos humanos.

Para Edwards (2002), a cultura ocidental ao longo de seu desdobramento histórico, provavelmente por seu caráter colonizador e dominador privilegia a visão e a fala, o que determina o desenvolvimento maior das habilidades de um hemisfério cerebral. O corpo, o universo relacional e de sensações, a percepção das coisas em conjunto e a totalidade são reduzidos nesse modo de desenvolvimento cultural do pensamento.

¹ Termo apresentado por Haberman que reúne tantos os aspectos racionais partilhados pelos indivíduos no interior de uma comunidade como os demais aspetos da tradição, da oralidade, dos modos com que trocam suas narrativas, textos, toques, danças que são pertinentes à sua história e regem o horizonte cultural normativo de uma determinada cultura. (Habermas apud Sodré, 1999:47)

Segundo Guattari (1993:153) espaço e corpo são “*considerados por disciplinas como arquitetura e a medicina, são apreendidos a partir de categorias distintas e autônomas*”, caracterizando uma divisão sistemática da cultura do ocidente. Entretanto prevê, defende e afirma mudanças:

“As redefinições das relações entre o espaço construído, os territórios existenciais da humanidade (mas também da animalidade, das espécies vegetais, dos valores incorporais e dos sistemas maquínicos) tornar-se-á uma das principais questões da re-polarização política, que sucederá o desmoronamento do eixo esquerda-direita entre conservadores e progressistas. Não será apenas questão de qualidade de vida, mas do porvir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera” (Guattari, 1993:165)

Tais espaços que se conjugam com o corpo parecem difíceis de serem encontrados e, mais ainda, de serem concebidos dentro do modelo dominante.

Neste capítulo a presença da estética da ruralidade, especialmente nos quintais cariocas, se revela em importância enquanto cultura que celebra e une espaço e corpo na dimensão do vivido.

4.1 - O CORPO QUE ADENTRA A PAISAGEM PARA SENTIR O LUGAR

Na apreciação a certa distância das paisagens urbanas cariocas, as manchas verdes formam contrastes com as massas edificadas. O relevo montanhoso dos maciços da Floresta da Tijuca ou da Pedra Branca, por exemplo, parte do alto, quase sempre da rocha escalavrada pela erosão e, descendo, se tingem de verdes que abraçam a cidade em profusões de veios. Tais visualidades registradas fazem da cidade do Rio de Janeiro algo ímpar, parecendo uma cidade que se espreme entre o mar e a selva da montanha, como demonstram as fotos que seguem (fig 4.1 e 4.2).

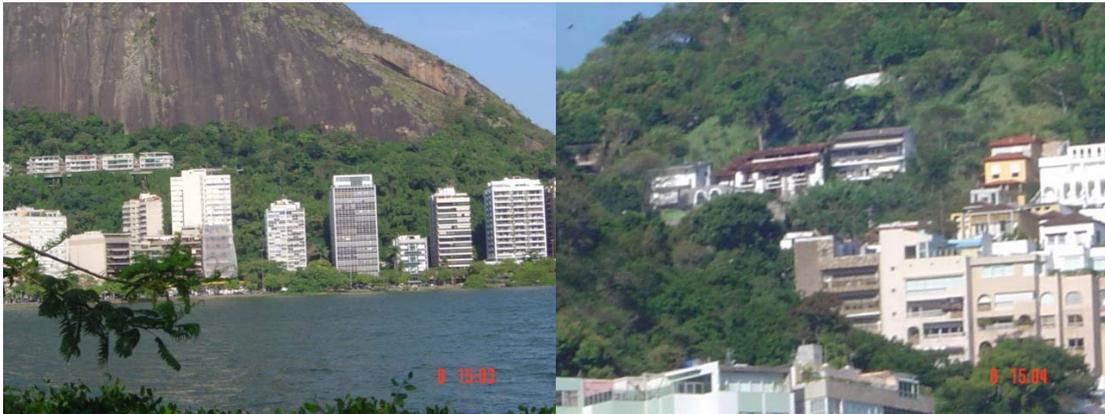


Fig.4.1 e 4.2 – Prédios entre o mar e a montanha na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (fotos do autor).

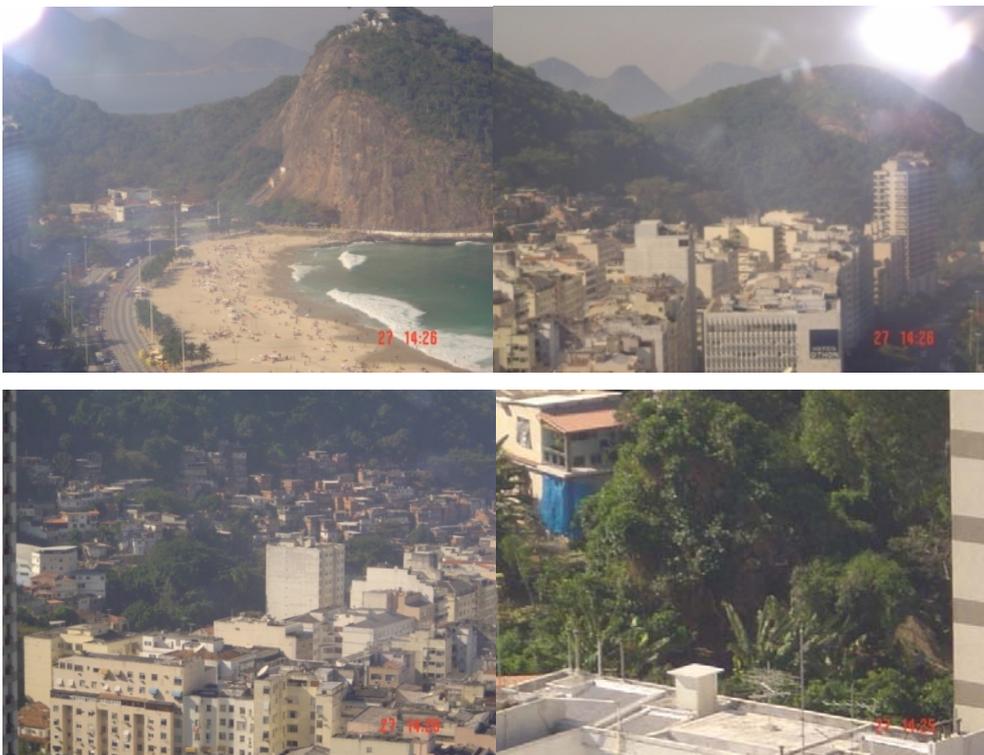


Fig. 4.3, 4.4, 4.5 e 4.6 – Aproximações da paisagem sobre o Leme, obtidas do hotel Le Meridien, Av. Princesa Isabel– Rio de Janeiro (fotos do autor).

Para um olhar minimamente preparado, em segundo grau de aproximação percebe-se que a vegetação que abraça o casario quase sempre favelado das bordas urbanas revela as inequívocas franjas das bananeiras e as opulentas

copas das mangueiras. Outras copas de frutíferas como abacateiros, jaqueiras, cajueiros etc., por vezes também despontam nessa aproximação da paisagem.

Nas áreas empobrecidas da cidade, onde a Arquitetura é degradada, resultante da miséria e da especulação, são os morros, suas pedras, verdes de matas e rurais urbanos que ainda salvam algumas visualidades e, muito provavelmente, também, as existencialidades. Na Baixada Fluminense, como demonstra a fotografia (ver fig.4.3), a mata é substituída por faixas de ruralidades nas vertentes do Gericinó que não são ocupadas pela área militar e também no maciço do Mendanha que ladeia Bangu, Realengo e Campo Grande. O mesmo pode ser observado nas periferias ainda mais distantes, no sopé da serra dos Órgãos.



Fig.4.7 - A mata, a faixa de forte presença da estética da ruralidade, incluindo pastos e a cidade na área plana, vertente do Gericinó obtida a partir da via Light em Nova Iguaçu - RJ (foto do autor).

Nas áreas planas, o desenho urbano resulta dos loteamentos, quase sempre em malha xadrez. O vergel é predominantemente desenvolvido nas propriedades

privadas, dentro dos quintais (Azevedo, 1978). Para a análise dos lugares que o olhar da paisagem, muitas vezes, não revela de imediato, aproximam-se as escalas e, como utilizando o *zoom* de uma lente fotográfica atinge-se, à medida que ocorre uma aproximação da escala 1/1, a escala humana, medida comum do real - a escala do corpo.

A partir de então, somente a perspectiva do caminhante deslumbra suas paisagens interiores e conhece a dimensão do lugar, na medida em que seus objetos, pessoas, usos, atividades e papéis são revelados em uma visão serial (Cullen, 1983). Através das conversas e contatos diretos, os elementos caracterizadores da estética da ruralidade evidenciam sua mistura com a vida e o cotidiano. Tais conversas geraram entrevistas, das quais alguns trechos são citados ou observações escritas sobre lógicas que destoam dos limites da racionalidade dominante, mas na leitura de seus diversos contextos, fragmentos de falas revelam lógicas que elucidam muito sobre seus lugares.

4.1.1 - O lugar como conceito e tempo-espaço da cultura

Uma abordagem teórica é apresentada para o conceito de lugar, considerando o mesmo como um espaço de sensibilidades estéticas e políticas. Inicialmente, ainda que se esteja trabalhando com o espaço urbano, é necessária uma distinção: ainda que o lugar seja um espaço, nem todo espaço é um lugar.

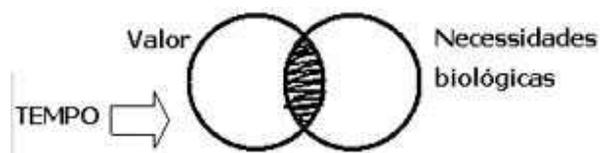


Fig. 4.8 –Diagrama de Augustus dos Reis Alves para o conceito de lugar de Tuan (Reis-Alves, Arquitectos, 2007)

Para Carlos o lugar é “a porção do espaço apropriável para a vida” (2001;35). Seja o espaço imediato da vida cotidiana, em suas festas, caminhadas,

encontros, relações de vizinhança, vida no bairro, na praça, na rua, identificações entre habitantes para habitantes e de habitantes com o lugar. O lugar não se reveste apenas de imediaticidades, ele á também a somatória de tempos e signos, guarda porosidades², produz memória.

Ou seja, o lugar pode ser construído sobre o espaço indiferenciado, acumulando valores, usos e significados, tornando-se familiar. Neles, segundo Tuan, suprem-se as necessidades básicas do habitar, como comer, beber, descansar e procriar e vai ainda mais longe quando discursa sobre as articulações entre o lugar e o tempo, o que evidentemente traz implicações para a memória:

“... adquirimos afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de um movimento, ou seja, o lugar seria a parada para o descanso, para a procriação e para a defesa; e por último, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória” (Tuan apud Reis-Alves, *Arquitextos*, 2007).³

E o entendimento de memória é bastante diferenciado de algo que apenas se lembra e é dado como irremediavelmente morto. Na consciência imaginária, que difere da consciência perceptiva que orienta a ciência, trata-se de forças e enunciados que permanecem vivos no lugar:

““Memória”, vale acentuar, não designa aqui nenhuma função psicológica, seja coletiva ou individual, mas a invenção, por enunciados presentes, de um passado ou uma ancestralidade politicamente afirmativa” (Sodré, 1999:221).

Em sua posição oposta, o que será oportuno para entender o estranhamento produzido pela cidade contemporânea, o lugar que não guarde

² Porosidade é um conceito utilizado por Walter Benjamin que afirma: “ em todos os lugares se preservam espaços capazes de se tornarem cenários de novas e inéditas constelações de eventos. Evita-se cunhar o definitivo. Nenhuma situação aparece como é destinada para todo o sempre, nenhuma forma se declara desta maneira e não daquela”, ...” a porosidade se encontra não só com a indolência do artifice meridional, mas sobretudo pela paixão da improvisação.”(Benjamim apud Carlo, 2001:60)

³ Artigo “O conceito de lugar” de Luiz Augusto dos Reis-Alves, publicado no *Arquitextos* 087 do site Portal Vitruvius de agosto de 2007 (site <http://www.vitruvius.com.br>)

essa dimensão viva da memória para alguém é o não-lugar. Aqui difere-se do entendimento de Lefebvre para quem o não-lugar designa o lugar daquilo que não acontece e não tem lugar, o lugar do alhures, a própria **utopia** (Lefebvre, 1999:121). Compreende-se o espaço do não-lugar, na visão de Michel de Certeau:

“não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude (...) seria uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo” (Certeau apud Reis-Alves, Arqtextos, 2007).

O entendimento de lugar pode ser acrescido ainda do termo apresentado por Tuan na década de 1961, denominado de *topofilia*. Topofilia é a relação afetiva com o espaço em que se vive. A topofilia também se relaciona com a cultura ao garantir o trabalho continuado e apropriado, que pode incluir gerações, para a construção e preservação do lugar.

A cultura pode ser conceituada como:

“a cada um desses modos de abordagem ou relacionamento com o real, caracterizados por um conjunto de mediações simbólicas (língua, leis, regras, mitos, etc.) entre sujeito e mundo, chamamos de cultura” (Sodré, 1999:46).

O reconhecimento produz a sensação de pertencimento que liga as pessoas ao lugar, a identificações e à própria idéia de cultura. Pertencimento é estar incluído no conjunto das relações sociais, ter identidade, poder estabelecer diferenças.

O estranhamento, de que fala Carlos (2001), seria então seu sentimento oposto, ou seja, não se reconhecer como participante no processo de apropriação do espaço e não encontrar lugar. Processo típico da metrópole que transforma o lugar da vida em *espaços amnésicos* em relação direta com os tempos *efêmeros* das transformações da metrópole, e: “essa nova relação espaço-tempo redefine as relações na metrópole, caracterizando, a nosso ver, o momento atual” (Carlo, 2000:19).

Para Morin, a cultura é mais que um conceito; é “a maneira como se vive um problema global” (2003:77). Como geralmente se observa, o autor divide a cultura

dominante em dois grandes grupos: ilustrada e a de massas e alguns sub-grupos que parecem não ter sido esgotados (cultura adolescente ligada a culturas de massas, cultura rústica-plebéia ligada às tradições que se perdem etc.). Classifica a atual cultura de massas como um aspecto capital do crescimento da cultura urbana burguesa que, no mais, desenvolve-se na e pela “destruição das culturas rústicas-plebéias” (2003:101).

Bosi (in Trigueiro, 1983:162) também observa algo semelhante, para o caso brasileiro, denominando de *cultura popular* ao conjunto das manifestações autênticas, produzidas pelo grupo social frente às mediações estabelecidas com suas próprias realidades. Para o autor, a cultura popular é gradativamente surrupiada em seus valores pela cultura de massas, que se apropria dos mesmos, deturpando-os simultaneamente com o modo invasivo com que toma o tempo de sua efetiva produção enquanto forma criativa de auto-expressão.

Muniz Sodré (1999) explica sobre a relação entre cultura, identidade, identificações e diferenças:

“A idéia de cultura equivale à de uma “unidade de identificações”, capaz de falar – por mitos, ideologias, obras de expressão – da igualdade de si mesma, mas sempre na corda bamba de um limite, que é a diferença” (Sodré, 1999,47).

Mas trata, logo a seguir, de explicitar que a unidade da cultura não se trata de unidade de representações e sim de uma *forma*, no sentido de modos de abordagens do real onde se entrecruzam representações, se rebatem simbolizações, hábitos e enunciados, “*um meio onde as identidades podem ser reconhecidas*” (Sodré, 1999, 47). Em Cruz encontramos que o espaço vivido se articula com o espaço das representações descrito por Lefebvre, na medida em que acumulando tempo e memória vai assumindo as características do lugar:

“as identidades construídas a partir dos espaços de representação estão arraigadas na experiência imediata do espaço vivido, na densidade e espessura de um cotidiano compartilhado localmente, estão ligadas as

relações imediatas e à produção e comunhão dos saberes, da memória e do imaginário coletivo.” (Cruz in Bezerra et all, 2007:29)

Seu texto reforça a dimensão política de tais lugares a partir das identidades construídas sobre diferenças espaciais, espaços vividos e apropriações estéticas que se estabelecem contra os discursos da ordem dos espaços concebidos. Por outro lado, o estabelecimento de diferenças aponta para possibilidades de mudanças das práticas sociais, da própria sociedade e da vida, que luta contra sua dimensão cada vez mais reduzida.



Fig. 4.9 – Fundo de quintal no bairro da Lapa – Centro do Rio de Janeiro (foto do autor).

Munido deste escopo teórico, necessário para reforçar o entendimento do amálgama entre cultura, memória, identidade, identificações, pertencimento, estranhamento, identifica-se nas paisagens diversos aspectos e papéis associados à lugares onde predomina a ruralidade enquanto leitura estética.

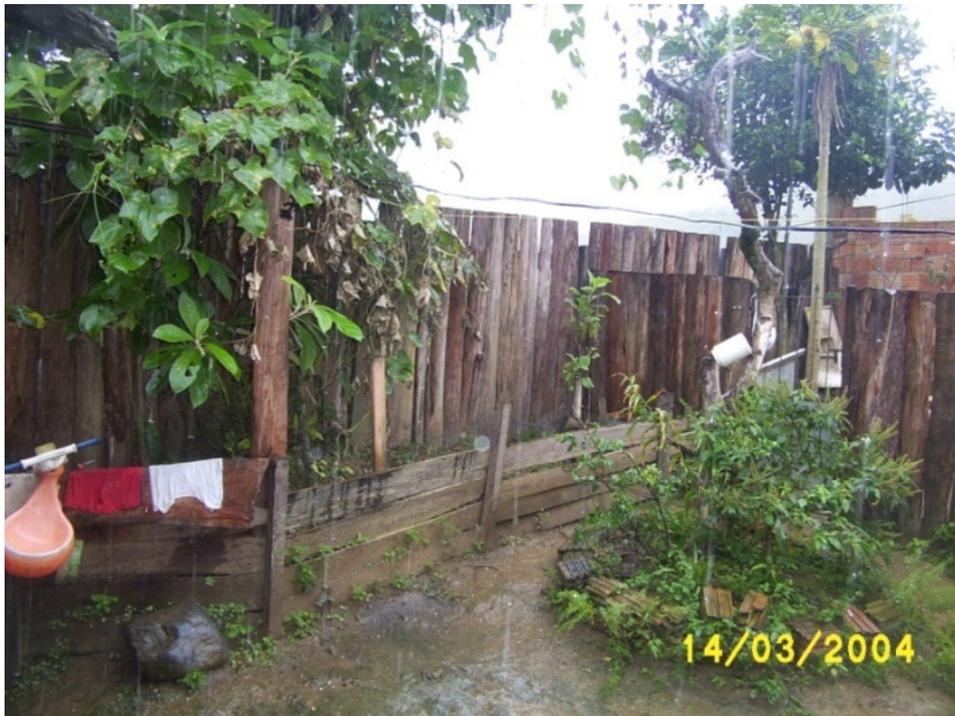


Fig. 4.10 – Fundo de quintal com cerca em madeira rústica – Xerém, RJ (foto do autor).

Tal identificação é importante para a pesquisa que busca a compreensão das lógicas ou fatores de como esses lugares são considerados pelos seus produtores e usuários – pessoas que os produzem, vivem e preservam. A análise desses lugares é desenvolvida sobre três eixos, inicialmente identificados: o primeiro trata da questão espacial em que pesam os aspectos relacionais de tais lugares com a urbe que lhe parece oposta, no segundo eixo é abordada a questão temporal, na medida em que tais locais guardam especificidades temporais e um terceiro eixo trata das questões subjetivas que justificam os mesmos em sua produção de sentido.

Em uma terceira parte deste trabalho são apontados alguns dos aspectos que implicam a desqualificação dessa estética. Nesse sentido, identificam-se os principais motivos de abandono e desmonte de seus lugares que implicam desde questões de políticas públicas urbanas até aspectos temporais e subjetivos – até mesmo o preconceito.

4.2 - DA ANÁLISE ESPACIAL

A análise espacial que segue é afirmadora da existência de tais lugares, justo por estar pautada na observação de suas lógicas. Em termos relacionais, diversas entrevistas e contatos diretos valorizam a proximidade dos lugares onde se manifesta a estética da ruralidade com o meio urbano. Afirmam poder unir o que há de bom em ambos e, mais ainda, o que falta em cada um é justo a complementaridade que o outro supre. Assim, vive-se com a impressão de se estar na quietude e no verde do campo, colhendo frutos no pé e ouvindo pássaros soltos, mas com todas as comodidades dos serviços e entretenimento cultural, educação, atrações, trabalhos específicos e de melhor remuneração, dentre tantas outras que a diversidade da cidade oferece. A entrevista de Vicente, o da foto abaixo, realizada na Vila da Penha, reafirma esse aspecto positivo da presença do rural no urbano.



Fig.4.11- Vicente com a filha mais nova ao colo vive de sua horta sob os fios da eletrificação no Bairro da Penha e afirma as vantagens da ruralidade no meio urbano (foto do autor).

Uma abordagem inicial possível na análise dos papéis espaciais de tais lugares lembra a leitura do conceito lefebvriano das heterotopias: "Heterotopias: o outro lugar, o lugar do outro, ao mesmo tempo excluído e imbricado. Ordem distante." (Lefebvre1999:120). Para o autor, até a revolução industrial a cidade é o lugar da heterotopia. A partir de então, ocorre uma inversão e a cidade como paisagem dominante, tem no rural seu contraponto heterotópico.

Os subúrbios também são citados pelo autor como heterotopias periféricas ainda rurais quando funcionam como receptáculos habitacionais da expulsão dos elementos populares dos centros urbanos. O conceito de heterotopia interessa não só pelo contraste visual entre o que parece rural pela dimensão política que assumem determinadas dimensões estéticas do vivido e sua importância para a sociedade e para a cultura.

O próprio jardim já foi citado como o mais antigo exemplo de heterotopia, pois já existia na cidade quando esta era o espaço heterotópico por excelência.

O jardim tem o caráter cultural de conter o melhor da natureza; apesar de não ser natureza enquanto arranjo artificial humano com uso de elementos naturais. Em seus recortes espacialmente acessíveis aos sentidos, sua porção que parece natureza se manifesta dominada, dócil, saborosa, bela e supostamente previsível.

Observa-se que a estética desses jardins e quintais transcende o decorativismo que predomina nas composições paisagísticas reconhecidas em seus estilos próprios, aproximando os dois em aspectos e funções que muitas vezes se confundem. As limitações espaciais nos lotes também determinam a sobreposição do jardim com o quintal. É o caso quando só existe área livre frontal ou na posterior na residência em relação à testada do terreno com a via principal. Nas favelas, cada vez mais adensadas, até mesmo nas lajes está surgindo um tipo de "quintal – terraço - panorâmico", onde alguns dos usos são típicos dos quintais, tais como: fazer churrascos, empinar pipas, lavar e secar roupa. Uma das primeiras observações nos jardins e quintais é o seu profundo pertencimento ao

que se denomina como cultura popular. Seguem alguns exemplos de jardins com elementos vegetais de quintais:



Fig.4.12 – Parreiras e bananeiras no jardim, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ (foto do autor).



Fig. 4.13 – Jardim de bananeiras e garagem, Pendotiba, Niterói, RJ (foto do autor).



Fig. 4.14 – Jardim de residência (padrão classe média) com frutíferas - Pendotiba, Niterói, RJ (foto do autor).

Em termos característicos, os jardins que normalmente ocupam a área frontal à casa já começam com jeito de quintal e em alguns casos invadem a rua e tomam conta das calçadas. O processo cultural de produção do quintal é obra aberta para novas possibilidades e recortes espaciais; permitindo em seus

desenhos complexos, o somatório de funções de prazer, serviços, vida social e contemplação.

São comuns as críticas dos diferentes resultados estéticos que esses lugares apresentam quando tentam copiar os jardins de estilos paisagísticos consagrados, uma vez que dificilmente se disciplinam aos seus cânones. Justificam-se através da argumentação da inferioridade, resultante de dificuldades variadas, desde o despreparo técnico, ausência de recursos, até limitações espaciais, culturais etc. Porém, uma leitura menos reducionista e mais atenta desses espaços demonstra, para além de sua aparente desordem, uma capacidade criativa que concilia a diversidade de referências de tempos, lugares diversos e usos, onde quase sempre a estética da ruralidade surge com funções mais que utilitaristas.

4.2.1 - Microcosmos – infinitos particulares e refúgios espaciais

Sob as copas das árvores descortinam-se verdadeiros microcosmos com uma autopoética reveladora de sentidos de lugares muito singulares, heterotopias disfarçadas em seu aparente mimetismo na dinâmica visual urbana.

O conceito de microcosmos nos revela universos inteiros em pequenas porções, demonstrando que a complexidade existe em múltiplas escalas. Jardins microcosmos como são os fundos de quintais com seus plantios, seus mistérios e a pulsão dos ciclos vitais de seus habitantes: seres como pássaros, insetos, vermes e animais domésticos. É desta forma que o Sr. Palomar observa seu jardim na obra homônima de Calvino (1994)

Em diversas entrevistas, falas como “aqui é o meu mundo”, aparecem repetidas juntamente com “aqui é o meu cantinho, sinto a natureza, falo com as plantinhas”. O olhar vasculha o pequeno mundo e acompanha suas mudanças, acha o bonito onde tantos outros, guiados por modelos, só percebem o feio e o sem graça. Assim é o jardim/horto de latas e potes de D. Sebastiana, explicando em sua entrevista como improvisou a solução para obter o que acha belo: “num

tenho dinheiro para vaso, uso pote, lata, qualquer coisa, o que eu gosto mesmo são as minhas plantas” (entrevista D. Sebastiana – 17/06/2007).

“O “ser humano” (não dizemos “o homem”) só pode habitar como poeta” (Lefebvre, 1999:81).

Para Tuan “o refúgio é um microcosmos” (1980:150). O bom lugar também guarda, esconde e protege tesouros. As heterotopias possuem um sistema de abertura e fechamento que ao mesmo tempo as isola e as torna penetráveis. Não se entra de qualquer modo: ou se é obrigado, como nos exemplos das prisões e casernas, ou é preciso seguir certos ritos de permissão ou purificação. Outras parecem puras aberturas, mas que escondem curiosas exclusões como os motéis onde se abriga, mas também se esconde os amantes proibidos (Foucault in Motta, 2006:420). Quem entra, muitas vezes até entra, mas não sabe nada do que se guarda ou se revela ali.

Somam-se ainda aspectos com caráter de esconderijo, isolamento, que tais lugares parecem propiciar aos seus habitantes em depoimentos do tipo aqui é o “meu cantinho, o meu refúgio” e até mesmo “o meu esconderijo”.

Nos grandes jardins renascentistas, cujos exemplos mais famosos aconteceram na Itália ⁴, existiam os “*giardini segreti*”, que eram jardins murados, fechados, onde só o dono e seus convidados podiam ter acesso. Bem tratados, decorados com *parterres*, fontes, estátuas e ornamentos; muitos destes jardins secretos se tornaram célebres, assim como suas histórias de grandes negócios da era do mercantilismo, associados com festas e prazeres.

⁴ IL GIARDINO SEGRETO

Ángel Olgoso

Bajo la breve tarde de invierno todo mueve al silencio en el patio del convento de clausura. Arriates entre blancos muros, el verdor del huerto y, al fondo, la antigua cripta rodeada de plantas medicinales. Huele a incienso olíbano y ciprés. Dos gatos se pasean despreocupadamente sobre las enormes losas pulidas. En esto, las monjas salen de sus celdas, van desnudas a excepción de la toca que cubre sus cabezas, y en un rincón del patio, cerca de la galería porticada, atrapan a los gatos, que maúllan y chillan enloquecidos durante un corto tiempo. Como ménades de un rito siniestro, degradado, los desentrañan y comienzan a devorarlos. Oscurece. Los lienzos blancos de sus tocas y de sus carnes refulgen con la luna. La glicinia trepa por el muro.

Alguns dos quintais estudados possuíam algo desta característica – e é mesmo com alguma espécie de solenidade que tais lugares são apresentados. A apresentação de determinados “mistérios” como os de plantas aparentemente nascidas ao acaso revelavam remédios, especiarias aromáticas ou mesmo plantas de poderes mágicos e protetores. Outras vezes, até mesmo um pequeno olho d’água (nascente) ou riacho é revelado como elemento que transcende a dimensão física e aponta para alguma interconectividade espiritual.

As heterotopias costumam ainda contrapor mundos perfeitos em relação ao desorganizado do real. Por vezes, o perfeito é o que não incomoda, não apressa, não obriga a ser aquilo que não se é, super organizado, arrumado e eficiente, como um mundo cada vez mais veloz e competitivo determina: “Pode parecer bagunça, tem gente que diz que é feio. Ih... Acho até bom! Assim ninguém bota olho-gordo. Aqui é o meu cantinho, aqui eu sou feliz” (trecho da entrevista do Sr. Sebastião).

4.2.2 - Ordens e desordens em múltiplos convívios

Nas escalas espaciais urbanas habitadas pela estética da ruralidade, junta-se em um mesmo lugar a beleza das plantas de “enfeite”, com as aromáticas, as medicinais, os legumes, as hortaliças e as fruteiras, sendo muitas delas de diversas origens fitogeográficas. Quem trabalha com botânica e paisagismo sabe que as plantas estabelecem exigências específicas de iluminação, insolação, solo e água, mas, no entanto, em tais espaços as aparentes desordens revelam uma multiplicidade de espécimes vegetais sadias e isso demonstra uma sabedoria de manejo muito interessante. Misturam-se tudo: coisas, espécies e usos; dos elementos misteriosos e o profano das festas, da oração, da secagem da roupa, das casinhas dos bichos, do sexo escondido, das simpatias marcadas nas bananeiras, da fruta colhida e comida no pé, do descanso, dos brinquedos de criança e pagodes provocantes. Na entrada para a rua, para quem é da umbanda ou candomblé, existem duas casinhas: a das almas e a de Exu.

Também como nos restos de campos, animais os fazem de pastos, joga-se bola, soltam-se balões, fazem-se despachos, fogueiras de são João etc., tais lugares, enquanto heterotopias, também guardam múltiplos lugares em um mesmo lugar. Essa multiplicidade, essa capacidade de encontrar o múltiplo naquilo que aparenta ser tão pouco não é resignação, é força e resistência, valorização da existência e criatividade. Uma estima do que se tem e do que se pode, é uma estima do que se é e do que é e pode o outro.

A aparente desordem e profusão de seres vegetais, animais e usos que incomodam tanto ao espírito cartesiano e ordenado revelam, sobretudo, a extraordinária capacidade, especialmente nas pessoas oriundas das camadas sociais mais pobres e exploradas, de convívio com a diversidade. Historicamente desenvolvida junto com a natureza da fauna e flora brasileiras e com as muitas gentes que foram chegando de tantos lugares e culturas diferentes, irmanada na necessidade de complexas redes de solidariedades, tal saber se reflete espacialmente nas fímbrias que a cidade carioca, mesmo em seus centros, por suas particularidades espaciais, ainda faz concessão de possibilitar a existência.

4.2.3 - Quando o nome do lugar é roça

Dando continuidade à análise espacial, relacionada ao conceito de lugar, outro termo surge freqüentemente nas entrevistas: a palavra “roça”. Etimologicamente derivada de “roçado” que significa área ou trecho de terra preparado, revolvido para o plantio. Pode ser também o terreiro de candomblé. Mas, nas conversas, o termo aparece como designação dos subúrbios cariocas “pra lá” de Madureira, municípios da Baixada Fluminense; para Niterói, bairros como Pendotiba, Maria Paula, Engenho do Mato, municípios periféricos como Itaboraí e trechos de São Gonçalo, Santa Isabel etc, tudo isso pode ser informalmente referenciado como roça: “vou subir para a minha roça”. Roça é o nome da heterotopia do urbano no Rio de Janeiro, ou melhor, uma heterotipia. Tal afirmativa se repete até para muitos que sobem favelas, mesmo as situadas na zona sul ou em áreas centrais urbanas. A favela da Rocinha, de dimensões de bairro, que já foi citada, é um topônimo da ruralidade que existe desde suas

origens. Observa-se que o termo é utilizado para uma amplitude de escalas, do bairro distante à dimensão do quintal, tal termo adquire o significado de lugar.

A roça é um conceito de lugar. Mais que um termo identitário é um fator de identificação que pode ser levado para qualquer lugar, desde que se tenha uma terrinha sobrando ou até em terrenos cimentados, através de vasos, latas e outros viveiros de plantas e bichos. Junte umas redes, umas bananeiras e está montada a cena que se complementa com os gestos, falas e comidas.

Fala-se da “vida na roça, da gente simples da roça, da comida da roça”. O lugar é referenciado com afeto. Percebe-se a topofilia nas falas de que aqui é a “minha roça, minha rocinha, a cidade está ali embaixo, mas aqui é como se eu tivesse na roça”. Assim se produz uma socialização de diferenças. O Brasil também é cheio de diferentes roças que nos grandes centros se encontram e trocam sabores, frutos, genes, cheiros, cores, receitas, celebrações e brigas. A natureza que se esconde na natureza do outro se revela.



Fig. 4.15 – Hora do encontro, Bairro da Penha, Rio de Janeiro, RJ (foto do autor).

4.3 - A ESTÉTICA DA RURALIDADE E SEUS TEMPOS LENTOS

Para a estética da ruralidade a cidade está logo ali depois da esquina, onde os porcos catam nas lixeiras o seu sustento ou por vezes, está lá em baixo, de dia com seus fluxos e de noite com suas luzes exuberantes. No topo da favela do Morro dos Prazeres, no bairro de Santa Teresa, como em tantas outras, as galinhas ciscam, meninos colhem jacas, os cães dormitam e o deslumbrante visual da cidade do Rio de Janeiro produz apenas uma espécie de ronco, um mantra urbano quase silencioso por vezes enunciando longínquas sirenes.

O Rio de Janeiro não é só visto do “alto”, também é visto de um “rural” suspenso, no tempo e no espaço, de uma forma de viver diferente e há quem desdenhe conscientemente de tanta pressa na cidade grande. Até mesmo por ocasião de algumas entrevistas, observam-se resistências para a interrupção do bate-papo. O “fica mais aí” até zangado quando se diz que se vai embora. As “saideiras”⁵ repetidas que não terminam nunca nas rodadas de cerveja.

O tempo lento tem um poderoso poder de atração que atinge a todos. Este parece ser um dos encantos dos resíduos espaciais que guardam tal estética. Nele, vive-se o tempo lento das conversas que tomam toda uma tarde, das orações, das gestações de plantas e bichos, dos tempos cíclicos e biológicos, que a cidade grande já não tem mais tempo para observar e, menos ainda, para praticar.

Milton Santos (1997), em uma de suas sínteses mais comentadas, diz que a força do pobre é seu tempo lento. Porém, o movimento *slow motion* adotado na Suécia que promove a adoção do tempo lento para os processos diversos da vida humana, inclusive no trabalho e na vida pessoal, valoriza a importância do tempo lento como uma estratégia de melhor qualidade de vida.

Focault, em seu texto 1984-Outros Espaços (Focault in Motta, 2006:419), ao observar as celebrações das férias em pequenas cidades praianas de veraneio afirma que estas oferecem poucas semanas de uma nudez primitiva que parece sempre estar ali. Talvez seja a contaminação *mesmo* daquilo que como uma

⁵ Saideira é a expressão popular carioca que observa a última cerveja, ou dose de bebida, antes do término do encontro, festa ou bate-papo. (nota do autor)

espécie de grande saber imediato, que ao abolir o tempo, nos faz encontrar um novo tempo que talvez remonte mesmo às origens.

As entrevistas, de diferentes modos, enunciam o quanto tais locais se articulam com as subjetividades bastante reveladoras de como são pensados, construídos e vividos.

4.3.1 - O amor a terra, ao bicho, ao verde, ao outro...

Afagar a terra

conhecer os desejos da terra

o cio da terra propicia estação

e fecundar o chão

(Chico Buarque e Milton Nascimento)

A simples utilização do verbo amar incomoda a muitos cientistas, mas tanto a ciência como o amor são aspectos humanos e como afirma Maturana:

“A ciência tem a ver com nós mesmos, com nosso viver e, portanto o amar é um tema legítimo para qualquer espaço de reflexões sobre o nosso viver” (Maturana in Guellman & Rocha et al, 2004:20).

Apresentado exatamente desta forma, o “amor a terra” é um dos aspectos mais observado nas falas das pessoas. Temas como tratar da terra, mexer com a terra e até a energia da terra surgem nas conversas. Terra para as pessoas é o solo cru, a terra local ou tratada, emergente em canteiros ou em toda a área dos quintais. Terra, entidade feminina, ligada aos mistérios da fecundidade e, também generosa, agradecida e honesta. Para tantos que vieram do campo, a força simbólica da terra e de suas representações não se extenua facilmente.

A terra é a garantia, para os que nela trabalham, do sustento do corpo – a alimentação individual e do grupo familiar. Com um pequeno pedaço de terra e solidariedade ninguém passa fome e, mais ainda, não precisa se submeter à exploração da mais valia de seu trabalho. A propriedade da terra, mesmo que em

pequenas porções, simboliza a libertação de processos disfarçados de escravidão e humilhação.

Desde cedo pode ser distinguida a forma com que se relacionam com a terra os latifundiários e os lavradores. O amor à terra não foi uma característica muito forte dos colonizadores, pelo contrário, a colônia era vista como simples lugar de passagem tanto para o governo como para os súditos (Holanda, 1978:65). Na mesma obra é citado um trecho da carta de 1552 do Padre Manuel de Nóbrega que afirma: "... de quantos lá vieram, nenhum tem amor a esta terra (...) todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja a custa da terra, porque esperam de se ir" (Holanda, 1978:73).

A terra para seus senhores de grandes porções, ainda hoje, na quase totalidade das vezes, só significa acumulação e lucro. Se antes os latifundiários preferiam viver no campo ao invés da cidade, hoje, muitas vezes, sequer pisam em suas terras. Outrora, uma presença até afetiva do olhar extasiado que acompanhava de suas varandas o enriquecimento que brotava do chão, senhor e juiz, ordenador, coronel local em tempos de ruralismo, prestígio e poder. Gilberto Freyre registra um pouco desse sentimento do senhor de terras:⁶

"Não me refiro é claro, ao proprietário de terras, às vezes amoroso delas como tanto senhor de engenho do tempo antigo. Mas um amor quase platônico, de quem melava de massapé apenas as botas de montar a cavalo; quase nunca as mãos dengosas de fidalgo, que raramente descia de sua dignidade para um contato mais viril, mais íntimo, mais cru com a terra" (Freyre in *Vivercidades*, 2006:15).

A vivência no lugar consegue produzir aproximações, amizades antigas, apadrinhamentos, casamentos e até amantes locais. Hoje, mega-empresários engravatados em suas sedes urbanas, controlam por meios informatizados a produção da terra distante, entregue na mão de administradores profissionais.

A terra amada é a terra de quem planta, de quem afaga e semeia, de quem acompanha com olhos precisos e amorosos os tempos que correm da sementeira,

⁶ Artigo *Terras e lavradores* publicado originalmente in *O jornal*, Rio de Janeiro, edição 20 de outubro de 1942 e extraído da Revista *Vivercidades* 15, 2006, pag.15.

da brotação, das floradas à produção de frutos. Terra que propicia a liberdade e o convívio – terra de quem a conhece. Quintino Bocayuva apregoa em seu tempo a necessidade de desenvolvimento de uma mística da identificação do lavrador brasileiro com o solo e para tal afirma que:

“É preciso que se proteja o mais possível do absolutismo dos donos de latifúndios, do parasitarismo dos senhores ausentes, dos tentáculos da indústria metropolitana e estrangeira, o pequeno lavrador em potencial; e não apenas o grande” (Bocayuva apud Freyre in *Vivercidades*, 2006:15).

A mídia, como afirma Alfredo Bosi (in Trigueiro,1983:162), sempre se apropria de aspectos da cultura popular. A campanha publicitária de um novo produto alimentar industrializado, comercializado sob o título de *Sabores da Terra* (ver fig.14.4) é reveladora: um lavrador se orgulha ao colher um enorme inhame em sua lavoura que ao ser retirado do solo expõe suas raízes ao testemunho de um amigo caipira. Apaixonado, decide seguir o processo e destino de seu amado fruto da terra, desde seu transporte até a transformação industrial.

Um homem, tipicamente urbano, é o destino final de seu inhame. Está sentado num banco de praça, com a cidade à sua volta; abre o saco e devora, com ar de deliciamento discreto o que agora são lâminas fritas, displicentemente relaxando do trabalho. Faz tudo isso observado atentamente pelo homem rural que não consegue resistir à tentação de afirmar que plantou o inhame. O homem urbano o olha com ar de aborrecido e sai, enquanto o homem rural exclama indignado: “insensível (!)”.



Fig. 4.16 – Embalagem do produto Sabores da Terra de inhame (imagem digitalizada obtida a partir da embalagem original).

A terra exige o trabalho relacional e coletivo, onde o convívio impõe a necessidade de superação de diferenças para atingir objetivos comuns. Lidar com a natureza relacional dos outros seres vivos; conviver e se solidarizar com suas carências e compartilhar de suas respostas é uma definição de amor. Como Maturana afirma: “deixar que a planta transpareça em sua legitimidade é amar” (Maturana in Guellman & Rocha, 2004:20). Na sua entrevista, Sigfriedo observa a segurança desses lugares onde a estética da ruralidade predomina devido á existência de uma rede de solidariedade e mútua vigilância.

A desterritorialização mais dura é a retirada do homem do campo da sua terra, como afirma Haesbaert em seu prólogo (2006:13).

Durante algum tempo, os quintais sejam suburbanos ou não, seguindo modismos impregnados de cargas modernizantes e urbanas, são cobertos de cimento ou revestidos de caquinhos, cerâmicas ou pedras, escondendo a terra. É uma ótica em que a terra é suja, faz poeira quando seca e lama quando molhada. Esse mesmo olhar marca os pés de quem mora na periferia distante e chega no centro do Rio de Janeiro com os calçados cheios de lama – os “pés sujos ou pés pretos”, apelidos pejorativos para quem mora na periferia.

Hoje, nas cidades, as prefeituras em seus códigos tratam da taxa de permeabilidade do solo urbano, que inclui terrenos particulares, como um fator importante para a drenagem urbana e minimização de enchentes. Muitas pessoas

atualmente fazem o caminho inverso: arrancam os pisos, abrem buracos no cimento e transformam seus quintais cimentados numa espécie de alegoria urbana da “refazenda”⁷.

A memória da terra aparece no texto *A paisagem urbana* do cineasta Win Wenders quando ele observa, nas escavações realizadas para a fundação de um novo prédio, a areia em que costumava brincar quando criança.⁸ É como se uma porção já considerada perdida de sua existência subitamente voltasse à vida.

4.3.2 - Da pureza e da paz do campo...

Em diversas entrevistas a ruralidade é sempre citada como um universo apaziguado e puro. O rural, como afirma Almeida na coletânea *Mundo rural e Cultura* (Almeida in Moreira & Costa, 2002), além de um universo material, “é portador de uma visão de mundo ligada a nostalgias, código de moralidades e de estética, uma imagem concretizada mentalmente sob a forma de sentimentos valores e associações” (Almeida in Moreira & Costa, 2002:89). Desde os gregos com sua Arcádia e os romanos, o campo é idealizado sob o estilo “bucólico”. Assim o campo rural é associado culturalmente à natureza, a uma forma de vida dita “natural”, onde se associam valores positivos como paz, inocência, candura.

A tradicional cena do presépio natalino, por exemplo, atravessa séculos dentro da tradição cristã e revela um universo de ruralidade associado à inocência, quando numa cocheira, aquecido e cercado de animais do campo, fora dos muros da cidade, o menino Deus dorme.

Os ares do campo são outra fonte de referências para a saúde, que vão dos discursos médicos de época às crenças populares. Supermercados também

⁷ Canção popular brasileira, de autoria de Gilberto Gil, cuja letra, em sua íntegra, se encontra na capa interna deste capítulo (nota do autor).

⁸ WENDERS, Win. *A Paisagem urbana* in *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 23, 1999.

anunciam produtos que trazem a saúde e o frescor, os sabores do campo para a cidade. O tema da fuga da cidade para o campo na literatura é abordado por Ângela Mendes de Almeida em seu artigo (in Moreira & Costa, 2002:87).

Durante o século XIX atividades de jardinagem e paisagismo são recomendadas para ajudarem na construção moral da sociedade – os homens cuidam dos gramados e as mulheres das rosas. Ainda hoje, policiais no Japão trabalham com arranjos florais como parte de seu treinamento.

Nas entrevistas, especialmente a de Maria da Penha Caetano, é enfatizada a importância dos quintais para a infância. Brincadeira de quintal, subir em árvores, aprender sobre os ciclos da natureza, inclusive, sobre reprodução e sexo, observando os animais, é considerada uma forma de aprender com pureza, necessária e enriquecedora da existência. Comunidades são criadas na internet como as “Eu tive infância de quintal” e “Adoro meu quintal” e estão disponibilizadas no ORKUT com centenas de depoimentos sobre experiências de infância vividas nos quintais.

4.3.3 - Das estranhas relações entre trabalho e lazer estabelecidas nestes espaços

No romance utópico, como se auto-intitula a obra *notícias de lugar nenhum* de William Morris, em uma nova sociedade construída sobre o velho mundo, todos trabalham com prazer e variam suas funções de acordo com seus desejos. Como resultado, a falta de trabalho preocupa e para compensar, os objetos comuns e as vestimentas são verdadeiras obras de grande dedicação artesanal.

É nesse sentido que muitas das paisagens, em que esta estética da ruralidade predomina, funcionam como lugares onde trabalho é praticado com fins diferentes daqueles da ótica capitalista em termos de suas relações de investimento e retorno - em alguns casos se trabalha demais e em outros quase não se faz nada.

E isso implica a forma do cultivo das plantas, a criação de animais e algumas soluções observadas são mais trabalhosas do que as mesmas soluções

compradas prontas. Doralice Sátyro Maia também encontrou resultados semelhantes e entrevistados que criavam gado no espaço urbano de João Pessoa – PB, por “*puro hobby*” (Maia in Damiani, Carlos e Seabra et all1999:214) Quando se trabalha demais ou de menos, sempre o prazer e sua celebração parecem ser a explicação, causa e finalidade daquele modo de se trabalhar. A criação de um frango de quintal, por exemplo, é mais cara e trabalhosa do que seu preço atual no mercado, mas como demonstra a entrevista com a senhora Fátima, tudo é feito porque simplesmente se gosta e se valoriza o sabor do frango caipira criado solto. Alguns trabalhos como elementos esculpidos, coisas que expressam algum aspecto artístico ou vaidade pessoal podem ser encontrados como resultado de longos processos que são contados com orgulho e minúcias.

A casa tem de ser cuidada constantemente, varrida, a comida tem de ser feita, mas o quintal tolera mais descuido, mais relaxamento. É o espaço do lazer por excelência e como é exterior, por vezes nem a passagem obriga, pode ter o mato alto. É onde se instala o rústico, muitas de suas plantas não dão muito trabalho de cultivo, como bananeiras, batatas-doces, abóboras que se alastram. A fala abaixo exemplifica como um determinado espécime vegetal foi implantado no quintal:

...”esse mamoeiro que nasceu aqui foi passarinho que plantou cagando e foi ficando. Ói num é qui rimou (risos)... Tá meio qui no caminho, mais é o melhor mamão que tem, o mais doce”... (trecho de entrevista- Sr. Sebastião – 10/01/2006)

O quintal também descansa o corpo do trabalho ou comemora o labor coletivo de que nos fala Arendt (2001). Depois de uma semana inteira de trabalho, em alguns sábados, se observa o labor coletivo para a confecção de uma laje, evento de grande celebração que reúne, em geral, homens no quintal e mulheres na cozinha. Depois, o mesmo prazer social prossegue na feijoada ou churrascos acompanhados de cervejadas. Nos galhos e colunas, os ganchos improvisados amarram as redes depois da faina; o descanso largado e merecido para o corpo do trabalhador, no pouco tempo que realmente lhe pertence.

O cuidado também prossegue na cura do corpo, nas cataplasmas, emplastos, chás e garrafadas obtidos com frutos, folhas, flores e raízes das plantas (Maciel & Cardoso, 2003). Para cuidar da alma, as receitas de magia e encantamento como os banhos ao luar, as fitas e marcações nos caules das bananeiras e tantas outras são praticadas nos quintais, utilizando plantas e até animais para reafirmar o corpo no exercício físico e emocional da vida.

O carioca demonstra sua relação com o mundo do trabalho, através do corpo, das marcas do sol do Rio de Janeiro e do culto da praia. No Brasil escravocrata, a tez queimada era coisa de negro ou mestiço que trabalhava ao sol a pino e, portanto, os senhores e senhoras das classes mais altas se exibiam pálidos como velas, provando sua tez clara ao mesmo tempo em que afirmavam sua classe social. Hoje a situação é inversa. Quem tem tempo livre frequenta praias e apresenta a pele bronzeada, evidenciando a pouca dependência do trabalho direto.

4.3.4 – Cozinhando no calor das festas

Toda festa é uma forma, mesmo que indireta, de celebração da existência. A fartura das colheitas, os ciclos da vida, a reunião social, as diferenças e o culto do divino, dentre outros, são comemorados. Autores diversos⁹ alertam para as capturas e mercadificação de muitas das tradicionais festas populares que, inclusive, passam a dinamizar municípios e até regiões, caracterizando-se como espetáculos. Até Lefebvre é citado por Bezerra para criticar a falta de graça nos festivais e festividades urbanos (Bezerra, Gonçalves org., 2007:171), provavelmente europeus e cada vez mais racionalizados e concebidos.

No Rio de Janeiro, apesar da mercadificação e estetização que podem ser observadas em sua festa maior que é o carnaval, a criatividade é parte estruturadora da própria cultura carnavalesca, é quesito de sua avaliação. De um

⁹ Ressalta-se aqui o artigo “Cidade, Festa e identidade” de Amélia Cristina Alves Bezerra (in Bezerra, Gonçalves, org., 2007) que, articulando o pensamento de autores como Lefebvre, Odete Seabra, Debord etc., alerta para a espetacularização e a transformação das festas em representações concebidas, através da estetização e mercantilização. Contudo, conclui o quanto ainda são queridas, pois permitem algum tipo de apropriação coletiva dos espaços.

modo geral se aproxima mais da visão defendida por Carlos de que, felizmente, nem tudo ainda está submetido à lógica da troca:

“no espaço se estabelecem, se aprofundam ou mesmo se renovam laços de amizade, solidariedade e vizinhança; na efervescência das festas e encontros que pontuam a vida na metrópole podem surgir a cada esquina, a cada momento – a grande cidade é o teatro da ação” (Damiani, Carlos et al, 1997:75).

A festa tem de ter improvisação e bagunça e se não tiver é criada na hora em apropriações espaciais inesperadas.

As festas de quintal são mais espontâneas e ocorrem por quaisquer motivos. A cozinha é o local da casa de onde saem visões, sabores e cheiros de lugares e tempos distantes, “aparece aí que a gente faz uma galinha suja para matar a saudade dos tempos da roça” (trecho de entrevista com D. Fátima). É o espaço que possui o fogo da casa: aquece e guarda o caldeirão cultural que mistura experiências de aprendizado e solidariedade, principalmente entre as mulheres, embora seja grande o número de homens que afirmam gostar de cozinhar.

Em dias especiais a comida pode ser feita no quintal como festas e almoços familiares prolongados. Em tais ocasiões, quando não existe uma cozinha externa na casa, o fogão pode ser posto pra fora para realização de frituras de salgados, peixes, camarões etc. Outros modos de cozinhar são ainda praticados nos quintais: alguns poucos fazem defumados em defumadores rústicos e até fornos a lenha, industriais ou artesanais, ainda podem ser encontrados. Para o churrasco acende-se uma churrasqueira, existente ou improvisada. Existe um número infindável de tipos e soluções para churrasqueiras e até conjuntos completos para cozinhas de exterior que incluem o fogão a lenha e o forno.

Existe uma questão de gênero que se observa em relação ao trabalho de cozinhar praticado nos quintais e comemorações que o utilizam como espaço do evento.



Fig.4.17 – Churrasco familiar no quintal em Santa Cruz – RJ (foto do autor)

O churrasco parece que já virou uma instituição nacional, é feito quase sempre pelos homens da casa ou por churrasqueiros contratados. É uma celebração que acontece nos quintais, lajes ou avarandados dos ricos aos pobres.

Nas áreas urbanas e suburbanas, bairros como Vila Isabel, densamente urbanizados sobre traçados convencionais, os seus habitantes descem dos apartamentos e com churrasqueiras portáteis ou improvisadas fazem o churrasco nas calçadas, portas de bares etc. É quando a rua vira casa, ou nesse caso, parece melhor afirmar quando a rua vira quintal.

Projetos de paisagismo para áreas públicas urbanas freqüentemente criam churrasqueiras comunitárias. Atualmente, em diversos empreendimentos imobiliários os apartamentos com varandas já são vendidos com churrasqueiras acopladas.

Enquanto as churrasqueiras se tornam mais e mais populares, as antigas fogueiras estão rareando. As fogueiras exigem terreno de terra batida e grande

quantidade de lenha ou sobras de madeira, mas ainda podem ser encontradas, especialmente na temporada das festas juninas, nas periferias e subúrbios. Nelas, se cozinham de um modo muito rústico batatas-doces enterradas nas cinzas ou se assam espigas de milho nas suas brasas e ainda se pode manter o quentão aquecido na chaleira próxima ao braseiro quente.

Sua força simbólica reside na *incomensurável* memória humana e ancestral, arquetípica, desde os rituais de fertilidade antigos ou talvez como a mais primitiva das sínteses da cozinha. Além disso, o fogo é sempre atraente por sua visualidade de luz, movimento, cor e calor (e as fogueiras são geralmente realizadas nas noites mais frias do ano). É uma das primeiras formas de obtenção de energia, simbólica ancestralmente, antes ira dos deuses, depois manipulado à custa mitológica do suplício de Prometeu.

As fogueiras não são só uma queima de lenho e meio de assar, são fogos místicos onde se queimam más memórias e desafetos, representados por elementos materiais e escritos, bem como se fazem juras de amor, de amizade e de compadrios. E em alguns momentos de transe místico, são saltadas ou é realizado o ritual mais raro de andar sobre as brasas espalhadas, sob a proteção do santo de devoção, sem queimar os pés (a entrevista de Dalva confirma este fenômeno).

Ainda que as fogueiras estejam se tornando impraticáveis, o fogo pelo fascínio ancestral que sua contemplação produz, continua sendo utilizado em dias de festas ou rituais místicos, imprimindo nas coisas a dinâmica dos movimentos das sombras criadas por suas labaredas ou chamas¹⁰. Marca a paisagem dos céus noturnos através dos perigosos, proibidos, mas forçosamente belos balões, produzindo sua iluminação especial através de tochas, lampiões, velas em vidros, industrializados e comercializados até em supermercados.

¹⁰ Umberto Eco faz uma descrição fantástica em alusão a esse fenômeno ao descrever os auto-relevos das igrejas românicas em sua obra *O nome da Rosa* (1998).



Fig. 4.18 – Quintal jardim rural de areia branca em Maria Paula, Niterói, RJ (foto do autor).

4.3.5 – Um aspecto cultural: quintal e jardim rural como espaços “da natureza”.

“Em volta da casa do Sr. Palomar existe um gramado. Não se trata de um lugar onde normalmente deveria haver um gramado: portanto o gramado é um objeto artificial, composto de objetos naturais, ou seja, de grama. O gramado tem por finalidade representar a natureza, e essa representação acaba por substituir a natureza própria do lugar por uma natureza em si natural mas artificial em relação ao lugar.” (Calvino, 1990: 29).

Um aspecto cultural é que em quase todas as entrevistas existe uma relação entre o que é chamado de natureza e os locais onde se manifestam tais expressões da estética da ruralidade. Afirmações como “ eu gosto de ficar vendo a

natureza”, “aqui eu sinto a natureza”, assinalam um entendimento da natureza em composições de elementos e coisas que nunca estiveram ali. Assim, a mangueira asiática (*Manguifera indica*) parece tão natureza quanto a goiaba (*Psidium guajava*) e a pitanga (*Eugenia uniflora*) nativas.

A maior aproximação possível, em termos estéticos e biológicos, que se pode afirmar entre um trecho de mata nativa e um fundo de quintal popular densamente plantado é a possibilidade da diversidade de tipos em convívio. No caso da mata uma diversidade natural e nos quintais, uma diversidade cultural.

Por erro e acerto, dicas de conhecidos, experiência acumulada, se escolhem os locais adequados para cada tipo vegetal, o melhor lugar para cada bicho. Misturas de referências de lugares, por vezes até pedras e objetos, flores, frutos e até animais de estados distantes se misturam em profusões de lembranças distintas. Reminiscências de um rural visto como natural, porque feito com plantas e bichos obviamente naturais mas artificialmente introduzidos, como é o próprio rural.

O sentimento de integração com a natureza possibilita nas pessoas mais pobres uma sensação de riqueza estabelecida, não pelas lógicas do capital, mas pela sensação estética de pertencimento às manifestações da própria natureza. Reproduções animais, florações e frutificações sempre são abundantes. Essa riqueza da natureza não só lhes permite se sentirem ricos de uma forma especial, mas também pelo exercício da solidariedade e pelo desprezo aos “ricos da cidade que contam as frutas que os filhos comem na sobremesa (trecho de entrevista do Sr. Sebastião)”. Depoimentos de terem sido salvos da fome pelos frutos colhidos no lugar ou oferecidos por vizinhos chegaram a ser ouvidos durante algumas entrevistas (como a de Edson).

Como afirma Hillman (1993:123): “a natureza é arquetipicamente psicológica”. De fato, percebe-se a produção cultural e, portanto, social de uma representação da “natureza” em pequenos recortes e montagens paisagísticas transportáveis, miscíveis e adaptáveis em realidades distintas.



Fig. 4.19 - Frutos que chegam de outras regiões e são memórias da terra, Nilópolis, RJ (foto do autor)

Só a natureza do paraíso é totalmente dócil, fértil e acolhedora. No entanto, até mesmo os jardins com sua suposta porção de natureza dominada guardam peçonhas e espinhos. Porém, a associação com o prazer e felicidade também aparece em citações onde tais lugares são tratados como paraíso. O paraíso, o nirvana, o estado perfeito é um maravilhoso lugar, fértil e de flores abundantes, frutos saborosos e uma natureza dócil. Não parece um jardim, parece um quintal.

O Gênesis bíblico nos descreve o Éden e o pecado original que determinou a expulsão do primeiro casal humano. Existe, portanto, um antigo e profundo legado cultural que atribui ao jardim, e mais especificamente a este jardim de delícias, uma dimensão mítica da qual todos nós surgimos, daí talvez tanto encanto pelos lugares que conseguem oferecer sabores, visualidades, olfatos e felicidades abundantes. Ainda que o paraíso possa variar de acordo com cada cultura, o paraíso do brasileiro comum não será aquele de jardins europeizados de apenas bons gostos e ordenações impostas por padrões estéticos rebuscados e de difícil assimilação, mas o quintal ruralizado, com jeito de roça, às vezes até com cara de jardim, capaz de contemplar sabores, remédios, belezas e misturas de diversas gentes.

4.4 – A ESTÉTICA DA RURALIDADE E AS AMEAÇAS À SUA PERMANÊNCIA

Como muitas das formas de silenciamento, alguns processos de perda são produzidos lentamente e sua ausência se percebe quando já é tarde demais.

A partir do século passado, é evidente em diversos momentos políticos de nossa história, especialmente no Estado Novo, a adoção de uma política de incentivo à urbanização. Para Veiga (2002:63), foi o Decreto-Lei 311, de 1938, que transformou todas as sedes municipais existentes em cidades, independentemente de suas características estéticas e funcionais. Os modelos urbanos das metrópoles passam a ser desejados e copiados em todos os lugares. Criam-se símbolos e representações do urbano que nem sempre se coadunam com as realidades locais de ínfimos vilarejos e simples povoados. A modernidade é toda ela um fenômeno urbano. A própria modernização do campo induz à urbanização na medida em que expulsa o homem do campo para a cidade.

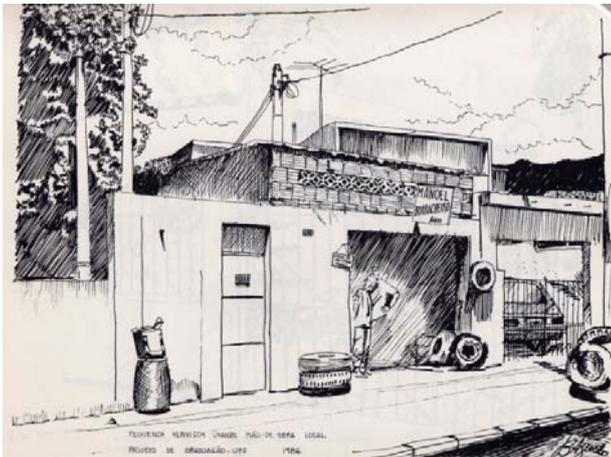
A assepsia e controle panópticos das grandes urbes impõem o valor do capital e tentam suprimir todos e quaisquer espaços suspeitos. As cidades buscam a transparência e a ordem. Revitalizações, reformas urbanas e novos modelos de urbanização e arquitetura, como o exemplo do prédio de apartamentos, acabam impondo custos elevados e modos de vida estranhos para grande parte da população.

A própria legislação urbanística não se preocupa muito com aspectos paisagísticos ou estéticos. Suas leis, no geral, estão preocupadas com a morfologia e o desenho urbano que prevê recuos, afastamentos, dimensões e alinhamento de vias. A composição é planar e só se volumetriza nos gabaritos indicados. As cidades não são apenas modelos de prédios, vias, cheios e vazios, e os mecanismos de desenho contemporâneo podem avançar, em termos de representação e controle. Falta, entretanto, análise das implicações de tais lacunas.

Uma prova disso é o conceito amplamente difundido de vazio urbano atualmente adotado por planejadores, que, inclusive, deu título ao Seminário Internacional no Rio de Janeiro, ocorrido em 2000, denominado de VAZIOS

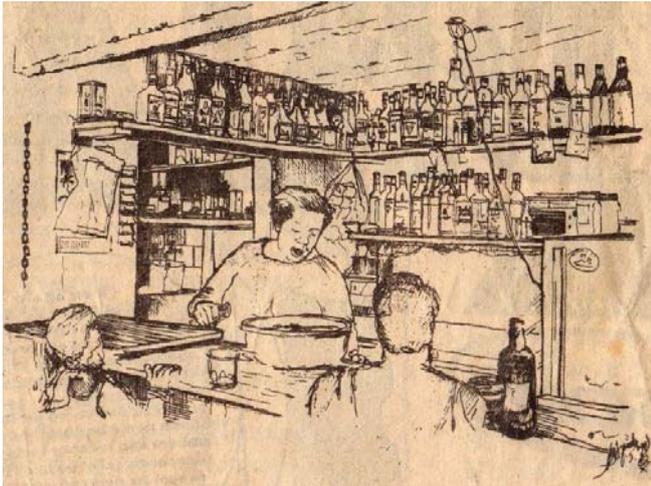
URBANOS que considera qualquer área urbana não construída como simplesmente vazia. Também é bastante comum a utilização do conceito de área livre ou espaço livre, e neste caso livre quer dizer livre de uso. Quaisquer usos que não sejam mediados pelo dinheiro são ignorados. Conceitos como revitalização são aplicados para a revitalização econômica, produzida quase sempre com a expulsão de pessoas que vivem nos locais a serem “revitalizados”. É esquecido que na complexidade das cidades o que por vezes é lido como um vazio urbano, alvo da especulação imobiliária, pode ser um campo de bola, um pasto, um lugar para antigos e novos usuários. Uma paisagem que, de algum modo, foi apropriada e teve seu sentido criado pelas pessoas do lugar.

Nos espaços particulares, por sua vez, os quintais muitas vezes se perdem por força do valor da terra. Viram espaço para a construção da casa do filho mais velho, para a abertura de um estabelecimento comercial (birosca, salão de cabeleireiro, borracheiro, oficina mecânica), enfim, usos comerciais ou de serviços associados com saberes locais dos usuários daquele terreno. A desarborização dos quintais para muitas áreas públicas e até municípios inteiros, como no caso de Nilópolis ou sua vizinha São João de Meriti, densamente habitado em sua porção territorial ocupada, implica a própria desarborização urbana.¹¹



Des. 4.1 - Prestação de serviços – o borracheiro

¹¹ Nilópolis já foi considerado o município brasileiro de maior densidade populacional, ainda hoje seus dados são surpreendentes: a população de 150.475 habitantes distribui-se em seus 9 km² e determina uma densidade de 7.854,8 hab./km². Hoje perdeu o título para a cidade vizinha de São João de Meriti que tem uma densidade demográfica de 12.897,81 habitantes por km² e é maior que a de Cingapura. Dados IBGE. 2006.



Des.4.2 - Pequeno comércio – a birosca (desenho do autor).

Os principais avanços, ainda não sentidos na extensão da aplicação, do Estatuto da Cidade (Lei Federal Nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que regulamenta os Artigos 182 e 183 da Constituição Federal), permitem ao poder público uma maior eficácia no exercício de suas funções sociais visando ao bem-estar dos seus habitantes. O termo adotado como a função social da cidade não engloba os aspectos culturais e estéticos diretamente relacionados com a produção do espaço urbano.

4.4.1 - Aspectos temporais

Os valores da civilização urbana se transformam com o tempo e no espaço, mudam as modas, os estilos e mesmo as formas de viver. A cidade é o grande território do efêmero, da pressa e da velocidade, dos tempos marcados pelos interesses de um capitalismo voraz (Carlos, 2001).

São muitos os vetores de discursos que tratam com desprezo as críticas tecidas contra as velocidades impostas pelo mundo do trabalho e da informação da atualidade. O argumento mais forte é a denominação de nostalgia para qualquer coisa que não seja o tempo veloz e a competitividade.

Por outro lado, basta constatar na vida urbana dos tempos velozes e atuais, alguns de seus desdobramentos na vida social: a violência, o stress, as novas doenças do trabalho como o *karoshi* japonês passam a ser observados em diversos locais do mundo, inclusive no Brasil.¹² A cidade acumula tempos desiguais e o corpo também tem tempos desiguais. Cidades contemporâneas desenvolvem mecanismos para expulsar mendicantes dos bancos das praças e outros locais de pouso. Nem mesmo desistir da ordem dominante se torna possível.

Nem todo vetor político se anuncia abertamente. É o caso da micro-política, aquela que se infiltra no cotidiano e produz seu trabalho lenta e imperceptivelmente na construção de novas subjetividades. Morin fala da nova cultura adolescente-juvenil que se espalha no mundo.

“Esta cultura os leva a adotar os valores da civilização urbana (isto é, a contestar os adultos rurais em nome dos valores dos adultos urbanos, em vez de contestar a civilização adulta urbana). Esta aculturação, talvez tanto quanto e até mais do que a educação escolar, contribui para minar os valores tradicionais” (Morin, 2003:143).

É o caso do jovem que já não vê mais graça no seu cavalo e prefere a motocicleta, que troca o cão mestiço pelo *pit-bull*, que usa a camiseta com dizeres em línguas estrangeiras que não consegue traduzir. A afirmativa de Morin parece se confirmar na entrevista de Valentim Tavares, que também revela uma preocupação com uma possibilidade de ruptura com tais hábitos:

“consigo ver isso, tem uma fronteira de gerações, consigo ver que essa geração que agora tá com dezessete, até 20 anos, você não encontra mais isso. as pessoas que estão ocupando estes lotes, e que tem menos

¹² Novas doenças ocupacionais: se, de um lado, as mudanças no processo de produção liberam o assalariado de trabalhos penosos, perigosos, e mesmo do desgaste físico, de outro, provocam novas doenças ocupacionais como o *stress*, esgotamento psicológico e Lesões por Esforço Repetitivo (LER). O cérebro é “sugado” e controlado pela máquina. No coração do *toyotismo* surge o *Karoshi*, termo que se refere a morte súbita no trabalho, provocada pelo ritmo e intensidade alucinantes da produção. Texto “a classe operária no limiar do século XXI” de João Batista Lemos, publicado no Portal Vermelho (site WWW.vermelho.org.br)

que essa idade, 20 até 25 anos, essas pessoas não tem esse tipo de tradições. mas os pais deles e os avós, quando essas pessoas moram juntas, juntas no mesmo lote você vê sim, os idosos e as pessoas de meia idade que transportaram esse hábitos da roça que vieram de Minas Gerais, interior de São Paulo e do nordeste, na grande migração nordestina(...) você não vê isso nos jovens é como se essa... tivesse um grande vácuo entre essas gerações, uma grande lacuna e essa tradição ou esses hábitos não foram transferidos.como se...tem uma ruptura aí...” (trecho da entrevista de Valentim Tavares).

Uma possível justificativa seria, ainda seguindo a entrevista citada, a tradicional rebeldia entre gerações que produz a negação dos valores paternos, uma espécie de preconceito:

“Eu vejo que essa nova geração não conseguiu sair de dentro do quintal do pai (...) as pessoas dessa geração não saíram do quintal do pai, é como se fosse uma , enxergo isso até como se fosse uma rebeldia, eles se negam a absorver os hábitos e as tradições dos mais velhos como se tudo isso representasse uma coisa antiga ou ultrapassada, tudo o que eles querem é negar” (trecho da entrevista de Valentim Tavares).

Estariam as origens dos pais e avós esquecidas em uma ou duas gerações? Seria a preservação da ruralidade urbana algo pertinente ao envelhecimento? É verdade que o tempo da chamada terceira idade é um tempo de descobertas e valores para com os quais não se teve tempo antes. A aproximação do término da vida parece fazer valorizar a própria vida. Idosos normalmente se apegam a crianças, bichos e plantas. Para quem tem um quintal e ainda sobra energia, cuidar de plantas, produzir alimentos é mais do que ocupação, é terapia e modo de ainda dar algum sentido à vida e ter alguma importância junto ao grupo familiar:

“Mas você vê que as pessoas que tem a necessidade de subsistência e tem uma mentalidade mais pé no chão, que tem de sustentar a casa, vê que os que estão desempregados, tem lá sua cultura, criam suas galinhas,ovos e plantam umas hortaliças, plantam bananeiras os mais velhos principalmente, quanto mais idoso está, parece que é como se tivesse relacionado com o envelhecimento.” (trecho da entrevista de Valentim Tavares)

4.4.2. A produção subjetiva da indiferença e da inferioridade

Milton Santos (1999) traça uma importante contraposição quando trata um jogo complexo, onde se pode encontrar a cultura de massas, hegemônica e amolecida, respondendo afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação, tentando suprir a sua ânsia de consumo. Por outro lado, cita a existência de uma cultura popular de raízes na terra atenta às relações estabelecidas com o seu meio, que encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar.

Mesmo com todas as evidências positivas, quase tudo o que possa remeter à idéia de ruralidade, desde os primórdios, ainda é associado com o que é rude, tosco, selvagem. Em termos sociais são estabelecidos vínculos com a escravidão, a pobreza e com as pouco consideradas culturas dos negros e dos índios. Em um país que, desde a origem, trata suas riquezas naturais com desprezo e valoriza a cultura e as paisagens dos centros urbanos das cortes européias (Dean: 1996) torna-se muito fácil, com o auxílio da mídia poderosa, perverter e negar os valores éticos e estéticos afetuosamente construídos através de contribuições da memória e da cultura. É trocar o estético (o que tem implicações éticas com os valores construídos em relação com a memória e cultura da sociabilidade) pelo esteticismo individualista e consumista pregado pelos modismos da mídia capitalista.

Os aspectos políticos mais surpreendentes passam pela desvalorização e descaso com esses espaços, com as formas de relação com a própria natureza que neles se produzem. A desvalorização é um artifício de manipulação poderoso porque se introjeta no imaginário, produz a sensação de ser inferior: as festas saem dos quintais e vão para os salões pagos para festas, as compras não são mais feitas nas feiras ou quitandas, vão para os supermercados e preferencialmente de carro. A cesta ou bolsa de ir fazer feira, feita artesanalmente, é trocada por sacolas plásticas que estampam o nome do supermercado. A lógica

de lucros induz que tudo o que não seja feito dentro de seus moldes seja considerado como “coisa de pobre” ou, como dizem os jovens “pagar mico”.¹³

A produção da inferioridade e do preconceito é, assim, um modo de desvalorização subjetiva. Para isso, é necessário observar as múltiplas estratégias que produzem a inferiorização.

“Neste domínio pode dizer-se que não tem faltado imaginação ao Ocidente. Entre tais estratégias podemos mencionar a guerra, a escravatura, o genocídio, o racismo, a desqualificação, a transformação do outro em objecto ou recurso natural e uma vasta sucessão de mecanismos de imposição econômica (tributação, colonialismo, neocolonialismo, e, por último, globalização neoliberal), de imposição política (cruzadas, império, estado colonial, ditadura e, por último, democracia) e de imposição cultural (epistemicídio, missionação, assimilacionismo e, por último, indústrias culturais e cultura de massas).” (Boaventura de Souza Santos, 1999:5)¹⁴

Para Boaventura de Souza Santos a natureza, junto com a descoberta do selvagem ameríndio, é a terceira grande descoberta do milênio. “Se o selvagem é, por excelência, o lugar da inferioridade, a natureza é, por excelência, o lugar da exterioridade” (1999:7). Mas como o que é exterior não pertence e o que não pertence não é reconhecido como igual, o lugar exterior também pode ser inferior.

Assim uma aparente libertação da inferioridade e da identidade que remete ao selvagem pode ser obtida com ações de negação e “esquecimento”: se pavimentam o quintal, se corta o pé de seriguela, se joga fora as guias de contas, se convertem ao deus branco que cobra em dinheiro e se tenta esquecer de tantas raízes: nordestinas, gaúchas, mineiras, caipiras, capiaus sertanejas, caboclas, matutas, roceiras, africanas e indígenas para em troca obterem uma identidade opaca de valores pautados no comportamento daqueles que possuem dinheiro. A identidade do **ter** alguma coisa que custa caro em dinheiro e tempo de vida, substitui a do **ser** algo ou alguém que antes justificava e dava sentido e singularidade à própria vida.

¹³ Expressão utilizada principalmente entre jovens para designar um ato de constrangimento e vergonha (nota do autor)

¹⁴ Publicado em *Notícias do Milênio*. Edição Especial do *Diário de Notícias* de 8 de Julho de 1999.



Fig.4.20 e 4.21 – Estacionamento pago construído no quintal da Sr^a. Ruth, situado na Rua Arnaldo Tavares em Nilópolis – RJ (foto do autor).

4.5 – O QUE IMPLICA A PERDA DA ESTÉTICA DA RURALIDADE NAS PAISAGENS URBANAS E QUE NOVA PAISAGEM OCUPA O SEU LUGAR?

Em diversos bairros da cidade, seja da zona sul do Rio de Janeiro ou em sua periferia distante, observa-se um adensamento de edificações que ameaçam aspectos caracterizadores das suas paisagens tradicionais e até mesmo de algumas consagradas. O mesmo se observa nas paisagens de municípios da região metropolitana.

As novas técnicas de construção civil produzem prédios em tempos cada vez mais rápidos. Pequenas ruas de poucas casas podem passar a abrigar mais de cinquenta famílias em cada antigo lote unifamiliar. Ruas são fechadas, condomínios de casas ou edifícios verticalizados se enchem de mecanismos de isolamento e controle panópticos, a cidade se esvazia quando mal escurece e as pessoas se olham com medo.



Fig. 4.22 - Paisagem vista de uma janela do bairro de Charitas, em 2002 - Niterói (foto do autor).

Gradativamente as construções preenchem quintais, encostas, morros, barrancos verdes, enquanto pássaros silenciam em troca do barulho dos veículos. A infra-estrutura urbana não dá conta do crescimento da cidade, principalmente no que diz respeito ao sistema viário. O automóvel é símbolo de uma bem-aventurança social, antes familiar e agora individual e ocupa todos os lugares livres. Popularizado até mesmo nas favelas e periferias pobres, logo demanda espaço e surgem os problemas de estacionamento e acesso. Os lugares da estética da ruralidade desaparecem e são substituídos por blocos de edifícios ou estacionamentos, dentre outros usos.

As paisagens urbanas resultantes de tantas transformações e seus padrões de uso e consumo são totalmente diferenciadas de nossos hábitos e gostos de passados ainda recentes.

Relph, em sua obra *“A Paisagem Urbana Moderna”* (1987), denuncia paisagens urbanas que se caracterizam pela monotonia ilusória e injusta que em sua pretensa racionalização, prioriza os valores do lucro sobre os sócio-ambientais. Através da adoção dos modelos modernistas, reproduzidos sem seus próprios critérios fundamentais, cai-se na falta de sentido generalizada, produzindo-se paisagens repetitivas, destituídas de singularidade, incapazes de provocar interesse, pouco próprias mesmo para a vida – produzindo estranhamento e solidão, indiferença e descrença, o não-lugar que absorve os lugares.

Guattari também afirma que a Arquitetura e o Urbanismo estão no grupo que denomina de "semióticas de subjetivação" (1990:31), utilizados para capitalizar poder subjetivo. Assim, nos atuais níveis praticados pelas estruturas econômicas mundiais, os processos de produção de subjetividades estão massificando os gostos e lugares, produzindo pessoas manipuladas e repetidas, globalizadas em seus universos de desejos, culminando com uma humanidade ameaçada pelo desinteresse por si mesma.

Somam-se aqui, os abismos morais e tecnológicos de uma sociedade altamente disparatada em termos de condições sociais, incluindo desde a educação até os meios físicos básicos para a sobrevivência como moradia, alimentação, saneamento etc. No Rio de Janeiro, dentro de um mesmo bairro, diferenças sociais e econômicas disputam espaço em poucos metros de distância uma das outras e tal dinâmica se reflete em paisagens desiguais.

Por outro lado aumenta a violência urbana e a banalização da vida. O Rio de Janeiro é uma cidade cheia de diferenças e desigualdades. Consumismo, drogas, pessoas abandonadas, animais largados, áreas desmatadas, rios imundos e os que fingem não estar vendo nada. A mesma solidariedade e compaixão que promoveram a civilização, típica dos egressos da ruralidade, evidenciam estar se perdendo em um desencanto de aparentes últimos dias.

A hipótese do desaparecimento ou erradicação da estética da ruralidade nas paisagens urbanas do Rio, em seus aspectos positivos, pode implicar empobrecimento da subsistência, perdas dos microcosmos de tranqüilidade e descanso, do equilíbrio e caracterização da paisagem, da dimensão física de aspectos interculturais e referências identitárias construídas socialmente. Porém tal erradicação é implicação de uma realidade urbana mais empobrecida e bruta, uma totalidade ainda pior e mais uniformizada.

Como admitir a indiferença e a compensação consumista (Morin,2003:127) em um momento histórico crucial - onde é preciso e urgente muita vontade para enfrentar as sérias questões sociais, ambientais, econômicas e éticas que atingem o planeta e a vida como um todo (Guattari,1990:8)? Necessita-se, sobretudo, de teorias, leis e metodologias projetuais capazes de transformar a realidade através de intervenções mais coerentes e democráticas. Ainda que muitos venham lutando por seu direito de pensar as cidades, na prática, as políticas de gestão urbana ainda estão muito centralizadas pelo estado e conduzidas pelo interesse de poucos.



Fig. 4.23 - Foto obtida no bairro de Éden, continuidade da rua Antônio José Bittencourt que se esbarra na Rodovia Presidente Dutra (Rio – São Paulo). São João de Meriti, RJ (foto do autor).

CONCLUSÕES

Um tema tão amplo não se esgota em uma pesquisa predominantemente descritiva e cuja análise tem uma forte preocupação comprobatória para situações não integralmente exploradas. Portanto, é importante concluir, também, pelo estímulo de novas análises, estudos de apropriações e possibilidades estéticas da ruralidade em sua presença nas paisagens, inclusive, nas urbanas. A necessidade de estratégias para fins de efetivas e urgentes transformações das cidades é mais urgente do que a velocidade que agrava suas condições sócio-ambientais.

As particularidades das cidades brasileiras precisam ser bem mais observadas a fim de que se estabeleçam questionamentos sobre a validade de modelos urbanísticos desenvolvidos sem a observação de referências estéticas e funcionais coerentes com os aspectos culturais da diversidade da população.

A relevância deste trabalho sobre possíveis manifestações da estética da ruralidade é a contribuição para novas referências metodológicas de análise que levem a critérios mais diferenciados e que ultrapassem a visão dualista do rural e do urbano dentro de tradições fechadas.

Acredita-se mesmo que este tipo de estudo seja capaz de aliar geógrafos, arquitetos e urbanistas e paisagistas, dentre outros, a fim de despertar o interesse e a sensibilidade sobre as manifestações estéticas da ruralidade em diferentes paisagens, afinal, seu campo é vasto e atinge todo o país. O desenvolvimento de técnicas e sensibilidades mais afinadas entre si voltadas para as intervenções nas paisagens deve beneficiar a todos.

O caso do Rio de Janeiro, por sua importância política, econômica e a conseqüente atratividade social presente ao longo da história, preserva interculturalidades em complexas manifestações no espaço. Nas porosidades espaciais guardam-se surpresas e casos de estudos específicos para futuras investigações. A cidade do Rio de Janeiro e suas periferias da região metropolitana refletem aspectos de muitos lugares do Brasil, bem como, o que vem ocorrendo neles, em geral.

Nesse sentido, cidades se urbanizam velozmente em todo o território nacional e quase sempre com uma estética urbana empobrecida, que resulta desumana em muitos aspectos.

Os incrementos da urbanização têm sido tão ágeis quanto incipientes de si mesmos. Traçados mal estruturados recebem prédios de desenhos desproporcionados e mal construídos que contabilizam centímetros, em dimensões reduzidas e aviltantes a fim de abrigar mais unidades habitacionais ou de serviços. Multiplicam-se, invadem áreas verdes, atraem mais carros e geram um urbano agressivo, triste e cinzento e de pouca urbanidade, como nos centros de bairros e nos municípios periféricos do Rio de Janeiro. As cidades se tornam mais feias e onerosas. Assentados sobre passados rurais recentes, sua estética da ruralidade remanescente vai sendo varrida das paisagens, passando antes pela degradação e abandono. Os somatórios de descuidos resultam visualidades empobrecidas em tudo o que fica ou chega.

A estética da ruralidade no meio urbano é um dos mais importantes legados paisagísticos que resulta do “ensaio civilizatório brasileiro”¹. Trabalho que envolveu tantos anônimos, de tantas origens, que, neste país, encontraram-se nas piores condições de pobreza e maus tratos; carregando as pedras que erguem as cidades, revolvendo a terra para alimentar a tantos, mas que souberam unir braços e mentes, línguas de terras distantes e corpos de estranhos cheiros e cores para parir misturas e fazer lugares. Esse legado, com certeza, não foi feito pelos corpos bem cuidados das elites cujas cabeças viviam em devaneios sobre palácios e modos das cortes européias.

A valorização dos usos e da estética da ruralidade não trata de impor a volta do rural aos centros urbanos, o que seria romantismo, nostalgia e impossibilidade prática na absoluta maioria das vezes, ainda que a cidade sempre possa almejar crescer justamente para o que mais lhe falta. Defende-se aqui, sua

¹ Termo utilizado por Leonardo Boff em sua conferência *O diálogo das culturas* e compartilhado por pensadores como Edgar Morin, Alain Touraine, entre outros, conforme publicado em *Interculturalidades* (Leonardo Guelman e Vanesa Rocha (organizadores)- Niterói: EdUFF, 2004. Pagina 30.

apropriação em favor das identificações que podem ser produzidas através de usos e composições complexas para além daquilo que é ordenado e ordenador.

A estética da ruralidade precisa ser compreendida, também, para as intervenções nos espaços onde ela é dominante, ou seja, nos rurais propriamente ditos. A memória da ruralidade tradicional precisa se preservar em seus exemplares que representam tempos e modos de vida. A sua estética é pouco estudada e tal fato impede que se façam paisagismos mais de acordo com sua sutileza e, como já foi afirmado no primeiro capítulo, capaz de projetos pensados e executados até mesmo para não serem vistos.

Jardins, praças, áreas adjacentes a leitos de estradas, ferrovias, cruzamentos de pistas e áreas públicas poderiam receber um tratamento paisagístico estudado pela ótica da estética da ruralidade. Novas relações entre as formas arquitetônicas e o que chamamos de quintais ou jardins podem ser explorados com o desenvolvimento da pesquisa de materiais e domínio de conhecimentos e desenvolvimento técnico construtivo. Praças e parques quintais podem ser criados com base no já citado exemplo do Aterro do Flamengo, onde a população faz brincadeiras e usos de quintal no lugar do jardim do Rio de Janeiro. O projeto deve ter sempre um sentido de obra aberta, admitir apropriações novas em jogos de convívios de diferenças.

Propostas de composições dentro de universos simbólicos e referenciais estéticos mais próximos da estética da ruralidade em espaços com mais sentido de lugar e pertencimento devem ser consideradas. O uso adequado das árvores frutíferas, negligenciadas em sua capacidade de embelezamento, se plantadas em número e locais devidos, poderá romper um quase tabu do paisagismo. São opções de lazer para a população e, também propiciadoras de alimentos para pessoas e animais de diversas espécies. Existir fome no Brasil é ridículo, é pura incompetência, talvez mesmo só maldade.

Possibilidades ainda de investigações estéticas e produção de novas visualidades paisagísticas podem ser elaboradas a partir de apropriações e releituras de antigos referenciais simbólicos em processos passíveis de atingirem a dimensão artística. O termo paisagens educadoras existe e foi utilizado para

imposição dos valores da “civilização” através de visualidades que causavam puro estranhamento; o mesmo processo invertido pode trabalhar com paisagens de reconhecimento, onde a identificação de aspectos culturais e simbólicos possa “sensibilizar” para a promoção da auto-estima e agir como processos chaves de integração com outros aspectos pertinentes ao afeto pelos espaços urbanos e a cidadania.

Enquanto a identidade leva à fixidez, a identificação leva ao cuidado, ao zelo e assim muito do que hoje é tratado como vandalismo é apenas o resultado do estranhamento com propostas que nada sensibilizam alguns setores da população.

Torna-se cada vez mais importante valorizar o que tantos brasileiros gostam em seus lugares, ainda que ameaçados no direito de defendê-los. Para Castells (1999), estamos entrando em um estágio cultural que pode preservar artificialmente a natureza como forma cultural, sendo este o sentido do movimento ambiental: “*a reconstrução da Natureza como uma forma cultural ideal.*” Ao invés de se encantar apenas com as soluções ecológicas que são importadas, é preciso estudar um pouco mais aquilo que nossos antepassados desenvolveram dentro de uma economia da natureza e que ainda pode ser observado.

A possibilidade de redescobrir nossas paisagens sempre é redimensionada quando lançamos uma nova indagação sobre ela. Na complexidade das cidades, o que por vezes é lido como um vazio urbano pode ser um campo de bola, um pasto, um lugar para velhos e jovens usuários locais simplesmente contemplarem o céu – espaço rico de ludicidade e até de mística. Desordens que criam novas ordens, aproximações e misturas capazes de superar diferenças e preservar o melhor delas em convívio.

Obviamente, tudo isso implicará novas metodologias projetuais do paisagismo e da arquitetura e urbanismo. Rompimento com visões preconceituosas e elitistas, entender a riqueza de tais soluções populares, antes que se percam e trabalhar arduamente para a mudança de mentalidades reducionistas e ordenadoras. Mexe mesmo com a arrogância de alguns discursos profissionais que se preservam em mal erguidos pedestais, camuflando

interesses, comodismos e até medos. É preciso mesmo, coragem e humildade para fazer do projeto uma cartografia multidimensional dos desejos de todas as suas gentes, conforme exige a sabedoria do pensamento e do desenho das paisagens do futuro.

Não é possível negar as manifestações estéticas da ruralidade em cidades que já nasceram com o rural dentro delas e que cresceram resguardando muitas das mesmas. Esse aspecto da sociedade brasileira, cansada de cidades tão maltratadas e sem graça, deve ser investigado a fim de que a esperada ruptura do conformismo com o presente não impeça uma releitura daquilo que já amealhou de bom - afinal o paraíso, como diria Rykwert (2003:219), "*é uma promessa de futuro, tanto quanto uma lembrança*". E o futuro, por sua vez, sempre é o resultado da somatória das ações de vários presentes.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

- ABREU, J.Capistrano de. **Capítulos de História colonial: 1500-1800** 6ª. Ed. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira; Brasília, Instituto nacional do Livro, 1976.258p.
- ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar
- ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o Colapso da Modernização arquitetônica**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. trad.: Pier Luigi Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.280p.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Editora Ática.2000.334p.
- AZEVEDO, Jorge Baptista de. **Um olhar sobre o desenho na formação de Arquitetos e Urbanistas brasileiros**. Dissertação de Mestrado de Educação. Niterói: Biblioteca Central, UFF, 1997.
- BAPTISTA, Luís Antônio. **A Cidade dos sábios – Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades** . São Paulo: Summus, 1999.131p.
- BARBOSA, Jorge Luís. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**. Niterói: artigo. 1998.
- BARBOSA, J. L. **A cidade do devir na utopia de Thomas Morus**. Niterói, UFF/EGG. 2003.

BARBOSA, J. L. **As paisagens crepusculares da ficção-científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo.** Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo. USP. SP. 2002a.

BARBOSA, J. L. **O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada.** Niterói: PPGGEO-UFF/AGB. 2002b.

BICCA, Paulo. **Arquiteto: a máscara e a face.** São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984.226p.

BIERMANN et all. **Teoria da Arquitectura.** Itália: Taschen,2003.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo.** Trad. Enid abreu Dobránsky. Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1993. Papyrus:

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis.** Buenos Aires: Minotauro, 1984.

CALVINO, Italo. **Palomar.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.116p.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** 3ª Ed.São Paulo: livraria Duas Cidades,1975. 286p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) et al. **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na metrópole – A fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo; Contexto,2001.367p.

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Editora Guerra e Paz, 1999.
- CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro Setecentista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.
- CAVALCANTI, Nireu. **Santa Cruz: uma paixão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura (série Cantos do Rio), 2003.70 p.
- CHACEL, Fernando. **Paisagismo e Ecogênese**. Apostila de Curso. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, 2002.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, spacio y orden**. México: Ediciones G.Gili, 1993.
- CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny org. **Paisagem, tempo e cultura**, 2ª ed. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2004.
- CROSBY, Alfredo W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CUNHA, Almir Paredes. **Dicionário de Artes Plásticas**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005.536p.
- DAMIANI, Amélia Luísa, CARLOS, Ana Fani Alessandri, SEABRA, Odete Carvalho de Lima (org.). **O espaço no fim de século, a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001.220 p.
- DEAN, Warren. **A ferro e a fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.2v.

- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho Urbano no processo de planejamento.**São Paulo: Editora Pini, 1990. 198 p.
- DOCZI, György. **O Poder dos Limites. Harmonias e Proporções na Natureza, Arte e Arquitetura.** trad. de Maria Helena de Oliveira Tricca e Júlia Bárány Bartolomei. São Paulo: Mercuryo, 1990.
- DURHAN, Eunice r. **A caminho da cidade – a vida rural e a migração para a cidade.** São Paulo: Perspectiva, 1978.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1993.
- FERREZ, Gilberto. **O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez:** Paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918. São Paulo: Ex-Libris, 1984.
- FERRO, Sérgio. **O Canteiro e o Desenho.** 2. ed. São Paulo: Projeto Editores, 1982.111p.
- FOSTER, Hal. **Recodificação – Arte, Espetáculo, Política Cultural.** São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.
- FRANCO, Maria de Assunção. **Ribeiro Desenho Ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico.** São Paulo: Annablume, 1997. 224p.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala** (23ª Ed.)._Rio de janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984.
- GIARRACCA,Norma e LEVY Betina (compiladoras). **Ruralidades latinoamericanas: identidades e lutas sociais.** Buenos Aires: Conselho Latino Americano de Ciências Sociales Clacso, 2004, 560p.

- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Paixão da Terra: Ensaio crítico de ecologia e geografia**. Rio de Janeiro: Pesquisadores Associados em Ciências Sociais – SOCII, 1984.
- GONÇALVES, Maria Flora (org), **O novo Brasil Urbano**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. 306p.
- GOULART, Nestor. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. (2ª Ed.) São Paulo: Editora ARGAN, Giulio Carlo Perspectiva, 1970. 211p.
- GREGOTTI, Vitorio. **Território da arquitetura**. Trad. De Berta Waldman-Villá e Joan Villá. São Paulo: Perspectiva, 1975. 192 p.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1990.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose- um novo paradigma estético**. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- GUINSBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das letras. 2001.
- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. 275p.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização – do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. (2ª Ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 400p.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349p.
- HILLMAN, James. **Cidade e alma**. Trad. Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HOLSTON, James. **Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia** . trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JELLICOE, Susan & Geoffrey. **El paisaje del Hombre -. La Conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días**. Espanha: Editorial Gili, 1995.

JIMENEZ, Marc. **O que é Estética?** Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 1999.

LEENHARDT, Jacques (org.) **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo, SP\:\: Editora perspectiva S. A. 1996.150 p.

LEFÉBVRE, Henri.**The Production of Space**; translated by Donald Nilcholson-Smith ,1991.

LEFÉBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFÉBVRE, Henri **Espaço e política**. Trad. Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins (do original: *Espace et politique*. Paris: Éditions Anthropos, 1972).

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades – conversações com Jean Lebrun**.São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.158P.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil – intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.232p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982, 208p.

MACEDO, Silvio Soares (org.) **Paisagem e Ambiente**. _ Ensaios nº 1,2,3,4 e 5. São Paulo, FAU/USP, 1982/92.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Coleção Quapá V.1, FAU/USP, 1999.

MARX, Roberto Burle. **Arte e Paisagem: Conferências escolhidas**. São Paulo: Nobel, 1987.

MITCHEL W. J. T. **Landscape and Power**. Chicago. University of Chicago. 1994.248 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas.

MOREIRA, Roberto José e COSTA, Luiz Flávio de Carvalho, org. **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 316p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Dória. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX - Neurose (O Espírito do Tempo: volume1)**. (9ª Ed) Rio de Janeiro:Forense, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX - Necrose (O Espírito do Tempo: volume1)**. (3ª Ed) Rio de Janeiro:Forense, 2003.

MOTTA, Flávio L. **Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem**. São Paulo, Nobel, 1983.

MOTTA, Manuel Barros da. **Michel Foucault. Estética: literatura e Pintura, Música e Cinema**. Coleção Ditos e Escritos. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História. Suas origens, transformações e perspectivas**. trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.742p.

NEWTON, Norman T. **Design on the land: the development of landscape architecture**. Londres: Harvard University Press, 1971.

- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC e Editora Marca D'Água, 1996.
- REIS, Filho, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil**. Editora Pini 2001
- RESENDE, Vera. **Planejamento Urbano e Ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 1982.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Editora Schwarcz e Companhia das Letras, 2006.
- RELPH, Edward. **A paisagem urbana moderna**. Trad. Ana Maria Mc Donald de Carvalho. LISBOA: Edições 70 Ltda., 1987.
- ROGER, Alain et al. **LaThéorie du Paysage en France**. Paris. Champ Vallon, 1974-1994.
- RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.2v.
- RYKWERT, Joseph. **A casa de Adão no paraíso: a idéia da cabana primitiva na história da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2003.189p.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos & VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa – a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. (2ª Ed.).Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP, 1981.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3.ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000. 174p.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo – globalização e meio técnico científico-informacional.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SASAKI, Kiyoshi. **Elements & total concept of Urban Tree Design.** Japão: Graphic SHA, 2002.

SAUER, Carl O. **The morphology of landscape.** In: Leighly, J. (ed.). *Land and Life - a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer.* Berkeley: Univ. of California Press, 1983.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória.** Trad. Hidelgard Feistr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público – Jardins no Brasil.** São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda. 1996. 256 p.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Maria Laís Pereira. **Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro; ensões e conflitos.** Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. 180p.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos.** São Paulo: Perspectiva. 2001.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida – por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo.** São Paulo: Nobel, 1989.

THUILLIER, Pierre. **De Arquimedes a Eisten a face oculta da invenção científica.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed., 1994.257p.

TUAN, Yi – Fu, Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.**São Paulo: Difel, 1980.

TODD, John et al. **GAIA – Uma Teoria do Conhecimento.** Org. Willian Irwin Thompson. Trad Sílvia Cerqueira Leite. São Paulo: Editora Gaia, 1990.

URBAN, Teresa. **Saudade do Matão.** Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias. O Brasil é menos Urbano do que se Calcula.**Campinas – SP: Editora Autores Associados, 2002, 304p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade; na história e na literatura.** São Paulo: Editora Schwarcz, 1990.440p.

Y. Deforge, **L'Education Technologique**, Casterman, 1970:111p.

MULTIMÍDIAS

CD-ROM “MATA ATLÂNTICA” – 500 anos
Rio de Janeiro – Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Estação da Arte Ltda.2004

REVISTAS CONSULTADAS

Edição Especial do *Diário de Notícias* de 8 de Julho de 1999.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 23, 1999.

Revista ViverCidades 15, Rio de Janeiro,2006, pag.15.

Revista ler História 52, Portugal: Lisboa, 2007.

Revista Interculturalidades (Leonardo Guelman e Vanesa Rocha (organizadores)- Niterói: EdUFF, 2004. Pagina 30.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Biblioteca das Alternativas**

Publicado em *Notícias do Milênio*. Edição Especial do *Diário de Notícias* de 8 de Julho de 1999.

SITES CONSULTADOS:

Arquitextos

Brasil de fato - Site:

http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/internacional/news_item.2006-09-29.6489715045

Folclore Brasileiro Ilustrado: O Lobisomem - © Copyright 2000-2005 <http://www.sitededicadas.com.br/>

Portal Vermelho - site www.vermelho.org.br

Revista ViverCidades – site www.vivercidades.org.br

Vitruvius – site www.vitruvius.com.br

Entrelivros - [www2.uol.com.br /entrelivros/artigos](http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos)

Viola Tropeira – violeiros do Brasil- www.violatropeira.com.br

Wikipédia – www.wikipedia.com.br

ANEXOS

Obs.: Temos os seguintes anexos:

Anexo I: Mitos e Lendas do Rural

Anexo II: Projeto OKUPAR

Devido ao volume de folhas seguem no CD-ROM

Anexo III: Entrevistas digitadas

Anexo IV: Dicionário Sertanejo

Anexo V: Banco de Imagens (fotos)

ANEXO I

MITOS E LENDAS DO RURAL



(desenho Jorge B. Azevedo)

Cabra Cabriola, era uma espécie de Cabra, meio bicho, meio monstro. Sua lenda em Pernambuco, é do fim do século XIX e início do século XX.

Era um bicho que deixava qualquer menino arrepiado só de ouvir falar. Soltava fogo e fumaça pelos olhos, nariz e boca. Atacava quem andasse pelas ruas desertas às sextas a noite. Mas, o pior era que a Cabriola entrava nas casas, pelo telhado ou porta, à procura de meninos malcriados e travessos, e cantava mais ou menos assim, quando ia chegando:

**Eu sou a Cabra Cabriola
Que como meninos aos pares
Também comerei a vós
Uns carochinhos de nada...**

As crianças não podiam sair de perto das mães, ao escutarem qualquer ruído estranho perto da casa. Podia ser qualquer outro bicho, ou então a Cabriola, assim era bom não arriscar. Astuta como uma Raposa e fétida como um bode, assim era ela. Em casa de menino obediente, bom para a mãe, que não mijasse na cama e não fosse traquino, a Cabra Cabriola, não passava nem perto.

Quando no silêncio da noite, alguma criança chorava, diziam que a Cabriola estava devorando algum malcriado. O melhor nessa hora, era rezar o Padre Nosso e fazer o Sinal da Cruz.

MISSA DAS ALMAS



(desenho Jorge B. Azevedo)

Esta é uma das lendas mais tradicionais do Brasil.

Existe um registro muito popular de fatos dessa natureza que aconteceram na Cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, no começo do século XX, por volta de 1900, numa pequena Igreja, que ficava ao lado de um cemitério, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, de Cima.

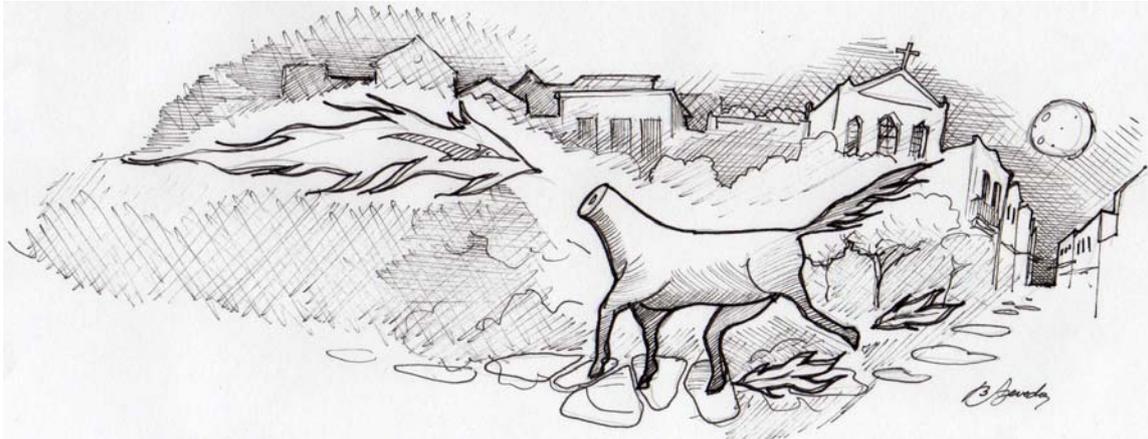
Quem presenciou uma dessas missas, foi o zelador e sacristão da Igreja. Ele chamava-se João Leite e era muito popular e querido em toda aquela região.

Conta-se que numa noite, já deitado, ele viu luzes na Igreja e pensando que fossem ladrões foi investigar. Para sua surpresa, viu que o templo estava cheio de fiéis, lustres acesos e o padre se preparando para celebrar uma missa.

Estranhou todo mundo de roupas escuras e cabeça baixa. Ainda mais uma missa aquela hora sem que nada soubesse.

Quando o padre se voltou para dizer o "Dominus Vobiscum", ele viu que seu rosto era uma caveira. Viu que também os coroinhas eram esqueletos vestidos. Saiu apressado dali e viu a porta que dava para o cemitério escancarada. Do seu quarto, ficou ouvindo aquela missa do outro mundo até o fim.

MULA-SEM-CABEÇA



(desenho Jorge B. Azevedo)

Nos pequenos povoados ou cidades, onde existam casas rodeando uma igreja, em noites escuras, pode haver aparições da Mula-Sem-Cabeça. Também se alguém passar correndo diante de uma cruz à meia-noite, ela aparece. Dizem que é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada. Toda passagem de quinta para sexta feira ela vai numa encruzilhada e ali se transforma na besta.

Então, ela vai percorrer sete povoados, ao longo daquela noite, e se encontrar alguém chupa seus olhos, unhas e dedos. Apesar do nome, Mula-Sem-Cabeça, na verdade, de acordo com quem já a viu, ela aparece como um animal inteiro, forte, lançando fogo pelas narinas e boca, onde tem freios de ferro.

Nas noites que ela sai, ouve-se seu galope, acompanhado de longos relinchos. Às vezes, parece chorar como se fosse uma pessoa. Ao ver a Mula, deve-se deitar de bruços no chão e esconder Unhas e Dentes para não ser atacado.

LOBISOMEM



(desenho Jorge B. Azevedo)

Diz a lenda que quando uma mulher tem 7 filhas e o oitavo filho é homem, esse menino será um LobisOMEM. Também o será, o filho de mulher amancebada com um Padre.

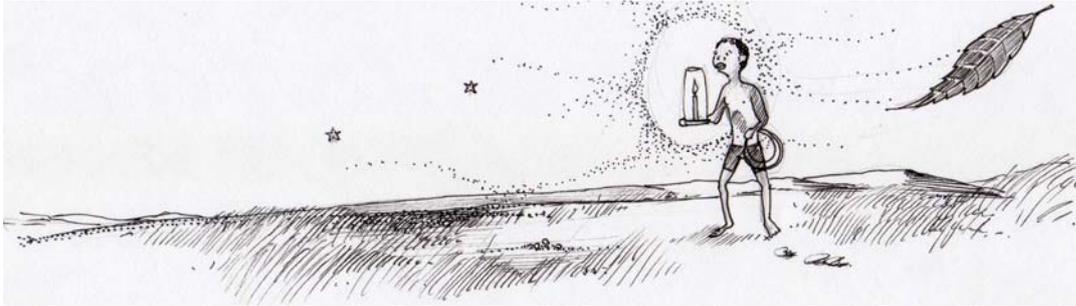
Sempre pálido, magro e orelhas compridas, o menino nasce normal. Porém, logo que ele completa 13 anos, a maldição começa. Na primeira noite de terça ou sexta-feira, depois do aniversário, ele sai à noite e vai até um encruzilhada. Ali, no silêncio da noite, se transforma em LobisOMEM pela primeira vez, e uiva para a lua.

Daí em diante, toda terça ou sexta-feira, ele corre pelas ruas ou estradas desertas com uma matilha de cachorros latindo atrás. Nessa noite, ele visita, 7 partes da região, 7 pátios de igreja, 7 vilas e 7 encruzilhadas. Por onde passa, açoita os cachorros e apaga as luzes das ruas e das casas, enquanto uiva de forma horripilante.

Antes do Sol nascer, quando o galo canta, o LobisOMEM volta ao mesmo lugar de onde partiu e se transforma outra vez em homem. Quem estiver no caminho do LobisOMEM, nessas noites, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Para quebrar o encanto, é preciso chegar bem perto, sem que ele perceba, e bater forte em sua cabeça. Se uma gota de sangue do LobisOMEM atingir a pessoa, ela também vira LobisOMEM.

NEGRINHO DO PASTOREIO



(desenho Jorge B. Azevedo)

O Negrinho do Pastoreio É uma lenda meio africana meio cristã. Muito contada no final do século passado pelos brasileiros que defendiam o fim da escravidão. É muito popular no sul do Brasil.

Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado com negros e peões. Num dia de inverno, fazia frio de rachar e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados. No final do tarde, quando o menino voltou, o estancieiro disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando. “Você vai me dar conta do baio, ou verá o que acontece”, disse o malvado patrão. Afliito, ele foi à procura do animal. Em pouco tempo, achou ele pastando. Laçou-o, mas a corda se partiu e o cavalo fugiu de novo.

Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e o amarrou, nu, sobre um formigueiro. No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, tomou um susto. O menino estava lá, mas de pé, com a pele lisa, sem nenhuma marca das chicotadas. Ao lado dele, a Virgem Nossa Senhora, e mais adiante o baio e os outros cavalos. O estancieiro se jogou no chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu. Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu conduzindo a tropilha.

Origem: Fim do Século XIX, Rio Grande do Sul.

SACI-PERERÉ



(desenho Jorge B. Azevedo)

A Lenda do Saci data do fim do século XVIII. Durante a escravidão, as amas-secas e os caboclos-velhos assustavam as crianças com os relatos das travessuras dele. Seu nome no Brasil é origem Tupi Guarani. Em muitas regiões do Brasil, o Saci é considerado um ser brincalhão enquanto que em outros lugares ele é visto como um ser maligno.

É uma criança, um negrinho de uma perna só que fuma um cachimbo e usa na cabeça uma carapuça vermelha que lhe dá poderes mágicos, como o de desaparecer e aparecer onde quiser. Existem 3 tipos de Sacis: O Pererê, que é pretinho, O Trique, moreno e brincalhão e o Saçurá, que tem olhos vermelhos. Ele também se transforma numa ave chamada Matiaiperê cujo assobio melancólico dificilmente se sabe de onde vem.

Ele adora fazer pequenas travessuras, como esconder brinquedos, soltar animais dos currais, derramar sal nas cozinhas, fazer tranças nas crinas dos cavalos, etc. Diz a crença popular que dentro de todo redemoinho de vento existe um Saci. Ele não atravessa córregos nem riachos. Alguém perseguido por ele, deve jogar cordas com nós em seu caminho que ele vai parar para desatar os nós, deixando que a pessoa fuja.

ANEXO II

Reportagem obtida na internet em 1/11/2006

OKUPA

Site: http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/internacional/news_item.2006-09-29.6489715045

Objetivos principais: Demonstração da potencialidade das paisagens da Estética da Ruralidade contribuindo na formação de novos lugares e modelos de vida social

Como é a rotina de uma Okupação em Barcelona

Bruno Fiúza

de Barcelona (Espanha)

Ao lado da praça Karl Marx em Barcelona há uma pequena passagem para um outro mundo possível. No ponto em que o asfalto da cidade cede espaço às montanhas da serra de Collserola se abre um caminho de terra que sobe montanha acima, cuja entrada está resguardada por uma corrente que pretende impedir a passagem de veículos automotores.

Em frente a um dos blocos de concreto onde está presa a corrente, há uma placa que informa sobre o destino daquele caminho: ele leva ao vale de Can Masdeu, onde este outro mundo já funciona há quatro anos e meio.

Atravessando a corrente e deixando para trás todo o cimento e as buzinas, entra-se em um bosque de rica vegetação temperada onde o que impera é o canto dos pássaros e das cigarras. Ao cabo de alguns minutos de caminhada sob o ainda suave sol das primeiras horas da manhã se avista o prédio de Can Masdeu - um antigo leprosário abandonado nos arredores de Barcelona que finalmente foi okupado em dezembro de 2001 quando se iniciou um experimento que os próprios okupantes definem como okupação "rururbana," uma ponte entre a cidade e o campo.

Vista desde longe, Can Masdeu é uma imagem um pouco paradoxal, já que a antiguidade e o desgaste da construção da casa e dos muros contrasta com a vitalidade das hortas plantadas nos terraços naturais que a rodeiam como se fosse uma espécie de escada feita pela natureza.

Conforme chega-se mais perto da casa, o misto de encanto e estranheza, ao invés de diminuir, aumenta. A começar pelos coletores de energia solar térmica construídos pelos próprios moradores para esquentar a água da cozinha e do banho que estão montados nos pátios externos.

Levantando um pouco o olhar em direção a uma das varandas do segundo andar da casa, lá está uma das bicicletas também fabricadas pelos moradores pendurada na janela. Por fim, quando o olhar encontra o céu, lá está a sempre presente bola cortada por um raio, que é o símbolo do movimento okupa, feita em ferro e cravada no teto da casa.

Mas por enquanto ainda não é o momento de entrar. É terça-feira, e portanto, durante as primeiras horas da manhã, quando o sol ainda não está tão forte, é o momento de trabalhar na horta comum que abastece a casa com todos os vegetais consumidos por seus moradores.

Como é julho e estamos em pleno verão - no qual pelo segundo ano consecutivo Barcelona não vê uma chuva decente há cerca de três meses -, a tarefa de hoje

consiste em arrancar as ervas daninhas e cobrir as áreas plantadas com palha para preservar o solo do contato direto com o sol.

Quando os raios de sol ficam mais fortes e o trabalho naquele pedaço da horta termina é o momento de tomar um banho em um grande tanque abastecido pela água que chega de duas minas no interior da montanha, através de um sistema hidráulico construído pelos moradores e que abastece todas as necessidades da casa, desde encher o tal tanque até irrigar as plantações das hortas particulares e comunitárias que se estendem pelo vale onde está Can Masdeu, passando por todas as necessidades de consumo cotidiano de seus habitantes, como água para banho, cozinha e para beber.

Saindo do banho, é a hora de entrar de fato na casa, passando logo na entrada pela oficina onde são construídas as bicicletas a partir da reciclagem de peças antigas para a construção de modelos próprios que são vendidos a quem possa interessar.

Passando pelo estacionamento de bicicletas - o meio de transporte geral dos que vivem aí -, e subindo a escada, chega-se finalmente à sala de atividades manuais e computadores, alimentados de energia através de um ponto pirateado da rede oficial de distribuição e com acesso à internet através de uma conexão sem fios (Wi-Fi), captando o sinal emitido de outro ponto da serra pelo servidor de uma cooperativa de acesso à internet Wi-Fi, montada pelos movimentos sociais de Barcelona.

Recentemente a casa também passou a contar com um telefone que faz ligações através da rede virtual global. Ao lado da sala de computadores, está a sala de assembléias, onde os atuais 28 moradores se reúnem semanalmente para gerir o funcionamento do espaço de maneira autogestionária.

Mas a assembléia não é o único momento de reunião das pessoas que vivem em Can Masdeu. Todo dia o ponto de encontro é também em volta da mesa, quando, ao ouvir o badalar da campainha da cozinha, todos se juntam ao redor de uma grande mesa no pátio para comer os pratos preparados com os vegetais produzidos pelas próprias hortas comunitárias da casa e os demais alimentos secos (arroz, massa, grãos, etc) comprados diretamente dos produtores através de uma cooperativa de consumo agroecológico.

Terminado o almoço, é hora de limpar tudo e jogar as sobras em um container onde o material orgânico é processado para depois ser usado como adubo para fazer crescer as sementes estocadas no próprio banco de sementes da casa, fazendo do plantio uma atividade totalmente autosuficiente.

Para fazer a digestão, nada melhor que um passeio pelos diversos espaços da okupação para conhecer um pouco a mini-fábrica de cerveja artesanal também comercializada por um grupo de moradores (que não deixa de ser uma tentativa de substituir as marcas comerciais nas festas realizadas nas diferentes okupações de Barcelona) ou a lavadora de roupas que centrifuga à base de pedaladas de uma bicicleta acoplada.

Finalmente, o passeio termina no último andar da casa, onde funciona um Centro Social que a cada domingo abre suas portas para que as pessoas de fora da casa tenham acesso à biblioteca dedicada a temas como política, ecologia e okupação e a distribuidora de materiais informativos produzidos por pessoas da casa, um bar onde é vendida a cerveja artesanal (entre outras coisas) e uma "loja grátis", local onde os frequentadores podem trocar suas roupas antigas por peças deixadas por outras pessoas.

Pronto, agora, que já terminou a agradável conversa pós-almoço e o sol novamente já não está tão alto, é o momento de tomar de novo o caminho de terra, desta vez, em sentido contrário, de volta àquele outro mundo, o do turismo selvagem, dos negócios sem escrúpulos e da especulação imobiliária feroz.

No meio do caminho que conduz à saída de Can Masdeu, há um andaime de fabricação própria que certamente está sendo utilizado para construir o novo forno para a produção do pão que também é comercializado externamente ou reformar alguma

parte antiga da casa, da mesma forma como seus moradores vêm fazendo ao longo dos últimos quatro anos - quando entraram neste leprosário abandonado e o transformaram em uma agradável casa, construindo desde a nova cozinha até as fiações e o sistema de abastecimento de água, sempre com os materiais reciclados que recolhem e guardam nos depósitos de madeira, metal, vidro e panos, entre outros. Conforme o caminho de terra vai se aproximando do asfalto, Can Masdeu vai ficando mais para trás, mas sempre há a praça Karl Marx para lembrar que as coisas podem ser diferentes... e Can Masdeu para mostrar na prática que outro mundo é possível, aqui e agora.

Seis andares de frente para o mar

"Miles é um barco pirata... ou uma máquina de guerra." É assim que o poeta Vicente Escolar define a okupação na qual mora há cerca de um ano e meio. Miles de Viviendas é um prédio de seis andares com dois apartamentos por planta, totalmente okupado por um coletivo que se juntou em 2003 na época das mobilizações contra a Guerra do Iraque em Barcelona para responder à pergunta "Qual é a sua guerra?".

A resposta à qual chegaram é de que sua guerra era contra a precarização da vida em todos os seus âmbitos: trabalho, moradia, cultura e tantos outros.

Começaram a varrer a metrópole com suas milhares de práticas piratas decidindo buscar um espaço de vida através de uma okupação, que foi rapidamente desalojada em setembro de 2003.

Não se fizeram de rogados e partiram para uma nova incursão, desta vez em um edifício que pertencia à maior imobiliária espanhola. Aí ficaram quase um ano, mas finalmente foram novamente jogados ao mar até que finalmente ancoraram no porto velho de Barcelona, mais especificamente em um prédio que estava abandonado há 8 anos e cujo título de propriedade é disputado pela Guardia Civil e uma entidade semi-pública que administra o porto velho da cidade.

Miles é uma okupação atípica em muitos aspectos, a começar por onde está. Foi a primeira okupação realizada no bairro da Barceloneta, de frente para o mar, região da cidade que até então era um pouco terreno desconhecido para a okupação.

O resultado é que agora o turista americano que se levanta do sofisticado restaurante para dar uma volta pela beira do porto pode dar de cara com cartazes pedindo a liberação dos presos anarquistas barceloneses em uma tarde de domingo.

Vicente diz que okupar e mangar de grandes lojas são algumas das diversas práticas piratas através das quais uma pessoa pode transformar sua própria vida em um campo de batalha, o que, segundo ele, significa "colocar mais incertezas sobre a própria incerteza. A precariedade é colocar um marco de incerteza que te faz ter mais medo, que tudo se torne mais incerto. Estas práticas piratas de alguma maneira o que fazem é te situar de outra maneira na vida. As práticas piratas são um pouco isso: caminhar de outra maneira pela rua."

Parte das pessoas que participam hoje do coletivo de Miles de Viviendas saíram de um outro coletivo mais antigo chamado Oficina 2004. A Oficina, por sua vez, nasceu de uma tentativa frustrada, em 1997, e entre os diversos projetos que realizou está a campanha do "Dinero Gratis," que incentivava as pessoas a darem dinheiro umas às outras.

Marina Garces é outra integrante da Oficina 2004. Segundo ela, a campanha do "Dinero Gratis" "saía um pouco da nossa reflexão interna sobre a crítica ao trabalho hoje baseada no desejo de trabalhar menos, de viver de outra maneira. O dinheiro é hoje o código para estar ou não na realidade. Hoje, a identidade de trabalhador não te vincula à sociedade, o que te vincula hoje à sociedade é poder ou não pagar a hipoteca, e ninguém vai te perguntar de onde tira o dinheiro. 'Dinero Gratis' era um pouco incidir sobre esta nova relação com o dinheiro que a política clássica não quer assumir porque ainda vive desta tradição de dizer que dinheiro é feio."

Marina admite, no entanto, que a crítica ao trabalho assalariado enfrenta uma barreira bastante concreta, e que o mais longe que conseguiram chegar as tentativas de se desvincular do trabalho assalariado estiveram sempre ligados à possibilidade de viver na okupação. No entanto, mesmo okupando, os moradores de Miles continuam tendo que trabalhar, de uma maneira ou de outra, enquanto vão tirando coelhos, vinhos e casas da cartola.

Uma okupação que une jovens e idosos

O esteriótipo do okupa é a imagem de um punk sujo e largado que vive perambulando pelas ruas com um cachorro e uma flauta, revirando lixos em busca dos produtos que os supermercados deixam de vender por apresentar algum pequeno defeito.

Qual não será a surpresa, portanto, de quem visite Cal Suiss, uma antiga masia (pequena propriedade rural típica da Catalunha) abandonada há dois anos e meio que foi okupada não por jovens anarquistas ou independentistas, mas sim por uma associação de vizinhos de Esplugues, uma cidade da região metropolitana de Barcelona, que reivindicava que a casa abandonada fosse aberta ao público para que a comunidade pudesse utilizá-la para realizar suas atividades.

A prefeitura de Esplugues havia prometido abri-la ao público, uma vez que adquirisse o imóvel. Uma vez adquirida a propriedade da masia, no entanto, a prefeitura anunciou que queria doá-la a uma fundação beneficente privada que administra o hospital Sant Joan de Deu, que fica próximo à casa.

Diante do anúncio da prefeitura, os moradores então okuparam a antiga masia e a transformaram em um espaço autogestionado pela comunidade de Esplugues, lugar onde jovens de seus 20 e poucos anos debatem na assembleia com anciões que beiram seus 80 anos para decidir os rumos dados ao espaço, que conta inclusive com uma escola para crianças.

Criado por [jpereira](#)

Última modificação 2006-09-29 14:47

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)